

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
NÍVEL: DOUTORADO**

**DOUTORANDO: LUIS CARLOS TROMBETTA**

**A FORMAÇÃO E A PRÁTICA PROFISSIONAL  
DOS EDUCADORES IGREJINHENSES.  
UM ESTUDO DE CASO**

Porto Alegre

2008

**LUIS CARLOS TROMBETTA**

**A FORMAÇÃO E A PRÁTICA PROFISSIONAL  
DOS EDUCADORES IGREJINHENSES.  
UM ESTUDO DE CASO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como conclusão do curso de doutorado em educação, na área "Trabalho, Movimentos Sociais e Educação", como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador:

Prof. Dr. Augusto Nivaldo Silva Triviños

Porto Alegre

2008

**Luis Carlos Trombetta**

**A formação e a prática profissional  
dos educadores igrejinenses.**

**Um estudo de caso**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como conclusão do curso de doutorado em educação, na área "Trabalho, Movimentos Sociais e Educação", como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Aprovada em 16 de dezembro de 2008.

Banca examinadora

---

Professor Dr. Augusto Nivaldo Silva Triviños – Orientador

---

Professor Dr. Jaime José Zitkoski – PPGEDU/UFRGS

---

Professora Dr<sup>a</sup>. Graziela Macuglia Oyarzabal – ULBRA/UNISC

---

Professora Dra. Carla Cristina Dutra Búrigo – UFSC  
(Professora visitante)

## **DEDICATÓRIA**

Para Marciani, Elizabeth Brunna e Giordano Brunno que sabem conviver e compreender as minhas agonias diárias em nossa casa; aos colegas do Programa de Pós-Graduação da UFRGS pelo estímulo inestimável em todos os momentos e, acima de tudo, pela convivência humana, amigável e fraterna que estamos tendo. E, por fim, a todos os que lutam determinadamente para termos uma sociedade mais justa, mais humana e mais solidária.

Ao concluir esta tese quero agradecer

Ao professor Dr. Augusto Nivaldo Silva Triviños, orientador, humanista, amigo e, acima de tudo, colega de estudos nas profundas reflexões tidas durante os seminários desenvolvidos durante o curso de Pós-Graduação e nos momentos de orientação que tive o privilégio de ter com ele.

Aos colegas do curso de Pós-Graduação pela partilha das angústias pessoais, políticas, sociais, existenciais, familiares e financeiras, mas, acima de tudo, pela possibilidade de compartilhar momentos felizes em que convivemos juntos.

Às Faculdades de Taquara, na pessoa do senhor Delmar Backes, pelo incentivo e apoio permanente nestes anos todos.

Aos meus pais, Onorino e Maria Glória Trombetta, agricultores e lutadores íntegros, que com sua simplicidade e modéstia nos ensinaram a viver bem com poucas coisas.

Aos meus irmãos e amigos pelos estímulos permanentes às lutas travadas em todos os momentos de nossas histórias.

Sem a compreensão de que a realidade é totalidade concreta – que se transforma em estrutura significativa para cada fato ou conjunto de fatos – o conhecimento da realidade concreta não passa de mística, ou a coisa incognoscível em si. [...] A razão dialética não existe fora da realidade e tampouco concebe a realidade fora de si mesma. Ela existe somente enquanto realiza a própria razoabilidade, isto é, ela se cria como razão dialética só enquanto e na medida em que cria uma realidade razoável no processo histórico. (KOSIK, K. 1976, p. 36 e 97).

## RESUMO

TROMBETTA, Luis Carlos. **A formação e a Prática Profissional dos Educadores Igrejinhenses. Um Estudo de Caso.** Porto Alegre: UFRGS, 2008, 226 f. Tese de Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

Esta tese de doutorado aborda o processo de formação e a prática profissional dos educadores da rede pública municipal e estadual da cidade de Igrejinha, RS. Este é um estudo de caso que segue a teoria materialista e utiliza as categorias filosóficas do Materialismo Dialético, as categorias sociológicas do Materialismo Histórico e também as categorias da Economia Política de Marx. A partir do Materialismo Dialético, analisamos os princípios, as leis e as categorias que estão imbricadas no processo de formação dos professores e também envolvidas em sua prática profissional.

Esta tese é caracterizada como um estudo de caso que procura analisar as contradições existentes entre a formação e a prática profissional dos professores da rede pública municipal e estadual de ensino dentro de uma visão de totalidade. Com esta tese procuramos conhecer e compreender as contradições existentes entre a formação e a prática profissional e, num segundo momento, sugerimos ações concretas e viáveis no sentido de melhorar a prática dos educadores em sala de aula e, conseqüentemente, contribuir para a melhoria do nível de qualidade da educação pública na cidade de Igrejinha, RS. Nesta tese, afirmo que as contradições existentes entre a formação e a prática profissional dos educadores estão relacionadas com o baixo nível de qualidade da educação igrejinhense e também contribuem para que haja um clima de desânimo e desmotivação entre os professores, alunos e os diferentes profissionais que estão envolvidos com a educação.

Os dados que expusemos nesta tese são provenientes de pesquisas em fontes bibliográficas e documentais e, como técnicas de coletas de dados, utilizamos a entrevista semi-estruturada e a observação semi-dirigida das aulas de dez professores. A partir desta tese, podemos afirmar que é urgente a viabilização de projetos destinados a organização de ações concretas voltadas à formação continuada/permanente dos professores para que estes consigam harmonizar mais a dimensão teórica com a dimensão prática presentes no processo pedagógico. O aumento dos investimentos em educação para a concretização de uma política salarial justa, bem como o aumento dos salários, são soluções que se impõem em regime de urgência como saída para estimular os professores que lutam em diferentes salas de aula em diversas turmas de alunos. Preconizamos que a educação e a formação são fenômenos políticos capazes de contribuir no processo de emancipação dos seres humanos e, a partir disto, preparar os jovens para o exercício consciente da cidadania e, desta forma, estaremos criando condições para aperfeiçoar a democracia e transformar a sociedade.

Palavras-chave: Formação de Professores – Prática Profissional – Educação - Dialética – Contradições – Teoria – Prática – Currículo – Totalidade.

## ABSTRACT

TROMBETTA, Luis Carlos. **A Formação e a Prática Profissional dos Educadores Igrejinhenses. Um Estudo de Caso.** Porto Alegre: UFRGS, 2008, 226 f. Tese de Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

This doctoral thesis addresses the educators' professional training and practice process of the municipal and state public network of the city of Igrejinha, RS. This is a case study that follows the materialist theory and uses the philosophical categories of the Dialectical Materialism, the Historical Materialism sociological categories and also Marx's Political Economy categories. From the Dialectical Materialism we discuss the principles, laws and categories that are interlinked in the training process of the teachers and also involved in their professional practices.

This thesis is characterized as a case study that tries to analyze the existing contradictions between the municipal and state public network education teachers' training and practice within a vision of totality. With this thesis we try know and understand the contradictions between the professional training and practice, and at a second time, we suggest concrete and viable actions in the sense of improving the educators' practice in the classroom and thus contribute to improving the level of quality of public education in Igrejinha, RS. In this thesis I state that the existing contradictions between the educators' professional training and practice are linked to the low quality level of Igrejinha's education and they also contribute to a discouragement atmosphere and demotivation among the teachers, students and various professionals who are involved with education.

The data that we outlined in this thesis come from research in bibliographic and documentary sources, and as data collection techniques, we used the semi-structured interview and the semi-directed observation of ten teachers' lessons. From this thesis we can claim that the viability of projects for the organization of concrete actions focusing on teachers' continuing/permanent education is urgent so that they can harmonize more the theoretical dimension together with the practice dimension present in the pedagogical process. The education investment raise to the achievement of a fair wage policy, as well as the wage raise, are solutions that are required under the emergency regime as a way out to stimulate teachers who struggle in different classrooms in various students' groups. We advocate that education and training are political phenomena able to contribute in the process of emancipation of human beings and from that prepare young people to the conscious exercise of citizenship and thus we are creating conditions for enhancing democracy and transform the society.

Keywords: Teachers' Training, Professional Practice, Education, Dialectical, Contradictions, Theory, Practice, Curriculum, Totality.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. IGREJINHA: HISTÓRIA E REALIDADE EDUCACIONAL.....</b>	<b>17</b>
2.1 A ESTRUTURA EDUCACIONAL.....	21
2.1.1 As Escolas Estaduais .....	23
2.1.2 A Rede Municipal de Ensino .....	26
<b>3. A EDUCAÇÃO NO BRASIL .....</b>	<b>29</b>
<b>4.O FENÔMENO MATERIAL EM ESTUDO .....</b>	<b>35</b>
<b>5. A TEORIA QUE ORIENTA NOSSA PESQUISA.....</b>	<b>40</b>
5.1 A INFLUÊNCIA DO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA.....	48
5.1.1 A Situação dos Educadores .....	54
5.2 AS REPERCUSSÕES NAS ESCOLAS .....	72
<b>6 NEOLIBERALISMO E EDUCAÇÃO .....</b>	<b>77</b>
6.1 NEOLIBERALISMO E EDUCAÇÃO: MUDANÇAS .....	79
6.2 A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES NESTE CENÁRIO .....	82
6.2.1 Competências e Formação de Professores .....	85
6.3 A RELEVÂNCIA DO ESTUDO .....	90
<b>7. A COMPREENSÃO DO FENÔMENO .....</b>	<b>101</b>
<b>8. CONCLUSÕES, SUGESTÕES E PROPOSTAS .....</b>	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>119</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>126</b>
<b>APÊNDICE A - Roteiro Para a Entrevista Semi-Estruturada .....</b>	<b>127</b>
<b>APÊNDICE B - Situação da Formação Profissional dos Educadores das Escolas Municipais de Igrejinha, RS, em 2006 .....</b>	<b>129</b>
<b>APÊNDICE C - Situação da Formação Profissional dos Educadores das Escolas Estaduais de Igrejinha, RS, em 2006 .....</b>	<b>136</b>

<b>APÊNDICE D</b> - Situação Geral das Escolas Municipais..	138
<b>APÊNDICE E</b> - Situação Geral das Escolas Estaduais.....	139
<b>APÊNDICE F</b> - Entrevista com o Professor Sócrates.....	140
<b>APÊNDICE G</b> - Entrevista com a Professora Orquídea.....	147
<b>APÊNDICE H</b> - Entrevista com o Professor Éder .....	154
<b>APÊNDICE I</b> - Entrevista com a Professora Yasmim .....	161
<b>APÊNDICE J</b> - Entrevista com o Professor Marx.....	171
<b>APÊNDICE L</b> - Entrevista com a Professora Ágata .....	177
<b>APÊNDICE M</b> - Entrevista com a professora Cristiane .....	189
<b>APÊNDICE N</b> - Entrevista com a Professora Olga .....	195
<b>APÊNDICE O</b> - Entrevista com o Professor Lenon.....	203
<b>APÊNDICE P</b> - Entrevista com a Professora Fernanda.....	213
<b>APÊNDICE Q</b> - Observações das Aulas .....	219

## 1. INTRODUÇÃO

A educação formal das crianças, dos jovens e dos adultos da cidade de Igrejinha, RS, depende, essencialmente, da formação e da prática dos professores e dos profissionais que atuam diariamente nas escolas de nosso município.

Ao começarmos esta introdução com esta frase, temos presente que o conteúdo da mesma perpassará todas as idéias contidas nesta tese. Nesta frase, temos presente um tipo de formação específico: aquela que se realiza em ambientes escolares.

Os educadores da atualidade estão inseridos dentro de uma realidade bastante efêmera e, mergulhados neste cenário, algumas vezes não conseguem refletir sobre as questões fundamentais do seu fazer pedagógico. Ao lermos estas colocações, percebemos as implicações disto no agir prático e diário de todos os responsáveis pela educação, seja ela em âmbito municipal, estadual ou nacional.

Sabemos que a vida cotidiana dos professores é feita e marcada por inúmeras atividades heterogêneas e estas, muitas vezes, são realizadas de forma espontânea, pragmática e quase que automática. É bem possível que muitos professores não conseguem tempo para pensar sobre as chances de acertos nas diversas atividades que realizam enquanto profissionais da educação. Os professores, em sua grande maioria, aprenderam a se adaptar e a se adequar a esquemas previamente estipulados e é por isso que resistem às mudanças. A superação desta naturalidade torna-se muito difícil a estes profissionais. Dentro desta totalidade, as relações sociais fetichizadas prevalecem e a naturalidade do cotidiano suplanta as esferas não cotidianas de objetivação do gênero humano, como a ciência, a arte, a epistemologia e a filosofia. O que vemos é o seguinte: a supervalorização da vida cotidiana é o que conta e interessa e as outras coisas devem ficar em segundo plano. Será que os professores da rede pública de Igrejinha não cometem estes erros?

Como é que isto invade a escola? Não existe uma reprodução crescente da vida cotidiana em nossas escolas em detrimento da ciência, da arte e da filosofia? Ou, em outras palavras, os professores não utilizam os fatos ou notícias do cotidiano como conteúdo sem um aprofundamento mais crítico dos mesmos? Estas questões são debatidas ao longo deste trabalho de tese e estão em sintonia com a nossa reflexão e também convergem com a nossa prática profissional. Para alguns

autores, isto reflete uma prática que é alienante e que perpassa as ações humanas existentes na sociedade capitalista. Como consequência disto tudo, vemos a atitude passiva de muitos professores e alunos diante das contradições do mundo capitalista e, como efeito deste processo, há um abandono dos conhecimentos mais universais e mais coerentes, pautados em uma teoria mais completa e confiável.

Temos presente que a educação escolar é a responsável pela mediação entre a formação do indivíduo, a esfera da vida cotidiana e também as esferas não cotidianas da atividade social e cultural de cada um. Esta ligação é importante e transforma o processo de busca do ensino e da aprendizagem em algo natural e ininterrupto. Esta perspectiva esteve presente desde o primeiro dia do curso de pós-graduação, seja ele em nível de mestrado ou doutorado. Nos diferentes momentos, procuramos relacionar a reflexão com a atividade prática que acontece em sala de aula e em outras ações que tivemos em cada novo amanhecer. Dentro desta perspectiva é que cursamos as disciplinas e as reflexões tidas ou feitas nestas é que iluminaram e iluminam a nossa prática cotidiana.

O curso de doutorado está colocado entre as coisas mais nobres da nossa hierarquia de valores. Com os conhecimentos obtidos nele, conseguimos subsidiar muitas ações práticas ocorridas ao longo dos nossos trabalhos e nas diversas atitudes que temos tido em diferentes locais e momentos. Foram reflexões profundas que, segundo Triviños, contribuíram para que tivéssemos *alma* nos diferentes discursos e nas inúmeras reflexões que fizemos e fazemos em nossa convivência social, em nossa militância política e em nossa prática profissional.

Ao sublimar ou canalizar as energias para cursar as disciplinas e os seminários, para estudar e debater as teorias e os casos concretos com os colegas e com os professores, para elaborar o relatório desta tese sempre tivemos presente que tudo isto faz parte de um processo no qual a finalidade é o aperfeiçoamento e aprimoramento dos conhecimentos acerca do homem, da sociedade, da natureza e do mundo e, em segundo lugar, a transformação desta realidade para que possamos nos relacionar e habitar este mundo com mais dignidade, solidariedade e amor. Tudo isto está em sintonia com uma caminhada pedagógica e didática que estamos construindo e é ela que nos possibilita uma abertura maior à transcendência em relação à vida cotidiana. Com esta chave de leitura é que conseguimos compreender os limites impostos a nós pela vida cotidiana. É grande

a agonia e a luta diária que temos que ter para vencer o senso comum, a alienação e a ideologia.

No percurso destes cinco anos, fomos percebendo que algumas coisas são essenciais para nos libertarmos das amarras das hierarquias espontâneas das atividades dadas pela vida cotidiana. Podemos incluir e destacar que uma teoria crítica é imprescindível para analisarmos, descrevermos, interpretarmos e compreendermos o cenário no qual nos encontramos inseridos. Os intelectuais e os professores que trabalham com a educação terão melhores condições de compreenderem a lógica social e o que ocorre em torno da educação a partir do momento em que dominarem e ou se apropriarem, com facilidade e naturalidade, de uma teoria crítica.

Ao fazermos estas colocações, estamos também destacando que a formação intelectual de um profissional crítico enfrenta muitas dificuldades objetivas e subjetivas nos dias atuais. Se observarmos a realidade das escolas, o salário dos professores e o descaso dos governantes com relação à educação, veremos que os desafios são homéricos, mas que não podemos desanimar diante deles.

O relatório de tese acerca da formação e da prática profissional dos educadores de Igrejinha é o tema do presente estudo. Ele surgiu e está em consonância com muitos manuais e também com a própria prática profissional que desenvolvemos, pois somos professores do ensino fundamental, médio e superior. Fazemos um estudo sobre a nossa prática a partir de um tema com o qual temos certa familiaridade e, acima de tudo, gostamos.

A formação e a prática profissional dos educadores do Ensino Fundamental e Médio das escolas públicas estaduais e municipais da cidade de Igrejinha - RS, nas últimas décadas é o fenômeno social e educacional que iremos investigar. Esta formação está inserida dentro desta realidade estadual que, por sua vez, segue as determinações nacionais e sofre as influências das políticas ditadas pelos organismos internacionais. Procuramos fazer a delimitação deste dentro da esfera municipal levando em conta o cenário estadual e o nacional. Em nível municipal permanecemos ligados, essencialmente, às questões relacionadas à formação e a prática profissional dos educadores igrejinenses, educadores da rede pública.

Em nossa investigação pretendemos dar atenção a diversos elementos que estão presentes no fenômeno social e educacional estudado, mas, em especial, à relação existente entre teoria e prática; à questão da remuneração dos educadores

das redes municipal e estadual; à questão do aperfeiçoamento continuado; às questões relacionadas com as correntes pedagógicas seguidas, consciente ou inconscientemente, pelos professores; aos aspectos didáticos e metodológicos do processo de ensino e aprendizagem e também aos investimentos públicos destinados à educação. Estes aspectos são trabalhados e refletidos a partir das obras lidas e também das entrevistas feitas com os professores.

Na busca de maior objetividade e clareza, neste processo de delimitação do tema, afirmamos que os professores envolvidos, neste processo, através da entrevista semi-estruturada e da observação das aulas, necessariamente, estavam em sala de aula atuando nas disciplinas de História, Filosofia, Sociologia, Literatura e Geografia. Escolhemos estas disciplinas por serem familiares à nossa prática, pois durante onze anos lecionamos as mesmas nos níveis fundamental e médio.

Nesta delimitação do objeto de estudo, encontramos diversas informações capazes de exercitar, provocar e possibilitar um bom diagnóstico do fenômeno que estamos estudando e, a partir disso, temos condições razoáveis de propor algumas medidas no sentido de aprimorar e aperfeiçoar todo o processo de formação e também de atuação/prática dos educadores da rede pública municipal e também da rede pública estadual de ensino.

A formação e a prática profissional dos educadores de Igrejinha constituem o fenômeno social e educacional que estamos estudando. Na presente tese, investigamos as contradições existentes entre a formação e a prática profissional dos educadores do Ensino Fundamental e Médio das escolas públicas estaduais e municipais da cidade de Igrejinha, RS; este é o grande problema a ser investigado e explicitado. A hipótese ou tese que orienta a nossa pesquisa é a seguinte: as contradições existentes entre a formação e a prática profissional dos professores igrejinenses estão relacionadas entre si e são as responsáveis pelo baixo nível da educação que ocorre em nosso município e também influenciam na atitude de descaso que os educadores têm com relação ao seu fazer diário. Em nossa tese, temos como objetivos o conhecimento e a compreensão destas contradições e também a elaboração de propostas viáveis para a melhoria do processo de formação e do aprimoramento da prática dos professores que estão em sala de aula.

A nossa tese está inserida dentro da perspectiva do Materialismo Histórico e dentro desta é que o Método Dialético responde melhor as diversas interrogações ou indagações que surgiram ao longo da nossa caminhada. Para ter uma coerência

maior entre a perspectiva e o método é que utilizamos o *Estudo de Caso*, pois, segundo Triviños, este é um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente. A tese é de natureza qualitativa dialética e esta em consonância com a dialética materialista. Neste contexto, temos presente que a base teórica está imbricada com o método, pois este é a soma da teoria e do próprio método.

Em nossa investigação tivemos uma população de 149 professores das escolas estaduais e 284 professores das escolas municipais. Na rede municipal de ensino, temos vinte e três escolas e quatro escolas constituem a rede estadual de ensino. A amostra é intencional e está constituída por dez professores atuantes nas Ciências Sociais e Humanas: História, Geografia, Filosofia, Sociologia e Literatura. Esta escolha é intencional e está em sintonia com a teoria que seguimos no desenvolvimento desta tese.

A nossa tese partiu da revisão da literatura, da definição da teoria e também do esclarecimento dos aspectos metodológicos que estão presentes em toda a investigação. Além destes meios que utilizamos para coletar os dados, também utilizamos a entrevista semi-estruturada e a observação semi-dirigida como técnicas para aprimorar e aperfeiçoar o processo de coleta das informações. Neste sentido é que temos uma amostra de dez professores para as entrevistas semi-dirigidas e estes mesmos professores compuseram a observação semi-dirigida das aulas.

Para tornar este relatório mais didático, ele está dividido em oito partes e ou capítulos.

Neste primeiro capítulo estamos apresentando a introdução; no segundo capítulo, encontraremos uma exposição objetiva sobre a cidade de Igrejinha, sobre sua história e sobre sua realidade educacional. São várias páginas nas quais os traços históricos, antropológicos, sociais, políticos, econômicos, religiosos, culturais e educacionais da cidade aparecerão de uma forma bastante resumida. Neste capítulo, o aspecto que será mais particularizado é aquele que tratará da educação; neste, procuraremos apresentar a realidade da educação nas escolas municipais e estaduais a partir de uma visão global e crítica. É neste capítulo que anunciaremos o fenômeno material social e educacional que foi estudado e relatado nesta tese.

No terceiro capítulo analisamos a educação no Brasil em tempos de mudanças. É uma rápida passada sobre as reformas que ocorreram no Brasil, principalmente no período republicano.

O fenômeno material em estudo será apresentado no quarto capítulo. Neste iremos trabalhar as categorias do Materialismo Histórico e do Materialismo Dialético e também da economia política. O objetivo será o de explicitar o que ocorre na realidade educacional igrejinense e como isto se liga às demandas estaduais, nacionais e internacionais. Este, como os demais, será um capítulo importante e que lançará e consolidará as bases teóricas da tese.

No quinto capítulo, estaremos apresentando a teoria que orienta a pesquisa. Em trinta e sete páginas, trataremos dos aspectos teóricos a partir da perspectiva de vários autores. As contradições que surgiram suscitaram um trabalho dialético no qual as contradições estão inseridas e discutidas.

O sexto capítulo nos possibilitará uma análise das relações e das conseqüências decorrentes da consolidação do neoliberalismo em relação à educação. Este será um capítulo onde procuraremos explicitar algumas influências do modo de produção capitalista, agora pautado pela orientação econômica neoliberal, sobre a educação. É neste capítulo que a formação dos professores será apresentada bem como as implicações do modelo à formação e à prática docente nos dias atuais. Em sintonia com o tempo histórico, a LDB 9394/96 será analisada e também a questão polêmica das competências no processo de formação de professores.

O método utilizado na realização desta pesquisa será apresentado e explicitado neste capítulo para facilitar a compreensão da análise feita. As categorias do Materialismo Histórico e do Materialismo Dialético serão melhor expostas e trabalhadas no desenrolar da reflexão deste capítulo.

No sétimo capítulo, iremos trabalhar a compreensão das informações tratadas neste relatório de tese ou pesquisa. A ênfase será colocada na questão do entendimento ou compreensão de tudo aquilo que estaremos fazendo. Neste aspecto, entrará a questão do desalienar-se, do decifrar os mistérios criados no modo de produção capitalista pelo fetiche da mercadoria e, no caso especial dos professores, pela estrutura social que potencializa a alienação e a ideologia dos professores. Neste capítulo, teremos uma visão clara e objetiva da importância do método para compreendermos aquilo que estamos fazendo.

No último capítulo de nossa tese, iremos apresentar a solução do problema num primeiro momento; em seguida, pretendemos demonstrar como é que a tese foi confirmada/corroborada a partir das categorias trabalhadas em nossa pesquisa.

Outro elemento que queremos destacar com bastante atenção é a idéia acerca dos objetivos; achamos interessante descrever e contar quais foram os objetivos atingidos ao longo desta produção acadêmica e também os motivos que dificultaram a compreensão total dos mesmos. Este será um capítulo interessante e que poderá trazer uma contribuição original ao tema que estamos estudando. No final deste capítulo, estaremos apresentando as conclusões, as sugestões e as possíveis propostas decorrentes desta investigação da presente tese.

Depois de revisarmos a literatura sobre este tema e de qualificarmos o projeto de tese achamos de fundamental importância o fechamento provisório de mais uma caminhada e isto será materializado com este trabalho acadêmico dentro do nível de doutoramento na área de educação. Esperamos corresponder com as expectativas criadas por nós e por quem nos acompanhou e acompanha nestes anos através de diferentes maneiras.

Junto com este relatório temos os apêndices. Esta parte será fundamental, pois nela temos os dados que subsidiaram a interpretação dos resultados da investigação.

## 2. IGREJINHA: HISTÓRIA E REALIDADE EDUCACIONAL

A cidade de Igrejinha está localizada às margens da região metropolitana de Porto Alegre. Para compreendermos melhor sua história, devemos retomar a História das Capitanias Hereditárias e, dentro destas, encontraremos a *Sesmaria Fazenda Mundo Novo*, na costa do Rio dos Sinos; isso nos remete a 20 de junho de 1845.<sup>1</sup> Os primeiros habitantes do município, conforme registro histórico, foram os índios Kaigangs (pertencentes ao tronco Macro Jê), depois tivemos a chegada dos negros e, mais tarde, tivemos a presença dos descendentes de portugueses e espanhóis e, por fim, em 1824 tivemos a chegada dos alemães.<sup>2</sup>

Dos primeiros habitantes da região temos somente alguns vestígios presentes em grutas que ainda são preservadas (buracos cavados e alguns objetos de barro); do segundo grupo, restam memórias claras na Casa de Pedra, primeiro prédio construído na cidade, onde atualmente funciona um CTG (Sentinela da Tradição), pois na construção deste a mão-de-obra escrava foi usada predominantemente. Já os outros grupos têm sua marca mais visível na história e cultura do município.

Igrejinha<sup>3</sup> faz parte do Vale do Paranhana (rio que corta os municípios de Igrejinha, Três Coroas e Parobé). Está a uma distância de 80 km da capital dos gaúchos. Hoje é uma cidade marcada pela cultura dos imigrantes alemães. Sua principal riqueza atual é a produção de calçados<sup>4</sup>. O município conta atualmente com centenas de empresas do setor coureiro-calçadista, empresas que diante da internacionalização da economia (globalização econômica) exploram demasiadamente o trabalho de milhares de trabalhadores. A categoria de *mais-valia* de Marx está presente nas relações existentes entre os que apenas possuem a força de trabalho (os sapateiros) e os possuidores dos meios de produção (os donos das fábricas de calçados). Contamos ainda com outras empresas ligadas ao setor moveleiro, algumas vinculadas ao setor metal-mecânico e uma grande empresa do

---

<sup>1</sup> Ver obra "Igrejinha uma história em construção" de Berenice Fülber Sander e Flávia Corso Mohr, 2004.

<sup>2</sup> idem.

<sup>3</sup> O nome da cidade nasceu a partir de uma pequena Igreja que era avistada pelos tropeiros que desciam de São Francisco de Paula para comercializar os produtos na cidade de Taquara; ao avistarem a Igreja eles já sabiam que estavam próximos do local.

<sup>4</sup> O setor coureiro-calçadista enfrenta uma grave crise, pois concorre com a indústria chinesa; nas últimas duas décadas o setor não conseguiu aumentar o número de empregos e isto gera/gerou diversos problemas à região produtora de calçados.

setor de bebidas.<sup>5</sup> Podemos destacar que a agricultura representa uma fatia muito pequena do faturamento municipal nos dias atuais. Ela foi a base da formação do município, pois os imigrantes dedicaram-se inicialmente ao trabalho agrícola. Foi a partir da agricultura que os primeiros imigrantes começaram a desenvolver a região da Santa Maria do Mundo Novo. A etnia alemã por várias décadas foi hegemônica (a maioria dos moradores de Igrejinha das primeiras décadas era descendente de alemães), até meados da década de 70; o desenvolvimento da indústria do couro atraiu um número muito grande de pessoas ao Vale do Paranhana e este fato desorganizou a estrutura social da cidade e acrescentou novos valores, novos costumes e modos de vida. Foi a partir das indústrias do setor coureiro-calçadista que muitos descendentes de italianos, poloneses e lusos migraram para Igrejinha e passaram a conviver com os habitantes que aqui se encontravam.

Com o passar do tempo e com o desenvolvimento das indústrias do couro, acompanhamos um processo de migração muito intenso<sup>6</sup>; este processo, aos poucos, começou a descaracterizar o jeito de ser e de viver das pessoas do Vale do Paranhana e, conseqüentemente, da cidade de Igrejinha. Neste processo, a década de 80 representa um divisor de águas, pois foi justamente naquele período que muitas pessoas migraram do interior<sup>7</sup> do estado do Rio Grande do Sul e de outros estados para Igrejinha em busca de empregos e de uma nova possibilidade econômica, pois a agricultura nacional passava por sucessivas crises. É neste sentido que hoje encontramos diversas famílias oriundas dos estados do Paraná, de Santa Catarina e dos diferentes municípios do Rio Grande do Sul residindo no município de Igrejinha.

Outras mudanças importantes e significativas ocorreram nas dimensões cultural, social, econômica, política e religiosa da cidade de Igrejinha. A miscigenação de diferentes etnias provocou alterações culturais significativas e, como exemplo disto, destacamos que hoje a cidade conta com três CTGs (Centro de Tradições Gaúchas); nestes CTGs vemos participando muitos casais descendentes de alemães, fato que demonstra a aculturação; temos também uma sociedade

---

<sup>5</sup> A partir de 2004 a cidade passou a contar com uma unidade da Schincariol (cervejaria). A empresa se instalou em Igrejinha contando com os incentivos fiscais do FUNDOPEM/BNDES.

<sup>6</sup> Este fenômeno acompanha o processo de industrialização nacional, pois segundo dados do IBGE, o êxodo rural aumentou significativamente no Brasil a partir da década de 60.

<sup>7</sup> Em certas regiões do Rio Grande do Sul existiam placas convidando as pessoas para migrarem ao Vale do Sinos e Paranhana para trabalharem nas fábricas de calçados; hoje convivemos com as conseqüências daquelas atitudes: desemprego em massa, favelização das cidades, violência, falta de estrutura das diferentes cidades.

italiana fundada no ano de 1999 e que envolve descendentes de italianos, alemães, lusos, poloneses e de outras etnias; vemos ainda diferentes grupos musicais que gradativamente estão diversificando o seu repertório e disputando espaço com as bandinhas típicas da cidade. Estas estão muito ligadas ao Kerb (festa ligada à fundação da igreja da comunidade – cada lugar tem um dia específico para celebrar) e também à Oktoberfest.

Na dimensão social, estamos acompanhando transformações significativas e que merecem uma análise mais profunda; vemos diferentes grupos que estabelecem relações bem particulares: nos bairros, percebemos grupos unidos por certos laços subjetivos (religião, CTG, clubes de futebol, grupos de bocha, *skatistas*, etc.). Acompanhamos jovens e adolescentes unidos a partir de certas características bem específicas. O esfacelamento das relações familiares também intriga muitas pessoas, pois a formação e a visão tradicional da família (núcleo constituído pelo pai, mãe e filhos) gradativamente estão deixando de existir.

No campo político estamos acompanhando gradativamente o fim da hegemonia do bipartidarismo<sup>8</sup>: partidos como o PP e PMDB não são mais hegemônicos. Hoje em Igrejinha já temos outros partidos políticos formados: PSB, PT, PDT, PSDB, PHS, PPS, PTB, PMN, PCdoB, PR e Dem. As últimas gestões municipais estiveram com o PTB. A polarização partidária entre PDS (PP de hoje) e MBD (PMDB hoje) perdurou por várias décadas. O pluripartidarismo atingiu Igrejinha fortemente a partir dos últimos anos da década de 90 e isto mexeu e mexe com muitas pessoas, pois estas pessoas, segundo depoimentos verbais coletados informalmente e em diferentes momentos e por diferentes pessoas, pensam que o pluripartidarismo é anormal à democracia. Hoje acompanhamos também em Igrejinha um fato que se repete no estado do Rio Grande do Sul e no Brasil: partidos políticos ligados às Igrejas. Dentro da dimensão política é interessante destacar que dos nove vereadores da atual legislatura igrejinhense seis são migrantes (vieram de outras cidades do estado do Rio Grande do Sul); os outros três (uma mulher) são natos de Igrejinha e descendentes de famílias alemãs; no executivo temos o

---

<sup>8</sup> A cidade vivenciou profundamente o sentido do bipartidarismo, pois até o final da década de 90 o MDB (PMDB) e a ARENA (PDS) ainda eram as únicas forças e possibilidades políticas.

prefeito<sup>9</sup> que veio de outra região do estado do Rio Grande do Sul (é descendente de italianos) e o vice-prefeito tem seus ascendentes vindos da Alemanha.

Ao descrevermos o cenário político das últimas duas décadas é necessário nos incluir neste processo histórico, pois a partir de 1990 passamos a residir na cidade de Igrejinha, RS. Dentro de uma história de militância estudantil, política e religiosa<sup>10</sup> é que continuamos a nossa *práxis* dentro de um novo cenário (cidade de Igrejinha). Já a partir das eleições de 1992 apoiamos uma candidata do Partido dos Trabalhadores à vereança e, logo em seguida, 1996, começamos a disputar eleições<sup>11</sup> e isto nos identificou filosófica e ideologicamente junto às pessoas da cidade<sup>12</sup>. Em todas as disputas priorizamos o tema educação e isto esteve expresso em todos os materiais utilizados durante as campanhas.

Ao descrevermos nossa inserção nesta história estamos em consonância com as colocações de Marx e Engels, pois eles afirmam que:

[...] são os homens que desenvolvem a sua produção material e o seu intercâmbio material que, ao mudarem esta sua realidade, mudam também o seu pensamento e os produtos do seu pensamento. Não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência (MARX e ENGELS, 2002, p. 23).

A consciência que temos do fenômeno social educacional estudado está imbricada com a militância que temos tido ao longo dos dezoito anos de convivência com as pessoas da cidade de Igrejinha. É uma consciência encarnada na história viva e real dos agentes que praticam e participam da educação em nosso município. Nossas premissas estão ligadas à concepção de que os homens são os responsáveis pela construção de sua história; esta história pode ser dinâmica ou

---

<sup>9</sup> O atual prefeito já está a frente do Executivo pela terceira vez (indício de falta de renovação política).

<sup>10</sup> Estivemos envolvidos em diversas pastorais da Igreja Católica. Durante um tempo estivemos no Seminário Diocesano de Vocações Adultas João Paulo II – Novo Hamburgo, RS e num período posterior estivemos no Seminário Maior de Viamão, RS. A partir deste contexto é que nos envolvemos em pastorais comprometidas com a Filosofia e com a Teologia da Libertação. Foi a partir desta vivência que aprendemos conciliar a questão da mística e da espiritualidade e imbricá-las com a militância política.

<sup>11</sup> Em 1996 disputamos uma eleição como vereador (ficamos suplente); em 1998 e 2002 nos candidatamos a deputado estadual (PT); em 2000 disputamos a prefeitura de Igrejinha e em 2004 fomos eleitos vereador da cidade de Igrejinha (pelo PT).

<sup>12</sup> A identificação foi meio que estigmatizada, pois o movimento sindical do setor coureiro-calçadista era filiado à CUT e, acima de tudo, era combativo e isto criou uma rejeição enorme a quem era petista.

não, mas está em permanente processo de desenvolvimento real e perceptível de determinadas concepções.

A análise foi pautada nesta visão de processo, caso contrário estaríamos sendo vítimas da ideologia, pois nesta condição teríamos representações falsas acerca dos homens e daquilo que eles devem ser.

Na dimensão religiosa temos um fato bastante importante: as religiões (Luterana e Evangélica) que detinham a maioria dos fiéis à época da fundação do município hoje estão sendo ultrapassadas pelos católicos, em primeiro lugar; e pelos evangélicos (estes estão tendo um crescimento vertiginoso nas últimas décadas). Este fator, segundo nossa leitura de mundo, tem uma explicação: a maioria dos migrantes provindos dos outros estados e das outras regiões do Rio Grande do Sul pertenciam à religião católica e alguns, aos poucos, abandonaram esta e passaram às evangélicas/pentecostais (incluiremos aqui as diversas Assembléias de Deus, a Igreja Universal do Reino de Deus e as diferentes igrejas pequenas que temos na cidade).

A migração de fiéis das igrejas Católica, Luterana e Evangélica de Confissão Luterana às evangélicas (pentecostais) é algo que preocupa pastores, padres e diretorias destas instituições. O fato novo é que fiéis históricos (pertencentes a diretorias atuais ou passadas) estão saindo das igrejas tradicionais<sup>13</sup> e participando dos novos credos evangélicos.

## 2.1 A ESTRUTURA EDUCACIONAL

Na educação também temos acompanhado mudanças significativas nas últimas décadas: aumento do número de alunos, construção de novas escolas, realização de concursos e nomeações dos professores, elaboração dos projetos políticos pedagógicos e intensas mobilizações de uma parte dos professores em torno do reconhecimento de seus direitos e a conseqüente valorização de seu trabalho. Estas mudanças serão analisadas ao longo deste relatório de tese. Pretendemos descrever a estrutura municipal de ensino e a partir disto acompanhar o que ocorreu e ocorre com a formação e prática profissional dos educadores da cidade de Igrejinha. Na rede pública de ensino incluímos as escolas públicas

---

<sup>13</sup> Entendemos por religiões tradicionais as que estiveram presentes nas primeiras décadas do município e aqui incluímos a Luterana, a Evangélica de Confissão Luterana e a Igreja Católica.

municipais e estaduais para efeito de estudo. As escolas, professores e alunos da rede privada de ensino não fazem parte da nossa população (de nossa investigação). Em Igrejinha, a rede particular de ensino é bastante fraca, quase que insignificante, pois a maioria dos alunos que estuda na rede particular está freqüentando as escolas de Taquara (11 km distante de Igrejinha). Intencionalmente não analisamos a rede particular de ensino, pois o fenômeno essencial de nossa pesquisa está vinculado à educação pública.

A rede municipal de ensino de Igrejinha está constituída por vinte e três estabelecimentos de ensino; a estadual por quatro e ainda temos cinco estabelecimentos na rede particular/privada. Nas escolas municipais atuam duzentos e oitenta e quatro professores, na estadual cento e quarenta e nove e na rede privada setenta e três. Nestas escolas, temos quatro mil, cento e trinta e sete alunos na rede municipal e dois mil, setecentos e quarenta e nove na rede estadual; quatrocentos e trinta e um alunos participam/freqüentam a rede privada de ensino<sup>14</sup>. Este total de sete mil, trezentos e dezessete alunos corresponde a quase um quarto da população do município<sup>15</sup>. Podemos observar que cento e oitenta e um professores da rede municipal de ensino ainda não concluíram um curso de graduação; esta realidade é preocupante, pois existe uma cobrança enorme com relação à formação do corpo docente de todas as escolas.

A situação das quatro escolas estaduais de Igrejinha, com relação à qualificação e formação dos professores, é a seguinte: um professor cursou apenas o ensino médio; três professores estão no estágio do curso normal; vinte professores têm apenas o magistério como formação; sessenta e quatro professores estão cursando um curso em nível de graduação; quarenta e seis professores já concluíram um curso de graduação; temos ainda quatorze professores que terminaram algum curso de pós-graduação e apenas uma professora tem o mestrado concluído. Nas escolas estaduais temos oitenta e oito professores que atuam em sala de aula e ainda não concluíram nenhum curso em nível superior. É um percentual bastante alto e isto reflete no processo de aprendizagem dos alunos em sala de aula.

---

<sup>14</sup> Dados prestados pela Secretaria Municipal da Educação à edição especial de 30 anos do Jornal Panorama (em 30 de setembro de 2005).

<sup>15</sup> A população atual de Igrejinha é de aproximadamente 33.000 habitantes.

Os dados sobre a formação dos professores de Igrejinha podem ser vistos nos apêndices de nossa tese. Com o passar do tempo, teremos condições de trabalhar outras variáveis relacionadas aos professores.

### **2.1.1 As Escolas Estaduais**

As escolas estaduais são descritas agora a partir das informações prestadas pelas direções destas escolas e transcritas por nós nas idéias a seguir. As informações são básicas e possuem a intenção de dar uma idéia mais objetiva da estrutura física destas e da constituição dos recursos humanos das mesmas.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental no Bairro Figueiras foi fundada em 04 de maio de 1981. Está localizada em um bairro bastante próximo ao centro da cidade (em torno de 800 metros). Atualmente a escola possui quinze turmas e estas somam trezentos e setenta e sete alunos; estes alunos são atendidos por vinte e seis professores, dos quais dois concluíram, ao menos, um curso de graduação, quinze estão cursando e nove não estão cursando nenhum curso superior. Na escola, segundo relatos da direção, somente existe trabalho de supervisão em um turno, mas a pessoa que cumpre esta função não é habilitada para aquilo que desempenha. A escola funciona somente durante o dia. Outro dado interessante sobre os professores é o seguinte: somente dois dos professores são nomeados, os outros são contratados (isto dificulta muito a organização da escola, pois a direção não sabe com quem poderá contar no ano seguinte).

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Promorar foi fundada em 10 de setembro de 1986 e tem quatrocentos e dez alunos; estes alunos estão distribuídos em treze turmas e são atendidos por vinte e três professores; destes, sete já concluíram um curso superior, treze estão cursando e três não cursam/cursaram nenhum curso superior. Nesta escola existe somente o serviço de supervisão escolar. Ela está localizada dentro de um bairro popular e, acima de tudo, marcado por alguns preconceitos e discriminações, pois faz parte do antigo conjunto habitacional Cohab; trabalhar no bairro Cohab é um desafio a muitos educadores da cidade de Igrejinha<sup>16</sup>. Embora sendo desafiadora esta realidade, os professores afirmam gostar de trabalhar com estes alunos nestas circunstâncias.

---

<sup>16</sup> Vários professores da rede estadual que atuam nesta comunidade são de outras localidades e isto faz com que o seu compromisso com a comunidade fique em segundo plano.

Este cenário cria uma situação diferente aos educadores que lá trabalham, pois a grande maioria dos educadores se desloca do centro ou de outros bairros para lá cumprir a sua jornada de trabalho; a falta de sintonia entre aquilo que a comunidade sente e vive e aquilo que os educadores sentem e vivem somente é quebrada em parte, pois, mesmo com um grande esforço destes educadores, o sentimento de distanciamento deles da realidade vivenciada pela comunidade é algo difícil de ser superado. O gigantesco esforço para superar este distanciamento é reconhecido pela comunidade<sup>17</sup>, mas isto, segundo nossa percepção, não basta.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Promorar apresenta um quadro de professores bastante singular; dos vinte e um profissionais que atuam na escola, sete concluíram um curso superior, treze estão cursando e um possui somente o ensino médio. Onze professores são nomeados e dez têm contrato emergencial. Na escola temos dezoito professoras e somente três professores do sexo masculino. Outro dado importante que deve ser destacado está relacionado à formação: somente a coordenadora pedagógica tem um curso de pós-graduação em nível de especialização. Desta escola dois professores compuseram a amostra: ambos atuam nas Ciências Sociais: História, Geografia e Filosofia.

A Escola Estadual de Ensino Médio Berthalina Kirsch foi fundada 09 de maio de 1978 e tem um total de um mil e seis alunos (vinte e cinco alunos na Educação Infantil, quinhentos e doze alunos no Ensino Fundamental e quatrocentos e sessenta e nove alunos no Ensino Médio); estes são atendidos por quarenta e sete professores. Esta é a segunda escola estadual em número de alunos e se localiza num bairro operário, mas recebe alunos de diversas comunidades e bairros da cidade. É uma escola que teve uma luta muito grande para implantar o Ensino Médio durante o governo Olívio Dutra<sup>18</sup>; depois de concretizada esta meta, o desafio está sendo o de consolidar o curso e manter a mesma qualidade da época em que atendia somente o Ensino Fundamental.

Na Escola Estadual de Ensino Médio Berthalina Kirsch temos o seguinte cenário: dos quarenta e sete professores que atuam na escola, quatro concluíram um curso de pós-graduação, dezesseis concluíram um curso superior, dezenove estão cursando uma faculdade, sete cursaram o magistério e um possui apenas o

---

<sup>17</sup> Os conflitos que ocorrem nesta escola são mínimos se compararmos os que ocorrem em outras escolas semelhantes a nível de estado e do próprio país.

<sup>18</sup> A escola participou ativamente do processo do Orçamento Participativo e, dentro do possível, desenvolveu o processo da Constituinte escolar.

Ensino Médio. Na escola temos vinte e nove professores nomeados, um professor é contratado pelo antigo M4<sup>19</sup> e dezessete professores possuem contrato temporário. Desta escola tivemos dois professores que atuam na área de História que constituíram a amostra para a nossa entrevista semi-estruturada e também para a observação semidirigida. Cinquenta por cento dos professores têm uma carga horária de quarenta horas (em sala de aula). Na escola temos quarenta e duas mulheres e somente cinco homens.

Por fim, o Instituto Estadual de Educação Olívia Lahm Hirt. Sua fundação data de 01 de abril de 1939. Possui atualmente Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Normal (magistério); na Educação Infantil há uma turma com vinte e dois alunos, no Ensino Fundamental há nove turmas somando duzentos e quarenta e seis alunos e no Ensino Médio são vinte e duas turmas com um total de seiscentos e sessenta e cinco alunos. A escola funciona diurno e noturno; trabalham nela cinquenta e três professores, destes, um é mestre, dez concluíram pós-graduação, vinte e um concluíram um curso de graduação, dezessete estão cursando e quatro não concluíram nem cursam faculdade. A escola possui serviço de orientação e de supervisão educacional.

No Instituto Estadual de Educação Olívia Lahm Hirt também funciona o Curso Normal com um total de cento e trinta e dois alunos. Deste curso já temos várias turmas formadas, pois ele já está funcionando há doze anos.

O Instituto de Educação Olívia Lahm Hirt está localizado no centro da cidade de Igrejinha. É a escola estadual mais antiga: a maioria das lideranças políticas e empresariais da cidade estudou nela. Por ser uma escola que possui esta história importante, é lamentável o seu estado de conservação<sup>20</sup>.

Ao Instituto Estadual de Educação Olívia Lahm Hirt convergem alunos de todos os bairros, vilas, comunidades do interior, centro da cidade de Igrejinha e também alunos de outros municípios do Vale do Paranhana. Esta diversidade enriquece a convivência no interior do mesmo, mas gera problemas: nos últimos anos, a rivalidade existente entre grupos de alunos diferentes (de diferentes bairros

---

<sup>19</sup> Contrato antigo dos professores do Rio Grande do Sul. Nesta modalidade não era exigida a prestação de provas através de concurso público.

<sup>20</sup> Como dado para corroborar estas informações apresentamos o seguinte: a quadra esportiva está localizada no centro da escola e ela nem rede tem para proteger alunos, pais, funcionários e professores que caminham em sua margem exterior. As salas estão velhas e, na maioria das vezes, é a comunidade escolar que faz as reformas e a manutenção das mesmas. O laboratório de informática não pode atender os alunos, pois as máquinas estão estragadas e não tem profissional capacitado para desempenhar este serviço.

e “galeras”) gerou conflitos profundos em que se fez necessária a presença da Brigada Militar para apaziguar os ânimos em muitas ocasiões. Outro detalhe importante do Instituto é a diversidade de professores que atuam no mesmo; não há um corpo docente estável: existe uma rotatividade bastante grande de professores e muitos são de outras cidades. Este cenário cria sérios problemas aos coordenadores (diretores), pois dificulta bastante a implementação de uma proposta pedagógica que possa ser assumida por todos.

### **2.1.2 A Rede Municipal de Ensino**

A rede municipal de ensino do município de Igrejinha cresceu muito nas últimas duas décadas; várias escolas foram construídas e o número de professores aumentou expressivamente. Este cenário é importante e nos traz muitas informações para o estudo e reflexão.

Os professores que atuam na rede municipal de ensino têm a seguinte formação: dez estão cursando o ensino médio; dezesseis estão cursando o curso normal; trinta e dois concluíram o curso magistério; cento e vinte e três estão cursando uma faculdade; sessenta e oito já concluíram uma faculdade em nível de graduação; nove professores estão cursando pós-graduação em nível de especialização; dezesseis professores já concluíram um curso de pós-graduação e cinco professores já concluíram o mestrado.

Dentro destes dados, não estão computados os professores que atuam no Centro de Atendimento ao Escolar e também os que atuam na SME (Secretaria Municipal de Educação); também estão fora destes números os professores cedidos<sup>21</sup>.

Destes professores, a grande maioria vem ou é egressa das universidades (UNISINOS<sup>22</sup>, FEEVALE<sup>23</sup>, FACCAT<sup>24</sup>, ULBRA<sup>25</sup>, PUCRS<sup>26</sup>, UFRGS<sup>27</sup>...). É com os

---

<sup>21</sup> Professores Cedidos: professores concursados e nomeados no município que atuam na rede estadual de ensino e vice-versa.

<sup>22</sup> Universidade do Vale dos Sinos; está localizada às margens da BR 116 em São Leopoldo, RS. Os alunos viajam 70 km de Igrejinha para estudar nesta instituição.

<sup>23</sup> A Feevale está situada às margens da RS 239 em Novo Hamburgo. Muitos acadêmicos de Igrejinha fazem 40 km para estudar, principalmente à noite, nesta instituição.

<sup>24</sup> A FACCAT (Faculdades de Ciências Contábeis e Administrativas de Taquara) está localizada às margens da RS 115 em Taquara. Atualmente possui 16 cursos e os alunos, em sua grande maioria, são da Região do Vale do Paranhana, Sinos e Encosta da Serra.

<sup>25</sup> A Universidade Luterana do Brasil está localizada na cidade de Canoas, RS. Um número pequeno de alunos de Igrejinha estuda nela atualmente.

professores que são egressos da FACCAT<sup>28</sup>, UNISINOS, UNIJUI, ULBRA, FAFIMC e Dom Bosco (em nível superior) e do Instituto Estadual de Educação Olívia Lahm Hirt e do Colégio Santa Teresinha de Taquara (que forma para o Magistério) que efetuamos as entrevistas; também com estes professores construímos a nossa pesquisa que fundamentou a tese.

No projeto, a opção de escolhermos as instituições de ensino regionais (Vale do Paranhana e Vale dos Sinos) foi intencional, pois pensávamos que elas seriam as responsáveis diretas pela formação do maior número de profissionais da educação que atuam no município de Igrejinha; outra razão seria a possibilidade de dialogarmos com os responsáveis pelo processo de formação das mesmas<sup>29</sup>. Mas com o passar do tempo percebemos que a amostra seria restrita se permanecêssemos com este critério.

Na estrutura municipal de ensino há tempo estamos vivenciando uma contradição ostensiva<sup>30</sup>, pois o prefeito faz um discurso em defesa da agricultura familiar, mas, em contrapartida, fecha as escolas do interior. Com o fechamento destas escolas, as ações em defesa da permanência dos colonos (agricultores) no campo é algo estranho, pois o processo agrícola (plantações e as colheitas) passa a ser uma atividade quase que exclusiva dos velhos, pois os jovens, gradativamente, abandonam a agricultura e vão trabalhar nas fábricas.

A formação e a prática profissional de ensino dos professores e educadores igrejinenses é o fenômeno material social da nossa pesquisa. Para concretizar a nossa tese, percorremos o seguinte processo. Em primeiro lugar, fizemos uma revisão da bibliografia existente; num segundo momento, aprofundamos a investigação sobre o fenômeno particular de pesquisa; e por fim, dentro do prazo hábil, elaboramos o relatório de pesquisa ou tese. Neste processo, pudemos entrevistar e observar as aulas dos professores que constituíram a nossa amostra.

---

<sup>26</sup> Na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, temos um número reduzido de alunos de Igrejinha que lá estudam.

<sup>27</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul – trataremos especificamente do curso de formação de educadores – curso ligado a FACED.

<sup>28</sup> Este critério é importante, pois a FACCAT é uma instituição de ensino que faz parte do Vale do Paranhana e desenvolve muitos projetos em convênios com o município de Igrejinha.

<sup>29</sup> Depois das entrevistas e do levantamento dos professores é que percebemos que vários que estão lecionando em Igrejinha vieram de outras regiões e, conseqüentemente, outras instituições de ensino também.

<sup>30</sup> Idéia destacada pelo professor Dr. Balduino Andreolla por ocasião da qualificação do projeto da Ms. e doutoranda Magda Colao; na ocasião o professor falava da realidade da região dos vinhedos, mas, segundo nossa interpretação, a reflexão vale também para o município de Igrejinha.

Sabemos que conseguimos certa generalidade acerca deste fenômeno material social e educacional, pois o tempo e os recursos financeiros e também a escolha teórica<sup>31</sup> não nos possibilitam atingir uma generalização acerca do fenômeno que estamos tratando.

Este é o objeto de nossa tese e esta temática diz respeito à realidade na qual estamos inseridos e é por isso que ela deve ser investigada e compreendida em suas múltiplas relações e ligações.

A concepção apresentada acima está ligada a uma visão de mundo que postula o conhecimento humano como sendo um desenvolvimento lento e ininterrupto do caminhar da humanidade. Neste sentido não conseguimos localizar com precisão as etapas: começo, meio e fim. Isto é o que Benedito de Campos chama de processo:

[...] o conhecimento humano é um processo, unido e dependente de vários processos, todos permitindo o desenvolvimento do homem para formas mais humanas, para formas mais perfeitas. [...] entre os vários processos que aparecem no processo do conhecimento humano, um se destaca – é a atividade exercida pelo homem. [...] Essa atividade é o trabalho (CAMPOS, 1988, p. 12).

O trabalho é uma atividade exclusivamente humana; é a fonte de todas as riquezas, mas, acima de tudo, é a condição fundamental de toda vida humana. Neste sentido, Campos, 1988, p. 12 destaca que *“o trabalho é uma prática social”*. Neste processo, temos o surgimento da linguagem e desta a possibilidade de transmitirmos os pensamentos e materializarmos o conhecimento humano:

[...] o conhecimento humano se reveste de mais duas características importantes – é o resultado da vida social do homem e é, também, um produto da história do homem. Logo, o conhecimento humano é um processo histórico e social (CAMPOS, 1988, p. 12 e 13).

A partir das últimas citações, percebemos a presença das categorias de totalidade, particular, singular e geral. Aparecem também as categorias de realidade e possibilidade. Além destas, outras poderiam ser destacadas explicitamente, mas gradativamente elas surgem neste relatório.

---

<sup>31</sup> Dentro do Materialismo Histórico e a partir da Dialética é que trabalharemos no sentido de compreendermos o fenômeno social e deste ter certas conclusões que nos possibilitam ter uma visão que atinge a generalidade e não a generalização. Na visão positivista é que os investigadores procuram mais uma generalização a partir dos fatos investigados. Na situação na qual estamos inseridos, as conclusões serão importantes para esta realidade ou para outras semelhantes.

### 3. A EDUCAÇÃO NO BRASIL

Um elemento importante e que deve ser analisado nestas alturas de nossa reflexão está relacionado como a História da Educação no Brasil. Percebemos que os contextos econômicos, políticos, culturais, educacionais e sociais influenciaram e muito a educação em nosso país. Alguns dados serão expostos agora para clarearmos mais as ligações existentes destes fenômenos com o que se passa na cidade de Igrejinha nas últimas décadas.

A história da educação brasileira esteve unida à Companhia de Jesus. A chegada dos jesuítas interrompeu o processo indígena de educação. Em 1549, Manuel da Nóbrega chegou ao Brasil e junto com o Irmão Vicente Rodrigues começou o trabalho de ensino e propagação da fé religiosa. Desde o início, os jesuítas sabiam que o trabalho de conversão dos índios à fé católica seria facilitado se os nativos soubessem ler e escrever<sup>32</sup>. De pronto podemos dizer que os métodos pedagógicos acompanharam a chegada dos jesuítas. Neste processo, o ensino das letras vinha acompanhado pelo estudo da Filosofia, da Teologia e das Ciências Sagradas.

O processo pedagógico jesuítico foi interrompido em 1759, época em que o Marquês de Pombal expulsou todos os jesuítas do Brasil. A expulsão fez com que a educação brasileira vivenciasse uma grande ruptura histórica no processo que foi implantado e que estava consolidado a partir do modelo educacional jesuítico. As aulas régias criadas por Pombal representaram um atraso no processo educacional da Colônia. Elas, além de serem autônomas e isoladas, não permitiam que os professores articulassem um conteúdo com o outro e também uma disciplina com a outra. Pombal reduziu a educação brasileira a nada e desmantelou o ensino na Colônia.

Um novo momento educacional brasileiro foi vivenciado quando D. João VI chegou ao Brasil. Se antes a realidade sincrética (principalmente no período pombalino) dominava o campo educacional, agora o monarca tentará organizar minimamente o sistema educacional brasileiro. O resultado não foi dos melhores, mas a colônia Brasil se torna conhecida ao mundo. As academias militares, as

---

<sup>32</sup> O saber ler e escrever ainda hoje é um aspecto positivo do processo de aprendizagem. A compreensão é uma consequência do saber ler e escrever. Os alunos que atingem esta maturidade intelectual têm mais facilidades para se libertarem das ideologias e compreenderem melhor o mundo em que habitam.

escolas de Direito e Medicina, a Biblioteca Real, o Jardim Botânico e a Imprensa Régia foram fatores que contribuíram para tornar este pedaço de chão conhecido internacionalmente. Neste período ocorreu a *Abertura dos Portos* às nações amigas. Este ato contribuiu para que o Brasil se tornasse conhecido e também conhecesse outras culturas. Muitos interesses ideológicos estiveram envolvidos com este ato do Imperador D. João VI.

Com a proclamação da Independência do Brasil e com a outorga da primeira constituição, a instrução primária e gratuita passou a ser preconizada a todos os cidadãos. Neste período, temos a introdução do Método Lancaster<sup>33</sup> no processo educativo, a descentralização da educação e também, como fator positivo, a criação da Academia Imperial de Belas Artes. Estas tentativas não deram bons resultados e em todo o período do Império pouco se fez pela educação brasileira.

Veio a Proclamação da República (1889) e até 1929 tivemos poucos avanços significativos no campo educacional. Foram inúmeras reformas educacionais, ora com avanços das influências positivistas, ora com retrocessos. Foi um período conturbado e em que a década de 20 foi bastante singular, pois tivemos diversos movimentos culturais, políticos e educacionais. A síntese destes movimentos talvez esteja na Semana de Arte Moderna de 1922 e na fundação do Partido Comunista do Brasil no mesmo ano.

Com a Revolução de 30, tivemos o ingresso do Brasil no modelo capitalista de produção. Surgiram os investimentos no mercado interno e a potencialização da produção industrial. Os investimentos em educação do período estavam atrelados à demanda do mercado: formar uma mão-de-obra qualificada e que servisse aos interesses econômicos do país. É neste contexto que surge a “Reforma Francisco Campos”; ela determina a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública e

---

<sup>33</sup> Na historiografia ficou conhecido como Método de Ensino Mútuo, Método Monitorial, Método Inglês de Ensino, Método de Lancaster, Método Lancasteriano de Ensino e também como Sistema de Madras. Lancaster amparou seu método no ensino oral, no uso refinado e constante da repetição e, principalmente, na memorização, porque acreditava que esta inibia a preguiça, a ociosidade, e aumentava o desejo pela quietude. Em face desta opção metodológica ele não esperava que os alunos tivessem “originalidade ou elucubração intelectual” na atividade pedagógica, mas disciplinarização mental e física. Em Lancaster, o principal encargo do monitor não estava na tarefa de ensinar ou de corrigir os erros, mas sim na de coordenar para que os alunos se corrigissem entre si. Para Lancaster, os monitores eram os responsáveis pela organização geral da escola, da limpeza e, fundamentalmente, da manutenção da ordem, outra tarefa relevante do monitor lancasteriano. Diferentemente de Comênius, Lancaster defendia uma proposta disciplinar de instrução, relacionada a disciplinarização da mente, do corpo e no desenvolvimento de crenças morais próprias da sociedade disciplinar, e não na independência intelectual.

também a organização do ensino secundário e das primeiras universidades brasileiras. Já em 1932, ocorreu o lançamento do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, documento este redigido por Fernando de Azevedo e assinado por importantes educadores da época.

O fato mais importante para a educação surge em 1934: a declaração de que a educação é um direito de todos e que deve ser ministrada pela família e pelos Poderes Públicos. Este fato deve ser destacado, pois o mundo já tinha vivenciado a Primeira Guerra Mundial, a Revolução Soviética ou Russa, a Crise de 1929 e o Brasil somente agora é que teoricamente passaria a valorizar publicamente a educação. A primeira universidade foi criada em 1934 no estado de São Paulo e foi regida pelas normas do Estatuto das Universidades Brasileiras de 1931.

Com relação à educação, temos outro fato particular em 1935; neste ano Anísio Teixeira criou uma Faculdade de Educação na qual se situava o Instituto de Educação. Aqui precisamos fazer duas observações: a) o criador desta Faculdade de Educação não era educador de origem (ele era médico de formação, Paulo Freire, era advogado); b) somente a partir deste ano é que formalmente teremos um Instituto responsável pela educação dos futuros mestres. Pode ser que aqui encontraremos a raiz de nosso atraso no campo educacional e que esteve presente em décadas consecutivas. Neste curto espaço de tempo, tivemos interessantes realizações educacionais advindas do Estado.

Em sintonia com os ventos ditatoriais internacionais, a Carta/Constituição de 1937 fez com que as discussões sobre educação entrassem num período de crise. Neste cenário, temos uma clara distinção entre o trabalho intelectual e o trabalho material. O primeiro foi destinado às classes mais favorecidas; o segundo, às classes pobres e desfavorecidas. Este é um caráter da ideologia da competência: os bem dotados podem estudar e comandar; os trabalhadores trabalham desde cedo e deverão respeitar as ordens dos chefes. Em 1942, temos a criação do SENAI como elemento determinante de valorização do ensino profissional.

Ao final da Segunda Guerra Mundial e com a decadência do Estado Novo, o Brasil adota uma nova Constituição e esta tem um cunho liberal e democrático. Ela determina obrigatoriedade de se cumprir o ensino primário e dá competência à União para legislar sobre diretrizes e bases da educação nacional. Esta Carta retoma a idéia dos Pioneiros da Educação e afirma a educação como direito de todos. Em 1961, temos a promulgação da Lei 4.024 em que os interesses da Igreja

Católica e dos donos de estabelecimentos particulares prevaleceram; os defensores do monopólio estatal da educação brasileira foram derrotados.

Neste período, precisamos destacar o ano de 1961, pois é nele que temos o começo da campanha de alfabetização inspirada na didática de Paulo Freire (alfabetizar adultos em 40 dias). E, em 1962, foram criados o Plano Nacional de Educação e o Programa Nacional de Alfabetização pelo Ministério da Educação e Cultura e estavam inspirados no Método Paulo Freire. Temos que sintonizar os leitores que dois anos mais tarde o Brasil enfrentaria a repressão militar e estes debates hibernariam por um longo período de mais de 20 anos. O que podemos afirmar é que o início da década de 1960 foi muito fértil em debates em torno dos diferentes temas sociais, culturais, educacionais e políticos.

O período da Ditadura Militar (1964-1985) abortou as iniciativas em torno da educação brasileira: tudo parecia cheirar ameaça comunista e subversiva. Muitos professores e estudantes foram presos, feridos e mortos. O Decreto-Lei 477 calou a boca de alunos e de professores. Foi o período em que surgiu o MOBRAL<sup>34</sup> e também a instituição da Lei 5.692, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. O ano era 1971 e o cunho desta lei era eminentemente profissionalizante. Esta guinada profissionalizante é compreensível, pois o Brasil atravessava um período de expansão industrial e também de um ligeiro crescimento econômico. Foi um período em que os índices de crescimento da economia foram os maiores da história. O que é importante destacar é que no período ocorreu a concentração de renda nas mãos de poucos. Neste cenário é que entendemos a frase de um dos presidentes militares que dizia: *“O Brasil vai bem, mas o povo vai mal”*. Foi um período em que começou a surgir o debate sobre a necessidade de partilhar o “bolo” do crescimento econômico. Pelos números publicados na imprensa nacional no mês de julho de 2008 vemos que agora é que começou a diminuir de uma forma interessante a desigualdade social no Brasil.

Em 1986 o Brasil teve um novo período político, denominado de Nova República. A reflexão em torno das questões educacionais havia perdido o sentido pedagógico e assumido um caráter político e é neste cenário que foram enviados à Câmara dos Deputados diferentes projetos com a intenção de criar uma nova LDB ao país. O projeto que acabou prevalecendo foi o apresentado pelo Senador Darcy

---

<sup>34</sup> Movimento Brasileiro de Alfabetização. O objetivo era acabar/erradicar o analfabetismo do Brasil, mas não conseguiu. Mais tarde surge a Fundação Educar.

Ribeiro e em 1996 temos a aprovação da nova LDB 9394/96. Esta lei foi aprovada oito anos depois do Deputado Octávio Elísio ter apresentado o seu projeto de uma nova LDB, em 1988.

No governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, tivemos o senhor Paulo Renato de Souza como ministro da Educação. Ele era um economista de origem e esta visão ele implantou no Ministério. Em sua gestão, criou o Conselho Nacional da Educação e a partir disso é que começa a execução de diferentes projetos na área da educação. A quantidade de projetos apresentados nesta gestão é incomparável com as demais ao longo de toda a história política e administrativa do país. Neste período é que o governo criou o “Provão” para avaliar os cursos e isto foi muito contestado em todo o país. A partir da nova LDB e da gestão implementada pelo então ministro Paulo Renato de Souza, temos a privatização da educação e o sucateamento das universidades públicas federais. Os primeiros anos do governo Lula estão sendo marcados por iniciativas de rever e revalorizar os espaços públicos educacionais, mas ainda sentimos necessidade de uma política educacional mais clara, tanto a nível fundamental, médio e superior.

Em uma rápida retrospectiva, podemos dizer que o caráter da educação brasileira tem uma intencionalidade: manter o “status quo”. É um processo que não contempla a idéia de oferecer conhecimentos básicos e críticos à população das camadas inferiores para serem aproveitados ao longo da vida; no fundo, o que se quer é produzir mão-de-obra eficiente ao modo de produção capitalista com o caráter de reproduzir as relações de produção presentes na sociedade.

Precisamos pensar a educação como uma possibilidade a partir da qual os cidadãos e as cidadãs irão desenvolver as diferentes capacidades de crítica e de luta por uma nova sociedade, uma sociedade com mais justiça social, com mais humanidade e com mais democracia. Esta deverá ser a finalidade da educação<sup>35</sup>:

A educação tem de servir para formar uma boa cidadania, não para se enriquecer mais às custas dos outros, o que é uma demanda consubstancial aos modelos produtivos capitalistas. Não podemos esquecer que nossas sociedades de mercado só contemplam o envolvimento dos cidadãos na sociedade como estratégia para obter benefícios econômicos, e não se importam se, para isso, for necessário explorar outros seres

---

<sup>35</sup> Em Carneiro, 1998, p. 33-34 podemos ler que a finalidade da educação é de natureza tríplice: a) O pleno desenvolvimento do educando; b) Preparo para o exercício da cidadania; c) Qualificação para o trabalho. Estes aspectos aparecem em nosso texto e quem quiser maiores informações pode consultar o livro indicado, pois neste o autor trabalha ancorado no Artigo 5º da Constituição brasileira.

humanos. Mas a educação pode reforçar esse modelo de conduta se mercantilizarmos também as finalidades e a razão de ser do projeto de instrução (SANTOMÉ, 2003, p. 160).

O processo de privatização que aconteceu no Brasil nas últimas décadas e que atingiu a educação não pode mais continuar sem a participação das diferentes entidades que trabalham e pensam a educação. Este é um fato que faz parte da história da educação brasileira e que precisa ser bem pensado, caso contrário, teremos muitos excluídos do processo e, em última instância, o mercado se apoderará ainda mais de parte significativa da sociedade. Dentro desta lógica, a concretização da cidadania e da democracia ficará seriamente afetada.

O que falta é a introdução de um processo público em que a qualidade seja valorizada e que os estudantes, de fato, possam encontrar meios ou métodos para aprenderem o que a escola quer ensinar. Se isto for materializado não precisaremos mais conviver com dados semelhantes aos revelados em 2002: 59% dos estudantes que concluíram a 4ª **série do Ensino Fundamental** não sabiam ler e escrever. Na cidade de Igrejinha, os dados revelados pelas diferentes avaliações nacionais e estaduais realizadas não são nada animadores: estamos apenas na média da educação nacional e estadual e isto nos desafia a pensarmos políticas públicas educacionais.

Estamos longe de erradicar o analfabetismo em nosso país. Precisamos implantar uma política que atenda toda população brasileira e que, acima de tudo, seja eficiente e eficaz. Este é um dos nossos grandes desafios.

#### 4. O FENÔMENO MATERIAL EM ESTUDO

Nessa tese investigamos um fenômeno material social<sup>36</sup>, localizado dentro de um espaço e dentro de um tempo<sup>37</sup> bem específicos e que está vinculado com a nossa história profissional<sup>38</sup>.

Entendemos que a formação e a prática profissional dos educadores de Igrejinha das últimas décadas é um fenômeno que está fora da consciência e por isso permite que o analisemos; sabemos que é social e educacional este fenômeno, pois envolve professores e professoras que direta ou indiretamente trabalham com alunos e com uma comunidade escolar (no caso todos os pais/responsáveis e os alunos da rede pública de ensino de Igrejinha, RS). Todos os profissionais das escolas estão ligados a esta realidade que estamos investigando.

É interessante destacar neste momento que este fenômeno está em movimento<sup>39</sup> e, em transformação e, por isso, se relaciona e se liga com outros fenômenos sociais e educacionais. Neste processo, devemos considerar as realidades estadual e nacional já que exercem influências sobre os diferentes processos pedagógicos que estão sendo desenvolvidos na cidade de Igrejinha.

Para o materialismo dialético e histórico, a natureza humana não é algo de eterno e imutável, mas um produto das condições históricas, sociais,

---

<sup>36</sup> A matéria é uma categoria filosófica que serve para designar a realidade objetiva dada ao homem por meio de suas sensações, que a copiam, a fotografam, a refletem e que existe independentemente das suas sensações (CHEPTULIN, 1982, p. 67 e 68).

Na mesma página ainda encontramos um dado importante: "O relevo dado ao fato de que a matéria é uma realidade objetiva, existente fora e independentemente da consciência, distingue a idéia marxista da matéria das concepções idealistas" (CHEPTULIN, 1982, p. 68)

<sup>37</sup> O espaço é uma forma de ser da matéria, que expressa sua extensão e estrutura, a coexistência e a interação dos elementos dos distintos sistemas materiais. O tempo é uma forma de ser (ou atributo) da matéria que caracteriza a duração da existência de todos os objetos e a ordem de sucessão de estados (CAMPOS, 1988, p. 58).

<sup>38</sup> Segundo Triviños, "Do ponto de vista instrumental, prático, parece-nos recomendável que o foco de pesquisa de um estudante de pós-graduação deve estar essencialmente vinculado a dois aspectos fundamentais: 1º) O tópico de pesquisa deve cair diretamente no âmbito cultural de sua graduação [...]; 2º) O assunto deve surgir da prática cotidiana que o pesquisador realiza como profissional" (TRIVIÑOS, 1987, p. 93). Durante 11 anos lecionamos no Ensino Fundamental e Médio (1990 a 2000), momento em que conseguimos vivenciar inúmeras experiências com professores e alunos; hoje estamos trabalhando na graduação (cursos superiores) das Faculdades de Taquara e na UCS (Universidade de Caxias do Sul – RS). Cremos que o vínculo é bastante grande e isto abre importantes janelas para a nossa investigação.

<sup>39</sup> Quando falamos do movimento estamos retomando a filosofia de Heráclito, pois para ele tudo era movimento; nesta visão temos que destacar superficialmente o antagonismo apresentado por Parmênides, pois para este as coisas eram estáticas: "o ser é". Para Heráclito "ninguém se banha duas vezes nas águas do mesmo rio"; por trás desta visão é que estão os princípios filosóficos dos materialistas dialéticos: as coisas passam por um processo eterno de desenvolvimento e transformação.

políticas e econômicas de cada época. A consciência social, que é “um conjunto de idéias, valores morais e religiosos, costumes etc.” existentes em cada época histórica e determinada pelas relações que os homens estabelecem entre si na produção de sua vida material determina o ser social do homem, ou o que comumente se denomina “natureza humana” (CAMPOS, 1988, p. 106).

As relações e ligações existentes entre estes fenômenos são destacadas ao longo desta investigação. Ao trabalharmos a idéia de *movimento* estamos em sintonia com o método dialético, pois este, “*ao contrário do método metafísico, admite que todos os fenômenos são processos e não coisas perfeitas e acabadas*” (CAMPOS, 1988, p. 53). Este autor destaca que “*o traço mais característico do materialismo dialético é seu espírito crítico e revolucionário*”<sup>40</sup>. Também destacamos a estreita ligação existente, no materialismo dialético, entre a teoria e a prática; esta característica, segundo Campos, 1988, “*é a expressão mais elevada do materialismo dialético e é por meio da atividade prática que se demonstra a exatidão dos princípios teóricos*”.

A preocupação em resolver a cisão entre teoria e prática também está presente em inúmeras publicações oficiais do governo brasileiro e de outros organismos internacionais; no PRASEM III<sup>41</sup> lemos que

[...] é preciso dar solução definitiva à dicotomia entre teoria e prática nos cursos. Há muito tempo os estágios dos estudantes, embora importantes não têm dado conta dessa necessária integração. Os cursos de formação não preparam suficientemente os futuros profissionais para a adequada inserção nas escolas e órgãos da educação. Os currículos, no mais das vezes, consideram imensas cargas teóricas (necessárias, é verdade), mas não fazem a ponte para sua aplicação na prática. Há problemas também graves na formação em conteúdo. Os cursos superiores de formação para o magistério em educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental [...] oferecem carga mínima de conhecimentos nas áreas curriculares básicas (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências e Estudos Sociais) e excesso de conteúdos nas disciplinas pedagógicas e afins (RODRIGUES, GIÀGIO, 2001, p. 188).

Este é um problema que preocupa a imensa maioria dos profissionais da educação e também os diferentes segmentos da sociedade, pois são muitas as esperanças depositadas sobre a futura profissão dos egressos dos cursos técnicos,

---

<sup>40</sup> Neste sentido é que devemos reforçar a tese de que a partir da visão dialética é que podemos refletir na consciência aquilo que ocorre diariamente dentro do cenário real e material das escolas; esta visão revolucionária também se apresenta como um desafio aos professores, pois estes devem estar permanentemente refletindo sobre o seu fazer cotidiano.

<sup>41</sup> Programa de Apoio aos Secretários Municipais de Educação.

profissionalizantes e superiores. O que ouvimos muitas vezes é a seguinte expressão: *o jovem possui teoria, mas peca nos aspectos práticos*; é a velha cisão entre a dimensão teórica e prática. Os alunos não possuem a *práxis*, a articulação entre o saber teórico e o fazer prático.

Uma preocupação esteve presente em nossos estudos: observar como é que ocorre a relação entre os aspectos teóricos dos profissionais da educação e sua prática profissional (sua atividade prática, cotidiana); procurar compreender a prática dos profissionais<sup>42</sup> da educação a partir da formação que eles tiveram é um importante passo, pois eles podem ter um discurso que preconiza a transformação e a emancipação humana, mas sua prática pode não corresponder com aquilo que eles falam/dizem e fazem. Esta pode ser uma contribuição valiosa capaz de nortear futuras ações dos executores de políticas públicas no Vale do Paranhana<sup>43</sup>. É com este espírito que investigamos este fenômeno material social.

Este esforço que estamos fazendo para compreender a relação existente entre teoria e prática está em sintonia com as reflexões feitas pelo professor Saviani. Ele afirma o seguinte:

[...] a prática será tanto mais coerente e consistente, será tanto mais qualitativa, será tanto mais desenvolvida quanto mais consistente e desenvolvida for a teoria que a embasa, e que uma prática será transformada à medida que exista uma elaboração teórica que justifique a necessidade da sua transformação e que proponha as formas da transformação, estamos pensando a prática a partir da teoria. Mas é preciso fazer o movimento inverso, ou seja, pensar a teoria a partir da prática, porque se a prática é o fundamento da teoria, seu critério de verdade e sua finalidade, isto significa que o desenvolvimento da teoria depende da prática. (SAVIANI, 2003, p. 107-108).

Ao lermos estas reflexões feitas por Saviani nos convencemos, de fato, de que este processo imbricado que deve existir entre teoria e prática é muito importante para os educadores e também para os diferentes profissionais. Existem situações nas quais a materialização desta relação pode ser prejudicada em decorrência da inexistência de alguns fatores:

---

<sup>42</sup> Ao falar da prática profissional dos educadores estamos nos referindo ao fazer diário dos professores; este fazer pode ocorrer dentro da sala de aula ou em outras atividades correlacionadas com o processo do ensino e da aprendizagem. Deixar claro o significado desta categoria pode ser importante aos que lêem este trabalho.

<sup>43</sup> Região do Estado do Rio Grande do Sul que compreende e envolve os municípios de Igrejinha, Parobé, Taquara, Rolante, Riozinho, Três Coroas e Nova Hartz.

[...] como as condições de desenvolvimento da prática são precárias, também se criam óbices, criam-se desafios ao desenvolvimento da teoria, e isto num duplo sentido: num primeiro sentido, na medida em que, se a prática que fundamenta a teoria e que opera como seu critério de verdade e sua finalidade tem um desenvolvimento precário, enfrentando no âmbito de sua materialidade entraves complexos, ela coloca limites à teoria, dificultando o seu avanço; num segundo sentido, na medida em que as condições precárias da prática provocam a teoria encontrar as formas de compreender esses entraves e, ao compreendê-los, buscar os mecanismos efetivos e, portanto, também práticos, formulando-os com a clareza que a teoria exige, tendo em vista a sua mobilização para a transformação efetiva dessas mesmas condições (SAVIANI, 2003, p. 108).

Pudemos verificar que a afirmação anterior ocorre e se materializa nas escolas públicas de nossa cidade, pois, de fato, as condições ou recursos humanos e físicos precisam ser melhorados significativamente em nossas escolas. Enquanto isto não for feito estaremos convivendo com este duplo prejuízo.

É importante destacar o que diz Triviños em seu livro *“Bases teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa em ciências sociais – idéias gerais para a elaboração de um Projeto de Pesquisa”*: “[...] a realidade é um conjunto infinito de fenômenos materiais e espirituais que estão em perpétua transformação, em movimento”(TRIVIÑOS, 2001, p. 42). Neste conjunto infinito de fenômenos materiais e espirituais o investigador deve isolar<sup>44</sup> um e trabalhar profundamente para ter uma compreensão aprofundada do mesmo; esta parte corresponde à delimitação do fenômeno de pesquisa. Ao isolar o fenômeno de pesquisa, estamos tomando uma parte da realidade para procedermos a investigação; esta parte isolada está ligada e relacionada com outras tantas partes que entram em contato durante o desenvolvimento do fenômeno<sup>45</sup>. No caso formação e prática dos professores de Igrejinha está ligada e relacionada à prática e à formação de outros tantos professores que se voltam ao fenômeno educação.

Em nossa investigação procuramos, de fato, isolar o fenômeno educação pública na cidade de Igrejinha, fazer a delimitação do mesmo e trabalhar as categorias para ampliar as condições para descrever e compreender esta realidade singular. Este processo é importante e está em harmonia com a seguinte visão: o

---

<sup>44</sup> Dentro de nossa compreensão, este processo será feito por nós, pois ao optarmos pela educação pública municipal e estadual de Igrejinha já estamos sinalizando que é este o objeto de nosso estudo e é disto que trataremos. É claro que este “isolar” não vai nos deixar cegos para as coisas que acontecem com o geral do processo pedagógico e educacional da cidade de Igrejinha e do próprio estado do Rio Grande do Sul.

<sup>45</sup> O isolamento do fenômeno material acontece no plano da abstração; ao analisarmos o fenômeno material não o retiramos do contexto, do seu campo – o que fazemos é refletirmos sobre o mesmo a partir da abstração.

homem é o grande responsável pela produção de sua natureza. É a partir do trabalho educativo que a humanidade é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. A produção é não-material e coincide com a produção do saber. É a partir deste (saber) que os homens apreendem o mundo e expressam a visão daí decorrente de diferentes formas.

No Fórum Mundial de Educação temos uma reflexão interessante sobre a missão da escola; o debate teve como síntese algumas colocações de Frigotto e de Jean-Marie Maillard sobre a missão da escola: ambos afirmaram que a missão da escola é formar cidadãos completos. Além destas colocações, Frigotto destacou que *o trabalho é uma relação que o homem tem com os seus meios de vida. É a partir do trabalho que nós produzimos todas as coisas para a nossa existência*

Na educação este processo é importante e necessita ser trabalhado para entendermos o processo de crescimento e de desenvolvimento dos indivíduos que sempre estão inseridos dentro de uma totalidade histórica. É o homem que nasce dentro de uma história e, com suas ações, procura transformá-la. Em Saviani, acompanhamos uma interessante reflexão que enaltece a importância do trabalho educativo e que está em sintonia com o que estamos fazendo em nossa tese. O autor diz o seguinte:

[...] o homem não se faz naturalmente; ele não nasce sabendo ser homem, vale dizer, ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir. Para saber pensar e sentir; para saber querer, agir ou avaliar é preciso aprender, o que implica o trabalho educativo. Assim, o saber que diretamente interessa à educação é aquele que emerge como resultado do processo da aprendizagem, como resultado do trabalho educativo. Entretanto, para chegar a esse resultado a educação tem que partir, tem que tomar como referência, como matéria-prima de sua atividade, o saber objetivo produzido historicamente (SAVIANI, 2003, p. 7).

As colocações anteriores serviram para orientar a escolha deste tema, haja vista que os professores possuem uma formação que está inserida dentro de uma totalidade e também suas práticas estão perpassadas por variáveis que direta ou indiretamente favorecem ou dificultam as suas ações. Este é um processo, não natural, e que ao longo desta pesquisa estamos aprendendo permanentemente, contando com o auxílio de todos os saberes construídos a partir de diferentes relatos existentes.

## 5. A TEORIA QUE ORIENTA NOSSA PESQUISA

A realização desta pesquisa/tese está inserida dentro de uma totalidade histórica<sup>46</sup>; dentro desta visão é importante utilizarmos uma teoria para fazermos a descrição, interpretação, explicação e compreensão da mesma. Esta tem sido a provocação e os desafios lançados por Triviños em todos os seminários nos quais pudemos participar. A insistência dele em nos “alfabetizar teoricamente” converge com as idéias de Paulo Freire:

Freire afirma a educação como um ato político, negando sua suposta neutralidade. Para ele, toda prática educativa envolve uma postura teórica por parte do educador. Postura esta, que implica numa concepção dos seres humanos e do mundo (SOUZA, 2001, p.104).

Vemos então que todo processo de alfabetização e, em nosso caso, o processo de investigação (pesquisa), com todos os métodos, técnicas e textos revela uma filosofia do ser humano e, além disso, uma opção política, explícita ou disfarçada<sup>47</sup>. Neste aspecto, estamos criticando a visão positivista, pois ela preconiza a neutralidade/imparcialidade do investigador frente ao objeto investigado. No desenvolvimento de uma pesquisa questionamos nossos valores e os valores sociais vigentes; eles fazem parte da pesquisa tanto nos aspectos objetivos quanto nos subjetivos. O indagar e o questionar são atitudes que herdamos do método socrático.

Ao conversarmos com professores, notamos que existe certa confusão entre a questão da neutralidade do conhecimento e das teorias pedagógicas. Nesta parte do relatório é interessante esclarecer que existe também certa confusão entre a questão ideológica e a questão gnosiológica do conhecimento. Para explicitar isto iremos nos apoiar em Saviani. O autor faz a seguinte colocação acerca deste debate:

---

<sup>46</sup> Neste processo histórico devemos considerar as mudanças locais, regionais, nacionais e internacionais. Dele fazem parte as leis, as oscilações econômicas, o processo de migração das últimas décadas fruto do êxodo rural e também considerar muito as crises quase permanentes do setor coureiro-calçadista. Sem estes elementos fica muito difícil falar de contexto histórico e de realidade; sabemos que existem outros elementos que poderíamos citar aqui.

<sup>47</sup> Uma idéia que temos a partir deste projeto de pesquisa é compreendermos a opção política dos professores e a relação desta com os discursos feitos; esta questão é levantada por muitos autores e sentida por nós, pois muitos professores aparentemente são progressistas (no discurso), mas sua prática pedagógica é bastante conservadora. Triviños destacou isto inúmeras vezes quando mencionava que alguns professores que fazem discursos construtivistas, na verdade, em sala de aula, são professores tradicionais.

[...] a questão da neutralidade (ou não-neutralidade) é uma questão ideológica, isto é, diz respeito ao caráter interessado ou não do conhecimento, enquanto a objetividade (ou não-objetividade) é uma questão gnosiológica, isto é, diz respeito à correspondência ou não do conhecimento com a realidade à qual se refere. Por aí se pode perceber que não existe conhecimento desinteressado; portanto, a neutralidade é impossível. Entretanto, o caráter sempre interessado do conhecimento não significa a impossibilidade da objetividade (SAVIANI, 2003, p. 57).

Este panorama demonstra também que a opção valorativa está imbricada com a forma como compreendemos os homens no mundo e com o mundo; aqui é importante destacar o projeto de sociedade que pretendemos construir. Podemos considerar que, além do aspecto político aqui expresso, também está implicada e imbricada a dimensão ética (a nossa responsabilidade, nossa reflexão e nossa coerência entre tendência pedagógica, discurso e atuação nos diferentes espaços e nos movimentos sociais). Paulo Freire também falou do sentido do projeto:

A relação entre a consciência do projeto proposto e o processo no qual se busca sua concretização é a base da ação planejada dos seres humanos, que implica em métodos, objetivos e opções de valor (FREIRE, 1982, p. 43).

Já afirmamos que a realização de nossa pesquisa está situada dentro de uma totalidade histórica. A análise do fenômeno material social *formação e prática dos educadores da rede pública municipal e estadual de Igrejinha, RS, nas últimas décadas* segue um *paradigma*<sup>48</sup> bem definido; segundo Triviños, paradigma, em geral, é “um conjunto de idéias básicas que devemos ter presente no momento em que queremos iniciar uma pesquisa”<sup>49</sup> (TRIVIÑOS, 2001, p. 45). Dentre as idéias básicas aqui trabalhadas encontramos a teoria<sup>50</sup>. A teoria é uma *perspectiva*; é um modo de ver a realidade ou uma lente que utilizamos para analisar o fenômeno de pesquisa<sup>51</sup>.

<sup>48</sup> “Considero “paradigmas” as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 2000, p. 13)”.  
<sup>49</sup> Queremos utilizar as categorias do Materialismo Histórico e as categorias do Materialismo Dialético para desenvolver a nossa tese.

<sup>50</sup> ...teoria [...] um conjunto de conceitos que serve para descrever, interpretar, explicar e compreender os fenômenos da realidade (TRIVIÑOS, 2001, P. 44).

<sup>51</sup> Triviños em seu polígrafo de agosto de 2005, segunda parte, página 5 afirma que “A teoria, como conjunto de conceitos que serve para descrever, interpretar, explicar e compreender a realidade social, representa o mais elevado conhecimento que o ser humano pode obter dos fenômenos materiais”.

Os saberes que orientaram a presente tese correspondem aos aspectos epistemológicos e ligam-se aos conceitos<sup>52</sup> e categorias estabelecidas pela teoria e que seguimos para a realização de nossa pesquisa.

Ao investigarmos a formação dos educadores de Igrejinha nas últimas décadas e também sua prática de ensino, temos a necessidade de estabelecer relações com o projeto nacional que está se desenvolvendo atualmente; nesta visão que contempla a totalidade, vemos que o Brasil passa por profundas transformações econômicas, sociais, políticas, culturais e estruturais. Dentro deste cenário, a educação está sendo profundamente afetada<sup>53</sup>. A formação dos profissionais da educação, por sua vez, passa por crises e contradições.

Neste cenário é que destacamos uma segunda idéia do paradigma que orienta a nossa investigação: o *aspecto ontológico* ou “*a imagem que temos da realidade que estudaremos*” (TRIVIÑOS, 2001, p. 45). Neste ponto, destacamos que vemos o fenômeno de nossa tese perpassado por movimentos e transformações profundas e permanentes<sup>54</sup>. Para corroborar esta idéia é que aprofundamos as mudanças das leis que regem e regeram a educação brasileira nas últimas décadas e também as mudanças ocorridas nas leis que regem a educação da própria cidade de Igrejinha. Além destas mudanças, apresentamos as mudanças econômicas, sociais, políticas, culturais e estruturais que têm atingido o Brasil nas últimas décadas<sup>55</sup>. A descrição destas mudanças é fundamental para a compreensão do nosso objeto de estudo.

As categorias filosóficas<sup>56</sup> da dialética<sup>57</sup> materialista traçaram o roteiro que utilizamos para conhecermos a realidade; elas constituem o *aspecto metodológico* de nossa pesquisa.

---

<sup>52</sup> Os conceitos são expressões da essência dos fenômenos materiais. (Idem, ibidem)

<sup>53</sup> Iremos trabalhar esta situação em um capítulo específico.

<sup>54</sup> Aqui estamos falando do aspecto ontológico (compreendendo este como a realidade – ser - que está sendo investigada).

<sup>55</sup> *O movimento é a forma de existência da matéria.* Quando analisamos ou estudamos o mundo que nos rodeia, percebemos que nada existe de imutável e eterno, que tudo se encontra em movimento, passando de uma forma à outra. (CAMPOS, 1988, p. 57).

<sup>56</sup> Para Cheptulin, 1982, as categorias filosóficas refletem as propriedades essenciais, universais e comuns a todos os objetos, fenômenos e coisas. Em outras palavras, dos objetos que abrange e não se refere a um objeto, ou a um grupo maior ou menor de objetos, fenômenos ou coisas.

<sup>57</sup> Segundo **BOTTOMORE**, 1983, p. 259, o componente dialético afirma que a realidade concreta não é uma substância estática numa unidade indiferenciada, mas uma unidade que é diferenciada e especificamente contraditória: o conflito de contrários faz avançar a realidade num processo histórico de transformação progressiva e constante, tanto evolucionária como revolucionária, e, em suas transformações revolucionárias ou descontínuas, dá origem à novidade qualitativa autêntica. É como esse novo emergente que o espírito é compreendido por essa versão materialista da dialética. No

Sendo o reflexo das formas universais do ser e das relações que se manifestam no mundo material e no conhecimento, as categorias e as leis da dialética permitem a formulação dos imperativos, aos quais devem se submeter a atividade do pensamento e a atividade prática. Esses imperativos constituem os princípios do pensamento dialético, do método dialético, do conhecimento e da transformação criativa da realidade (CHEPTULIN, 1982, p. 2).

A opção pelo paradigma da *teoria crítica* nos faz ver a realidade como um processo em movimento e em desenvolvimento, em transformação e em contradição. Dentro de nossa tese seguiremos estas orientações, pois segundo Triviños

[...] o paradigma da teoria crítica fala de um realismo histórico constituído por valores sociais, políticos, culturais, educacionais, éticos e de gênero, em constante transformação; visando à máxima satisfação das necessidades fundamentais do ser humano, tais como as de fome, saúde, educação, de fraternidade, de igualdade e de liberdade (TRIVIÑOS, 2001, p. 49).

Esta visão proposta pela teoria crítica está inserida dentro de uma realidade, específica e determinada, mas em permanente transformação<sup>58</sup>. Em sintonia com este princípio está o comentário de Silva Junior acerca da Pedagogia Histórico-crítica de Saviani:

[...], é, por conseqüência, a possibilidade de se articular uma proposta pedagógica cujo ponto de referência e de compromisso seja a transformação da sociedade e não a sua manutenção ou, por conseguinte, a sua perpetuação (SILVA JR., 2002, p. 70)

---

nível intelectual mais fundamental da lógica, a natureza contraditória da realidade implica que afirmações contraditórias são verdadeiras em relação à realidade e, conseqüentemente, exigem uma lógica dialética que supere a lógica formal, com seu princípio essencial de não contradição.

Na obra de Karel Kosik lemos que “A dialética não é o método da redução: é o método da reprodução espiritual e intelectual da realidade, é o método do desenvolvimento e da explicitação dos fenômenos culturais partindo da atividade prática objetiva do homem histórico” (KOSIK, 1976, p.32).

<sup>58</sup> [...] a hermenêutica nos recorda que o campo-objeto da investigação social é também um campo-sujeito, ela também nos recorda que os sujeitos que constituem o campo-sujeito-objeto são, como os próprios analistas sociais, sujeitos capazes de compreender, de refletir e de agir fundamentados nessa compreensão e reflexão.[...] Quando o analista social propõe teorias, achados ou interpretações de qualquer tipo, esses resultados se colocam numa situação que podemos descrever como uma relação de apropriação potencial pelos sujeitos que constituem o mundo social. Isto é, esses resultados se colocam numa relação de retroalimentação potencial para com o próprio campo sujeito-objeto, a respeito do qual os resultados são formulados, de uma maneira que não possui paralelo semelhante com as ciências naturais. Os resultados da pesquisa social podem, em princípio, e muitas vezes o são na prática, ser apropriados pelos sujeitos que constituem o campo subjetivo-objetivo sobre o qual esses resultados são formulados, e este campo pode, ele mesmo ser transformado no processo mesmo de apropriação (THOMPSON, 1995, p. 359-360).

É muito importante resgatarmos a compreensão acerca da pedagogia histórico-crítica proposta pelo próprio Saviani. Esta é uma exposição que complementa e acrescenta outro nível de qualidade às reflexões feitas por outros autores:

[...] a passagem da visão crítico-mecanicista, crítico-aistórica para uma visão crítico-dialética, portanto histórico-crítica, da educação, é o que queremos traduzir com a expressão pedagogia histórico-crítica. Esta formulação envolve a necessidade de se compreender a educação no seu desenvolvimento histórico-objetivo e, por conseqüência, a possibilidade de se articular uma proposta pedagógica cujo ponto de referência, cujo compromisso, seja a transformação da sociedade e não sua manutenção, a sua perpetuação. [...] Seus pressupostos, portanto, são os da concepção dialética da história (SAVIANI, 2003, p. 93).

A visão de desenvolvimento do processo educativo é um elemento essencial da proposta de Saviani e isto vemos a partir da seguinte reflexão:

[...] ao pressuposto fundamental do projeto pedagógico de Saviani que aponta a educação, em geral, e a educação escolar, em particular, como práticas sociais produzidas historicamente no interior das relações de classe inerentes ao modo capitalista de produção. Como tal, e reconhecendo os antagonismos das forças em conflito, luta-se, conforme a visão de mundo assumida, para a reprodução das relações sociais até aqui dominantes, ou luta-se pela superação e pela constituição de novas relações sociais (idem, p. 71).

O ponto essencial nesta discussão é a questão acerca da visão de mundo que temos; é ela que impulsiona ou atravança a prática social. Em Saviani, só podemos falar de educação progressista quando pensamos e propomos a transformação social. Neste panorama, a educação e a política aparecem imbricadas. O conceito de prática social está bem trabalhado na LDB e aparece como um importante conceito estruturante no mapa de referência educativa. É desta forma que Carneiro nos apresenta:

**Prática social:** atividade socialmente produzida e, ao mesmo tempo, produtora de existência social. Significa, também, soma de processos históricos determinados pelas ações dos homens (CARNEIRO, 1998, p. 32).

Estes são alguns elementos que estão em sintonia com a pedagogia marxista e convergem com a reflexão feita por Triviños.

Segundo Cambi, os aspectos específicos da pedagogia marxista podem ser indicados como: 1. uma conjunção “dialética” entre educação e sociedade, segundo a qual todo tipo de ideal formativo e de prática educativa implica valores e interesses ideológicos, ligados à estrutura econômica-política da sociedade que os exprime e aos objetivos práticos das classes que a governam (é um grande desafio trabalhar a questão da ideologia com os nossos adolescentes e jovens); 2. um vínculo, muito estreito, entre educação e política (estamos verificando se este vínculo existe entre os professores da cidade de Igrejinha, RS), tanto em nível de interpretação das várias doutrinas pedagógicas, quanto em relação às estratégias educativas voltadas para o futuro, que recorrem (devem recorrer) explícita e organicamente à ação política, à práxis revolucionária; 3. a centralização do trabalho na formação do homem e o papel prioritário que ele vem assumir no interior de uma escola caracterizada por finalidades socialistas (nossa realidade é capitalista); 4. o valor de uma formação integralmente humana de todo homem, que recorre explicitamente à teorização marxista do homem “multilateral”, libertado de condições, inclusive culturais, de submissão e de alienação (teremos que ver se nossa formação atende estes pré-requisitos); 5. a oposição quase sempre decisivamente frontal, a toda forma de espontaneísmo e de naturalismo ingênuo, dando ênfase, pelo contrário, à disciplina e ao esforço, ao papel de “conformação” que é próprio de toda educação eficaz. Estes aspectos são trabalhados na obra de Cambi, nas páginas 255 e 256.

Ao acompanharmos a realidade social e também existencial dos professores e profissionais da educação, percebemos uma clara deteriorização destas condições, pois seus vencimentos/salários estão cada vez menores, conseqüentemente, seu poder de aprimoramento e aperfeiçoamento fica dificultado: uma parte considerável dos profissionais da educação não consegue mais comprar livros, revistas, assinar jornais e dificilmente sobram recursos para esporte e lazer. É aqui que encontramos obstáculos enormes referentes à materialização da proposta marxista de formação multilateral dos homens a partir do processo educativo. Já colocamos neste texto que as contradições concretas e materiais vivenciadas pelos professores são empecilhos à realização profissional e pessoal.

Estas transformações devem ser interpretadas, conhecidas e compreendidas, pois é a partir do conhecimento das mesmas que podemos pensar alternativas razoáveis. Este é um pensamento que Marx trabalha quando diz que *os filósofos devem interpretar o mundo e lutar para transformá-lo.*

E é a partir disto que temos muitos elementos que podem ter contribuído para piorar a situação real e existencial dos trabalhadores da educação. A compreensão desta realidade é fundamental, pois, segundo Marx:

[...] na produção social de sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência (MARX, 2003, p.5).

Na obra *A Ideologia Alemã*, Marx continua falando da importância do fazer e do ser dos homens a partir da produção:

Podemos distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião, por tudo o que se quiser. Mas eles começam a distinguir-se dos animais assim que começam a produzir os seus meios de vida, passo este que é condicionado pela sua organização física. Ao produzirem os seus meios de vida, os homens produzem indiretamente a sua própria vida material. [...] Como exprimem a sua vida, assim os indivíduos são. Aquilo que eles são, coincide, portanto, com a sua produção, com **o que** produzem e também com **o como** produzem. Aquilo que os indivíduos são, depende, portanto, das condições materiais da sua produção (MARX, 2002, p. 15).

As condições materiais possibilitam a compreensão daquilo que os profissionais da educação são e fazem. Por trás desta visão podemos seguir Marx, pois ele diz que “*o homem faz a história, mas dentro de determinadas condições*”. Conhecer as condições nas quais estão inseridos (ou ter consciência desta realidade) já é uma possibilidade de transformação e emancipação que os professores/profissionais da educação podem possuir.

Com relação a estes aspectos estaremos trabalhando a realidade econômica e a influência desta na elaboração dos currículos da educação nacional. Esta descrição será feita em um capítulo especial e nele analisaremos a influência do modelo neoliberal na determinação das políticas públicas através dos currículos.

A investigação desta tese envolve uma cidade contextualizada dentro do Vale do Paranhana; nesta, a grande maioria dos trabalhadores está relacionada com a produção do setor coureiro-calçadista; as crises das últimas décadas influenciaram

profundamente todos os segmentos sociais de nossa cidade; as razões internacionais e nacionais responsáveis pela crise poderiam ser trabalhadas em sala de aula e pelo conjunto dos profissionais da educação de nosso município, mas isto não está acontecendo. Este fato nos preocupa, pois sem o conhecimento profundo das condições materiais nas quais estamos inseridos como é que poderemos vislumbrar saídas para possíveis emancipações? Os professores teriam inúmeros materiais para fazerem uma reflexão interessante com seus alunos, pois, além dos materiais elaborados pelo sindicato da categoria sapateira sobre as sazonalidades do setor, a imprensa local também aborda o tema em diversas publicações.

Ao analisarmos a história, vemos que o capitalismo passou por diferentes fases em seu processo de consolidação e afirmação até chegar à realidade atual. Nesta tese pretendemos destacar principalmente as mudanças relacionadas direta ou indiretamente à *formação e a prática profissional dos trabalhadores da educação*. E é dentro desta totalidade que pretendemos compreender o fenômeno em suas múltiplas relações; também queremos ter uma visão crítica sobre o mundo no qual estamos/estão inseridos estes profissionais a partir do diálogo que estamos tendo com diversos autores e autoras.

Em 1997, Paulo Freire trata a questão da totalidade da seguinte forma:

minha recifidade explicava minha pernambucanidade, que esta esclarecia minha nordestinidade que, por sua vez, clareava minha brasilidade, minha brasilidade elucidava minha latino-americanidade e esta me fazia um homem do mundo (SOUZA, 2001, P. 211).

Em Bottomore, vemos que o conceito dialético de totalidade é dinâmico, refletindo as mediações e transformações abrangentes, mas historicamente mutáveis, da realidade objetiva. Nesta obra o autor cita Lukács:

A concepção dialético-materialista da totalidade significa *primeiro, a unidade concreta de contradições que interagem [...]; segundo, a relatividade sistemática de toda a totalidade tanto no sentido ascendente quanto no descendente (o que significa que toda a totalidade é feita de totalidades a ela subordinadas, e também que a totalidade em questão é, ao mesmo tempo, sobredeterminada por totalidades de complexidade superior...)* e, *terceiro, a relatividade histórica de toda totalidade, ou seja, que o caráter de totalidade de toda totalidade é mutável, desintegrável e limitado a um período histórico concreto e determinado* (LUKÁCS apud BOTTOMORE, 1983, p. 381).

## 5.1 A INFLUÊNCIA DO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

O ponto de partida para compreendermos o fenômeno de estudo é o Capitalismo. Neste modo de produção, encontramos algumas características fundamentais para a compreensão do fenômeno social e educacional que estamos estudando; aqui tomamos a reflexão desenvolvida por Ellen Meiksins Wood<sup>59</sup> para compreendermos alguns traços marcantes do modo de produção capitalista:

[...] o mais significativo do capitalismo não é apenas ele representar o mais alto grau de desenvolvimento das forças produtivas, mas também ser ele o mais alto grau de desenvolvimento da exploração, o último estágio da separação dos produtores dos meios de produção, além do que está a abolição de todas as classes e a reapropriação dos meios de produção por uma “associação livre de produtores diretos” (WOOD, 2003, p. 128).

Nesta citação, encontramos quase que a essência do Capitalismo (modo de produção no qual estão inseridos os profissionais da educação no Brasil). Estas idéias a autora trabalha profundamente na obra *Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico*; continuando a reflexão, destacamos ainda a seguinte idéia da autora:

O capitalismo é constituído pela exploração de classe, mas é mais que um mero sistema de opressão de classe. É um processo totalizador cruel e que dá forma a nossa vida em todos os aspectos imagináveis, e em toda parte, não apenas na relativa opulência do Norte capitalista. [...] ele submete toda vida social às exigências abstratas do mercado, por meio da mercantilização da vida em todos os seus aspectos, determinando a alocação do trabalho, lazer, recursos, padrões de produção, de consumo, e a organização do tempo. E assim se tornam ridículas todas as nossas aspirações à autonomia, à liberdade de escolha e ao autogoverno democrático (WOOD, 2003, p. 224).

Por dar forma a todos os aspectos da vida das comunidades e das pessoas é que deveremos entender a influência do capitalismo neoliberal nas diferentes instituições educacionais, principalmente, a partir das últimas décadas. Todas as políticas implementadas ou implantadas pelos diferentes organismos internacionais nos países pobres do Terceiro Mundo estão dentro desta lógica. No Brasil e, acima

---

<sup>59</sup> Wood nasceu em Nova York, em 1942. Por muitos anos professora de Ciência Política na Universidade York, de Toronto, é autora de vários livros, entre os quais se destacam *A origem do capitalismo* (2001), *Em defesa da história* (organizadora, 1997), *The Pristine Culture of Capitalism* (1992), *The Retreat from Class* (1986), com o qual recebeu o prêmio Deutscher Memorial e *Democracia contra Capitalismo* (1995).

de tudo, no estado do Rio Grande do Sul, acompanhamos uma afronta à dignidade humana: os salários dos professores estão superdefasados. O piso básico de um professor estadual é inferior ao salário mínimo nacional<sup>60</sup> e os pagamentos estão sendo parcelados para uma parte dos professores. Nestes últimos meses estamos acompanhando a tentativa da governadora de enviar um projeto à Assembléia Legislativa do Estado que vai de encontro aos interesses da categoria dos professores (este projeto desencadeou mais uma greve do magistério do RS). Estes elementos nos possibilitam a interpretação e o entendimento acerca da exploração extrema sofrida pelos profissionais da educação <sup>61</sup>, tanto em nível municipal quanto em nível estadual. O capitalismo passou por um processo de profundas transformações; neste processo assistimos mudanças significativas a partir da década de 70 do século passado<sup>62</sup>, mas que se cristalizaram e ou se tornaram hegemônicas mesmo a partir da década de 90. Este novo ordenamento recebeu o nome de *neoliberalismo ou globalização da economia*. É deste momento que precisamos tratar agora, pois aqui se encontra a substância material ou a essência dos problemas relacionados à formação de professores e a prática destes profissionais.

A globalização econômica, segundo Sofia Lerche Vieira<sup>63</sup>, “*é a força motriz da redefinição dos tempos e espaços que estamos vivenciando. Afeta todas as esferas da vida e da produção humana*” (VEIGA, 2002, p. 20). Dentro desta reflexão, a autora reforça a idéia de que a globalização, junto com as novas tecnologias da informação e os processos que ela fomenta, está conduzindo a uma revolução de muitos outros aspectos da vida dos seres humanos: a organização do trabalho, da produção de bens e serviços e nas relações internacionais. Neste cenário é que está inserida a formação dos profissionais da educação e sua prática profissional;

---

<sup>60</sup> No Rio Grande do Sul o vencimento básico dos professores da rede pública estadual era de R\$ 272,70 em junho de 2008. Neste mesmo mês o salário mínimo nacional era de R\$ 415,00. Por estes dados podemos ver a discrepância existente entre os valores.

<sup>61</sup> A questão dos salários baixos perpassa toda a sociedade, pois com a terceirização estamos acompanhando o achatamento dos salários e a perda de todas as garantias ou cláusulas sociais antes tidas pelos trabalhadores; os professores não escapam desta realidade e são vítimas deste modo de produção e de suas técnicas perversas.

<sup>62</sup> Vimos que o Chile foi o laboratório onde se desenvolveu a primeira experiência Neoliberal a partir das orientações vindas dos Estados Unidos e da Inglaterra; ali o Estado passou por profundas restrições (privatização total da sociedade) e as conseqüências desta experiência – “bem sucedida aos olhos dos capitalistas” – se alastraram para outras regiões do planeta; na América Latina muitos países, a partir da década de 90, adotaram estas políticas de diminuição do Estado, das privatizações e do avanço da teoria neoliberal. No Brasil, o governo Collor implantou o processo das privatizações e este processo foi continuado por Itamar Franco e, acima de tudo, Fernando Henrique Cardoso.

<sup>63</sup> Professora titular da Universidade Estadual do Ceará (Uece) e pesquisadora do CNPq.

estes aspectos estão sendo afetados. E é neste sentido que os fundamentos das relações humanas e da vida social estão sendo alterados substancialmente.

Este debate é aprofundado por Atilio A. Boron<sup>64</sup> num texto denominado “Os *“novos Leviatãs” e a polis democrática*”, inserido dentro da obra *“Pós-neoliberalismo II. Que estado para que democracia?”*; nesta obra o autor tece o seguinte comentário:

A saúde, a educação e a seguridade social, por exemplo, deixaram de ser componentes inalienáveis dos direitos de cidadão [dos professores] *grifo nosso* e se transformaram em simples mercadorias intercambiadas entre “fornecedores” e compradores à margem de toda estipulação política (BORON, 1999, p. 9).

A educação transformada em mercadoria não está acessível à grande parte da sociedade dos países periféricos do Terceiro Mundo, pois nestes existe uma parte considerável da população fora da lógica do mercado, portanto, excluída da possibilidade de pagar por estes serviços. Esta realidade é extremamente grave e compromete as possibilidades de emancipação de muitas mulheres e de muitos homens. Com relação a este aspecto Mészáros comenta o seguinte:

No reino do capital, a educação é, ela mesma, uma mercadoria. Daí a crise do sistema público de ensino, pressionado pelas demandas do capital e pelo esmagamento dos cortes de recursos dos orçamentos públicos. Talvez nada exemplifique melhor o universo instaurado pelo neoliberalismo, em que “tudo se vende, tudo se compra”, “tudo tem preço”, do que a mercantilização da educação. Uma sociedade que impede a emancipação só pode transformar os espaços educacionais em *shopping centers*<sup>65</sup>, funcionais à sua lógica do consumo e do lucro (MÉSZÁROS, 2005, p. 16).

Existe uma constatação geral de que a educação pública cede espaço gradativo ao crescimento do sistema privado; junto com este fenômeno, Mészáros destaca que a mídia passou a desempenhar uma função que antes era das escolas. Hoje, então, a socialização é feita pela mídia, pela publicidade e pelo consumo. *“Aprende-se a todo momento, mas o que se aprende depende de onde e de como*

<sup>64</sup> Secretário executivo do CLACSO; professor da universidade de Buenos Aires; PhD em Ciência Política pela Universidade de Harvard; autor das obras: *Império & imperialismo. Una lectura crítica de Michael Hardt y Antonio Negri* (Buenos Aires, CLACSO, 2002), *A coruja de Minerva. Mercado contra democracia no capitalismo contemporâneo* (Petrópolis, Vozes, 2001), *Estado. capitalismo e democracia na América Latina* (São Paulo, Paz e Terra, 1995) e *Filosofia Política Marxista* (São Paulo: Cortez; Buenos Aires: CLACSO, 2002).

<sup>65</sup> Podemos observar os espaços de comercialização de produtos existentes nas “cidades universitárias”, são verdadeiros centros de compras, de praças de alimentação e salas de cinema (verdadeiros *shopping centers*).

*se faz esse aprendizado*” (MÉSZÁROS, 2005, p.16). É interessante destacar que a forma utilizada para aprofundar os temas é diferente, pois a mídia trata superficialmente os temas e de uma forma fragmentada, ao passo que nas instituições de ensino as possibilidades de aprofundamento dos temas tratados são maiores e a visão acerca deles pode ser mais radical, rigorosa e de conjunto.

Podemos dizer que todos os impactos da globalização e do neoliberalismo sobre a educação ainda não foram sentidos e avaliados corretamente. Alguns efeitos da globalização sobre a organização do trabalho são visíveis, mas outros ainda não se materializaram e/ou se exteriorizaram integralmente. Algumas manifestações são feitas e sentidas em discursos em torno do mercado global e de sua exigência produtiva a partir de habilidades de alto nível. A consequência disto encontra-se na flexibilização do trabalho, pois a produção está sujeita às mudanças constantes.

É neste cenário que os trabalhadores necessitam dominar habilidades de alto nível e buscar atualização permanente (cotidianamente), pois seus conhecimentos poderão envelhecer (tornarem-se obsoletos) com uma rapidez inimaginável. É este panorama, segundo alguns críticos, que explica a expansão do ensino superior, pois:

[...] os países em desenvolvimento enfrentam a contingência de aumentar seus gastos com educação, a fim de produzir uma força de trabalho qualificada e apta a atrair os investimentos do capital financeiro internacional. Isso ocorre, justamente, num quadro em que os recursos para os países pobres são mais escassos do que antes (VEIGA, 2002, p. 23).

Mas a idéia de que a qualificação da mão-de-obra<sup>66</sup> é suficiente para atrair novas empresas às economias periféricas é contestada por Wood:

Educação e treinamento são, [...] a principal cura para os males econômicos. Mas não há sinal mais seguro de desespero que a fé nessa solução de cuja eficácia não se tem evidência. Num contexto de desemprego em massa, a lógica de uma teoria que coloca a oferta de mão-

---

<sup>66</sup> O estado do Rio Grande do Sul passou por um debate intenso no final da década de 90 quando o então governador Antônio Britto “abriu os cofres do estado” e concedeu incentivos à GM, uma das maiores empresas automobilísticas do mundo; na ocasião, a cidade de Gravataí e a própria região metropolitana de Porto Alegre não tinham mão-de-obra qualificada, no entanto, em nome dos incentivos fiscais e da localização estratégica, a GM se instalou no RS. Na cidade de Igrejinha temos algo semelhante, pois a Schincariol (cervejaria) também se instalou na cidade sabendo que a mão-de-obra especializada na região estava e está ligada ao setor do couro; neste caso também o que valeu e contou foram os incentivos fiscais e a localização geográfica que é estratégica à empresa.

de-obra qualificada antes da demanda é no mínimo ilusória. Seria razoável supor que, para absorver uma força qualificada recém-criada, fossem criados de repente empregos que não existem por razões estruturais? De qualquer forma, será tão evidente que a maioria dos empregos [...] mesmo nas mais avançadas indústrias de alta tecnologia, exige mesmo treinamento demorado e habilidades que não se adquirem no trabalho? (WOOD, 2003, p.244 e 245).

A autora conclui seu raciocínio colocando um exemplo contundente:

As evidências sugerem que o capital não tem maior probabilidade de gravitar em torno de uma força de trabalho altamente qualificada do que de outra mais barata. De fato, o crescimento atual do desemprego na Alemanha, o modelo de uma economia bem treinada, deve ser o suficiente para lançar dúvidas sobre a solução do treinamento; e lá, exatamente na indústria de alta tecnologia, há sinais de uma tendência a se deslocar as fábricas européias para a Ásia, deixando uma forma de trabalho qualificada, mas “inflexível” para locais onde os custos do trabalho, inclusive pensões e planos de saúde, são menores, e onde há uma “cultura” menos avessa a longas e insalubres jornadas de trabalho, a turnos ininterruptos e a condições de trabalho geralmente piores (WOOD, 2003, p. 244 e 245).

Diante da necessidade de qualificar a sua força de trabalho os países pobres são obrigados a aceitar o jugo tirânico e as regras arbitrárias dos organismos financeiros internacionais. Nesta relação, os países pobres perdem sempre, pois são obrigados a aceitar as contingências de financiamentos que escapam a seu controle interno; estes financiamentos comprometem diversos aspectos do planejamento e do possível desenvolvimento dos países de Terceiro Mundo.

A reflexão que estamos fazendo é aprofundada por Santomé nos seguintes aspectos:

A alta taxa de desemprego, típica das economias de mercado neoliberais, reforçou a idéia de que a maioria dos atuais problemas das empresas capitalistas não é fruto de uma falta de especialização dos trabalhadores e trabalhadoras contratados, mas de outros motivos. Frequentemente, a verdadeira razão não-explicitada é que as empresas não estão dispostas a pagar salários mais justos, e, por isso, recorrem a estratégias pouco solidárias como a de mudar-se para outros países onde podem obter maiores benefícios econômicos pagando salários mais baixos, países em que é possível contratar mão-de-obra em condições de trabalho quase escravagistas (SANTOMÉ, 2003, p. 29).

O que acompanhamos nas últimas duas décadas corrobora esta imposição descrita acima e está presente na agenda educacional:

[...] uma nova agenda educacional faz-se presente: exigências de expansão do sistema educacional, de mais e melhor escolaridade, de organizações enxutas e eficientes, de escolas eficazes, de professores bem treinados. O rol de novidades é amplo. Pode ser visualizado na carteira de empréstimos dos organismos que financiam as reformas em um amplo espectro de países-clientes; o Brasil não escapa a essa regra (VIEIRA, 2002, p. 24).

Como as reformas econômicas são rápidas e estão estendidas e alcançam uma escala planetária em tempo real, os efeitos sobre o sistema educacional são inegáveis; diante disto é que os países *“passam a “correr atrás do prejuízo”, investindo em programas de informatização de escolas e de educação à distância (EAD), na expectativa de preencher o fosso que os separa dos países industrializados”* (VIEIRA, 2002, p.24). Estas mudanças são lentas e seus efeitos não chegam ao *“chão da sala de aula”*. Existem situações em que a implantação destas reformas provoca um enorme estrago, pois não valoriza um saber que bem ou mal estava ali, sem lograr êxito em substituí-lo. Dentro desta perspectiva é que o professor Paviani considera fundamental o conhecimento e o respeito daquilo que as comunidades e escolas têm como história:

A escola não pode mudar os padrões culturais da população em nome de outros padrões culturais, pois, no sentido mais radical, não compete à escola, mas às pessoas, à comunidade conduzir o próprio processo educativo. A escola é apenas um instrumento privilegiado, um meio específico a serviço da educação (PAVIANI, 1990, p. 30).

Isto reflete a preocupação de muitos educadores no sentido de respeitar a *“consciência da realidade”*. As políticas capitaneadas pelos organismos internacionais não consideram a realidade humana e o mundo que cerca e envolve as comunidades. A invasão do *“mundo sistêmico”*, segundo Habermas, é profundamente prejudicial à educação e à vida das pessoas e das comunidades dos países periféricos, pois o *“mundo da vida”* gradativamente está sendo colonizado por estes estranhos valores, costumes e estilos de vida diferentes<sup>67</sup>, alheios a nossa história.

Se *“os fins da escola e da educação”* estão sendo violados nos países pobres do Terceiro Mundo pelas políticas impostas pelo FMI e pelo Banco Mundial, é

---

<sup>67</sup> Um fato que está chamando a atenção de educadores e que diz respeito à invasão cultural é a celebração do dia das bruxas – também chamado de *halloween*; isto não tem nenhuma relação com a cultura e com a tradição do povo gaúcho e brasileiro. É uma importação acrítica.

urgente uma reflexão profunda sobre esta realidade que destrói o que temos. É aqui que deve ser repensada a função e o papel da escola, pois, segundo Paviani:

Cabe à escola, primordialmente, respeitar este processo. Sua atividade consiste, de início, ver, ouvir, perceber o que fazem e o que pensam, identificar os ideais e os valores da população, diagnosticar os problemas e as condições de vida. Só posteriormente cabe à escola realizar um trabalho de assessoramento, pôr-lhe à disposição os conhecimentos e as técnicas desenvolvidas até hoje (PAVIANI, 1990, p. 29 e 30).

### **5.1.1 A situação dos educadores**

Os educadores estão situados dentro de uma totalidade de relações sócio-econômico-político e cultural determinadas, dadas, mas é a partir do conhecimento destas que eles devem construir sua história e procurar vencer as inúmeras contradições que se apresentam diariamente em suas vidas. Mas não podemos negar que a realidade preocupa e atrapalha a atividade dos professores/educadores. Procurar compreender as condições que têm os professores para percorrer este processo todo está, indiretamente, entre um dos desafios da nossa tese e deve ser um desafio que perpassa todas as atividades docentes de todos os educadores. Estamos trazendo esta preocupação, pois sabemos que diversos professores que trabalham na rede pública municipal e estadual migram de outras cidades e regiões para serem educadores em Igrejinha, RS. Como autor desta pesquisa, é de nossa responsabilidade investigar também este ponto para podermos sugerir algumas ações para que os professores e professoras façam um grande esforço para conhecer a realidade na qual estão inseridos ou se inserindo e evitar, desta forma, certos equívocos que poderão surgir se eles não respeitarem os valores, o estilo de vida, as tradições e a cultura da comunidade local.

Como isto repercute entre os professores? Podemos dizer que uma pequena parcela dos professores consegue acompanhar e se inserir integralmente nesse movimento amplo de transformação do mundo e das possibilidades de formação e inserção no mercado de trabalho; mas a imensa maioria sofre muito para compreender e conviver com este processo transformador.

As condições de sobrevivência dos profissionais da educação se agravaram em todo o mundo e isto está bastante relacionado com a realidade vivenciada pelos profissionais da rede pública municipal e estadual de Igrejinha<sup>68</sup>:

O fenômeno dos baixos salários e da conseqüente evasão de pessoal qualificado afeta tanto países desenvolvidos como aqueles em desenvolvimento. Do ponto de vista individual, os professores vêem-se diante de impossibilidades materiais de atualização. O acesso à Internet é ainda privilégio de poucos. Os cursos de formação, não raro, passam ao largo das necessidades reais da escola onde atuam. Na rede privada, deparam-se com alunos com possibilidades de acesso a bens culturais que ultrapassam as suas. Na rede pública, a carência cultural é limitadora de suas possibilidades de intervenção. Entre esses dois pólos, extremos e contraditórios, oscila o trabalho do professor que, por certo, é atingido de forma direta por tais circunstâncias (VEIGA, 2002, p. 25).

Com relação ao acesso à Internet constatamos que somente uma parte dos professores acessa de suas casas e muitos professores que usam a Internet o fazem a partir da escola ou de alguma empresa em que trabalham. Este panorama é preocupante e confirma em parte as colocações de Veiga.

A partir deste panorama temos que nos perguntar sobre as possibilidades reais da aprendizagem. Será que os alunos aprendem o que lhes é ensinado? Quais são os fatores envolvidos no processo de ensino aprendizagem? Tânia Zagury faz um comentário interessante e crítico sobre a situação atual dos professores:

A aprendizagem não depende apenas dos recursos de ensino, nem apenas do professor, mas também de muitas outras variáveis... Condições de trabalho, remuneração adequada dos docentes, formação e atualização dos professores, infra-estrutura física, sem falar nas contradições dos educandos (ZAGURY, 2006, p. 49 e 50).

Os salários baixos são responsáveis pela evasão<sup>69</sup> de vários profissionais da educação; vários profissionais da educação da cidade de Igrejinha abandonaram a

---

<sup>68</sup> O salário dos professores do município de Igrejinha é um dos menores do Vale dos Sinos; nos últimos anos, os educadores perderam muitas conquistas e entre estas está a questão salarial. De 16 municípios consultados, o salário dos servidores de Igrejinha está em 13º lugar (só temos três municípios em piores situações). Informações prestadas por Jorgia Seibel: presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Educação de Igrejinha, RS, na Sessão Legislativa, em 07 de novembro de 2005.

<sup>69</sup> Além de ser responsável pelo abandono de muitos professores de sua função, o baixo salário contribui decisivamente para que os professores não tenham motivação em seus diversos trabalhos; esta realidade prejudica seriamente o processo pedagógico, pois uma pessoa desmotivada não consegue desenvolver bem um processo pedagógico e educacional.

sala de aula na última década assim que conseguiram uma possibilidade de trabalho com melhor remuneração. Alguns foram trabalhar em bancos (a partir dos concursos realizados), outros foram para o setor privado e ainda uma pequena parte migrou para a atividade autônoma como profissional liberal. Este relato nos desafia a pensarmos meios alternativos para a valorização dos educadores em nossa cidade.

Se tomarmos o documento do Ministério da Educação “Programa de Apoio aos Secretários Municipais de Educação – PRASEM III” e lermos sobre a remuneração dos professores, chegaremos à conclusão de que algo não está fechando, pois, segundo este documento:

O professor bem remunerado pode realizar um trabalho melhor por várias razões: não precisa acumular horas excessivas de trabalho, nem dispersar sua energia, atendendo a escolas diferentes; pode-se concentrar mais, ter melhor conhecimento de seus alunos, ter mais tempo e disposição para se dedicar tanto à preparação das aulas quanto ao acompanhamento do desempenho individual dos alunos. Um bom salário melhora a auto-estima, possibilita a aquisição de livros, revistas e outros materiais de aperfeiçoamento profissional, além de permitir o acesso a bens culturais como teatro, cinema, etc. (RODRIGUES, 2001, p. 169).

A partir desta citação devemos remeter o leitor aos nossos apêndices, pois eles trazem uma pequena idéia da jornada de trabalho a qual está submetida a maioria dos professores de Igrejinha; este fato, somado à baixa remuneração dos educadores, pode ser um dos fatores que contribui para desestimular a atuação dos educadores em sala de aula. Um professor que tem muitos alunos em diversas turmas é incapaz de fazer um bom diagnóstico em torno do desempenho de seus alunos e também não consegue preparar-se adequadamente para conduzir o processo didático-pedagógico do ensino e da aprendizagem. Esta realidade é objeto de várias reflexões feitas em sala de aula do curso de pós-graduação por Triviños: conhecemos a realidade, nos indignamos contra a mesma, mas temos poucas condições para mudarmos o quadro no qual estão inseridos os professores (de ensino fundamental, médio e superior).

Só teremos uma escola com um alto nível de qualidade a partir do momento em que unirmos a questão da qualificação dos profissionais da educação com as necessidades de formação destes a partir da satisfação das condições que possibilitarão a qualificação verdadeira destes profissionais. Junto com isso não podemos desconsiderar a importância de uma política de valorização da educação

(podemos incluir aqui o Plano de Carreira e uma justa remuneração ao Magistério). Neste processo, o preenchimento destas condições é algo fundamental e decisivo para que possamos ter um salto qualitativo na questão educacional.

Diante desta totalidade de fatos e relações é que os professores vivem uma crise de identidade: de um lado está o *eu real* e do outro lado está o *eu ideal*. A realidade mostra um professor sobrecarregado: professores atuando em diversas turmas ao mesmo tempo (tendo até 50 horas/aula semanais); professores atuando em duas ou três escolas concomitantemente e, dentro deste cenário, sendo obrigados a preencher diversos papéis, componentes da burocracia das instituições de ensino. A presente descrição da situação vivida pelos professores em nossos dias é semelhante, em alguns aspectos, ao texto em que Franco Cambi descreve a situação vivida pelos operários à época da Revolução Industrial.

Alienação das necessidades e alienação na máquina, produzida por um trabalho cego, regulado pela exploração, e por uma vida social estruturada pelo trabalho organizado não em função do homem, mas apenas da produção e da mais-valia (CAMBI, 1999, p.370).

Isto que o autor traz à nossa presença é algo que conhecemos também nos dias atuais. Como podemos perceber isto entre os professores? Como nossos professores trabalham? Como reagem (se reagem) a esta situação? Todos concordam que os professores das redes públicas de ensino são explorados; mas, diante de tal situação, como poderiam reagir? Os professores estão cientes de que a organização de seu trabalho atende meramente aos interesses do modo de produção capitalista? Sabem que deveriam lutar e trabalhar em função da emancipação humana?

Santomé aperfeiçoa esta reflexão ao relacionar a questão econômica, a cidadania e manipulação do sistema educacional.

[...] a partir dos modelos de economia neoliberal, a cidadania é estimulada a se ver como um conjunto de consumidores, em um mundo em que a economia tem apenas uma regra: tudo em prol da obtenção de lucros para o empresariado. O darwinismo economicista reinante só favorece os conteúdos culturais e títulos acadêmicos que são demandados pelo mercado. O sistema educacional é utilizado como uma instituição bancária, em que são realizados investimentos em estudos e títulos com os quais depois será viável encontrar um posto de trabalho e obter benefícios econômicos e sociais. Para isso, se tentará evitar o acesso de alunos e alunas àquelas informações e estratégias de análise e crítica que possam

criar contradições para o sistema capitalista vigente e entender a necessidade de propor modelos alternativos de organização de sociedade e/ou do mundo do trabalho (SANTOMÉ, 2003, p. 151).

Esta realidade está presente na educação, pois os professores, para atenderem a necessidade básica de sobrevivência, precisam trabalhar muito (alguns lecionam até 60 horas por semana), e fazendo isto não conseguem programar projetos críticos capazes de questionar o modo de produção vigente. É neste cenário que os alunos permanecerão alienados e vítimas desta lógica darwinista na qual somente a minoria será contemplada e favorecida em detrimento da maioria pobre e explorada. O autor, acima citado, afirma que o ser humano *“precisa da educação para poder ser ‘mais humano’, ou seja, desenvolver e exercer sua liberdade, criar um mundo mais habitável, mais solidário, influir e participar da mudança social e construir um mundo de justiça e equidade* (SANTOMÉ, 2003, p. 151)”. É dentro desta reflexão que precisamos desenvolver projetos pedagógicos.

Isto tudo nos remete à questão da alienação; esta questão é profunda e está, esteve e estará presente na realidade cotidiana dos profissionais da educação. Isto tudo contribui para o aprofundamento da alienação entre os proletários (inclusive os da educação):

O operário vive, portanto, uma condição alienada, mas duplamente alienada, no tempo de trabalho e no tempo livre; no primeiro, é um apêndice da máquina e, no segundo, apenas um bruto que recarrega suas forças para voltar ao trabalho, que pratica evasões para compensar a dureza do trabalho e o faz através do jogo, do álcool, da prostituição, etc (CAMBI, 1999, p. 370).

Aqui é que entendemos as colocações do professor José Castella Sarriera, doutor em Psicologia Social pela Universidade Autônoma de Madri e coordenador do curso de pós-graduação em Psicologia da PUCRS, em palestra feita no 7º Congresso Estadual dos Professores do Ensino Privado do RS, segundo Sarriera[...] *existe certo tipo de trabalho que, pelas suas características, exige muito maior atenção e desgaste emocional, são as atividades desenvolvidas em constante interação com as pessoas (pacientes, alunos). Quando o trabalhador envolvido*

*nestas atividades não conseguir manter seu equilíbrio pessoal, poderá apresentar um tipo de doença chamada de Síndrome do Desgaste Profissional ou Burnout.*<sup>70</sup>

Na mesma exposição, o professor Sarriera destacou que a falta de tempo para realizar bem o trabalho, a burocratização do trabalho, o conflito de papéis (ora professor, ora pesquisador), as novas exigências acadêmicas, a invasão do espaço privado com novos trabalhos à noite e nos finais de semana, a preocupação da escola com o desempenho acadêmico e com as novas tecnologias são fatores que desgastam e consomem a vida dos profissionais da educação. Estes elementos fazem parte e constituem o *eu real*.

Dentro desta totalidade e em consonância com as idéias apresentadas acima vamos destacar uma reflexão interessante de Santomé em seu livro *A educação em Tempos de Neoliberalismo*. Nesta obra, o autor comenta o seguinte sobre este tema:

Os professores têm de encarregar-se de um maior número de funções: gestão econômica, busca de recursos econômicos (sobretudo para as atividades extra-acadêmicas), elaboração de uma política educativa própria por meio de projetos de cada escola e de sala de aula (atendendo-se aos mínimos curriculares ditados pelas diferentes Administrações: estatal e privada), publicidade da escola, atenção a novos conteúdos culturais e problemas sociais: educação contra as drogas, prevenção da Aids, educação no trânsito, educação para o consumo, educação para a saúde, manutenção do patrimônio cultural e ecológico, etc. (SANTOMÉ, 2003, p. 43-44).

Além destes limitadores, temos outro cenário: professores são obrigados a conviver e enfrentar alunos violentos, agressivos e desinteressados (acompanhamos semanalmente na imprensa relatos nos quais os alunos - e pais - ameaçam e até batem nos professores). Estes fatores são agravados pela falta de estrutura,

---

<sup>70</sup> O termo Burnout é uma composição de burn=queima e out=exterior, sugerindo assim que a pessoa com esse tipo de estresse consome-se física e emocionalmente, passando a apresentar um comportamento agressivo e irritadiço. As três dimensões que constituem a Síndrome de Burnout: a exaustão emocional, a despersonalização e a baixa realização pessoal. No jornal Extra Classe, número 107 de outubro de 2006 temos o seguinte alerta: *Especialistas alertam que os ambientes de trabalho estão desencadeando doenças ocupacionais. Problemas como o estresse desponta nas pesquisas como a principal causa de adoecimento. No entanto, esse sintoma é apenas a ponta do iceberg, apontam psicólogos e estudiosos da medicina do trabalho. Segundo ele, por trás da tensão diária, decorrente do alto grau de exigência imposto pelas instituições, podem ser desenvolvidas doenças que comprometem de tal forma a saúde física e mental que o profissional corre o risco de ficar incapacitado para o trabalho. Nos docentes, soma-se a esse quadro o risco de ter problemas na coluna e na voz, bem como a síndrome de **burnout**, essa última caracterizada por uma extrema exaustão emocional e com alta incidência entre professores (Extra Classe, ano 11, número 107, outubro de 2006, p. 11).*

condições materiais e físicas mínimas<sup>71</sup> para que os professores desempenhem suas funções de mestres e, acima de tudo, responsáveis pelo processo do ensino e aprendizagem.

O outro lado, o *ideal*, é o lado utópico dos professores; neste residem todas as esperanças, os sonhos e expectativas dos mestres educadores. É a partir do seu lado ideal que os educadores pensam, lutam e tentam acompanhar as mudanças que ocorrem em sua volta; trabalhar os conteúdos tentando materializar os seus sonhos é um desafio diário destes mestres em todo o Brasil.

Mas esta luta que existe no interior dos professores entre o *eu real* e o *eu ideal*, além de provocar sérios problemas de saúde e mal-estar aos professores, também tem provocado outras atitudes e mudanças. Estas atitudes e mudanças estão no horizonte de nossa investigação e estão em nossa entrevista semi-estruturada utilizada durante o desenvolvimento de nossa pesquisa. Elas (atitudes) foram agrupadas em quatro diferentes grupos pela professora e pesquisadora Sofia Lerche Vieira; no *primeiro grupo* encontramos os professores que têm uma *atitude de equilíbrio* diante das inovações, estes professores consideram as inovações a partir de uma perspectiva positiva. Neste grupo, segundo nossa visão, estão aqueles profissionais que conseguem interagir com os recursos da ciência e da tecnologia sem maiores problemas. Também podemos colocar que os professores que estudam e compreendem as atitudes dos adolescentes em sala de aula podem ser inseridos neste grupo.

No *segundo grupo*, a atitude dos profissionais da educação é outra: aqui os profissionais são incapazes de fazer frente às inovações e mudanças e inibem-se diante delas. Esta atitude conseguimos vivenciar e acompanhar em diferentes grupos de professores com os quais trabalhamos. Como hipótese, podemos afirmar que as dificuldades financeiras para adquirir máquinas e programas modernos e a excessiva jornada de trabalho que dificulta o acesso à leitura, análise e processamento das informações pode estar por trás desta atitude; esta situação é

---

<sup>71</sup> Em uma escola estadual da cidade de Igrejinha (a maior delas) os professores de Educação Física não têm as mínimas condições para desenvolver seus trabalhos, pois na escola não tem bola, redes e outros equipamentos para as práticas esportivas e físicas. O laboratório de Informática dificilmente funciona: faltam recursos humanos e materiais para a realização de uma aula decente. Em outras escolas municipais/estaduais não temos os profissionais em turno integral para atender alunos e professores; o serviço de orientação educacional e de supervisão escolar tem uma pessoa para duas ou três escolas (esta passa uma vez por semana em cada escola).

séria e pode estar preocupando muitos profissionais da educação dos países pobres.

Não só os professores da rede pública enfrentam a realidade de falta de recursos para o trabalho, muitos professores de faculdades e universidades públicas e particulares têm menos recursos tecnológicos do que os próprios alunos. Esta situação cria constrangimentos aos profissionais e desincentiva a sua atuação.

Um terceiro grupo de profissionais da educação vive um dilema, uma agonia diante de todas estas incertezas e expressa uma atitude flutuante e contraditória diante da mudança; esta atitude faz com que estes oscilem entre esperanças e dúvidas, aceitação e desencanto, mas, acima de tudo, vivam momentos de profundas dúvidas.

Podemos afirmar que neste último grupo nos inserimos em diferentes épocas e situações. Uma situação bem objetiva remete à década de 90: na ocasião trabalhávamos numa escola particular e esta começou o processo de implantação de laboratórios (biologia, física, matemática e de informática); diante de tal quadro os professores deveriam usar estes recursos e muitas perguntas passaram a povoar a nossa imaginação: Fazer o que? Como? Isto terá resultado? Não é melhor continuar as aulas dentro da sala? Onde é que teremos melhores resultados, na sala de aula ou no laboratório de Informática? Esta foi a nossa reação e é por isso que ela está sendo exposta e partilhada aqui nesta tese, pois acreditamos que outros professores vivenciaram e vivenciam esta situação cotidianamente. Hoje os professores que estão em sala de aula vivenciam o drama da educação à distância; neste caso poderão ser substituídos por aulas virtuais através de uso da tecnologia.

Acompanhar este aspecto com os professores da rede pública é interessante, pois neste momento diversas escolas estão recebendo recursos e máquinas para instalarem/implantarem laboratórios de informática em seus estabelecimentos; saber como as direções e professores irão utilizar estes recursos é algo bastante interessante, pois desta atitude dependem os projetos que as escolas poderão ou não implantar. Além de computadores com acesso a Internet, algumas escolas receberam um kit multimídia (data show e retro projetor) e a utilização destes meios tecnológicos também desperta curiosidade, pois eles poderão servir de legitimação e consolidação das aulas tradicionais como também poderão significar uma conquista importante para aprimorar e aperfeiçoar o processo do ensino e da aprendizagem fazendo com que professores e alunos possam interagir bem com a tecnologia.

No quarto grupo encontramos os profissionais da educação que *temem a mudança*. Aqui a situação é complicada, pois esta atitude causa muito sofrimento; o próprio nome já diz: temem a mudança. Estes profissionais, segundo Veiga, 2002, “*olham o futuro com ansiedade e estão dispostos a empreender ações para deter a mudança, que consideram preocupante*”. Esta atitude é compreensível, pois diante do novo, muitas vezes, não sabemos como reagir: o novo nos desafia permanentemente.

Diante de muitas incertezas e insistentes apelos por mudanças educacionais, segundo Henry A. Giroux, os professores enfrentam uma ameaça e um desafio que parecem sem precedentes na história. É desta forma que ele narra a agonia passada pelos professores:

A ameaça vem na forma de uma série de reformas educacionais que mostram pouca confiança na capacidade dos professores da escola pública de oferecerem uma liderança intelectual e moral para a juventude de nosso país. Por exemplo, muitas das recomendações que surgiram no atual debate ignoram o papel que os professores desempenham na preparação dos aprendizes para serem cidadãos ativos e críticos, ou então sugerem reformas que ignoram a inteligência, julgamento e experiência que os professores poderiam oferecer em tal debate. Quando os professores de fato entram no debate é para serem objeto de reformas educacionais que os reduzem ao *status* de técnicos de alto nível cumprindo ditames e objetivos decididos por especialistas um tanto afastados da realidade cotidiana da vida em sala de aula. A mensagem parece ser que os professores não contam quando trata-se de examinar criticamente a natureza e processo de reforma educacional (GIROUX, 1997, p.157).

Para Giroux, o momento político e ideológico é desfavorável aos professores. O autor propõe um desafio aos professores no seguinte sentido: engajarem-se num processo de autocrítica e na preparação coletiva de programas para preparar o aperfeiçoamento e aprimoramento destes professores em serviço; somente a partir deste debate é que os professores terão condições e oportunidades de se organizarem coletivamente para lutar por melhorias das condições em que trabalham. Os professores são importantes, pois a partir de suas lutas é que eles poderão abrir horizontes aos diferentes segmentos sociais. Qual será a mola propulsora capaz de estimular a luta dos professores?

[...] o reconhecimento de que a atual crise na educação tem muito a ver com a tendência crescente de enfraquecimento dos professores em todos os níveis da educação é uma pré-condição teórica necessária para que eles efetivamente se organizem e estabeleçam uma voz coletiva no debate

atual. Além disso, tal reconhecimento terá que enfrentar não apenas a crescente perda de poder entre os professores em torno das condições de seu trabalho, mas também as mudanças na percepção do público quanto a seu papel de praticantes reflexivos (GIROUX, 1997, p. 158).

Esta situação nos remete à categoria de consciência (categoria da dialética materialista), como “*uma forma superior, especificamente humana, do reflexo da realidade social*” (CAMPOS, 1988, p. 58). Este fato é de suma importância, pois se os profissionais da educação não conseguem fazer refletir na consciência aquilo que ocorre na realidade objetiva, sua luta pela emancipação e libertação fica muito mais dificultada. A consciência está intimamente ligada à prática:

A formação da consciência está intimamente ligada à atividade material dos homens. A principal atividade do homem é o trabalho. [...] O homem, porém, fabrica conscientemente e utiliza os instrumentos de produção, e nisso consiste a particularidade qualitativa de seu trabalho. [...] A consciência do homem se desenvolveu e se aperfeiçoou no decorrer do desenvolvimento da sociedade. Graças à consciência, o homem desenvolveu outras atividades, como elaborar um processo de aprendizagem e de transferência de seus conhecimentos pelas gerações que se seguiam (CAMPOS, 1988, p. 59).

Aqui vemos a importância da categoria consciência; na construção de suas reais possibilidades, os homens devem contar com ela para vislumbrar possíveis alternativas ao sistema que aí está. Os profissionais da educação serão capazes de compreenderem as contradições existentes entre o processo real de sua formação e de sua prática se tiverem despertado este processo reflexivo durante sua formação e também em sua atividade profissional. No desenvolvimento de nossa tese precisamos compreender bem as categorias: realidade e práxis<sup>72</sup> docente, pois é a partir disto que poderemos interpretar corretamente a vida e a atividade dos profissionais da educação da rede pública municipal e estadual de Igrejinha nas últimas décadas.

---

<sup>72</sup> A *praxis* na sua essência e universalidade é a revelação do segredo do homem como ser ontocriativo, como ser que *cria* a realidade (humano-social) e que, *portanto*, compreende a realidade (humana e não-humana, a realidade na sua totalidade). A *praxis* do homem não é atividade prática contraposta à teoria; é determinação da existência humana como *elaboração* da realidade. [...] A *praxis* é ativa, é atividade que se produz historicamente – quer dizer, que se renova continuamente e se constitui praticamente -, unidade do homem e do mundo, da matéria e do espírito, de sujeito e objeto, do produto e da produtividade. Como a realidade humano-social é *criada* pela *praxis*, a história se apresenta como um processo prático no curso do qual o humano se distingue do não-humano: o que é humano e o que não é humano não são já predeterminados; são determinados na história mediante uma diferenciação prática (KOSIK, 1976, p. 202).

Ao acompanharmos a definição de Kosik sobre a práxis podemos fazer algumas indagações: será que os educadores igrejinenses e do estado do Rio Grande do Sul estão conseguindo, além de criar suas realidades (são seres ontocriativos), refletir e compreender as múltiplas dimensões do seu fazer cotidiano? Um professor que tem uma jornada de trabalho superior a 40 horas semanais tem maiores dificuldades para compreender o seu fazer prático cotidiano. A partir da reflexão de Kosik vemos que a *“unidade do homem e do mundo, da matéria e do espírito, do sujeito e do objeto, do produto e da produtividade”* se torna bem mais difícil em tais situações pedagógicas.

Observando as atividades dos professores constatamos que alguns buscam aprimoramento através de um curso superior, de uma especialização, do mestrado, do doutorado e também a partir de seminários. Estes professores têm uma possibilidade maior de criar a sua realidade e compreendê-la em sua totalidade. Os outros fazem uma mera repetição e com isso não revelam os segredos da essência dos fatos e da própria função que desempenham. A falta de compreensão sobre o processo de elaboração da própria realidade e a inexistência de reflexão sobre o próprio fazer pedagógico comprometem a práxis dos educadores.

A práxis pedagógica deve ser ativa; nela deve ocorrer esta unidade do homem (do estudante) com o seu mundo e com a realidade que o cerca. Pela práxis a matéria se une ao espírito e pelo reflexo ocorre a compreensão dos fenômenos sociais; neste processo o sujeito se une e compreende o objeto estudado. É neste sentido que devemos entender a afirmação de Kosik de que a *“práxis se articula com todo o homem e o determina na sua totalidade”*. Esta visão é fundamental e deveria ser conhecida e praticada por todos os profissionais da educação.

Com relação a esta reflexão Kosik comenta:

Conhecemos o mundo, as coisas, os processos somente na medida em que os “criamos”, isto é, na medida em que os reproduzimos espiritualmente e intelectualmente. Essa reprodução espiritual da realidade só pode ser concebida como um dos muitos modos de relação prático-humana com a realidade, cuja dimensão mais essencial é a criação da realidade humano-social. Sem a criação da realidade humano-social não é possível sequer a *reprodução* espiritual e intelectual da realidade (KOSIK, 1976, p. 206).

Para Giroux existem dois problemas que devem ser enfrentados para resolver os problemas com relação à melhoria da qualidade da “atividade docente”; é desta forma que ele trabalha estes dois problemas:

Primeiramente, eu acho que é imperativo examinar as forças ideológicas e materiais que têm contribuído para o que desejo chamar de proletarização do trabalho docente, isto é, a tendência de reduzir os professores ao *status* de técnicos especializados dentro da burocracia escolar, cuja função, então, torna-se administrar e implementar programas curriculares, mais do que desenvolver ou apropriar-se criticamente de currículos que satisfaçam objetivos pedagógicos específicos. Em segundo lugar, existe uma necessidade de defender as escolas como instituições essenciais para a manutenção e desenvolvimento de uma democracia crítica, e também para a defesa dos professores como intelectuais transformadores que combinam a reflexão e prática acadêmica a serviço da educação dos estudantes para que sejam cidadãos reflexivos e ativos (GIROUX, 1997, p. 158).

A partir das reflexões feitas em aula e do diálogo com os diferentes autores e autoras, conseguimos ver que os educadores que seguem a orientação dialética têm um interesse grande em participar dos processos como sujeitos e agentes da história; neste sentido não aceitariam a redução de sua função a meros técnicos que aplicam o que outros decidem. O envolvimento dos profissionais da educação é fundamental à construção do currículo e de todas as atividades que se correlacionam com o mesmo. Aqui é importante observar como é que ocorre o envolvimento dos professores ao longo do processo em nossa cidade; ver se os professores preparam-se para participar das manhãs pedagógicas; ver se eles sabem antecipadamente o que será tratado nos encontros de formação e, acima de tudo, se eles participam ativamente daquilo que está sendo proposto e também se as sugestões surtem efeitos em seu trabalho em sala de aula.

É importante destacar que Giroux considera como ameaças graves aos professores o aumento das ideologias instrumentais; estas enfatizam uma abordagem tecnocrática para a preparação dos professores e das próprias aulas. Por trás disso tudo encontramos diversas suposições pedagógicas: *“o apelo pela separação de concepção de execução; a padronização do conhecimento escolar com o interesse de administrá-lo e controlá-lo; e a desvalorização do trabalho crítico e intelectual de professores e estudantes pela primazia de considerações práticas”* (GIROUX, 1997, p. 159).

A proposta do autor é também um grande desafio aos países periféricos, pois ao aceitarem a “ajuda” dos organismos internacionais também devem se submeter às propostas pedagógicas e ideológicas apresentadas por eles. O treinamento dos futuros professores expressa a racionalidade instrumental que está por trás de diversos programas e projetos do FMI e do Banco Mundial para a educação dos países do Terceiro Mundo. Estes programas de treinamento aos professores que enfatizam somente o conhecimento técnico prestam um desserviço à natureza do ensino e aos próprios estudantes. As metodologias aprendidas por estes professores negam a necessidade de pensamento crítico. Desta forma os princípios que subjazem aos diferentes métodos didáticos não são questionados.

Com relação ao papel desempenhado pelo FMI nas relações deste fundo com os países pobres do Terceiro Mundo vemos em (SANTOMÉ, 2003, p. 44) o seguinte: “... *órgãos como o FMI não se cansam de exigir dos governos de todos os países que realizem cortes nos recursos financeiros destinados aos serviços públicos, ou seja, à educação e à saúde*”. Este panorama e esta ordem explicam a diminuição significativa dos orçamentos nas três esferas de poder no Brasil: tanto a união, quanto os estados e os municípios, somente gastam o mínimo estabelecido por lei na educação. Estes fatos nos ajudam a explicar parte dos elementos que contribuem para diminuir o nível da educação em nosso país.

Um grande desafio desta tese é também tentar ver como e em que medida a racionalidade tecnocrática e instrumental opera dentro do campo do ensino e pesquisa dos professores da rede municipal e estadual de Igrejinha nas últimas décadas e como está sendo afetada a autonomia dos professores com relação ao planejamento curricular e o julgamento e implementação das aulas que são trabalhadas com os alunos.

O autor Jurjo Torres Santomé (2003, p. 55) faz uma interessante reflexão acerca da autonomia dos professores e das professoras e afirma o seguinte: a) a autonomia está relacionada com uma boa formação e atualização psicopedagógica e cultural e também com os recursos econômicos. Neste ponto encontramos convergências com idéias destacadas por nós ao longo desta tese, pois aqui a idéia do autor vincula as decisões reflexivas e o envolvimento com as inovações de interesse dos professores com as questões cotadas no início deste enunciado; b) outro aspecto trabalhado pelo autor é a relação existente entre a autonomia e a coragem para bem exercê-la. Neste aspecto vemos que nas escolas e faculdades

da rede particular de ensino isto pode ser complicado, pois algumas vezes os professores não podem livremente exercer a sua liberdade com autonomia; c) o exercício da autonomia exige condições de trabalho que a possibilitem. Os professores precisam ter condições físicas adequadas e tempo para conversar com os membros da comunidade escolar: os colegas, os alunos e os familiares. Estas condições é que possibilitam um trabalho autônomo e com um nível maior de qualidade do ensino e uma satisfação maior dos professores e das professoras.

Como pensador e idealista<sup>73</sup>, Mézáros apresenta sugestões esperançosas no sentido de superarmos situações delicadas da educação. No livro *“Educação para além do capital”* o autor ensina o seguinte:

[...] que pensar a sociedade tendo como parâmetro o ser humano exige a superação da lógica desumanizadora do capital, que tem no individualismo, no lucro e na competição seus fundamentos. Que educar é – citando Gramsci – colocar fim à separação entre *Homo faber* e *Homo sapiens*; é resgatar o sentido estruturante da educação e de sua relação com o trabalho, as suas possibilidades criativas e emancipatórias. E recorda que transformar essas idéias e princípios em práticas concretas é uma tarefa a exigir ações que vão muito além dos espaços das salas de aula, dos gabinetes e dos fóruns acadêmicos (MÉSZÁROS, 2005, p. 9).

Ao analisarmos os projetos capitaneados pelos organismos internacionais devemos lê-los atentamente para compreendermos se por trás dos mesmos não encontramos traços desumanizadores que prejudicam demasiadamente o *“mundo da vida”* das pessoas e das sociedades ou dos países pobres do Terceiro Mundo. O autor propõe a democratização da educação e dos próprios espaços escolares ou educativos. A democratização servirá mais ao coletivo e menos os privilégios individualistas de alguns.

Neste processo de democratização dos espaços escolares é importante termos presentes as colocações de Santomé sobre as instituições escolares e as salas de aula em seu livro *A Educação em Tempos de Neoliberalismo*:

As instituições escolares e as salas de aula têm de ser espaços em que os estudantes se sintam estimulados a criticar, a questionar todas as informações com que entram em contato, todas as atitudes e comportamentos que observam e com os quais convivem. Nas salas de aula, é necessário recorrer às experiências pessoais para compará-las e revisá-las (SANTOMÉ, 2003, p. 215).

---

<sup>73</sup> Idealista no sentido de pensar um projeto esperançoso e inovador para a educação.

Ivana Jinkings, na apresentação do livro de Mészáros, destaca que o autor “*sustenta que a educação deve ser sempre continuada, permanente, ou não é educação*”<sup>74</sup> (idem e ibidem, p. 12). Vemos claramente que nesta proposta está a tese de que as práticas educacionais devem permitir aos educadores e aos alunos trabalharem as mudanças necessárias para a construção de uma nova sociedade, nesta o tempo de lazer seria valorizado, pois estaria livre da exploração imposta pelo capital.

Um aspecto importante que devemos considerar é a questão tempo: quantas horas semanais os professores possuem para a preparação de suas aulas/atividades? Quanto tempo livre possuem os professores para o esporte e lazer? Quais os momentos livres para o estudo? Tem valor e sentido o discurso sobre o “*ócio produtivo*” entre os professores? Aqui pudemos perceber que os trabalhadores da educação possuem pouco tempo para pensarem e prepararem suas aulas e que este fato os prejudica muito.

Nós acreditamos na proposta de Mészáros e compreendemos a sua radicalidade; sabemos que é necessária uma nova educação para transformar o trabalhador em agente capaz de transformar o mundo; a esta nova educação o autor chama de libertadora e emancipadora. Além de crermos nestas idéias é necessário empreendermos uma grande luta para materializarmos esta proposta, especialmente nas escolas da cidade de Igrejinha, RS.

O que é interessante constatar e compreender é se a categoria dos professores também está disposta a perseguir esta possibilidade e lutar para criar as condições necessárias para efetivar este sonho. Se ficarmos na análise superficial dos discursos em torno da atividade dos professores e daquilo que eles expressam informalmente, o caminho está “bastante estreito”, pois há um certo desânimo com relação a esta busca que deveria ser um *imperativo* para todos aqueles e todas aquelas que sonham com uma educação nova e libertadora em sua radicalidade.

[...] as soluções adequadas dos problemas enfrentados na educação escolar exigem uma compreensão rigorosa de sua raiz econômica, bem como uma reação coletiva organizada com vistas à destruição de um tipo de estrutura econômica, política e social, vale dizer, de sociedade, e à construção de um novo tipo; reação essa que é expressão de um

---

<sup>74</sup> Queremos ver quais são as ações existentes em Igrejinha que possam estar de acordo com esta proposta, pois também acreditamos na educação permanente e continuada.

compromisso político conseqüente com as preocupações educacionais-escolares (RIBEIRO, 1998, p.202).

Por trás deste processo está a luta de classe, pois somente a partir dela poderemos “romper com a lógica do capital”. Devemos afirmar que não temos clareza com relação às táticas que os educadores devem usar para atingirem estes objetivos, mas elas serão construídas ao longo do caminhar de todos os educadores dos países explorados.

Dentro desta reflexão é de fundamental importância destacar aquilo que o autor advoga em sua obra: “*o capital é irreformável porque, pela sua própria natureza, como totalidade reguladora sistêmica, é incontrolável e incorrigível*” (MÉSZÁROS, 2005, p. 12 e 13). Para o autor o processo educativo é carregado de significado: “... *educar não é mera transferência de conhecimentos, mas sim conscientização e testemunho de vida. É construir, libertar o ser humano das cadeias do determinismo neoliberal, reconhecendo que a história é um campo aberto de possibilidades*” (*idem, ibidem*). Neste sentido é que a emancipação humana é evocada na obra. E é aqui que acompanhamos uma relação estreita entre educação e trabalho.

Este último parágrafo nos inspirou no sentido de investigarmos a luta diária dos professores da rede pública de Igrejinha, mas, acima de tudo, as possibilidades que eles têm de conscientizar, de construir e libertar os alunos (seres humanos) de todas as “escravidões” impostas pelo neoliberalismo. Acreditamos que o testemunho de vida dos professores é fundamental nesse processo. Em nosso horizonte ou dentro de nossa visão, é a partir destes elementos que as possibilidades de emancipação humana serão abertas ou fechadas.

Em consonância com estas colocações acrescentamos o seguinte acerca do processo de educar e da educação:

[...] educar pressupõe ‘colaborar, em um grupo de pessoas, com o nascimento das sensibilidades culturais, políticas e técnicas que as tornarão autênticos membros de um público não de uma massa realmente liberal; é ao mesmo tempo um treinamento de capacidades e uma educação de valores... Inclui provocar essas capacidades de controvérsia consigo mesmo, que chamamos de pensamento; e com o outro, que denominamos debate’(MILLS apud SANTOMÉ, 2003, p. 211)

Tendo presente que a educação está relacionada com construção e libertação do ser humano das cadeias do neoliberalismo (numa perspectiva que valoriza mais o humano e menos o mercado e o lucro) e também com as possibilidades históricas é que precisamos analisar a participação dos professores em todas as lutas locais, pois a partir destas é que podemos compreender mais e melhor o cenário no qual estão inseridos e as lutas que assumem como sendo importantes à sua prática profissional. É diante disto que, ao longo de nossa pesquisa, procuramos ver como é a participação destes profissionais nas diferentes militâncias e o significado destas para fazer frente às ameaças neoliberais.

Já colocamos que a globalização influencia o cotidiano da sala de aula e incide sobre a educação e sobre a vida dos professores em diferentes aspectos e direções; mas o aspecto fundamental é que ela implica a reorganização das formas de funcionamento do Estado. Neste sentido é que os estados nacionais são afetados, pois:

No contexto de uma economia que funciona por meio de complexas redes de circulação de fluxos de capital (Castel, op. cit.), o papel do Estado como indutor do desenvolvimento sofre modificações consideráveis, este passa a assumir uma posição de agente comercial do desenvolvimento, delegando a outros setores encargos que tradicionalmente lhe diziam respeito (VIEIRA, 2002, p. 27).

É neste cenário que surge e se consolida o Terceiro Setor<sup>75</sup>, pois o Estado se mostra cada vez mais incapaz de responder a certas demandas, incluindo aqui a expansão do ensino. Nesta brecha, surgem certas organizações (inclusive as ligadas ao ensino) que com o rótulo de fins comunitários acabam abocanhando um lucro elevado e, acima de tudo, sobrevivendo à custa dos subsídios estatais.

Durante o período militar (1964-1985) o Estado brasileiro tornou-se pesado, para alguns, monstruoso; a partir da redemocratização esta realidade passou a ser questionada por políticos, os representantes dos partidos de direita (principalmente os adeptos do liberalismo econômico). O resultado dos debates acabou convergindo

---

<sup>75</sup> No Terceiro Setor encontraremos as organizações não-governamentais, segmentos organizados de corporações da sociedade civil, grupos empresariais, comunitários, entre outros. Nos últimos anos, diante do encolhimento ou diminuição do Estado este setor cresceu muito. (Isto afeta o mundo do trabalho ao dispensar trabalhadores que poderiam estar contratados formalmente nestes postos de trabalho).

na imposição do governo Collor<sup>76</sup> em privatizar empresas públicas para diminuir o tamanho do Estado; este fato fez com que muitas responsabilidades/encargos públicos/estatais passassem para o setor privado. A consequência desta política foi a entrega de empresas públicas lucrativas à iniciativa privada. Além das empresas também os serviços como saúde, educação, transporte, estradas e previdência passaram para a iniciativa privada; este fenômeno correspondeu ao discurso do presidente Collor de flexibilizar e diminuir o tamanho do Estado Brasileiro.

Podemos dizer que a partir de meados da década de 1980 houve um avanço significativo desta idéia de diminuição da intervenção do Estado na economia. Este avanço parece estar sofrendo os seus reveses no final de 2008. Foi um período em que a expressão desregulamentação andou na moda. O sentido desta expressão é bastante forte e traz consequências terríveis aos grupos mais fracos da sociedade; vejamos como Santomé trata desta questão:

Desregulamentar significa eliminar as normas legais de caráter protecionista elaboradas pelos Estados para proteger os grupos sociais mais fracos dos possíveis excessos dos proprietários dos meios de produção, ou também para favorecer os grupos empresariais do país diante de outras empresas rivais de outros países. O papel regulador do Estado deixa de ser exercido para que o mercado seja o único mecanismo que regulamente tanto os comportamentos dos grupos empresariais quanto os de todas as pessoas que habitam o seu território (SANTOMÉ, 2003, p. 46).

A constituição de 1988 reconheceu o município como um ente federativo; esta atitude, longe de representar uma conquista aos municípios, significou uma recentralização do poder e das políticas educacionais: um regime de colaboração de corte autoritário. A materialização desta filosofia esteve a encargo da gestão FHC<sup>77</sup>; a partir de 1995 ele deflagrou um amplo conjunto de reformas para viabilizar a proposta recentralizadora a partir de um modelo autoritário. Esta política ficou expressa a partir das leis aprovadas<sup>78</sup> a partir de então.

---

<sup>76</sup> Primeiro presidente eleito após a abertura democrática; foi eleito em 1989 e não chegou a concluir o seu mandato (foi impedido de governar por causa da corrupção em seu governo).

<sup>77</sup> Ao utilizarmos a expressão “gestão FHC” estamos nos referindo aos oito anos de governo de Fernando Henrique Cardoso – 1995 a 2002. Neste período ele consolidou o processo de privatizações iniciado no governo de Fernando Collor e Itamar Franco.

<sup>78</sup> Emenda constitucional nº 14 de 12/09/96; a LDB 9.394, de 20/12/96; e o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef), instituído pela lei nº 9.424, de 24/12/96.

Na essência, a filosofia que orientava a política educacional do governo FHC era a seguinte:

O Executivo federal dita as normas para a redefinição de responsabilidades em termos da oferta de ensino, ampliando funções de controle de qualidade, de avaliação e de definição de padrões curriculares. Assim, o país passa a conviver de forma plena com uma descentralização que não apenas vem do centro, mas também de cima (VIEIRA, 2002, p. 30).

## 5.2 AS REPERCUSSÕES NAS ESCOLAS

Dentro deste cenário é que devemos entender a delegação às escolas sobre a possibilidade de gerirem os recursos próprios (aqui acompanhamos as unidades executoras, os conselhos escolares e os círculos de pais e mestres presentes na grande maioria de escolas hoje); também acompanhamos a instalação de um sistema complexo de avaliação nacional (Saeb, Prova, Enem); além destes, temos a definição e a instalação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). São muitas coisas que alteraram profundamente a rotina das escolas, mas principalmente a rotina dos professores. Precisamos destacar então que a escola e os professores foram os mais atingidos por todas estas mudanças ocorridas nas últimas duas décadas. Tudo isto aconteceu sem considerar seriamente o *“tempo do ensino, da aprendizagem e dos aprendizes”*.

No processo de reordenação do Estado acompanhamos uma forte interferência das agências internacionais; elas patrocinaram e patrocinam as mudanças no campo educacional. Como fazem isto? Através de financiamento aos programas desenvolvidos. Este processo não é novo:

Hoje, como no passado, em circunstâncias bastante distintas, o Brasil volta a receber o influxo de idéias geradas por agências externas, que se materializam em financiamentos, acordos de cooperação técnica e, até mesmo, na simples circulação de recomendações desses organismos (VIEIRA, 2002, p. 32)

Entre as instituições de desenvolvimento encontramos o BID e o Banco Mundial<sup>79</sup>. A forma de ação destes mecanismos é através de empréstimos internacionais (envio de dinheiro para a realização das políticas estabelecidas). Além destes temos a Unesco e o Unicef<sup>80</sup> que se inserem discretamente no processo de cooperação internacional no sentido de prestarem cooperação técnica.

Para a nossa investigação é interessante destacar a missão da Unesco, pois ela está inserida e envolvida em programas em mais de 188 países:

Sua missão é contribuir para a paz e a segurança mundiais, promovendo a cooperação entre as nações, por meio da educação, ciência, cultura e comunicação, visando aprofundar o respeito universal pela justiça, pelo primado da lei e dos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais, que são afirmados para os povos do mundo, sem distinção de raça, sexo, língua ou religião, de acordo com a Convenção das Nações Unidas (VIEIRA, 2002, p. 33).

A Unesco, segundo Vieira, desempenha as funções de *“realizar estudos prospectivos; contribui para o avanço, a transferência e a difusão do conhecimento; presta colaboração especializada, por meio de cooperação técnica e da promoção de intercâmbio de informação especializada”* (VIEIRA, 2002, p. 34). Neste sentido, três contribuições sobre educação devem ser destacadas:

- a) O estudo *“Educação e conhecimento: eixo da transformação produtiva em equidade”* (Cepal/Unesco 1995);
- b) o trabalho *“Educação: Um tesouro a descobrir”*, elaborado pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, constituída com a finalidade de promover uma pesquisa circunstanciada sobre as novas demandas para a educação (Unesco, 1999);
- c) e o *Informe Mundial de Educação 1998*, que focalizou o tema *“Professores e ensino num mundo em mudança”* (Unesco 1998).

Um registro importante deve ser feito sobre os aspectos comuns destes encontros realizados a partir de 1995: em todos estes estudos tivemos a *formação de professores* presente e ficou evidenciada a questão das políticas educacionais sobre o tema. No Brasil temos muitas publicações sobre estes estudos e que são utilizadas em aulas e em seminários dos diferentes cursos de formação de

<sup>79</sup> BID: Banco Interamericano de Desenvolvimento; o Banco Mundial também conhecido como Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento, Bird.

<sup>80</sup> Unesco: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura; Unicef: Fundo das Nações Unidas para a Infância.

professores. O que precisamos fazer é investigar como estão sendo estudados estes materiais em Igrejinha e como eles estão sendo implementados. A compreensão dos interesses ideológicos passados quase que subliminarmente a partir destes encontros é algo que merece atenção, pois nestes documentos é que encontramos a questão das competências ligadas ao modelo econômico neoliberal.

O Banco Mundial, criado em 1944, atua através de várias iniciativas que expressam “*uma mistura de financiamentos e idéias para melhorar o padrão de vida e eliminar as piores formas de pobreza*”; entre 1989 e 1996, 30% do total dos financiamentos à educação tiveram sua origem nele (The World Bank 2001). Qual é sua missão para o Brasil?

[...] apoiar o Brasil na redução da pobreza e na promoção do crescimento econômico sustentável, por meio da melhoria da qualidade, eficiência e da equidade do sistema educacional brasileiro, com ênfase no aumento de oportunidades de aprendizado para os pobres (Banco Mundial 1999) (VIEIRA, 2002, p. 35).

Estes princípios estavam presentes em mais de 53 projetos patrocinados aqui no Brasil pelo Banco Mundial. Destes projetos, o que consome mais recursos é o Fundoescola (mais de US\$ 1,3 bilhão ainda em 2000). Muitas iniciativas da política educacional são desenvolvidas com os recursos que vêm do Banco Mundial: construção e reformas de escolas, aquisição de material didático, o financiamento de sistemas de avaliação (Saeb) e, por fim, uma quantia significativa está sendo investida para a formação de pessoal (gestores educacionais e professores). É neste sentido que acompanhamos certo protagonismo do Banco Mundial na formulação das políticas educacionais aceitas e desenvolvidas por diferentes instâncias governamentais brasileiras nas últimas duas décadas. Este tema foi destacado por nós no começo desta exposição.

Neste cenário, as políticas de formação de professores são profundamente afetadas. No PNE<sup>81</sup>, capítulo sobre o magistério de educação básica, vemos que existe a exigência de “*profissionais cada vez mais qualificados e permanentemente atualizados*” (Plano 2000). Esta citação converge com as colocações já feitas nesta tese nas quais demonstramos que os trabalhadores assalariados são cada vez mais cobrados sem que haja uma correspondência em suas condições de estabilidade.

---

<sup>81</sup> PNE: Plano Nacional de Educação.

Os profissionais da educação não escapam destas exigências, pois a LDB ao tratar da “*valorização dos profissionais da educação acentua que a avaliação do desempenho dos professores é um critério de progressão funcional*” (LDB, art. 67, IV). O parecer CNE/CP nº 009/2001 também destaca que a avaliação é um dos “*princípios orientadores para uma reforma da formação de professores*” (item 1.2.4) e como uma das “*diretrizes para a formação de professores*” (item 2.5) (Brasil/MEC/CNE 2001).

A concepção da educação ao longo da vida traz também elementos e desdobramentos da globalização; neste sentido, devemos entender os quatro pilares básicos da educação: *aprender a viver juntos, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a ser* (temas tratados pelo relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI). Os profissionais do magistério que atuam no Brasil terão condições de ter uma formação que priorize o *aprender a aprender*? E esta formação estará a serviço de que interesses?<sup>82</sup> Como é que será feita a formação de base generalista se os modelos de formação ainda são tradicionais e as condições educacionais estão muito abaixo dos padrões atingidos por outros países semelhantes ao Brasil?

O cenário é desafiador, pois em 2000 somente 47,3% dos professores do ensino fundamental tinha nível superior. Esta situação indica que a formação inicial e em serviço deveria constar na agenda como um dado indiscutível das políticas de formação de professores.<sup>83</sup>

Esta é uma situação específica e a partir dela é que acompanhamos uma contradição séria, pois o setor público aumentou os investimentos e as matrículas na educação básica, mas, em contrapartida, o setor privado de ensino domina totalmente o ensino superior. Neste aspecto, provavelmente, acompanharemos uma série de reestruturações nas instituições privadas de ensino, pois elas cresceram demasiadamente na década de 90 e nos primeiros anos deste século, mas agora estão enfrentando uma crise financeira enorme e muitas vagas oferecidas em seus

---

<sup>82</sup> A proposta de aprender a aprender, segundo alguns críticos, oculta a idéia de que os alunos podem aprender por si só; neste caso, os professores não seriam mais necessários e as universidades, faculdades ou institutos de educação poderiam avançar ainda mais na direção da educação à distância. Em todos os casos os professores perderiam gradativamente seus postos de trabalho.

<sup>83</sup> Triviños defendeu em diversas aulas que os professores da rede pública estadual ou municipal deveriam ter um plano de formação continuada e gratuita. Este processo seria determinante para termos um nível melhor de formação entre os profissionais da educação, pois estes seriam capazes de constatar os problemas e a partir deles propor soluções viáveis.

vestibulares não são preenchidas; temos instituições (universidades particulares) que estão pagando juros abusivos para conseguir saldar seus compromissos e outras que não conseguem mais pagar, em dia, os professores e o quadro de funcionários. Esta situação exigirá reformas profundas nestes setores.

Precisamos destacar duas tendências com relação ao fortalecimento do papel das agências internacionais:

[...] de um lado, a retórica de valorização do magistério, retirada nos mais diversos documentos de intenção formulada com o patrocínio direto ou a colaboração desses organismos; de outro, a persistência de políticas que nem sempre parecem considerar a centralidade do papel do professor na tarefa educativa (VIEIRA, 2002, p. 40 e 41).

Se tomarmos o exemplo do salário básico dos professores do estado do Rio Grande do Sul veremos que este discurso de valorização dos professores é uma grande falácia, pois neste estado os professores recebem um piso de R\$ 272,70.<sup>84</sup> Este valor é inferior ao salário mínimo nacional e infinitamente inferior ao salário mínimo estadual (regional).

A análise destes documentos demonstra que a formação dos profissionais de educação fica relegada a um segundo plano; em algumas situações, como é o caso do Fundoescola e do Gestar<sup>85</sup>, existe uma valorização maior dada à formação de gestores (a grande vitrine desse projeto é o Prasem<sup>86</sup>). Outro fator que devemos destacar é o seguinte: muitas vezes as iniciativas educacionais desenvolvidas não estão em sintonia com as necessidades locais e isto não apresenta um efeito sobre a aprendizagem e sobre o rendimento escolares. É necessário estreitar a distância entre a intenção e o gesto de valorizar os educadores. Precisamos avançar além da melhoria do status, da auto-estima e do discurso sobre o profissionalismo dos professores (estes elementos estiveram presentes no Fórum Mundial da Educação realizado em Dacar, Senegal, 2000) e voltaram em outros eventos que trataram o tema educação e formação de professores.

---

<sup>84</sup> Informação prestada pela presidente do CPERS Sindicato, Simone Goldsmith ao programa Girando Com a Notícia, da Rádio Amizade FM, em 05 de junho de 2008.

<sup>85</sup> **Gestar**: Programa de Gestão da Aprendizagem Escolar.

<sup>86</sup> **Prasem**: Programa de Apoio aos Secretários Municipais de Educação. Consulte: <http://www.fundescola.org.br>

## 6. NEOLIBERALISMO E EDUCAÇÃO

Neste capítulo pretendemos aprofundar a reflexão sobre as influências do neoliberalismo sobre a educação. Faremos uma exposição a partir de diferentes fontes para podermos melhor dialogar com os autores que tratam destes temas.

Ao estudarmos o fenômeno formação e prática profissional dos educadores igrejinenses, devemos considerar que o mesmo está situado e inserido dentro de um cenário econômico marcado pelo neoliberalismo. Este surge num período em que os Estados Unidos da América detêm a hegemonia econômica e política do planeta.

O neoliberalismo é uma ideologia que surgiu a partir da década de 70 do século XX e que procurava, segundo seus proponentes, solucionar a crise do estado nacional. A proposta neoliberal valoriza mais os direitos dos consumidores em detrimento às liberdades públicas e democráticas. É uma proposta que veladamente contesta a participação do Estado na defesa e amparo dos direitos sociais. Esta situação gerou e gera crises no senso social e na solidariedade que deveria existir entre as pessoas. Nesta ideologia, o cidadão foi reduzido a mero consumidor. Aqui podemos entender o surgimento do código de defesa do consumidor em nível nacional, pois isto está sintonizado com o que preconiza o sistema. O que poderia existir era um código que defendesse os direitos sociais dos cidadãos. A diferença é enorme, pois na atual situação nem todos são consumidores, mas todos são sujeitos que merecem ver seus direitos respeitados.

O pressuposto neoliberal é o seguinte: a economia internacional é auto-regulável e ela tem a possibilidade de vencer as crises distribuindo os benefícios para todos os habitantes da aldeia global. Neste jogo, o Estado não necessita intervir. Esta lógica foi implantada parcialmente em todos os países latino-americanos, com alguma exceção. Neste cenário, a desregulamentação da economia e as privatizações passaram a fazer parte da pauta de muitos programas de rádio e TV. Passados alguns anos das concessões dos serviços à iniciativa privada, já temos pesquisas que apontam para a desaprovação integral destas práticas.

A lógica desta política, segundo Santomé, é a seguinte:

As medidas de desregulamentação exigidas pelos promotores da economia neoliberal são justificadas por meio da alegação de que a eliminação de medidas protecionistas permitirá a entrada de novas empresas e capitais, o que desencadeará um crescente processo de novos empregos e melhores salários. As suas propostas teóricas, porém, são desbancadas dia após dia pelos índices de crescimento do emprego e pelas condições em que são realizados os novos contratos de trabalho. Há bastante tempo, em uma grande parte de países ao nosso redor, os salários permanecem congelados e a insegurança laboral tem aumentado (SANTOMÉ, 2003, p. 46-47).

O processo de liberalização do comércio afetou e afeta muito a realidade nacional, pois, a partir dele encontramos muitos produtos internacionais, novas tecnologias de informação e comunicação e as privatizações que modificaram os mercados nacionais e internacionais. O mundo tornou-se uma aldeia global, principalmente dentro da dimensão econômica.

A partir disto é que Raymundo Faoro, 1994, distingue modernidade de modernização. *Na modernidade* existe um movimento espontâneo da sociedade a partir do qual o papel dos atores sociais é considerado no processo de revitalização da sociedade em todos os campos. *Na modernização* temos as reformas implementadas de cima, a partir do alto; neste panorama a modernização seria um processo imposto a sociedades em que há o favorecimento do grupo condutor, os que têm os privilégios.

No atual estágio de desenvolvimento do modelo econômico, podemos afirmar que a transformação do Estado brasileiro em estado mínimo é uma forma de modernização preconizada pelos apologistas do modo de produção capitalista.

Neste contexto, acompanhamos uma modernização que, além de transformar o Estado tornando-o mínimo, desenvolve a economia e promove a reforma educacional, também vemos o aumento da abrangência do poder da iniciativa privada transnacional; tudo isto ocorre numa realidade em que convivemos com uma certa democracia formal na qual os últimos presidentes foram escolhidos pelo voto direto da população. Este quadro aconteceu nos dois governos de Fernando Henrique Cardoso e também nos primeiros cinco anos de governo Lula. Nestes governos existiu e existe o máximo de liberdade econômica combinada com o respeito formal aos direitos políticos e poucos direitos sociais garantidos substancialmente.

## 6.1 NEOLIBERALISMO E EDUCAÇÃO: MUDANÇAS

Em torno da educação surgiram muitos discursos a partir de meados da década de 80 do século XX. Nestes, as expressões qualidade total, modernização das escolas, adequação do ensino à competitividade do mercado internacional, incorporação das técnicas e linguagens da informática e da comunicação, abertura das universidades aos financiamentos empresariais e também aos convênios com a iniciativa privada aparecem constantemente.

Nos últimos tempos, as pesquisas que são valorizadas devem ser práticas e utilitárias, as que visam ao aumento da produtividade, conseqüentemente, o aumento dos lucros das empresas e de seus empresários.

Neste discurso neoliberal, a educação não mais é parte do campo social e político, ela ingressa no mercado e passa a funcionar obedecendo esta lógica. É neste sentido que destacamos três objetivos deste modelo de educação: a) atrelar a educação escolar à preparação para o trabalho e a pesquisa acadêmica ao imperativo do mercado ou às necessidades da livre iniciativa; b) tornar a escola um meio de transmissão dos seus princípios doutrinários através da adequação dela à ideologia dominante. Este processo é materializado pela construção da realidade simbólica através dos diferentes meios de comunicação de massa e da própria escola; c) fazer da escola um mercado para os produtos da indústria cultural e da informática. Aqui vivenciamos um dado contraditório, pois os discursos dos neoliberais condenam a participação do Estado no financiamento da educação, mas, em contrapartida, os mesmos se aproveitam da situação para divulgar seus produtos didáticos e paradidáticos no mercado de trabalho.

Esta reflexão é incrementada e complementada por Tomaz Tadeu da Silva (1996) quando afirma que o neoliberalismo não coloca a educação entre os direitos do homem e do cidadão, mas, pelo contrário, promove uma regressão da esfera pública ao inserir e abordar a escola dentro do mercado e das técnicas de gerenciamento; neste cenário, o conteúdo político da cidadania é esvaziado e substituído pelos direitos do consumidor.

Esta visão que acabamos de descrever foi implantada gradativamente na educação a partir das décadas de 80 e 90. É a partir disto que os pais e os alunos passaram a ser vistos como consumidores. Entre os defensores deste discurso surgiam frases interessantes como a seguinte: nós, direção, professores e

funcionários desta escola devemos oferecer um excelente produto aos alunos (clientes) e a suas famílias. Estas expressões estão em sintonia com o processo de gerenciamento da qualidade total, bandeiras preconizadas e defendidas pelos neoliberais. As expressões produto e clientes são marcadas; inserem-se dentro dos diferentes discursos em torno do processo de gestão da qualidade e ou racionalidade administrativa criadas para fortalecer o processo neoliberal.

O raciocínio anterior nos faz perceber que houve uma redução significativa da contribuição direta do Estado no financiamento da educação pública. Este fato é real, pois observamos um aumento acentuado no número de faculdades e universidades particulares nas últimas duas décadas. No primeiro semestre de 2008, houve o anúncio, por parte do governo Lula, de que os investimentos na educação pública seriam retomados, revigorados e fortalecidos; se isto se materializar teremos uma inversão na política de financiamento da educação que vinha sendo adotada desde o governo Collor: do final da década de 80 até o início deste ano, os recursos vinham diminuindo significativamente e os trabalhadores em educação perdiam gradativamente as conquistas sociais e econômicas que eram históricas.

O aspecto central do projeto neoliberal para a educação, além da privatização, está relacionado com a adequação da escola e da universidade pública aos mecanismos de mercado e eles devem funcionar como tais.

Os neoliberais ficam muito incomodados com a liberdade acadêmica, pois esta possibilita uma reflexão profunda e, a partir disso, pode se viabilizar o afastamento da universidade pública dos mecanismos do mercado e da submissão aos critérios da produção industrial da cultura. Para muitos estudiosos, a essência da universidade estaria na questão da liberdade acadêmica, pois a partir desta é que os alunos terão horizontes para aperfeiçoarem a construção do seu raciocínio crítico e de sua capacidade de discernir as coisas. Na obra *O que é Ideologia*, 2ª edição, p. 108, a professora Marilena Chauí coloca que “*a formação crítica e a pesquisa*” devem ser as principais atividades das universidades.

No fundo, o que querem os neoliberais é destruir e sucatear a universidade pública, através da privatização gradativa da mesma, do achatamento salarial do corpo docente e também do direcionamento das pesquisas aos interesses industriais e comerciais da iniciativa privada. É a partir desta visão que as pesquisas atenderiam aos interesses utilitários de curto prazo. O que vemos ultimamente é a valorização e o favorecimento das áreas de microeletrônica, biotecnologia,

engenharia da produção e administração em detrimento das áreas humanas. Vemos que existem poucos recursos para os pesquisadores das ciências humanas. Os recursos e as bolsas de estudos estão sendo investidos mais nas áreas que imediatamente servem aos interesses do mercado. Esta priorização é compreensível dentro da visão mercadológica, pois o Brasil está crescendo e se desenvolvendo economicamente e para isto necessita de trabalhadores treinados para desempenhar estas funções específicas e técnicas.

A palavra qualidade se faz presente na retórica neoliberal. O que aproxima a escola das empresas é o termo qualidade total e quase nada mais. A escola está ligada com os negócios. E este negócio tem que ser bem administrado. O raciocínio neoliberal é tecnicista, pois equaciona problemas sociais, políticos, econômicos como problemas de gerência adequada e eficiente ou inadequada e ineficiente. Nos últimos anos os preceitos do neoliberalismo tratam sobre a qualidade de vida e também qualidade de vida no trabalho e isto serve para mascarar a essência do neoliberalismo.

As leituras feitas durante os estudos que realizamos apontam a existência de certas contradições entre os interesses do mercado e os interesses da educação:

O mercado funciona visando ao curto prazo, enquanto a educação, no contexto do sistema educacional, é uma aposta em um modelo de futuro. Entre suas razões fundamentais de ser está a de preparar os cidadãos e cidadãs para agir com autonomia, oferecendo-lhes as teorias, os conhecimentos, os procedimentos e os valores necessários para se integrarem como membros ativos da sociedade no dia de amanhã. Essa concepção obriga a oferecer uma educação que contribua para abrir novos horizontes para as pessoas, que permita o maior número de oportunidades, de possibilidades de escolha e adaptação às imprevisíveis necessidades do futuro. Essa filosofia transforma a formação polivalente em uma meta realmente atuante (SANTOMÉ, 2003, p. 38).

A reflexão de Albert Einstein na qual afirma que fazemos parte da comunidade humana e devemos agir com visão e perspectiva, não meramente como criaturas individuais é interessante. A partir dela, percebemos que nos humanizamos quando empenhamos esforços, sentimentos e pensamentos tendo em vista a comunidade e seu progresso. O juízo que temos sobre nós mesmos, sobre aquilo que é bom ou mau, justo ou injusto será determinado por nossa atitude social, nosso comprometimento e envolvimento com os outros e com a natureza. É neste sentido

que ele nos fala que, além de ensinar ao homem uma especialidade, precisamos desenvolver com ele o espírito crítico em sua inteligência aliado às questões morais; ao agirmos desta maneira estaremos fazendo com que o homem não seja movido apenas pela questão da eficácia, pois esta, em muitas ocasiões, assassina o espírito e impossibilita qualquer vida cultural do espírito humano. Ao partilharmos alegrias e sofrimentos estaremos abrindo possibilidades para compreendermos os outros.

A frase que acabamos de citar nos remete a idéia de um ensino mais ético e convergindo mais na direção dos aspectos coletivos, essenciais a uma vida verdadeiramente humana. Einstein, ao afirmar categoricamente que a competição e a especialização assassina o espírito das pessoas, nos faz uma advertência séria sobre este tema. A partir disto é que devemos empreender esforços para caminharmos noutra direção, sob vários aspectos, diferente daquela vivenciada hoje por muitos. Temos que bater bastante nesta tecla, pois o cenário educacional mergulha permanentemente nesta luta terrível que é patrocinada pelo modelo de educação subserviente aos interesses do modelo econômico neoliberal.

## 6.2 A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES NESTE CENÁRIO

Nas últimas décadas, acompanhamos um conjunto de reformas nas políticas educacionais brasileiras. No centro destas, estiveram as propostas curriculares. A instituição do currículo nacional através de parâmetros e diretrizes curriculares e de processos de avaliação centralizada nos resultados é uma realidade que precisamos analisar para compreender os valores presentes no processo de formação dos educadores.

As colocações do item anterior nos alertam para a vinculação existente entre educação e interesses do mercado; a educação de qualidade, segundo interpretação destes documentos, tem o desafio de formar capital humano eficiente para o mercado. Se observarmos a política do governo Lula no que tange a educação ou particularmente o ensino técnico, veremos que ela está corroborando o que os documentos expressam: formando mão-de-obra técnica e barata para um mercado de trabalho específico. É só ler nos jornais o número de escolas técnicas que estão sendo criadas e implantadas Brasil afora.

Estas reformas são abrangentes e, para efeitos didáticos, analisaremos primordialmente o currículo para a formação de professores. Este aspecto é o que

mais nos interessa, pois existe um vínculo grande entre as possíveis mudanças na qualidade da educação com as mudanças na formação dos professores. A princípio esta reflexão está correta, pois através de uma formação de professores de alta qualidade os resultados esperados do processo de ensino-aprendizagem não deveriam ser outros. Mas será que é isto que acontece de fato?

Em 1996, o Brasil promulgou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional<sup>87</sup> e a partir dela diversos documentos que orientavam a reforma curricular da formação docente passaram a ser editados; nestes, o conceito de competência é apresentado como essencial e nuclear na organização curricular. Esta passa a ser um novo paradigma educacional.

O conceito de competência surgiu e se consolidou gradativamente na literatura que trata da formação de professores. A idéia geral que perpassa estas produções é a seguinte: as competências tratam da capacidade de mobilizar múltiplos recursos tendo em vista a resolução das diferentes demandas de vida dos seres humanos, no trabalho ou em outros setores. Os recursos devem estar relacionados com os conhecimentos teóricos e experienciais da vida pessoal dos futuros profissionais da educação.

Nos documentos que tratam da questão da formação de professores, especialmente os ligados ao currículo, percebemos uma nova concepção de ensino que secundariza o conhecimento teórico e sua mediação pedagógica. O que é enfatizado é a dimensão prática em detrimento da formação intelectual e política dos professores.

As políticas educacionais propostas pelos governos de Fernando Henrique Cardoso e de Lula, como os outros que os antecederam, estão inseridas dentro de uma situação histórica específica. Nesta, é mister destacar que a globalização da economia e a mundialização da cultura são dados quase que incontestes. Estes

---

<sup>87</sup> Sob o ponto de vista denotativo, *bases* são fundamentos, vigas de sustentação, elementos estruturantes de um corpo. *Diretrizes* denotam o conceito de alinhamento e, no caso, de normas de procedimento. Aplicados os conceitos a norma educativa, infere-se que as bases remetem à função substantiva da educação organizada. Compõem-se, portanto, de princípios, estrutura axiológica, dimensões teleológicas e contorno de direitos. A este conjunto, podemos chamar de funções substantivas. As *diretrizes*, por outro lado, invocam a dimensão adjetiva da educação organizada. Encorpam-se, por conseguinte, em modalidades de organização, ordenamentos da oferta, sistemas de conferência de resultados e procedimentos para a articulação inter e intra-sistemas. As *bases* detêm um conteúdo de concepção política, as *diretrizes*, um conteúdo de formulação operativa (CARNEIRO, 1998, p.24).

fatos fazem com que os discursos e as práticas em torno das políticas educacionais sejam influenciados fortemente pelos interesses econômicos.

O currículo por competências, a avaliação do desempenho, a promoção dos professores por mérito, os conceitos de produtividade, eficiência e eficácia, entre outros, disseminam-se nas reformas educacionais em curso no mundo globalizado (DIAS; LOPES, 2003, p. 03).

Existe uma tensão e uma troca espontânea entre o global e o local e vice-versa. Por um lado, a educação em Igrejinha, RS, tem que atender as características locais (colonização germânica, economia voltada para o setor coureiro-calçadista, as promoções ligadas ao Kerb e a Oktoberfest, etc.) e, por outro lado, deve interagir com aquilo que vem de fora. Neste processo, presenciamos a associação entre idéias de diferentes vertentes com fragmentos de teorias e práticas experimentadas em outros locais; o que ocorre é uma ressignificação.

Ball, baseando-se em Bernstein, afirma que esse processo é de *tradução e recontextualização*. Pelo segundo, há o estabelecimento de regras que constituem um princípio de apropriação de outros discursos. Este é um processo onde ocorre o deslocamento e a realocação de discursos; neste cenário, se os professores não tiverem tempo e condições para processarem, interpretar e compreenderem a situação, as ambigüidades poderão atrapalhar a sua prática.

A identidade neste processo de recontextualização dos discursos relaciona-se, particularmente, às ações das agências multilaterais que fomentam a educação e também os intercâmbios de idéias e concepções de diferentes países. As diversas publicações de livros, junto com as consultorias intergovernamentais e os múltiplos grupos acadêmicos espalhados pelo mundo, com suas diferentes reflexões e práticas, contribuem para construir o consenso em relação às ações de governo no sentido de legitimar as idéias de mudança e de qualidade em educação. A qualidade é pensada a partir da ótica de mercado.

Ao longo do desenvolvimento desta idéia, o currículo assume papel central ou essencial. Pelo estudo deste é que podemos compreender as relações existentes no processo do ensino-aprendizagem. O que aparece imediatamente é o questionamento a respeito da atuação profissional dos professores. Este discurso tenta uniformizar um consenso em torno da legitimação da reforma. A crítica velada é a seguinte: o baixo rendimento escolar dos alunos é resultante do despreparo dos

professores, pois, segundo declaração do ex-ministro da educação e do desporto, Paulo Renato Souza, “*muitos professores não tinham condições de ensinar* (PASSOS, O Globo, 2000)”. O pressuposto desta idéia é o seguinte: a reforma educacional somente alcançará êxito a partir da existência de professores bem preparados e estes desenvolverão um trabalho pedagógico em consonância com a lei. Este pressuposto não seria problemático se no processo de formação não estivesse subliminarmente disfarçada a idéia conservadora de reforma e o perfil técnico da mesma. Existe um controle que se materializa num conjunto de regras que regulam o acesso e a distribuição da consciência, da identidade e do desejo. A materialização deste controle está em saber como os professores constroem suas identidades profissionais. No processo de avaliação de competências está materializada a idéia de controle. Neste aspecto, é interessante observar as avaliações dos professores realizadas nas instituições de ensino superior<sup>88</sup>; todas elas exigem demasiadamente do professor e o aluno, segundo o roteiro das perguntas elaboradas, não entra na cena.

O que encontramos em diferentes literaturas e artigos é a questão da avaliação por competência. Em muitas reformas curriculares esse fenômeno está presente. O que pauta as reflexões é o item competência profissional. Esta reflexão tornou-se paradigma curricular. Por trás desta visão, está presente uma concepção instrumental de currículo e da própria educação. Esta para servir e ser interessante deve estabelecer uma relação de subserviência em relação ao modelo neoliberal. Ela é um meio para os capitalistas burgueses acumularem mais riquezas. Já destacamos que a competência deve estar relacionada com o compromisso político que deve estar presente no processo de ensino e de aprendizagem. Será que isto ocorre no processo educativo?

### **6.2.1 Competências e Formação de Professores**

Existem certos estudos que afirmam que as competências assumem um caráter comportamentalista e fragmentado e este visa controlar a atuação do professor. Os defensores da administração científica afirmam que a eficiência

---

<sup>88</sup> Vemos isto acontecer nas instituições em que trabalhamos – instituições particulares. Nestas, o desempenho do professor está sempre sendo avaliado e serve para orientar certas medidas que serão adotados pelos coordenadores dos diferentes cursos e processos.

dependia da centralização da autoridade e é neste sentido que podemos ver o trabalho dos superiores nas escolas. Neste sentido, é importante destacar que os professores que não são eficientes e eficazes, periodicamente devem se submeter a observação de suas aulas, pois é a partir destas que a escola terá uma idéia de seu desempenho profissional (a palavra desempenho neste sentido está sendo utilizada como sinônimo de uma prática materializada, como um processo eficaz). Neste sentido, é interessante destacar que na cidade de Igrejinha o Poder Executivo propôs e o Legislativo aprovou uma lei que tem por objetivo avaliar o desempenho dos profissionais da administração; os não competentes gradativamente serão exonerados de suas funções. Esta é uma ação política convergente aos interesses neoliberais, pois estes preconizam a diminuição gradativa do tamanho do Estado. O que ocorreu na Câmara foi um debate superficial sobre esta matéria, mas sem nenhum resultado prático aos funcionários.

Nestas situações, o professor não precisava parar para pensar, mas, ao contrário, deveria encontrar meios para fazer bem o que lhe fosse pedido. Neste sentido, o professor era mais um técnico e sua autonomia, criatividade intelectual e política deveriam ser obliteradas. Aqui é possível entender os motivos de o individualismo ter triunfado hoje na sociedade.

Um dado interessante salta aos nossos olhos quando analisamos a idéia do currículo por competência: a associação entre o desempenho do aluno e o desempenho do professor. Os alunos com bom desempenho tiveram professores bons e eficientes. Este movimento surgiu e se consolidou a partir dos Estados Unidos da América e hoje está presente no Brasil e em outros países. Nestas diversas situações, a idéia era muito semelhante: a formação de professores eficientes deve atender as necessidades postas pela sociedade, diga-se, pelo modelo econômico. Nesta visão, conhecer o que os professores fazem é mais importante do que conhecer o que eles são e pensam. O foco está voltado para o comportamento do professor. No currículo, era interessante desenvolver as destrezas dos futuros professores e isto seria feito através de uma meticulosa descrição das atitudes dos professores eficientes.

Em todo este movimento sempre houve uma valorização maior em torno das habilidades que os professores deveriam ter para ensinar e causar mudanças no comportamento dos alunos; o conhecimento da atividade do ensino era menos importante. O que fica claro é o seguinte: as atividades de aprendizagem e os

próprios conteúdos eram escolhidos a partir da visão das competências e do uso ou aplicação do conhecimento em um determinado contexto. Em alguns locais, os professores tiveram suas competências científicas medidas mediante avaliações e testes.

Em nossas universidades, o resultado desta política é bastante palpável: no final de cada semestre, os professores são avaliados pelos alunos e isto gera ansiedade ao corpo docente, pois os resultados destas avaliações podem determinar a demissão de vários colegas de seus postos de trabalho. Há uma mensagem nisto tudo: os professores devem tratar bem a seus alunos (clientes), caso não façam isto poderão ser convidados a se retirarem de seus postos de trabalho. Aqui também o conhecimento profundo dos conteúdos não é o fator mais importante e sim a forma como eles são trabalhados.

As pesquisas que surgiram em torno da eficiência do professor e do desenvolvimento do currículo por competência sugerem a profissionalização da formação docente. Mas esta visão não considera a especificidade da profissão docente e de sua própria história. Segundo Pereira, 2000, p. 16, no Brasil as idéias em torno da importância da prática do professor na produtividade do sistema escolar enfatizam *“a dimensão técnica do processo de formação de professores e especialistas em educação”*.

A partir destas reflexões feitas pudemos observar que o currículo por competência aparece como “novo” paradigma em educação; e é a partir desta visão que a escola deve estar sintonizada com as mudanças da sociedade ajustada ao mercado de trabalho.

A partir dos referenciais (1999) e das Diretrizes (2001), a escola é desafiada a cumprir novas tarefas que giram em torno da resignificação do ensino em resposta aos desafios contemporâneos. A reforma curricular brasileira é tida como necessária ao desenvolvimento das pessoas e da sociedade e ela, segundo as DCN<sup>89</sup>, “favorecerá as transformações sociais necessárias” (DCN, 2000, p. 8). O que não fica claro é que ou qual direção estas transformações sociais seguirão.

Nos documentos oficiais, encontramos elementos de tradição e de renovação. A preocupação de atendimento das necessidades da sociedade e do mercado de trabalho está entre os elementos de tradição. Os elementos de renovação estão

---

<sup>89</sup> Diretrizes Curriculares Nacionais.

relacionados à aproximação da escola à realidade da comunidade, principalmente no sentido de possibilitar uma participação maior dos pais na vida da comunidade escolar.

Este processo está inserido dentro da visão do enfoque instrumental do currículo onde, a partir do desenvolvimento das competências, teríamos a aprendizagem de um “conhecimento útil” ao exercício de uma profissão dos alunos. Os professores também estariam envolvidos nesta lógica, pois as competências permitem a mobilização de um cenário prático e voltado à formação do professor. O que é valorizado é o mundo produtivo e isto restringe a visão de educação, pois o que conta é o “fazer melhor” do ponto de vista profissional. Mas será que isto auxilia na resolução dos problemas que aparecem nas situações existenciais concretas e complexas?

Outro elemento que surge a partir da flexibilidade do currículo é a instituição de ações de formação a partir *do aprender a aprender*; neste sentido é que manifesta o caráter individualizante das competências. No fundo desta proposta, segundo colocações da professora Marlene, da UFRGS, na qualificação do projeto de tese em 18 de dezembro de 2006, está a possibilidade da dispensa de professores e os alunos, a partir disso, aprenderiam por si mesmos. O que precisamos destacar é que existe uma vasta publicação em torno do tema *aprender a aprender* e que trabalha estas questões.

Conforme as afirmações anteriores, as competências no currículo de formação de professores surgiram para instituir uma nova organização curricular, nesta o **como** desenvolver o ensino tornou-se central. Ser professor é ter conhecimento prático ou advindo da experiência. O que se pretende com isso é que o aluno saiba e aprenda a exercer um trabalho. Os apologistas destas teses defendem uma mudança metodológica, pois as competências oportunizam situações de aprendizagem focadas em situações-problema ou no desenvolvimento de projetos, pois estes possibilitam a interação dos diferentes conhecimentos. A proposta é que isto integra as áreas e as disciplinas. O referencial agora é a atuação profissional e não mais as disciplinas.

Neste processo de formação, o próprio professor é responsabilizado por sua qualificação profissional. Nas Diretrizes (2001), lemos que “o desenvolvimento das competências profissionais é processual e a formação inicial é apenas a primeira etapa do desenvolvimento profissional permanente, impondo aos professores o

*desenvolvimento de disposição para atualização constante*” (DIRETRIZES, 2001, p. 10). A idéia de que o profissional deve ser capaz de aprender sempre parece ser bastante interessante, mas que custa muito caro aos educadores do Terceiro Mundo, pois poucos têm recursos e condições para materializar isto. Já colocamos em outros parágrafos o valor básico dos vencimentos dos professores da rede pública estadual gaúcha; pensamos que este é um dado sério e que dificulta bastante a vida dos professores e, conseqüentemente, o desenvolvimento do seu trabalho pedagógico dentro de um nível educacional esperado.

As diretrizes sugerem uma formação profissional de alto nível a partir de uma visão técnica capaz de atender demandas específicas. Os profissionais formados com estes traços possuiriam, além de conhecimentos sobre o seu trabalho, capacidade para mobilizá-los através do domínio das competências. A idéia de perfil profissional insere-se aqui e diz respeito a uma certa padronização comum a maioria dos formados. Ao fazermos a leitura do perfil esperado dos egressos dos diferentes cursos percebemos estes aspectos ligados à educação. Será isto possível em educação?

Estamos descrevendo aspectos da chamada cultura da avaliação a partir das competências; nestas, encontramos a formação inicial e a formação continuada cristalizada com o lema *aprender a aprender*. Pela avaliação, os professores poderão “*auto-regular a própria aprendizagem*” (DCN, 2001, p. 33) e isto aferirá a qualidade real do trabalho dos professores. Nesta avaliação, o mérito e a dimensão individual são valorizados em detrimento da idéia do desenvolvimento que é essencialmente coletivo.

Para concluir esta exposição acerca da expressão desenvolvimento das competências, podemos dizer o seguinte: esta idéia está associada à atuação dos professores em situações concretas de experiências profissionais. É uma idéia que pode esvaziar o espaço do conteúdo dos diferentes conhecimentos; as idéias de juízo e de crítica ficam relegadas ao segundo plano, pois agora o que conta é o saber técnico de como desenvolver a atividade de ensino na escola. O que convém destacar, segundo Apple, 1995, é que a valorização do desempenho, do resultado e da eficiência é o que conta aos defensores destas teses.

Os documentos concebem a formação dos futuros professores como um processo de treinamento no qual os conhecimentos teóricos valem menos que a

aplicação deles em situações concretas<sup>90</sup>. A dimensão prática, o fazer, é mais interessante que a reflexão que fazemos acerca dos mesmos. Já afirmamos que o caráter instrumental das competências é um fato que aflora a partir destas análises. A partir disso, teremos a materialização de um novo modelo de docente: mais facilmente controlado na produção de seu trabalho e também intensificado nas diversas atividades que se apresentam para a escola. As cobranças serão individualizadas a partir da prática e neste aspecto também teremos problemas, pois os docentes terão maiores dificuldades para recorrer em situações nas quais os seus direitos estejam sendo prejudicados. Este fenômeno é visto quando acompanhamos a fragilização dos sindicatos que defendem a categoria em diferentes estados (no RS podemos citar o SINPRO<sup>91</sup> e o CPERS<sup>92</sup>)

A expectativa que se aponta para os educadores e para a sociedade em geral no momento é de que seja possível a construção de um espaço público de diálogo e de formulação de alternativas curriculares para a formação de professores, capaz de responder às críticas ao currículo por competências. Especialmente no que concerne ao aligeiramento da formação docente e às restrições da atuação intelectual e política dos professores (DIAS; LOPES, 2003, p. 18).

### 6.3 A RELEVÂNCIA DO ESTUDO

A realização e a materialização desta tese sobre formação e a prática profissional dos educadores da rede pública municipal e estadual de Igrejinha é uma contribuição interessante para a cidade e para a região do Vale do Paranhana, pois ninguém, até o presente momento, dedicou-se profundamente para conhecer esta realidade<sup>93</sup> a partir desta *perspectiva teórica*. Aprofundar o conhecimento sobre esta parte da realidade, ter uma visão radical, rigorosa e global deste fenômeno material social e educacional é de suma importância aos educadores, à comunidade e ao próprio poder público municipal e regional. Esta visão potencializará novas

---

<sup>90</sup> Entre os alunos também existe a noção que a prática é infinitamente superior à teoria. Esta é uma idéia que prejudica a atividade dos professores, pois a reflexão acerca daquilo que estão fazendo é sempre relegada a um segundo plano.

<sup>91</sup> Sindicato dos Professores Particulares do RS.

<sup>92</sup> Centro dos Professores do Estado do RS –Sindicato dos Trabalhadores em Educação.

<sup>93</sup> Sobre o processo educativo de Igrejinha existe uma dissertação de mestrado “A disortografia em escolares do ensino de 1º grau: persistência e alternativas”, de Maria Melânia W. F. Pokorski. Neste trabalho, a autora faz uma comparação envolvendo os municípios de Igrejinha e Porto Alegre. O trabalho foi orientado por Triviños e foi defendido em 1990 na PUCRS.

investigações e novas práticas e políticas públicas à formação de professores bem como às suas atividades.

Ao longo dos quarenta e quatro anos de existência do município de Igrejinha, acompanhamos muitas transformações sociais, econômicas, educacionais, culturais e políticas; as transformações no campo da educação não foram vistas a partir do ponto de vista da *“capacidade da teoria de reproduzir na abstração do pensamento o conjunto complexo e sempre mutante de determinações que produzem a vida social”* (BORON, 2003, p.99). Fazer este esforço para “pensar bem”<sup>94</sup> e compreender as transformações educacionais ao longo deste processo histórico é fundamental à compreensão da história da educação do município e, acima de tudo, para compreendermos a *formação e a prática profissional dos educadores da rede pública municipal e estadual* e conseguirmos propor melhorias. Esta compreensão está de acordo com a visão de Marx acerca da totalidade, pois, de acordo com Atílio A. Boron,

Se alguma originalidade a tradição marxista pode exigir com justos méritos é sua pretensão de construir uma teoria integrada do social, em que a política seja concebida como a resultante de um conjunto dialético – estruturado, hierarquizado e em permanente transformação – de fatores causais, dos quais apenas alguns são de natureza política, enquanto muitos outros são de caráter econômico, social, ideológico e cultural (BORON, 2003, p.99).

Esta perspectiva está sendo perseguida ao longo do desenvolvimento desta tese, pois pensamos que a compreensão dos diferentes fatores não ocorre sem a leitura, análise, descrição e interpretação aprofundadas de todos os elementos envolvidos neste fenômeno que estamos estudando. Partirmos do **concreto sensível**<sup>95</sup>, daquilo que vemos a partir dos dados fornecidos pelos nossos sentidos

---

<sup>94</sup> Segundo Morin, o “bem pensar” [...] é o modo de pensar que permite apreender em conjunto o texto e o contexto, o ser e seu meio ambiente, o local e o global, o multidimensional, em suma, o complexo, isto é, as condições do comportamento humano. Permite-nos compreender igualmente as condições objetivas e subjetivas (self-deception, possessão por uma fé, delírios e histerias) (MORIN, 2000, p.100).

<sup>95</sup> [...]um primeiro momento no qual estamos perante o fenômeno que se oferece às nossas sensações como algo caótico, indeterminado, confuso, que ele (Marx) denomina concreto figurado, ou concreto sensível e que Lênin chamou de fase da contemplação viva do fenômeno. Desta etapa passaríamos “a abstrações cada vez mais delicadas até atingirmos as determinações mais simples” que denominaríamos de fase de análise ou de abstração. Mediante a análise seríamos capazes de discriminar as partes do todo, do fenômeno, assinalar o aspecto ou aspectos fundamentais do fenômeno, buscar a origem do fenômeno e seguir seu desenvolvimento, desvelando as contradições que o identificam. No momento em que iniciamos a volta ao fenômeno em seu desenvolvimento inicial, estamos começando a elaboração do que se denomina concreto lógico. Este será um produto ideal, espiritual. Será também resultado, “um processo de síntese, e, ao mesmo tempo que um

(incluindo a sensação, percepção e representação); podemos dizer que em nossa investigação devemos ter presente os alunos, os professores, os currículos de formação, as bibliotecas, as salas de aula e os recursos tecnológicos (computadores, TVs, vídeos, etc.).

Na segunda fase do método dialético marxiano, temos o estudo analítico ou a abstração do fenômeno material; é nesta fase que iremos distinguir as partes, também determinar o grau de importância de cada uma delas.

[...] iniciamos o conhecimento de nosso fenômeno material baseados em nossas experiências pessoal e social. E o consideramos como um todo. Agora começamos a análise desse fenômeno material, tratando de descobrir e precisar as partes que o constituem para caracterizar a importância que cada uma delas tem. Porém, não devemos esquecer que esse fenômeno material, que será objeto de nosso estudo, o retiramos de uma realidade complexa, e arbitrariamente o separamos do campo ao qual ele pertence. Isso significa algo que não devemos esquecer ao longo de nosso trabalho: que os fenômenos materiais estão relacionados e ligados entre si. E que devemos reorganizar essa realidade do fenômeno material, enriquecido com outras facetas do fenômeno material que em nossa primeira percepção dele não havíamos captado. E que [...] o estudo das relações e ligações desse fenômeno material nos mostrou também, através da análise e da reorganização final das descobertas que realizamos sobre sua existência, uma dimensão diferente que pode significar voltar a um começo enriquecido do que é o objeto de nossa pesquisa, e ao mesmo tempo, à expressão final do mesmo (TRIVIÑOS, 2005. p.44).

Na citação acima, aparece claro que o fenômeno material está constituído de partes e estas estão correlacionadas umas com as outras; neste sentido é que estudamos atentamente cada uma delas sempre tendo a categoria de totalidade<sup>96</sup> como norteadora desta investigação. A volta a um começo enriquecido é algo importante no processo educativo. Ao tomarmos uma unidade ou um conteúdo e realizarmos o estudo deste, podemos perceber que o final deste processo é um novo começo; o fim deve significar uma síntese e é a partir dela que os educandos deveriam partir para ter novos conhecimentos e um nível superior de qualidade. O que ocorre muitas vezes é o seguinte: alguns conteúdos são trabalhados em determinadas séries e turmas e quando os estudantes retomam estes em uma série mais adiantada eles partem novamente do marco zero, pois no processo anterior a síntese compreensiva não ocorreu. As colocações feitas até o presente momento

---

resultado, e não um ponto de partida, apesar de ser o verdadeiro ponto de partida e portanto igualmente o ponto de partida da observação imediata e da representação. (TRIVIÑOS, 2005, p. 47).

<sup>96</sup> István Mészáros em sua obra *Para Além do Capital*, 2002, coloca que “a totalidade concreta do mundo histórico, o processo histórico total e concreto é o único ponto de vista do qual a compreensão torna-se possível”.

esclarecem várias coisas que são anunciadas no método ou naquilo que deveria ocorrer nos processos educativos.

Podemos destacar que a formação dos professores, sua prática diária em sala de aula, sua vida cotidiana e também a relação que eles têm com os alunos, professores e com as escolas foram investigados em nosso estudo, pois se encontram nestas relações e ligações das quais o fenômeno está constituído. E é a partir destas colocações que encontramos a categoria de singular, particular e geral do fenômeno *formação e trabalho profissional dos educadores igrejinhenses*.

Depois de percorrermos as etapas do concreto sensível e a do estudo analítico ou abstração do fenômeno material é que construímos as condições para a materialização da nossa tese (**o concreto lógico**); nesta fase, tivemos o desenvolvimento do método de exposição a partir do material reunido (aqui, segundo Triviños, 2005, precisamos estudar o material reunido e também elaborar o relatório da tese). Ao longo deste processo, a visão da totalidade esteve presente.

Karel Kosik em sua obra *“Dialética do Concreto”* trabalha muito bem a questão do método e reforçamos a nossa exposição a partir da reflexão de sua obra, pois a mesma enfatiza significativamente esta parte desta tese; é desta forma que o autor explica o método dialético:

Da vital, caótica, imediata representação do todo, o pensamento chega aos conceitos, às abstratas determinações conceituais, mediante cuja formação se opera o retorno ao ponto de partida; desta vez, porém, não mais como ao vivo, mas incompreendido todo da percepção imediata, mas ao conceito do todo ricamente articulado e compreendido. O caminho entre a “caótica representação do todo” e a “rica totalidade da multiplicidade das determinações e das relações” coincide com a compreensão da realidade. O todo não é imediatamente cognoscível para o homem, embora lhe seja dado imediatamente em forma sensível, isto é, na representação, na opinião e na experiência. Portanto, o todo é imediatamente acessível ao homem, mas é um todo caótico e obscuro. Para que possa conhecer e compreender este todo, possa torná-lo claro e explicá-lo, o homem tem de fazer um *détour*<sup>97</sup> o concreto se torna compreensível através da mediação do abstrato, o todo através da mediação da parte. Exatamente porque o caminho da verdade é um *détour* [...] o homem pode perder-se ou ficar no meio do caminho (KOSIK, 1976, p. 29 e 30).

Ao iniciarmos o curso de pós-graduação em educação na FACED, UFRGS, a visão que tínhamos acerca dos professores, sua formação e prática profissional não era nada organizada e sistematizada: tínhamos idéias desorganizadas e, aos

<sup>97</sup> Podemos entender a expressão **détour** por: desvio, volta, mediação feita pela razão para atingir um conhecimento mais profundo e mais claro.

poucos, fomos dando corpo e vida às mesmas. Com a realização dos seminários é que conseguimos fazer as diferentes análises desses fenômenos para, aos poucos, através de mediações racionais, compreendermos as partes e como elas se ligam com o todo. Este processo foi sendo aprimorado com as entrevistas que realizamos com os diferentes professores da rede pública de Igrejinha, RS. O perder-se ou ficar no meio do caminho ocorre quando os estudantes não conseguem estabelecer relações entre os diferentes conteúdos das diferentes disciplinas e isto acaba dificultando ou até inviabilizando a síntese. Eis que esta deve ser uma preocupação de todos os coordenadores que organizam e ou são responsáveis pelos processos pedagógicos e educacionais. Muito tempo os estudantes podem levar para compreender o que estudam e, num segundo momento, relacionar os conteúdos com a realidade e como possíveis soluções de problemas enfrentados no seu cotidiano.

O conhecimento e a compreensão do fenômeno formação e prática profissional dos educadores igrejinenses está acontecendo gradativamente; nosso desafio é aprimorarmos a nossa reflexão e não nos perdermos durante a caminhada, pois esta investigação é muito importante para todos os envolvidos neste importante cenário e processo pedagógico. Os estudantes de magistério, normal, pedagogia e outras licenciaturas devem ser capazes de estabelecer relações coerentes entre os conteúdos didáticos, metodológicos e científicos estudados durante os cursos e a vida cotidiana que eles e os outros alunos levam.

Neste momento, esta explicação é fundamental, pois ela expõe os passos que demos no desenvolvimento da investigação desta tese. Neste sentido, é fundamental explicitar que Marx distinguia dois momentos em seu método: o **método de investigação e o método de exposição**. Estes dois momentos são importantes para acertarmos a investigação e o desenvolvimento correto do processo. Karel Kosik defende a necessidade de compreendermos bem a parte da investigação, pois ela é fundamental para termos a visão do todo.

Kosik nos esclarece que o método de investigação compreende três graus:

[...] 1) minuciosa apropriação da matéria, pleno domínio do material, nêle incluídos todos os detalhes históricos aplicáveis, disponíveis; 2) análise de cada forma de desenvolvimento do próprio material; 3) investigação da coerência interna, isto é, determinação da unidade das várias formas de desenvolvimento (KOSIK, 1976, p. 31).

O método é muito importante e nos abre inúmeras possibilidades; precisamos ficar atentos ao material ou aos dados coletados, pois estes oferecem as condições para a análise. Também temos que usar sutilmente a razão para entender e descrever as relações entre as partes e destas para com o todo.

Estamos cientes que é importante compreender bem este método de exposição para termos um resultado razoável a partir do método dialético. Precisamos agir desta forma para evitar um esvaziamento da dialética e fugir das insinuações de que a dialética é uma mera especulação vazia. Neste sentido é que precisamos deixar bem claro as relações e as diferenças existentes entre a exposição e a investigação ou vice-versa:

O início da exposição já é um início mediato, que contém em embrião a estrutura de toda a obra. Todavia, aquilo que pode, ou melhor, deve constituir o início da exposição, isto é, do desenvolvimento científico (exegese) da problemática, ainda não é conhecido, no início da investigação. O início da exposição e o início da investigação são coisas diferentes. O início da investigação é casual e arbitrário, ao passo que o início da exposição é necessário (KOSIK, 1976, p. 31)<sup>98</sup>.

Na construção de nossa tese já existe uma mediação reflexiva; esta é consequência de nossa vivência e atuação dentro do magistério nos níveis fundamental e médio<sup>99</sup>. Também contribuiu e contribui significativamente para uma primeira compreensão deste fenômeno a leitura das notícias sobre a realidade dos educadores das redes públicas municipal e estadual, o diálogo permanente que temos tido com estes profissionais. Estes pressupostos facilitarão, segundo nossa compreensão, a investigação e também a exposição final de nossa tese.

Toda esta caminhada foi feita para conhecermos bem a realidade dos educadores das redes públicas municipal e estadual de Igrejinha. Só temos condições de conhecermos bem esta realidade a partir da categoria de totalidade;

---

<sup>98</sup> Para reforçar esta idéia é importante destacar o que o autor diz sobre este tema: “*Na investigação o início é arbitrário, enquanto a exposição é explicitação da coisa justamente porque a apresenta no seu desenvolvimento e na sua evolução interna e necessária*” (KOSIK, 1976, p. 32). Seguindo as colocações de Triviños, é fácil entendermos as dúvidas que os acadêmicos têm no momento de escolher o tema para as suas dissertações ou teses: é que a escolha é algo arbitrário e muito subjetivo.

<sup>99</sup> Já destacamos que estivemos trabalhando com alunos do ensino fundamental e médio durante 10 anos (1990 a 2000). Foi nesse período que atuamos como professor em escola pública e também na rede particular; destas escolas é que pretendemos selecionar professores (ex-alunos egressos) para a entrevista e também para a observação semidirigida.

ela nos possibilita a compreensão da realidade *‘nas suas íntimas leis e revela, sob a superfície e a causalidade dos fenômenos, as conexões internas, necessárias [...]* (KOSIK, 1976, p. 33) Devemos ter presente a definição de totalidade para podermos continuar a nossa investigação; em Kosik encontramos uma definição capaz de nos auxiliar:

Totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato *qualquer* (classes de fatos, conjuntos de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido. Acumular todos os fatos não significa conhecer a realidade; e todos os fatos (reunidos em seu conjunto) não constituem, ainda, a totalidade. Os fatos são conhecimentos da realidade se são compreendidos como fatos de um todo dialético – isto é, se não são átomos imutáveis, indivisíveis e indemonstráveis, de cuja reunião a realidade saia constituída – se são entendidos como partes estruturais do todo. [...] Sem a compreensão de que a realidade é totalidade concreta – que se transforma em estrutura significativa para cada fato ou conjunto de fatos – o conhecimento da realidade concreta não passa de mística, ou a coisa incognoscível em si (KOSIK, 1976, p. 35 e 36).

É importante deixar claro que *“a dialética da totalidade concreta [...] é uma teoria da realidade e do conhecimento que dela se tem como realidade”* (KOSIK, 1976, p. 36) e também uma *“teoria da realidade como totalidade concreta”*. Esta citação é importante, pois é a partir dela que temos condições de termos maior clareza acerca da concepção da realidade e também das conclusões metodológicas<sup>100</sup> decorrentes disto tudo; somente a partir disto é que poderemos seguir um princípio epistemológico para nos auxiliar no estudo, descrição, compreensão, ilustração e avaliação daquilo que estamos investigando sobre a realidade dos educadores de Igrejinha.

Ao destacar que o real é um todo estruturado que se desenvolve e se cria, Kosik destaca também que o conhecimento dos fatos ou conjuntos de fatos da realidade está relacionado com o lugar que eles ocupam na totalidade do próprio real. Por trás disto devemos ter o desenvolvimento do *pensamento dialético*, pois este

---

<sup>100</sup> Em Kosik – Princípio metodológico da investigação dialética da realidade social é o ponto de vista da totalidade concreta, que antes de tudo significa que cada fenômeno pode ser compreendido como momento do todo. [...] Esta recíproca conexão e mediação da parte e do todo significam a um só tempo: os fatos isolados são abstrações, são momentos artificialmente separados do todo, os quais só quando inseridos no todo correspondente adquirem verdade e concreticidade. Do mesmo modo, o todo de que não foram diferenciados e determinados os momentos é um todo abstrato e vazio (KOSIK, 1976, p. 40 e 41)

[...] parte do pressuposto de que o conhecimento humano se processa num movimento em espiral, do qual cada início é abstrato e relativo. Se a realidade é um todo dialético e estruturado, o conhecimento concreto da realidade não consiste em um acrescentamento sistemático de fatos a outros fatos, e de noções a outras noções. É um processo de concretização que procede do todo para as partes e das partes para o todo, dos fenômenos para a essência e da essência para os fenômenos, da totalidade para as contradições e das contradições para a totalidade; e justamente neste processo de correlações em espiral no qual todos os conceitos entram em movimento recíproco e se elucidam mutuamente, atinge a concreticidade (KOSIK, 1976, p. 41 e 42).

Durante o desenvolvimento desta tese, trabalhamos profundamente com muitos elementos, pois o fenômeno material social que estudamos está perpassado por diversos elementos que mantêm relação com um todo maior constituinte da realidade. O fenômeno que é singular e particular está inserido dentro de uma totalidade geral. O estudo das leis que regem a educação brasileira, a compreensão das diretrizes econômicas, sociais e políticas, está sendo analisado ao longo desta tese. Como pano de fundo disso tudo existe a preocupação primordial de compreendermos e conhecermos as contradições que fazem parte da vida e da atividade profissional dos educadores da rede pública de Igrejinha, RS.

No desenvolvimento de nossa investigação existe uma forte preocupação de compreendermos o fenômeno material em questão para podermos sugerir e propor melhorias; isto tudo pressupõe a *compreensão dialética* que, segundo Kosik significa

[...] não só que as partes se encontram em relação de interna interação e conexão entre si e com o todo, mas também que o todo não pode ser petrificado na abstração situada por cima das partes, visto que o todo se cria a si mesmo na interação das partes (KOSIK, 1976, p. 42).

O autor destaca que a realidade social pode ser conhecida a partir do momento em que destruir a pseudoconcreticidade; para ele, a realidade social passa a ser conhecida como unidade dialética de base e de superestrutura e o homem como sujeito objetivo e histórico-social é capaz de abarcar esta realidade e articulá-la com os fatos. Dentro deste cenário é que podemos entender o contexto da realidade e o contexto da teoria. Aqui os fatos já passaram por um processo de mediação a partir da separação do seu contexto originário do real. Este é um processo fundamental e está em sintonia com a visão global que devemos ter dos

fenômenos estudados; no fundamento disto tudo está a “*cisão do todo*”<sup>101</sup> que é estabelecida a partir do momento em que ocorre o isolamento daquilo que iremos estudar. Nisto tudo, temos presente a proposta preconizada pelos defensores da totalidade concreta como concepção dialético-materialista do conhecimento do real e isto significa:

[...] um processo indivisível, cujos momentos são: a destruição da pseudoconcreticidade, isto é, da fetichista e aparente objetividade do fenômeno, e o conhecimento da sua autêntica objetividade; em segundo lugar, conhecimento do caráter histórico do fenômeno, no qual se manifesta de modo característico a dialética do individual e do humano em geral; e enfim o conhecimento do conteúdo objetivo e do significado do fenômeno, da sua função objetiva e do lugar histórico que ele ocupa no seio do corpo social (KOSIK, 1976, p. 52 e 53).

A realidade percebida pelos educadores é, muitas vezes, a fetichizada e a aparente; temos que, em nossas investigações, tentar chegar a concreticidade histórica do fenômeno abordado. É nesta dimensão que aparecerá a essência do processo que envolve a formação e a prática profissional dos educadores. Esta imersão é importante, pois viabilizará o desenvolvimento da verdadeira função do processo pedagógico e também demonstrará a maneira como ele está sendo produzido atualmente.

Neste processo, poderemos ver como está articulada a reflexão proposta pela Secretaria Municipal da Educação com as escolas municipais e também a relação das direções das escolas estaduais com o corpo docente destas.

Nossa tese parte do princípio de que a instrumentalização teórica<sup>102</sup> dos diferentes agentes envolvidos com o processo pedagógico é um elemento fundamental; neste sentido, pretendemos disponibilizar à comunidade escolar municipal e regional os resultados deste relatório da tese para que todos os interessados consigam ler, analisar e apresentar contribuições importantes para o aperfeiçoamento dos processos de formação de professores e diferentes profissionais da educação que atuam no Vale do Paranhana, especialmente no município de Igrejinha, RS. A partir desta tese, outros estudos poderão ser

<sup>101</sup> Kosik destaca “*o fundamento de todo conhecimento: a cisão do todo. Todo conhecimento é uma oscilação dialética[...], oscilação entre os fatos e o contexto (totalidade), cujo centro ativamente mediador é o método de investigação*” (KOSIK, 1976, p. 48).

<sup>102</sup> Entendemos que todos os educadores ou agentes que trabalham com a educação deveriam conhecer profundamente os pré-requisitos do seu fazer cotidiano (fazer “ciência com consciência”, segundo Morin”).

realizados e outras soluções aos diferentes problemas poderão surgir. Dentro deste contexto é que teoricamente a tese se justifica e se torna relevante.

Os estudos sobre este fenômeno material social existentes não tratam da realidade concreta da educação no município de Igrejinha. Nosso envolvimento está em sintonia com uma demanda social muito forte, ou seja, compreender as razões ou motivos geradores das profundas contradições existentes, segundo depoimentos verbais e informais de educadores, entre a formação e a prática profissional, bem como a luta de cada um destes educadores.

Ao apresentarmos uma visão aprofundada sobre esta realidade, estaremos contribuindo para que os educadores possam se compreender e se inserir conscientemente neste processo. E é justamente aqui que encontramos a relevância social desta tese. Esta pretensão está de acordo com a prática política que estamos desenvolvendo dentro do município de Igrejinha, pois em inúmeros momentos estamos buscando alternativas à qualificação do processo formativo dos professores de rede pública municipal e estadual.

Nossa proposta é esperançosa. Nossa tese tem horizontes. Neste sentido é que pretendemos contribuir para que a educação em Igrejinha tenha um salto qualitativo significativo. Como faremos isto? Apresentando sugestões objetivas e viáveis aos agentes públicos (responsáveis pela gestão dos recursos e do próprio processo educativo) para que implementem planos, processos e políticas viáveis à qualificação dos espaços educativos nos próximos anos. Estas sugestões constam no final deste relatório.

Esta colocação está inserida dentro de um contexto no qual o comprometimento é algo vital. Este é um compromisso político no qual nos encontramos inseridos e isto está em sintonia com a proposta de diferentes autores que partem do princípio de que a filosofia da práxis é fundamental para descortinarmos uma nova proposta de mundo na qual a história é um elemento importante. E é aqui que surge uma citação interessante de Nosella:

A imagem mais adequada que nos ocorre, para expressar esses conceitos, é ainda a imagem do horizonte que transcende e ao mesmo tempo consubstancia de significação todo passo específico do caminhante. O horizonte político é a síntese precária de toda pesquisa; precede e acompanha toda práxis científica, qualificando-a politicamente. Se o horizonte político de per si só não é ainda a capacidade de se caminhar, é, no entanto, a orientação concreta que informa toda técnica e toda instrumentação educativa (NOSELLA, 1983, p. 93-94).

O horizonte político está relacionado com a qualidade, o sinal, o sentido e o conteúdo da competência técnica que terão os futuros educadores e ou profissionais da educação. As sugestões concretas, objetivas e viáveis estão entre os elementos que contribuirão, segundo nossa visão, para fortalecer a relevância prática de nossa pesquisa/tese. Neste último item, estamos contemplando uma orientação apresentada por Triviños ao longo das aulas, pois, segundo ele, *“todo projeto na linha dialética procura, primeiro, conhecer a realidade e em seguida, sugerir e/ou propor mudanças”*; esta linha de raciocínio está de acordo com Marx, pois, para ele, *além de interpretarmos o mundo ou a realidade, devemos fazer um grande esforço para transformá-la*. Este sentido de transformação e aprimoramento do processo educativo de Igrejinha está muito presente em nossa militância e também em nossas reflexões.

## 7. A COMPREENSÃO DO FENÔMENO

Nossa abordagem teórica nos orienta claramente com relação ao estudo das informações:

O segundo modo de estudar as informações que foram reunidas, o que se realiza no desenvolvimento do processo de pesquisa, corresponde, em geral à pesquisa qualitativa representada especialmente pelas tendências teóricas fenomenológicas, marxista, estruturalista e pós-estruturalista (TRIVIÑOS, 2001, p. 91).

A abordagem marxista está contemplada nesta citação. Então os resultados estarão sendo analisados durante todo o processo de estudo/investigação; a partir da elaboração desta tese já temos em mente o estudo das informações que estão surgindo e que surgirão ao longo do desenvolvimento da tese. O primeiro seminário desenvolvido já serviu de referência para selecionarmos materiais para, mais tarde, retomarmos a leitura e interpretação dos mesmos e colocarmos em nossa tese.

Ao elaborarmos as hipóteses ou teses com um bom grau de flexibilidade já abrimos espaço para as informações novas que surgem, pois a partir delas é que estaremos corroborando, refutando e elaborando novas hipóteses para a nossa tese. Quando tivermos novas perspectivas de abordagem, análise e estudo do fenômeno material social e educacional em foco, nós não teremos dificuldades em repensar e aprimorar a presente tese.

Nossas hipóteses não foram submetidas à medição e sim à descrição e interpretação e é isto que consolidou a idéia do método e da própria teoria que seguimos para a realização desta tese.

O grau de formação dos educadores, sua jornada de trabalho, sua idade, o estar estudando atualmente ou não, o número de disciplinas lecionadas atualmente, se é professor nomeado ou não e também se, além de professor, desempenha outra função, estes elementos são importantes, pois podem alterar o resultado da atuação e da prática destes profissionais; são elementos importantes e que foram examinados cuidadosamente durante nossa investigação.

Nossa dissertação de mestrado discorreu sobre a hermenêutica, principalmente a partir da visão de Paul Ricoeur; em nossa tese estamos usando alguns elementos da hermenêutica, pois: *“Somente a dialética marxista, quando se*

apóia na hermenêutica é que se propõe a descrever, explicar<sup>103</sup>, interpretar e compreender o fenômeno que é causa de preocupação” (TRIVIÑOS, 2001, p. 93 e 94). Com estes recursos atingimos um nível profundo de domínio e compreensão<sup>104</sup> do fenômeno estudado. Esta não deixa de ser uma visão filosófica<sup>105</sup>, pois procura atingir a radicalidade, o rigor e a globalidade do fenômeno que estamos investigando.

O marxismo não só valoriza as relações imediatas que surgem no estudo do fenômeno, ele vai além ao se interessar e inserir os aspectos culturais e os valores; mas o marxismo trabalha também com dois aspectos que são fundamentais: os aspectos sociais e os aspectos econômicos com os quais o fenômeno social está unido; estes são imprescindíveis para o nosso estudo. Dentro da obra de Wood<sup>106</sup> encontramos um excelente estudo sobre as categorias do Materialismo Histórico e estas orientam o estudo destes aspectos econômicos e sociais presentes nesta tese.

A descrição em nossa investigação considerou os aspectos que podiam ser medidos e os que podiam ser descritos; também buscamos a origem das contradições que apareceram em nosso fenômeno de estudo e isto foi feito a partir de uma visão diacrônica; esta visão foi responsável pela localização da ou das propriedades essenciais que estão nos mostrando gradativamente a origem das contradições existentes na formação e na prática profissional dos educadores de Igrejinha, na última década.

Devemos considerar, segundo Triviños, 2001, dois aspectos importantes para realizarmos a interpretação na abordagem dialética marxista:

---

<sup>103</sup> [...] os processo de descrição e explicação [...] não são sinônimos. Explicar, para o positivismo, significa buscar a causa imediata que origina o fenômeno. Ao Marxismo, por outro lado, interessa a explicação não só imediata, mas também medita do fenômeno. (TRIVIÑOS, 2001, p. 94).

<sup>104</sup> [...] a tradição hermenêutica [...] nos recorda que, no caso da investigação social, a constelação de problemas é significativamente diferente da constelação que existe nas ciências naturais, pois na investigação social o *objeto de nossas investigações é, ele mesmo, um território pré-interpretado*. O mundo sócio-histórico não é apenas um campo-objeto que está ali para ser observado; ele é também um *campo-sujeito* que é construído, em parte, por sujeitos que, no curso rotineiro de suas vidas cotidianas, estão constantemente preocupados em compreender a si mesmos e aos outros, e em interpretar as ações, falas e acontecimentos que se dão ao seu redor (THOMPSON, 1995, p. 358).

<sup>105</sup> Refletir é o ato de retomar, reconsiderar os dados disponíveis, revisar, vasculhar numa busca constante de significado. É examinar detidamente, prestar atenção, analisar com cuidado. E é isto o filosofar (SAVIANI, 1996, p. 16). Neste contexto, o professor Saviani destaca a importância de termos uma atitude filosófica para superarmos os problemas que possamos vir a enfrentar; esta atitude possibilita a abertura de horizontes para vermos melhor as causas reais dos problemas. Isto tudo converge para a pretensão que estamos tendo, pois, entre os objetivos de nossa investigação está a compreensão das contradições (elas possuem uma ou mais causas).

<sup>106</sup> WOOD, Ellen. Democracia Contra Capitalismo, Boitempo, 2003.

[...] o aspecto diacrônico da análise marxista dos fenômenos, sua historicidade, o estudo dos fenômenos em sua origem e desenvolvimento exige a máxima perspicácia, não somente para descobrir as contradições e as características fundamentais de seus processos, mas também para visualizar os significados que esses traços tiveram para o tempo e às pessoas (TRIVIÑOS, 2001, p. 104).

Esta citação é bastante importante, pois um dos nossos objetivos propõe a análise e a compreensão da história da educação/formação dos professores e, acima de tudo, as contradições<sup>107</sup> vividas por estes. É neste sentido que ao tratarmos da interpretação dos resultados a partir da visão materialista estamos contemplando a teoria que adotamos para desenvolver a nossa tese.

Triviños destaca desta forma o segundo aspecto da dimensão interpretativa na abordagem dialética marxista:

[...] a importância da ideologia para o marxismo exige, no estudo dos fenômenos, tanto do tempo presente como os ocorridos no passado, o emprego de todos os recursos teórico-metodológicos para penetrar no sentido íntimo dos fenômenos e colher os significados que esses fenômenos representaram, ou representam, para os diferentes grupos de pessoas. A interpretação – a busca dos sentidos das coisas – ajuda o marxismo no processo de esclarecimento das verdades que pretende (TRIVIÑOS, 2001, p. 104 e 105).

O critério de verdade para o marxismo é a **prática social**. Na formação e no trabalho profissional dos professores encontramos inúmeras situações nas quais a ideologia<sup>108</sup> está presente. Para desocultar, desmascarar e desmistificar estas situações é que a interpretação foi fundamental durante o desenvolvimento de nossa tese. *“A interpretação, como busca de significados dos fenômenos, no marxismo, é um processo impregnado de todos os pressupostos que definem esta tendência teórica”* (TRIVIÑOS, 2001, p. 105).

---

<sup>107</sup> Procurar compreender as contradições enfrentadas pelos profissionais da educação é uma meta ousada, pois, segundo informações coletadas em diferentes leituras, muitas coisas vivenciadas pelos seres humanos não são ditas claramente; na atual situação de trabalho e da própria existência individual e social, provavelmente, muitas informações fundamentais serão omitidas pelos colegas de profissão.

<sup>108</sup> Iremos trabalhar o sentido negativo de Ideologia: como nascida da alienação social e relacionada com a inversão, com o silêncio e com o imaginário social (modos da Ideologia proceder); a principal função da Ideologia é ocultar a divisão de classes no Modo de Produção Capitalista. Ela possibilita a manipulação e a dominação de classe no capitalismo. Maiores informações: livro de Chauí, O que é Ideologia. São Paulo: Brasiliense, 2004. Disponibilizei um resumo aos colegas durante a realização de um seminário.

Quando falamos de Ideologia, devemos ter um cuidado todo especial, pois a grande maioria confunde Ideologia como sendo um conjunto de princípios de um grupo (político, religioso, empresarial, etc.); em nossa tese, usaremos o termo com o sentido apresentado acima e na nota de rodapé. Entre os professores que freqüentam as aulas de graduação, o sentido marxiano é pouco utilizado e isto dificulta bastante a visão do conflito de classe que existe no capitalismo. Nesta tese estamos partindo deste panorama, pois vivenciamos estas experiências com os acadêmicos de graduação em todos os semestres; é por isto que a experiência, neste caso, deve ser considerada substancialmente.

Neste momento, é significativo acrescentar o comentário feito por Emir Sader no prefácio do livro de Mészáros sobre a importância do entendimento para vencer a alienação e a ideologia; diz o autor que não basta a explicação:

A diferença entre explicar e entender pode dar conta da diferença entre acumulação de conhecimento e compreensão do mundo. Explicar é reproduzir o discurso midiático, entender é desalienar-se, é decifrar, antes de tudo, o mistério da mercadoria, é ir para além do capital. É essa a atividade que István Mészáros chama de “contra-interiorização”, de “contraconsciência”, um processo de “transcendência positiva da autoalienação do trabalho” (MÉSZÁROS, 2005, p. 18).

Para vencer a ideologia é fundamental a consciência dos educadores; eles devem saber que são os protagonistas das suas próprias histórias; a intervenção humana é fundamental no processo de construção e transformação da história. Leandro Konder trabalha bem esta questão:

De acordo com Marx, entretanto, o indivíduo não deve ser concebido fora do quadro das suas relações com os outros indivíduos, isto é, fora do quadro da vida social. E a vida social é eminentemente prática. Os homens existem em constante atividade. Dentro dos limites estabelecidos pelas circunstâncias que lhes são impostas, os homens estão sempre produzindo as circunstâncias novas que lhes convém. “As circunstâncias fazem o homem na mesma medida em que este faz as circunstâncias”. O ser humano não existe, em geral, numa situação de contemplação: seu modo normal de existir é o de uma contínua intervenção ativa no mundo (KONDER, 1998, p. 60).

A partir desta colocação, podemos afirmar que o processo do conhecimento é devidamente entendido na medida em que estiver relacionado profundamente com a intervenção ativa e consciente dos homens no mundo. O grande interesse e objetivo

que temos é procurar compreender a produção das circunstâncias novas que decorrem das intervenções dos professores. Esta meta surge num contexto bem específico: o neoliberalismo criou certas condições que inibem os trabalhadores de lutarem por seus direitos para conquistarem melhores condições de vida; isto inibe a atuação/militância dos professores e os coloca numa situação de subserviência cega (diante do medo e de certo comodismo) aos interesses do poder público municipal e estadual<sup>109</sup>.

Este cenário reforça a importância dos professores estarem embasados em uma teoria, pois a interpretação do mundo é um elemento fundamental à sua transformação. Dentro desta situação é que os professores terão condições de vencer as ideologias e possuírem uma visão crítica da realidade na qual atuam e estão inseridos. Aqui reside a essência do pensamento de Marx e é por isso que o citamos:

[...] a validade do conhecimento não pode ser entendida em um plano puramente teórico, que se abstraia completamente da vida prática. O conhecimento é um momento necessário da transformação do homem pelo homem e da transformação do homem por ele mesmo. A tarefa de interpretar o mundo faz parte da tarefa maior de modificá-lo (KONDER, 1998, p. 60 e 61).

A preocupação que teve Marx em aproximar a contemplação e ou teorização/interpretação da prática deve estar presente também hoje na vida e na atuação militante dos professores, pois é desta forma que teremos condições de vencer os desafios que são impostos pelo discurso único dos defensores do Estado Neoliberal. Esta idéia está correlacionada com as colocações feitas no início desta tese; ao colocar explicitamente que esta tese tem horizontes e é esperançosa já estávamos lançando um olhar prospectivo, olhar importante e sem o qual não tem sentido estudar e investigar esta temática.

A investigação desta tese está em sintonia com a produção acadêmica de muitos autores. A preocupação deles com relação aos compromissos da educação é bastante interessante. Vejamos o que coloca Santomé:

---

<sup>109</sup> Um dado interessante é observar o fracasso das “greves ou paralisações” ocorridas no município de Igrejinha nos últimos anos; fato semelhante ocorreu também com o CPERS no estado do Rio Grande do Sul. A cada governo que passa e a cada ano que entramos, vivenciamos uma dificuldade maior de mobilizar a categoria para lutar por seus direitos e novas conquistas no estado do Rio Grande do Sul.

A educação deve possibilitar que as pessoas encontrem alternativas efetivas para os problemas sociais e, na medida em que, em uma sociedade livre, seja possível formular uma ampla variedade de opções, o debate público e democrático deve predominar nas relações sociais. Como diziam Karl Marx e Friedrich Engels em 1864, é preciso ‘*substituir o domínio das circunstâncias e do destino sobre os indivíduos pelo domínio dos indivíduos sobre o destino e as circunstâncias*’ (SANTOMÉ, 2003, p. 254).

A reflexão teórica necessariamente deve estar ligada com a atividade prática. Merece destaque a constatação de que muitos professores/educadores diante de uma carga horária estressante não conseguem parar para ler o mundo (ler em suas inúmeras formas), para, num segundo momento, poder pensar estratégias e táticas<sup>110</sup> para a sua transformação. Este fato tira dos educadores muitas possibilidades e horizontes, pois sua atividade prática acaba sendo um fazer mecânico, uma espécie de trabalho “morto”.

Conhecer e compreender o fenômeno material social “*formação e prática profissional dos educadores da rede pública municipal e estadual em nível fundamental e médio, de Igrejinha, RS, nas últimas décadas*”, este foi o nosso desafio; este objetivo é precioso, pois “compreender e interpretar textos não é só uma instância científica, senão que pertence com toda evidência à experiência humana do mundo” (TRIVIÑOS, 2001, p. 105). Este panorama nos deu força para lutarmos e materializarmos esta tese, pois ela está sendo importante ao seu investigador, mas fundamental aos professores da rede pública de Igrejinha e, acima de tudo, para toda a comunidade escolar de nossa cidade.

---

<sup>110</sup> Usamos estratégia no sentido de ser um planejamento de médio e longo prazos; já a ou as táticas correspondem àquilo que pretendemos fazer para atingirmos aquilo que nos propomos como objetivos maiores. A partir de nossa visão de mundo e de vida podemos afirmar que muitos professores/educadores enfrentam sérias dificuldades para agirem, pois não possuem bases teóricas suficientes capazes de distanciá-los do seu fazer cotidiano. Esta realidade acaba prejudicando o processo educativo.

## 8. CONCLUSÕES, SUGESTÕES E PROPOSTAS

Os fenômenos sociais e educacionais, assim como os fenômenos físicos e ambientais, estão em contínuas e permanentes transformações. No processo de desenvolvimento destes fenômenos, a contradição é uma característica intrínseca a todos eles. Nas diferentes situações, percebemos que há uma passagem de um nível de qualidade para outro, este último com a tendência de estar mais enriquecido, pois guarda elementos significativos dos momentos anteriores. Esta visão está situada dentro de um processo no qual as leis da dialética estão presentes, consciente ou inconscientemente. Esta idéia teve origem no pensamento de Heráclito de Éfeso e repercute até os dias atuais.

A história acadêmica dos estudantes deveria contemplar e englobar a extensão, o ensino e a pesquisa. As últimas duas dimensões deveriam estar imbricadas para poderem ser materializadas e concretizadas com um nível maior de qualidade. Ao iniciarmos a nossa investigação sobre a formação e a prática profissional dos professores da cidade de Igrejinha, RS, nos encontrávamos diante de uma realidade sincrética que nos desafiou muito. Nosso grande compromisso era o seguinte: transformar os diferentes dados desorganizados, descontraídos e bagunçados em informações ricas de sentido que pudessem ser interessantes a partir de uma idéia de totalidade. Ao cursarmos as diferentes disciplinas e ou seminários, pudemos perceber a importância das categorias do Materialismo Histórico, do Materialismo Dialético e também da Economia Política no processo de compreensão do fenômeno social e educacional que estávamos estudando.

Ao aprimorarmos e aprofundarmos as leituras para a realização do projeto e, acima de tudo, ao visitarmos as escolas e nos apropriarmos dos dados acerca da realidade educacional da cidade de Igrejinha (estrutura das escolas, número de professores, quantas horas semanais cada professor cumpre nestas escolas, o número de professores que são nomeados e também os contratados que atuam sem concurso, a carência de servidores, principalmente na rede estadual de ensino), fomos percebendo o desenvolvimento do fenômeno de pesquisa e as relações e ligações que o mesmo tem dentro de uma totalidade de relações. Neste processo, acompanhamos como o *concreto sensível*, para ser compreendido, precisa da *análise*, da *mediação da razão* e da *abstração* para chegar ao concreto lógico.

Ao resgatarmos a história de Igrejinha, em suas diferentes dimensões, procuramos enfatizar que a mesma está situada dentro de uma totalidade concreta de múltiplos elementos e de múltiplas relações que a constituem e que exercem influências interessantes e significativas sobre a formação e, acima de tudo, sobre a prática dos profissionais da educação do município. Pudemos perceber que estas interligações estão presentes na literatura e também aparecem nas entrevistas que realizamos com os professores e que, em seguida, estaremos procurando interpretar e compreender.

O desenvolvimento de nossa tese foi evoluindo e ao analisarmos o fenômeno material em estudo pudemos ver as diferentes categorias do Marxismo e também como é que elas contribuíram e contribuem para a compreensão desta nossa investigação, dentre as quais podemos destacar: trabalho, teoria, prática social, consciência social, relação, ligação, matéria, espaço e tempo. Foi a partir destas colocações que pudemos clarear melhor a teoria que orientou a nossa pesquisa/tese.

As categorias do particular e do singular foram aparecendo em nosso processo de análise e, gradativamente, foram sendo relacionadas com a totalidade do fenômeno educacional que ocorre em nível estadual, nacional e que também sofre as influências das determinações diretas ou indiretas das políticas adotadas pelos organismos internacionais, tais como: FMI, Banco Mundial, Bird e UNESCO. Foi a partir da perspectiva da teoria crítica que tivemos melhores condições de ver a educação em todo o seu processo de desenvolvimento histórico-objetivo e, acima de tudo, foi a partir dela que descortinamos possibilidades para propor saídas pedagógicas à transformação da sociedade.

O processo de formação dos professores e a prática destes que estão inseridos dentro do modo de produção capitalista (neoliberal) fez parte das análises do capítulo que tratou do fenômeno material que estudamos. Em diferentes parágrafos e reflexões expusemos as implicações das determinações ou implicações do modelo econômico sobre as questões educacionais dos países periféricos do assim chamado Terceiro Mundo. A presente reflexão continuou sendo feita nos capítulos que trataram da história da educação no Brasil e das influências que o modelo econômico neoliberal exerce sobre a educação nacional, estadual e regional. As competências presentes no processo de formação dos professores fizeram parte de um capítulo que elaboramos em nossa tese. Dentro de nossa

análise, pudemos ver que competência e modo de produção capitalista casam muito bem, pois elas devem estar em função ou a serviço deste para que o mesmo possa se desenvolver atendendo a parte da sociedade interessada e beneficiada. O que não se harmoniza bem é a educação numa perspectiva mais humanizadora com a visão das competências a partir da lógica do mercado. Como é que estão impondo isto aos professores atualmente? Será que eles estão percebendo este processo?

Ao pensarmos e problematizarmos a visão instrumental da educação dentro da perspectiva neoliberal, onde a lógica do mercado e do lucro é o que prevalece, estamos dando uma importante contribuição à sociedade, aos professores e às comunidades escolares, no sentido de abirmos os olhos e os horizontes interpretativos das pessoas para podermos debater se é isto que queremos para a educação e a partir disto apontarmos possíveis soluções.

A compreensão do fenômeno estudado está ancorada na teoria dialética e também está em sintonia com a idéia de Paul Ricoeur sobre a hermenêutica, ou, em outras palavras, sobre a interpretação e compreensão dos textos e da totalidade de relações que envolvem o fenômeno da educação. O capítulo que resgata a história da educação no Brasil converge com a preocupação que temos em apresentar e ver a formação e a prática dos professores de Igrejinha dentro de um processo que envolve múltiplas relações, leis, constituições e reformas políticas pelas quais o Brasil passou, principalmente, no período republicano. Foi neste período que foram elaboradas as principais leis que regeram e regem a educação brasileira e o maior exemplo disto está na elaboração das *leis e diretrizes básicas da educação nacional* sistematizadas a partir de 1961 com este nome.

A elaboração desta tese, em seu desdobramento metodológico, contou com dados oriundos de fontes bibliográficas, de documentos diversos e também das técnicas da entrevista semi-estruturada e da observação semi-dirigida. Foi a partir destes recursos que pudemos encontrar elementos para solver o nosso problema, enriquecer a nossa tese e, acima de tudo, para atingir os objetivos desta caminhada feita. A partir deste momento, estaremos apresentando conclusões advindas destas diferentes fontes.

Em nossas entrevistas, percebemos que oito professores dos 10 entrevistados tiveram sua formação em nível médio e fundamental em escolas públicas. Que estes professores, todos das ciências humanas, são egressos, em sua maioria, da UNISINOS, ULBRA, UNIJUI, Dom Bosco e FACCAT. Um dado que

deve ser destacado é o seguinte: todos cursaram a licenciatura em faculdades particulares. A carga horária semanal destes professores não é inferior a 32 horas aula (com alunos), restando em torno de seis a oito períodos de atividades para o processo de preparação das aulas, da elaboração das atividades e para a correção dos trabalhos feitos pelos alunos. Estes professores atuam, geralmente, em duas escolas, uma delas da rede municipal e outra da rede estadual de ensino. Dos professores entrevistados dois têm outra atividade além do magistério e nove estão no magistério há mais de dez anos.

A partir das respostas obtidas através das entrevistas, podemos perceber que os professores são os que mais estimulam os alunos para que sigam a carreira do magistério. Além dos professores e da família, a situação histórica e social dos estudantes são elementos importantes que contribuem para que a escolha da profissão de professor aconteça. Pelas conversas que tivemos com estes professores, vimos que o desejo e a vontade de ser professor geralmente acontece no Ensino Médio. Quando os professores são a marca positiva para a escolha da futura profissão, os aspectos destacados pelos entrevistados são os seguintes: a forma ou o método utilizado pelos antigos professores para lecionarem cativou os alunos; o diálogo que os professores mantinham em sala de aula com as turmas; as pesquisas que exigiam resultados positivos dos alunos das diferentes turmas; a relação humana e cordial que conseguiam ter com os alunos e também as temáticas sociais, econômicas, políticas e culturais que debatiam permanentemente com seus alunos em sala de aula. Estes elementos é que de alguma forma “pescaram” os atuais professores para que hoje estejam nesta profissão.

Em nossas entrevistas, quando conversávamos sobre o período em que cursaram o Ensino Superior, os professores atuais, ex-alunos das faculdades, destacaram aspectos típicos de uma realidade na qual os trabalhadores materializam o seu esforço sobre-humano para estudar. Quase todos afirmaram que demoraram mais de cinco anos para concluírem o curso superior. Todos os entrevistados destacaram as agruras do estudante-trabalhador: enfrentar uma jornada de trabalho de oito horas e depois desta partir para São Leopoldo, Taquara ou Canoas para estudar; não saber se janta, toma banho ou se dá atenção à família (quem tem filhos pequenos vive um dilema, pois tem que pegá-los na creche depois da jornada de trabalho e deixá-los em casa para que familiares e ou amigos tomem conta durante o período em que estarão na faculdade). Nesta teia de circunstâncias

é que estes professores concluíram o curso superior e hoje lecionam diversas horas por semana.

Em nossas leituras e nas aulas que tivemos ao longo dos semestres é que fomos percebendo gradativamente que o processo de formação dos professores envolve a dimensão teórica e a dimensão prática. Estas são duas faces da 'mesma moeda' que se complementam e também que se retro alimentam permanentemente. Uma sugestão que podemos apresentar é a seguinte: nos cursos de formação de professores é fundamental a concretização da interdisciplinaridade, pois é esta atitude do corpo docente e do próprio currículo que possibilitam um diálogo maior entre os conteúdos e as práticas das diferentes atividades que ocorrem no processo de formação dos futuros professores. Na ausência da interdisciplinaridade, o que vemos são situações semelhantes àquelas apontadas pelos entrevistados: os alunos não conseguem fazer aproximações significativas entre as diferentes disciplinas e os diferentes conteúdos que ocorrem ao longo do curso nos diferentes semestres. São situações nas quais a síntese é praticamente impossível, pois o que permanece são os dados soltos e sem sentido dentro do universo de disciplinas e conteúdos desenvolvidos. É uma frustração quase que dupla, pois, de um lado temos os professores pensando que ensinam algumas coisas aos alunos e vendo que eles não conseguem estabelecer relações e sentidos com a sua vida e, do outro lado, temos os alunos que se esforçam e fingem que entendem o que lhes está sendo ensinado.

Em nossas entrevistas, percebemos que os professores, egressos das faculdades e universidades citadas, são unânimes em apontar a cisão existente entre o que os professores dizem e o que eles fazem em sala de aula. Ouvimos dos professores que existe uma contradição enorme entre as atitudes dos professores que lecionam as disciplinas didáticas e metodológicas nas faculdades e universidades; estes, em diferentes momentos e em diferentes aulas, dizem que os alunos deveriam organizar o seu plano de aula e a própria aula de tal maneira, mas enquanto responsáveis pela aula que está acontecendo na faculdade, fazem exatamente o contrário. É um momento pedagógico que está ocorrendo dentro de uma instituição que forma professores, mas que apresenta contradições ostensivas e enormes. Os entrevistados foram unânimes no seguinte sentido: deveria existir uma coerência maior entre o que os professores universitários dizem e o que eles fazem. Este fato é compreensível, haja vista que muitos professores que estão nas

faculdades trabalhando são horistas e não conseguem sentar juntos para ver quais são os conteúdos que cada um trabalha e qual é a metodologia mais apropriada para as diferentes disciplinas. O problema que os professores do Ensino Fundamental e Médio enfrentam nas escolas públicas é semelhante ao enfrentado pelos professores das instituições formadoras dos novos professores.

A constatação feita pelos professores e que acabamos de analisar no parágrafo anterior, segundo depoimento dos próprios professores, é a responsável pela intranqüilidade deles enquanto responsáveis por diferentes turmas de alunos do Ensino Fundamental e Médio na atualidade. **Quando perguntados se a teoria que tiveram no curso de graduação dava suporte suficiente para a prática realizada atualmente em sala de aula, eles não tergiversaram em afirmar: não.** *‘A teoria é uma coisa e a prática é algo bem diferente’. ‘A prática a gente vai fazendo’. ‘Bom, nós temos [...] sempre a mesma situação. Eu iniciei trabalhando, aulando [...] os que entram hoje parece que relembro daquela situação; parece que a situação permanece a mesma da minha época. Cheios de ideais, teorias, enquanto esbarram na prática [...] não é assim [...] a realidade é outra [...] é um banho de realidade [...] mas mesmo assim, as teorias são boas, nem tudo se consegue aplicar, ou muito pouco às vezes... e a realidade é cada vez mais exigente, principalmente as questões disciplinares, mas mesmo assim a gente vai levando’.* *‘A teoria nunca está pronta’.* Frases como estas estão nas respostas que os professores apresentaram e demonstram a cisão que existe entre aquilo que ocorre no processo de formação e os desafios que são enfrentados pelos professores diariamente nas diferentes salas de aula.

A partir das diferentes literaturas existentes e também das entrevistas que tivemos com os professores é que pudemos perceber que a educação carece da formação continuada/permanente. Estamos dentro de uma realidade educacional contemporânea e nesta a formação continuada é uma saída possível para a melhoria da qualidade do ensino. O profissional consciente deve saber que sua formação não termina na universidade e que um processo continuado e permanente lhe proporcionará independência profissional e autonomia para decidir sobre o seu trabalho e suas necessidades. Esta afirmação é interessantíssima e corrobora o sentimento e o pensamento de muitos professores. Os educadores da rede pública municipal e estadual de Igrejinha destacam a importância deste processo, mas afirmam categoricamente que não têm condições de pagar para buscarem este

processo de aperfeiçoamento permanente e que a Jornada Pedagógica que o município realiza é interessante à sua profissão, mas muito pouco para aquilo que eles precisam. O que ouvimos dos professores é que se eles quiserem ter a formação continuada devem buscar de uma maneira individual a partir de leituras e de diferentes estudos.

As expectativas com relação à formação existem entre os professores entrevistados, pois todos afirmam e manifestam o desejo de voltar a estudar: cursar uma especialização, um mestrado ou participar de cursos e seminários são desejos manifestos por todos os entrevistados. Mas, em contrapartida, todos afirmam que as condições materiais e financeiras inviabilizam muitos sonhos e desejos. A moral é a seguinte: os professores ganham pouco e esta realidade sepulta muitas das suas pretensões.

Em nossa entrevista, indagamos os professores sobre a concepção que os mesmos têm de currículo e a importância do mesmo para eles e para a vida escolar. Todos, num primeiro momento, demonstraram saber o que é o currículo e qual é sua importância. Mas através das respostas, pudemos perceber que eles relacionam mais o currículo com uma listagem de conteúdos que deve existir em cada disciplina ou em cada área do conhecimento. Também destacaram que existe certa liberdade para a elaboração do currículo na rede municipal de ensino e que na rede estadual de ensino esta flexibilidade existiu mais na época do governo do Olívio Dutra e que a partir dos governos do Rigotto e de Yeda as coisas ficaram mais difíceis e muitas decisões estão sendo apresentadas pela Coordenadoria Regional da Educação às direções das escolas e estas repassam automaticamente aos professores e profissionais da educação.

Por estarmos vivendo numa época em que os recursos tecnológicos invadem muitos espaços e momentos do ser humano é que estamos tratando desta questão nesta nossa tese. Este tema esteve presente em nossa entrevista e também pautou parte de nossa revisão bibliográfica. Para os professores entrevistados, o uso da internet, do computador e de outros recursos tecnológicos é um avanço significativo ao processo pedagógico. Todos afirmaram que não podemos fugir desta realidade e que alguns alunos 'sabem mais' que os próprios professores sobre este tema. O que ficou bastante claro é o seguinte: na cidade de Igrejinha, a internet não é uma realidade presente nas escolas. Nenhuma escola pública possui laboratório de informática interligado e conectado à internet que funcione plenamente. Além disto,

existe uma carência muito grande de profissionais desta área nomeados para atender os professores e os alunos. O cenário é o seguinte: os professores consideram importantes estes recursos, mas não podem usar porque os mesmos não existem ou não funcionam nas escolas; parte significativa dos professores não tem acesso a eles de sua própria casa e tem certo receio em usar estes equipamentos e recursos nas próprias escolas. Esta é uma constatação que está em consonância com o que colocamos em nossa investigação teórica ao longo de nossa tese.

A teoria que está por trás de nossa tese e que perpassa todas as reflexões postula certa coerência entre as ações dos seres humanos e, neste caso, entre a teoria dos professores, sua prática profissional e sua vida em comunidade. Neste sentido e com esta intencionalidade é que tivemos a preocupação de querer saber um pouco sobre a militância dos professores junto ao sindicato que representa a sua categoria. Neste sentido, vimos que a maior parte dos entrevistados é associada do SIPROMI ou ao Cpers e acha que estes são ferramentas importantes que podem representar os trabalhadores em educação na luta por melhores condições de trabalho e de vida. Mas os professores da rede estadual foram unânimes ao afirmar que o Cpers Sindicato está perdendo força gradativamente nos últimos anos e que o sindicato dos professores municipais teve algumas ações que resultaram exitosas e é por isso que ele goza de mais prestígio junto aos seus associados. Esta também é uma constatação que está em sintonia com o que colocamos ao longo de nossa tese e que está dentro desta lógica neoliberal que preconiza a destruição de todos os sindicatos representantes das diferentes categorias de trabalhadores: o modelo econômico preconiza uma luta individual de cada ser em relação aos seus desafios e às suas diferentes lutas. Sobre este tema temos inúmeras publicações de diferentes autores disponíveis nas livrarias.

Ainda dentro desta perspectiva é que procuramos saber dos professores a relação existente entre educação e política. Aqui tivemos unanimidade: todos afirmaram que as relações existem. Dos dez professores entrevistados, quatro tiveram clareza em apontar que as relações podem ser observadas a partir dos conteúdos trabalhados, das opções didático-metodológicas adotadas pelos professores durante as aulas, das reflexões feitas pelos professores em sala de aula, a partir do material solicitado ou disponibilizado às turmas e também a partir das ações institucionais que acontecem envolvendo as escolas. Os outros seis

professores afirmaram que existem ligações entre a educação e a política, mas ficaram mais presos às questões eleitorais e dos próprios partidos políticos. Estes últimos, ao menos nas respostas dadas na entrevista, não tiveram clareza com relação à ligação existente entre educação e política num sentido mais freireano.

A pergunta acerca da valorização dos professores também conseguiu unanimidade e consenso: nenhum professor diz estar sendo valorizado pelo governo municipal ou pelo governo estadual. Todos apontam o salário e a inexistência de um plano de carreira digno como fatores determinantes para que haja esta desmotivação e desvalorização. Há um sentimento de abandono e de revolta quando se toca neste tema; os professores ficam constrangidos e é evidente o mal estar gerado por esta pergunta ao longo da entrevista. E é justamente aqui que localizamos uma das razões determinantes da desmotivação de grande parte dos professores da rede pública. A sensação e o sentimento que tivemos ao longo das entrevistas é que se houvesse uma remuneração maior aos professores, estes trabalhariam com mais ânimo, com mais garra e coragem. Esta situação também está em consonância com todos os escritos que abordam a temática das razões determinantes para a desmotivação dos professores da esfera pública.

Uma pequena parte dos professores afirmou que existe um pequeno reconhecimento por parte de alguns alunos e de alguns pais, mas que isto não é determinante para que haja a motivação dos mesmos para o trabalho. Categoricamente ouvimos a confirmação de que existem professores que continuam em sala de aula porque não sabem fazer outras coisas ou porque o mercado de trabalho cada vez se fecha mais e cria grandes dificuldades para quem quer ingressar nele em outras funções.

Este sentimento de desmotivação é agravado diante de uma realidade conhecida por todos: a aula não é mais atração para os meninos e para as meninas. Existem muitas coisas mais significativas do que os cinco períodos de aula em que muitos alunos vão à escola. A falta de atratividade é um dos motivos das bagunças que ocorrem em sala de aula e que perturbam muitos os professores o tempo todo. Este cenário gera um clima de conflito em que muitas vezes os professores e os profissionais da educação não sabem o que fazer e, para agravar a situação, a estrutura disponibilizada pelo estado e pelo município não é capaz de dar o apoio suficiente a estes profissionais da educação para que os mesmos possam resolver situações de conflitos delicadas que ocorrem em sala de aula. Diante deste quadro é

que entendemos a idéia de abandono do magistério presente na mente de muitos profissionais da educação. A respeito deste fenômeno, já apresentamos uma pequena reflexão nesta tese e ela está em sintonia com o que presenciamos nas escolas a partir das entrevistas e das observações das aulas.

No processo de formação dos professores, a análise do currículo é fundamental, pois é a partir dele que podemos compreender as contradições que estão presentes no processo educativo: contradição entre a teoria e a prática; entre as disciplinas gerais e as específicas; entre os professores e os alunos; entre o ensino, a pesquisa e a aprendizagem; entre as disciplinas e os seminários; entre a avaliação objetiva e subjetiva; entre o critério emancipatório e o reprodutivista; entre os métodos ativos e os passivos e também entre as aulas dialogadas e as aulas expositivas.

Tendo presente que, segundo Habermas, a escola é o berço da emancipação humana e que o objetivo do entendimento é chegar a um acordo, tendo consciência de que é importante compreender a educação em seu desenvolvimento histórico-crítico a partir de uma proposta pedagógica que visa a transformação da sociedade e não a sua manutenção ou perpetuação é que agora começamos a apresentar algumas modestas sugestões e propostas para serem implementadas na rede pública municipal e estadual de educação da cidade de Igrejinha, RS.

Para superar a cisão que existe entre a teoria e a prática pedagógica nos espaços de formação de professores, as instituições de ensino precisam rever os currículos e a partir desta atitude promover mais debates entre os professores das diferentes disciplinas e os diferentes profissionais da educação a fim de que as atividades interdisciplinares aconteçam de fato, promovendo assim uma educação integrada entre o pedagógico, o geral e os conteúdos específicos. Esta atitude se concretizará se as faculdades e universidades tiverem mais professores contratados em seus quadros diminuindo assim o número de professores horistas, e, além disto, tiverem uma política pedagógica institucional clara e objetiva. O professor contratado disponibiliza de mais tempo para estar com os alunos, para pesquisar e para organizar um programa em consonância com o conteúdo e com as práticas de seus colegas que possam ser aplicadas num sentido mais integrado e integrador.

A rede municipal de ensino, em convênio com as escolas estaduais públicas, necessita fazer um planejamento conjunto e, a partir disto, realizar outros cursos de formação continuada, semelhantes aos que ocorrem nas Jornadas Pedagógicas

municipais, tendo como tema de fundo a *prática cotidiana dos professores em sala de aula*. Estas reflexões poderão servir para recuperar 'terreno perdido' haja vista as lacunas existentes na formação da maioria dos professores que atuam no Ensino Fundamental e Médio na cidade de Igrejinha, RS. Estes cursos de formação continuada devem ser remunerados e certificados, garantindo com isto uma melhoria do currículo vitae ou lattes de cada professor. Esta medida estimulará os professores, pois, além de receberem e compreenderem melhor o processo educativo e suas relações com os alunos, estarão melhorando o seu plano de carreira e estabelecendo relações mais qualificadas com os discentes.

Os gestores públicos, responsáveis pela Secretaria Municipal e Estadual da Educação, em caráter de urgência, devem criar uma política de valorização salarial dos professores para que estes melhorem sua auto-estima, criando com isto um clima positivo e favorável aos professores junto à comunidade igrejinense. Em curto prazo é imprescindível também a criação de uma política de atendimento emocional e psíquico aos professores que estão desanimados, desestimulados e desmotivados. Esta ação contribuirá muito para garantir aos professores uma melhor qualidade de vida no trabalho, na família e na comunidade.

As direções escolares precisam mover esforços no sentido de promoverem audiências públicas, seminários e fóruns envolvendo os alunos, os CPMs, os Conselhos Escolares, os professores e demais membros da comunidade escolar para debaterem os temas mais importantes aos adolescentes e aos jovens: violência, drogas, emprego, sexualidade, relações pessoais, cultura, política, empreendedorismo, etc. Somente a partir desta abertura transparente para o diálogo é que o comprometimento de todas as partes poderá ser mais consciente.

O governo municipal e estadual necessitam, em caráter de urgência, criar condições para que os professores possam ter condições de interagir com os recursos tecnológicos para, num segundo momento, poderem trabalhar com os alunos com naturalidade e tranqüilidade. Este trabalho será facilitado se a capacitação dos docentes nesta área for uma política clara do governo municipal e também estadual. Neste sentido, se faz necessária a instalação de laboratórios de informática conectados à internet em todas as escolas e também a disponibilização de técnicos para acompanhar o desenrolar das atividades a partir do uso dos equipamentos. Uma medida que deve estar em sintonia com esta é a contratação de empresa para a manutenção destes equipamentos. Outra medida que poderá ser

adotada, em sintonia com os alunos, é abrir oficinas para que os estudantes que dominam as ferramentas tecnológicas possam partilhar os seus conhecimentos como monitores de turmas menores. Esta medida, além de auxiliar os professores que ainda não conseguem interagir com os recursos tecnológicos, criará um clima de solidariedade e ajuda mútua entre os estudantes envolvidos neste processo.

Os professores necessitam se apropriar de novas ferramentas e reflexões para terem condições de vencerem as diferentes formas de espontaneísmo, responsáveis pela disseminação do senso comum nas diferentes aulas. Esta medida é necessária porque os professores não devem permanecer apenas com a visão ingênua dos fatos e dos acontecimentos. Com esta medida, os educadores passariam a ter um nível maior de consciência social com relação aos diferentes fatos e fenômenos da vida. Esta decisão contribuirá para que os professores atinjam a dimensão gnosiológica do conhecimento ou, em outras palavras, a objetividade, ou seja, a correspondência do conhecimento com a realidade, com os fatos e com a essência dos fenômenos.

Ao longo de uma vida acadêmica, os estudantes procuram interpretar e compreender a si mesmos, a realidade e o mundo no qual vivem. Os currículos de formação oferecidos pelas faculdades de educação disponibilizam muitos conteúdos e muitas teorias. É um processo no qual o desenvolvimento, a passagem do sincrético ao lógico deveria acontecer através da mediação racional da análise séria e radical de diferentes teorias e tendências pedagógicas, filosóficas, educacionais, econômicas, políticas e culturais. Depois desta primeira etapa é necessária a transformação da realidade e esta somente será possível se, de fato, os professores forem capazes de terem ou produzirem uma prática consciente e libertadora. A união destas duas dimensões é um caminho razoável e oportuno para acabarmos com as contradições existentes entre a formação e a prática profissional dos professores da cidade de Igrejinha, do estado do Rio Grande do Sul e, por que não dizer, do Brasil.

Se formos capazes de chegar a este nível de comprometimento estaremos vendo a formação como a filósofa brasileira Marilena Chauí (2003) vê:

[...] há formação quando há obra de pensamento e que há obra de pensamento quando o presente é apreendido como aquilo que exige de nós o trabalho de interrogação, de reflexão e de crítica, de tal maneira que nos tornamos capazes de elevar ao plano do conceito o que foi experimentado como questão, pergunta, problema, dificuldade (CHAUI, 2003, p. 9).

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Ana Lúcia; VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Formação de Professores – Políticas e Debates**. Campinas, SP: Papirus, 2002.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Como Preparar Trabalhos para Cursos de Pós-graduação: Noções Práticas**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2004.
- ANDREOLA, Balduino Antonio et al. **Educação, Cultura e Resistência: Uma Abordagem Terceiromundista**. Santa Maria: Editora Pallotti/ITEPA/ EST, 2002.
- ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho – Ensaio Sobre a Afirmação e a Negação do Trabalho**. São Paulo: BOITEMPO EDITORIAL, 2000.
- \_\_\_\_\_ (org). **A Dialética do Trabalho**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- APPLE, Michael W.. Mercados, padrões e desigualdades na educação: lições sobre como criar desigualdades no ambiente escolar. In: AZEVEDO, J. C.; GENTILI, Pablo; KRUG, Andréa; SIMON, C. **Utopia e Democracia na Educação Cidadã**. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS / Secretaria Municipal de Educação, 2000.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de Filosofia**. 2.ed. ver. São Paulo: Moderna, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Filosofia da Educação**. 2.ed. ver. e ampl. São Paulo: Moderna, 1996.
- BALL, S. Cidadania Global, Consumo e Política Educacional. In: SILVA, L. H. da (org.). **A Escola Cidadã no Contexto da Globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BENJAMIN, César (org.). **Marx e o Socialismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2003.
- BENSAÏD, Daniel. **Marx, o Intempestivo: grandezas e misérias de uma aventura crítica (Séculos XIX e XX)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- BICCA, Luiz. **Marxismo e Liberdade**. São Paulo: Edições Loyola, 1987.
- BORON, Atilio A. Os “novos Leviatãs” e a *pólis* democrática: neoliberalismo, decomposição estatal e decadência da democracia na América Latina. In: SADER,

\_\_\_\_\_. **Filosofia Política Marxista**. São Paulo: Cortez; Buenos Aires: CLACSO, 2003.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Traduzido por Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1983.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos).

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

CAMPOS, Benedicto de. **Introdução à Filosofia Marxista**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1988.

CARNEIRO, Moacir Alves. **LDB Fácil: leitura crítico-compreensiva: artigo a artigo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CARRION, Raul K. M.; VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. (orgs.). **Globalização, Neoliberalismo, Privatizações: quem decide este jogo?**. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

\_\_\_\_\_. (org.). **Século XXI, Barbárie ou Solidariedade: alternativas ao neoliberalismo**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **A Universidade Pública Sob Nova Perspectiva**. REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 26, 2003, Poços de Caldas. Conferência de abertura. Anais. Poços de Caldas: ANPED, 2003

\_\_\_\_\_. **O Que é Ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros Passos, 13).

CHEPTULIN, Alexandre. **A Dialética Materialista – Categorias e Leis da Dialética**. Traduzido por Leda Rita Cintra Ferraz. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1982.

CHOMSKY, Noam. **Poder e Terrorismo**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

COCCO, Giuseppe. **Trabalho e Cidadania: produção e direitos na era da globalização**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DIAS, José Sobrinho. **Avaliação da Educação Superior e Valores Democráticos**. REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 26, 2003, Poços de Caldas. Conferência de abertura. Anais... Poços de Caldas: ANPED, 2003.

EAGLETON, Terry. **Marx e a Liberdade**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

EINSTEIN, Albert. **Como Vejo o Mundo**. 11ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira 1981.

FAORO, Raymundo. **Existe um pensamento político brasileiro?** São Paulo, Ática, 1994.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler.** São Paulo: Cortez Editora, 1982.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. A formação dos profissionais da educação básica em nível superior: desafios para as universidades e faculdades/centros de educação. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; SILVA JUNIOR, Celestino Alves (Orgs.). **Formação do Educador e Avaliação Educacional: formação inicial e contínua.** São Paulo: Editora Unesp, 1999. v. 2 (Seminários e Debates)

GARCIA, Walter E. (org). **Educadores Brasileiros do Século XX – Vol. I,** Brasília: Plano Editora, 2002.

GENTILI, Pablo; SILVA, Tomaz Tadeu da (orgs.). **Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GIROUX, Henry A. **Os Professores como Intelectuais – Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GUARESCHI, Pedrinho; RAMOS, Roberto. **A Máquina Capitalista.** Petrópolis, RJ, Vozes, 1988.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e Educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (O que você precisa saber sobre).

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **Sobre História.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KONDER, Leandro. **Marx, Vida e Obra.** 1998.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto;** tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1976.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas.** 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A Construção do Saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda.; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LIBANIO, João Batista. **Ideologia e Cidadania.** São Paulo: Moderna, 1995. (Coleção Polêmica).

LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe – estudos da dialética marxista.** Traduzido por Telma Costa. Porto: Publicações Escorpião, 1974

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação: da antigüidade aos nossos dias**. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Miséria da Filosofia: resposta à filosofia da miséria do senhor Proudhon (1847)**. São Paulo: Centauro, 2001.

\_\_\_\_\_. **O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann**. Traduzido por Leandro Konder e Renato Guimarães. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. **O Capital – Crítica da Economia Política**. Traduzido por Reginaldo Sant'Anna. Volume 1. 11.ed. São Paulo: Editora Bertrand Brasil – DIFEL, 1987.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã, 1º Capítulo: seguido das teses sobre Feuerbach**. São Paulo: Centauro, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Sagrada Família ou a Crítica da Crítica Contra Bruno Bauer e Consortes**. São Paulo: Boitempo, 2003.

MCLAREN, Peter. **A Pedagogia da Utopia**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

MÉSZÁROS, István. **A Educação Para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 2.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NALINI, José Renato. **Ética Geral e Profissional**. 4.ed. ver. e atual. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2004.

NOSELLA, P. **O Compromisso Político Como Horizonte da Competência Técnica**. Educação e Sociedade, Cortez/CEDES, n. 14, maio, 1983.

PASSOS, J.M. **Paulo Renato: professores não sabem ensinar**. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 jul. 2000. 2. ed., *O País*, p. 15.

PAVIANI, Jaime. **Problemas de Filosofia da Educação**, Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

PEREIRA, J.E.D. **Formação de professores: pesquisa, representações e poder**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da Educação Brasileira: a organização escolar**. 15.ed. ver. e ampl. – Campinas, SP: Autores Associados, 1998. – (Coleção Memória da Educação)

RODRIGUES, Maristela Marques, GIÁGIO, Mônica. **Guia de Consulta para o Programa de Apoio aos Secretários Municipais de Educação – PRASEM III**. Brasília: FUNDESCOLA/MEC, 2001

SADER, Emir; GENTILI, Pablo. **Pós-Neoliberalismo II – Que Estado para que democracia?** 2 ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2000.

SANDER, Berenice Fülber. MOHR, Flávia Corso. **Igrejinha - Uma História em Construção**, Secretaria Municipal de Educação de Igrejinha, 2004.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **A Educação em Tempos de Neoliberalismo**; trad. Cláudia Schilling. – Porto Alegre : Artmed, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do Senso Comum à Consciência Filosófica**. 12.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1996. (Coleção Educação Contemporânea)

\_\_\_\_\_. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003. (Coleção Educação Contemporânea)

SILVA JR., C.A.(org.) **Dermeval Saviani e a Educação Brasileira: o Simpósio de Marília**. São Paulo, Cortez. 2002.

SINGER, Peter. **Um Só Mundo: a ética da globalização**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SOUZA, Ana Inês. (org.) **Paulo Freire. Vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

STRECK, Danilo R. **Pedagogia no Encontro de Tempos: ensaios inspirados em Paulo Freire**. Petrópolis: Vozes, 2001.

THOMPSON, Edward P. **A Formação da Classe Operária Inglesa (3 volumes)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva; OYARZABAL, Graziela Macuglia. **Estratégias Educacionais no MERCOSUL**. Porto Alegre: Novak Multimídia, 1999.

\_\_\_\_\_. et al., **A Formação do Educador como Pesquisador no Mercosul/Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Qualitativa, Dialética e Educação. Segunda parte: O problema de pesquisa. Notas sobre as categorias da prática social e de totalidade**. POA, RS, 2005.

\_\_\_\_\_. MOLINA, Vicente. **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Sulina, 1999.

\_\_\_\_\_. **Bases Teórico-metodológicas da Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais: idéias gerais para a elaboração de um projeto de pesquisa**. Cadernos de Pesquisa Ritter dos Reis, vol. IV, 2001.

VATTIMO, Gianni. **O Fim da Modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro; AMARAL, Ana Lúcia (orgs.). **Formação de Professores: Políticas e debates**. Campinas, SP: Papirus, 200s.

VIEIRA, Sofia Lerche. Políticas de formação em cenários de reforma. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; AMARAL, Ana Lúcia. **Formação de Professores: Políticas e Debates**. Campinas, SP: Papirus, 2002. p. 13-46

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes; CARRION, Raul K. M. (orgs). **Século XXI, Barbárie ou Solidariedade: alternativas ao neoliberalismo**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

WAGNER, Eugênia Sales. **Hannah Arendt e Karl Marx: O mundo do trabalho**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

WOOD, Ellen Meiksins. **Democracia Contra Capitalismo: a renovação do materialismo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2003.

ZAGURY, Tânia. **O Professor Refém**. Rio de Janeiro, RJ : Record, 2006.

ZIZEK, Slavoj. **Bem-vindo ao Deserto do Real!: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003. (Estado de Sítio).

\_\_\_\_\_. (org.). **Um mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

## DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

Centro de referência em educação. **“A missão da escola não é formar trabalhadores; é formar cidadãos completos”**.

Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/fme\\_a.php?t=007](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/fme_a.php?t=007)> Acesso em 18/06/2008.

DIAS, Rosanne Evangelista; LOPES, Alice Casimiro. **Competências na formação de professores no Brasil: o que (não) há de novo**. Educação & Sociedade. Campinas: 2003, vol.24, no.85.

Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302003000400004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302003000400004)> Acesso em 10 de setembro de 2008.

SILVA, Gustavo Adolfo. **Teoria dos atos de fala**.

Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiiifelin/41.htm> > Acesso em 11 de novembro de 2008.

## CONGRESSOS

CEPEP - CONGRESSO ESTADUAL DOS PROFESSORES DO ENSINO PRIVADO DO RS, 7., 2003, Porto Alegre, RS. **Síndrome de "burnout"**. Porto Alegre, SINPRO/RS.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A** - Roteiro para a entrevista semi-estruturada

**APÊNDICE B** - Situação da formação profissional dos educadores das escolas municipais de Igrejinha, RS, em 2006

**APÊNDICE C** - Situação da formação profissional dos educadores das escolas estaduais de Igrejinha, RS, em 2006

**APÊNDICE D** - Situação Geral das Escolas Municipais

**APÊNDICE E** - Situação Geral das Escolas Estaduais

**APÊNDICE F** - Entrevista com o Professor Sócrates

**APÊNDICE G** - Entrevista com a Professora Orquídea

**APÊNDICE H** - Entrevista com o Professor Éder

**APÊNDICE I** - Entrevista com a Professora Yasmim

**APÊNDICE J** - Entrevista com o Professor Marx

**APÊNDICE L** - Entrevista com a Professora Ágata

**APÊNDICE M** - Entrevista com a professora Cristiane

**APÊNDICE N** - Entrevista com a Professora Olga

**APÊNDICE O** - Entrevista com o Professor Lenon.

## APÊNDICE A - Roteiro para a Entrevista Semi-estruturada a Ser Aplicada aos Professores

### - Dados de identificação

- Instituição de origem;
- Área de conhecimento;
- Ano de obtenção do último título.

1) **Sexo:** Masculino ( ) Feminino ( )

2) **Formação:** Ensino Médio ( ) Superior Incompleto ( )  
Superior Completo ( ) Pós-graduação ( )

3) Em quantas escolas trabalha atualmente?

Uma ( ) Duas ( ) Três ( ) Mais de três ( ).

3.1 Em que ano ingressou nela (s)?

3.2 Há quanto tempo atua como professor (a)?

4) Além da escola você trabalha em outro local?

Sim ( ) Não ( ). Onde:

1) Atuação no magistério. Onde e quando você começou?

2) Descreva o seu processo de formação desde o Ensino Fundamental: Escolas públicas ou privadas? Fez magistério? Na época já pensava em ser professor ou professora?

3) Quando surgiu a vontade ou o desejo de ser professor(a)? Alguém influenciou nesta decisão?

4) Pode descrever fatos que mais lhe marcaram no processo de formação.

5) Como foi o Ensino Superior? Tempo de duração? Motivo?

6) No processo de formação, a preparação teórica lhe deu base sólida para desenvolver as suas aulas atualmente?

6.1) As aulas teóricas tidas ao longo do processo de formação foram capazes de lhe subsidiar (auxiliar) para enfrentar a realidade da sala de aula? O que você mais usa daquilo que recebeu? E também o que menos usa?

6.2) Comente sobre sua formação continuada/permanente. Cursos, seminários, fóruns de debate, especializações, etc.

6.3) Comente a relação que existe entre a formação e a prática dos professores.

7) Poderia descrever uma aula sua? Entrada até a conclusão.

7.1) Quando é que uma aula tem início? Um dia antes? Uma semana?

8) Como você vê o Currículo neste processo? Ele é importante? Você ajudou a elaborá-lo? Quem pensa o currículo com relação às grandes decisões?

9) Professor(a), como você vê as inovações tecnológicas: computador, Internet, DVD, Vídeo, Datashow, etc...? Usa regularmente? Tem em casa?

91.) Sente alguma ameaça em sua prática profissional? Comente:

10) Você participa de algum sindicato ou associação? Motivo:

10.1) Você percebe relação entre educação e política? Comente.

11) Você pensa que está sendo valorizado como professor? Comente:

12) Gostaria de acrescentar mais alguma coisa a partir daquilo que falamos? A palavra está a sua disposição.

Muito obrigado pelas informações prestadas e nos colocamos à disposição para outros diálogos.

**APÊNDICE B** - Situação da Formação Profissional dos Educadores das Escolas Municipais de Igrejinha, RS, em 2006

**SITUAÇÃO DAS ESCOLAS MUNICIPAIS**

Tabela 1  
Escola Municipal de Ensino Fundamental Lajeado

Formação	Magistério	02	total	12
	Graduação em curso	04		
	Graduação concluída	06		
	Pós-graduação	-		
	Mestrado	-		

Tabela 2  
Escola Municipal de Ensino Fundamental Princesa Isabel

Formação	Magistério	-	total	14
	Graduação em curso	07		
	Graduação concluída	04		
	Pós-graduação concluída	02		
	Mestrado	01		

Tabela 3  
Escola Municipal de Ensino Fundamental Machado de Assis

Formação	Magistério	05	total	31
	Graduação em curso	11		
	Graduação concluída	11		
	Pós-graduação concluída	03		
	Mestrado	01		

Tabela 4  
Escola Municipal de Ensino Fundamental Bairro Moinho

Formação	Magistério	-	total	14
	Graduação em curso	06		
	Graduação concluída	06		
	Pós-graduação concluída	01		
	Mestrado	01		

Tabela 5  
Escola Municipal de Ensino Fundamental Vila Nova

Formação	Magistério	-	total	29
	Graduação em curso	19		
	Graduação concluída	08		
	Pós-graduação concluída	02		
	Mestrado	-		

Tabela 6  
Escola Municipal de Ensino Fundamental Osvaldo Cruz

Formação	Magistério	-	total	31
	Graduação em curso	17		
	Graduação concluída	14		
	Pós-graduação	-		
	Mestrado	-		

Tabela 7  
Escola Municipal de Ensino Fundamental Hilário Nestor Backes

Formação	Magistério	01	total	09
	Graduação em curso	06		
	Graduação concluída	-		
	Pós-graduação concluída	02		
	Mestrado	-		

Tabela 8  
Escola Municipal de Ensino Fundamental Dona Carolina

Formação	Magistério	-	total	07
	Graduação em curso	05		
	Graduação concluída	-		
	Pós-graduação concluída	02		
	Mestrado	-		

Tabela 9  
Escola Municipal de Ensino Fundamental Anita Garibaldi

Formação	Magistério	01	total	18
	Graduação em curso	09		
	Graduação Concluída	04		
	Pós-graduação em curso	02		
	Pós-graduação concluída	01		
	Mestrado	01		

Tabela 10  
Escola Municipal de Ensino Fundamental Prefeito João Darcy Rheinheimer

Formação	Magistério	-	total	26
	Graduação em curso	18		
	Graduação Concluída	04		
	Pós-graduação em curso	-		
	Pós-graduação concluída	04		
	Mestrado	-		

Tabela 11  
Escola Municipal de Ensino Fundamental Fernandes Vieira

Formação	Magistério	01	total	02
	Graduação em curso	-		
	Graduação Concluída	01		
	Pós-graduação em curso	-		
	Pós-graduação concluída	-		
	Mestrado	-		

Tabela 12  
Escola Municipal de Ensino Fundamental D.Pedro II

Formação	Magistério	03	total	06
	Graduação em curso	-		
	Graduação concluída	02		
	Pós-graduação em curso	-		
	Pós-graduação concluída	-		
	Mestrado	01		

Tabela 13  
Escola Municipal de Ensino Fundamental Olavo Bilac

Formação	Magistério		total	05
	Graduação em curso			
	Graduação Concluída			
	Pós-graduação em curso			
	Pós-graduação concluída			
	Mestrado			

Tabela 14  
Escola Municipal de Educação Infantil Almiro Grings

Formação	Normal em curso	04	total	08
	Magistério	01		
	Graduação em curso	03		
	Graduação Concluída	-		
	Pós-graduação em curso	-		
	Pós-graduação concluída	-		
	Mestrado	-		

Tabela 15  
Escola Municipal de Educação Infantil Bem-me-quer

Formação	Normal em curso	02	total	07
	Magistério	-		
	Graduação em curso	03		
	Graduação Concluída	01		
	Pós-graduação em curso	-		
	Pós-graduação concluída	01		
	Mestrado	-		

Tabela 16  
Escola Municipal de Educação Infantil Igrejinhense

Formação	Normal em curso	-	total	07
	Magistério	04		
	Graduação em curso	01		
	Graduação concluída	01		
	Pós-graduação em curso	01		
	Pós-graduação concluída	-		
	Mestrado	-		

Tabela 17  
Escola Municipal de Educação Infantil Morada da Colina

Formação	Ensino Médio em curso	01	total	08
	Normal em curso	01		
	Magistério	02		
	Graduação em curso	03		
	Graduação Concluída	-		
	Pós-graduação em curso	01		
	Pós-graduação concluída	-		
	Mestrado	-		

Tabela 18  
Escola Municipal de Educação Infantil “Os Baixinhos”

Formação	Ensino Médio em curso	-	total	09
	Normal em curso	02		
	Magistério	03		
	Graduação em curso	03		
	Graduação concluída	01		
	Pós-graduação em curso	-		
	Pós-graduação concluída	-		
	Mestrado	-		

Tabela 19  
Escola Municipal de Educação Infantil Pequeno Polegar

Formação	Ensino Médio em curso	01	total	12
	Normal em curso	01		
	Magistério	03		
	Graduação em curso	06		
	Graduação concluída	01		
	Pós-graduação em curso	-		
	Pós-graduação concluída	-		
	Mestrado	-		

Tabela 20  
Escola Municipal de Educação Infantil Raio de Sol

Formação	Ensino Médio em curso	-	total	06
	Normal em curso	01		
	Magistério	02		
	Graduação em curso	01		
	Graduação concluída	01		
	Pós-graduação em curso	01		
	Pós-graduação concluída	-		
	Mestrado	-		

Tabela 21  
Escola Municipal de Educação Infantil Professora Ida Maria Krupp

Formação	Ensino Médio em curso	08	total	15
	Normal em curso	04		
	Magistério	01		
	Graduação em curso	-		
	Graduação concluída	01		
	Pós-graduação em curso	-		
	Pós-graduação concluída	01		
	Mestrado			

Tabela 22  
Escola Municipal de Educação Infantil Vovô Ritter

Formação	Ensino Médio em curso	-	total	03
	Normal em curso	-		
	Magistério	02		
	Graduação em curso	-		
	Graduação concluída	01		
	Pós-graduação em curso	-		
	Pós-graduação concluída	-		
	Mestrado	-		

Tabela 23  
Escola Municipal de Educação Infantil Arco-Íris

Formação	Ensino Médio em curso	-	total	05
	Normal em curso	01		
	Magistério	01		
	Graduação em curso	01		
	Graduação concluída	01		
	Pós-graduação em curso	01		
	Pós-graduação concluída	-		
	Mestrado	-		

**APÊNDICE C - Situação da Formação Profissional dos Educadores das Escolas Estaduais de Igrejinha, RS, em 2006**

Tabela 1  
Instituto Estadual de Educação Olívia Lahm Hirt

Formação	Ensino Médio	-	total	53
	Normal em curso	-		
	Magistério	04		
	Graduação em curso	17		
	Graduação Concluída	21		
	Pós-graduação em curso	-		
	Pós-graduação concluída	10		
	Mestrado	01		

Tabela 2  
Escola Estadual de Ensino Médio Berthalina Kirsch

Formação	Ensino Médio	01	total	47
	Normal em curso	-		
	Magistério	07		
	Graduação em curso	19		
	Graduação Concluída	16		
	Pós-graduação em curso	-		
	Pós-graduação concluída	04		
	Mestrado	-		

Tabela 3  
Escola Estadual de Ensino Fundamental no Bairro Figueiras

Formação	Ensino Médio	-	total	26
	Normal em curso- Estágio	03		
	Magistério	06		
	Graduação em curso	15		
	Graduação Concluída	02		
	Pós-graduação em curso	-		
	Pós-graduação concluída	-		
	Mestrado	-		

Tabela 4  
Escola Estadual de Ensino Fundamental Promorar

Formação	Ensino Médio	-	total	23
	Normal em curso-	-		
	Estágio			
	Magistério	03		
	Graduação em curso	13		
	Graduação Concluída	07		
	Pós-graduação em curso	-		
	Pós-graduação concluída	-		
	Mestrado	-		

## APÊNDICE D - Situação Geral das Escolas Municipais

Tabela 1  
Total de Professores da Rede Municipal de Ensino

Formação	Ensino Médio em curso	10	total	284 <sup>111</sup>
	Normal em curso- Estágio	16		
	Magistério	32		
	Graduação em curso	123		
	Graduação Concluída	68		
	Pós-graduação em curso	09		
	Pós-graduação concluída	16		
	Mestrado	05		

<sup>111</sup> A Escola Municipal de Ensino Fundamental Olavo Bilac não informou a formação de seus cinco professores.

**APÊNDICE E - Situação Geral das Escolas Estaduais**

Tabela 1  
Total de Professores da Rede Estadual de Ensino

Formação	Ensino Médio	01	total	149
	Normal em curso- Estágio	03		
	Magistério	20		
	Graduação em curso	64		
	Graduação concluída	46		
	Pós-graduação em curso	-		
	Pós-graduação concluída	14		
	Mestrado	01		

## APÊNDICE F - Entrevista com o Professor Sócrates

A partir deste momento, passamos a fazer a transcrição de todas as entrevistas realizadas. Lembramos que *teremos um cuidado especial* para captarmos o maior número possível de expressões dos professores entrevistados.

O primeiro professor entrevistado nos recebeu em sua casa e durante duas horas estivemos falando sobre educação, política e sociedade. Foi com ele que iniciamos as entrevistas. Como pseudônimo usaremos Sócrates, pois isto preservará a sua identidade e nos orientará em todas as interpretações.

A primeira entrevista foi feita com o professor Sócrates e este destacou que sua graduação foi cursada na FAFIMC (Faculdade de Filosofia Imaculada Conceição de Viamão). A área de conhecimento é Filosofia e contempla a licenciatura em História Geral e do Brasil e também Psicologia da Educação. O professor Sócrates concluiu sua faculdade em 1988 (vinte anos atrás).

A formação do professor Sócrates, em nível médio, é a de Desenho de Decoração. Era um curso que existia em Canela e que habilitava para auxiliar arquitetos. O professor destacou que este curso era semelhante a uma preparação para o trabalho (antigo PPT).

1) Em quantas escolas o professor Sócrates trabalha atualmente? Uma escola. Ingressou nesta escola em 1993. O professor afirmou que somente trabalha na escola.

O professor Sócrates destacou que estudou em escolas privadas em nível fundamental e Médio. Destacou que naquele momento não havia pensado em ser professor. Destacou que o desejo de ser professor surgiu mais tarde. Neste momento o professor pensou longamente e disse que a vontade de ser professor surgiu no ano de 1990 enquanto estudante de Teologia.

O professor Sócrates destacou que alguns fatos marcaram a sua vida de estudante; depois de pensar um bom tempo disse que a elaboração e organização do “Grêmio Estudantil” ou Diretório Acadêmico, foi o fato marcante de sua vida estudantil.

2) Ao ser questionado sobre a formação teórica existente em sua formação o professor respondeu o seguinte: tudo começou no curso de Filosofia; neste existe

uma “cobrança maior” e esta é interessante, pois instrumentaliza o acadêmico para os grandes debates que ocorrem em sua vida prática. O professor disse que as partes didática e metodológica não foram boas no curso, pois deixaram lacunas sérias no processo de formação.

Ao ser indagado sobre o Estágio o professor destacou que este foi um “*sufoco*”. Neste momento ele respirou profundamente e afirmou “*agora eu estou aí e vamos ver o que vai dar*”. O professor descreveu que fez o estágio em uma escola pública estadual de Viamão (em uma vila na parada 47).

Ao ser indagado sobre a formação teórica do curso de Filosofia o professor Sócrates destacou que os aspectos teóricos permanecem vivos; continuou afirmando que o pensador e educador em “alta na época” era Paulo Freire. Disse que Pedagogia do Oprimido e as “vertentes freirianas” permanecem na mente e iluminam alguns momentos de prática. Aqui percebemos que a dimensão educacional, didática e pedagógica é que foi mais reforçada pelo professor.

3) Outro tema que tivemos a preocupação de trazer para o debate na entrevista é o que está relacionado com a formação permanente/continuada. Indagamos ao professor se ele tem estado presente em cursos, seminários, fóruns de debate, especialização e outros. Com relação a isto tivemos a seguinte resposta: “*eu me vejo na necessidade, faz tempo, de recomeçar a freqüentar o ambiente universitário*”. Ponderou que as leituras não substituem a presença sistemática na academia, na universidade. Neste momento, o professor, segundo interpretação nossa, viu que está há 20 anos fora da academia. Ele deixou transparecer esta preocupação. Ao falar “*eu me vejo em falta*” trouxe à tona o que muitos professores gostariam de fazer e, por inúmeros motivos, não podem.

O professor Sócrates destacou que participa de cursos na área de História e Filosofia, principalmente na UNISINOS. Nesta, acompanha Fóruns nacionais e internacionais. Nestes encontros os temas fundamentais giravam em torno da Ecologia e da água. Como conclusão deste ponto o professor destacou que faz alguns cursos em nível municipal.

4) A pergunta sobre a relação entre a formação e a prática dos professores foi respondida da seguinte maneira pelo professor: “*bom nós temos, hã...parece que eu revivo sempre a mesma situação. Eu iniciei trabalhando, aulando... os que*

*entram hoje parece que relembro daquela situação; parece que a situação permanece a mesma da minha época. Cheios de ideais, teorias, enquanto esbarra na prática ... não é assim .... a realidade é outra... é um banho de realidade ... mas mesmo assim, as teorias são boas, nem tudo se consegue aplicar, ou muito pouco as vezes... e a realidade é cada vez mais exigente, principalmente as questões disciplinares, mas mesmo assim a gente vai levando ”.*

5) O professor Sócrates também comentou sobre os novos professores, os que iniciam o magistério: *“a mentalidade, o espírito que de imediato surge é: vou desistir! Não sabia que era isto! Cada coisinha que de repente para nós é pouco, mas para quem inicia é o bastante para deixar [...] preocupados. As responsabilidades hoje, o jeito de lidar com esta gente pequena (pequenos alunos) é muito mais complicado do que era há tempos atrás”.*

Nesta altura da entrevista perguntei se a *“chama esperançosa da teoria continua correndo nas veias diante desta realidade complicada que é a prática do professor em sala de aula”?* *Aliás, preciso recorrer constantemente justamente para permanecer com o intuito de fazer corretamente ... ainda mais quando muitos modismos aparecem inclusive aqui em Igrejinha. Temos aí os projetos pilotos, por exemplo, Airton Senna e Cia Ltda, tem lá os amigos do Zip, a turma do Se Liga e coisas que a gente via no tempo (alongado) que era pequenino hoje parece que estão voltando, então parece que estes grandes educadores que têm as suas teorias parece que de alguma forma são pisoteadas quando se retorna a estas antigas práticas – que não alfabetizam – fazem um letramento.*

Continuando a entrevista, o professor Sócrates foi convidado a descrever uma aula do início ao fim. De imediato ele começou falando da aula da terça-feira, dois dias após o pleito eleitoral. Ele começou da seguinte maneira: *Historiando e problematizando o pleito eleitoral. Iniciamos com algumas questões: primeiro perguntava sobre a festa de segunda-feira (o professor fazia referência à festa da vitória do PMDB e PTB), tentava ver com eles (os alunos) por que segunda e não domingo né; daí comentava com eles sobre o carro de som que propagava a vitória certa (um caminhão contratado pelo grupo vencedor para divulgar uma pesquisa eleitoral distorcia na qual a coligação vencedora divulgava, de uma forma antecipada, os resultados eleitorais com uma margem de 17 pontos percentuais a mais – na apuração final houve uma diferença de apenas 1%) – comentou que se a*

*vitória era tão certa por que não fizeram a festa no domingo e não na segunda-feira. Daí eu coloquei algumas questões; colocamos, fiz eles se sentarem em duplas, trios, grupos de até quatro alunos, e essas questões, dentre elas as seguintes: a) quais as suas conclusões a respeito deste pleito eleitoral; b) quais os partidos que participaram e de repente quais os que mantêm sede, seis partidos participaram efetivamente e sete foram criados como ... essa fala teria aparecido; c) e depois, um equívoco, uma fala que existe em Igrejinha, que o Lauri (candidato do PP) teria perdido as eleições por causa da Xica (candidata do PT) – trabalhava os números também – colocava os números – abstenções 2 mil votos; d) quem eram estes vereadores eleitos? Trabalhamos um pouco a possibilidade da competência dos mesmos e aí citava o vereador chupim (prefiro omitir o nome- mas é um vereador semi-analfabeto que se reeleger) – e eles também ... enfim, queriam saber. Trabalhamos um pouco o papel, a função específica do vereador; frisava para eles que o vereador é, essencialmente, uma pessoa de palavra, tem que saber o que dizer e comprovar. Por fim, as perguntas por eles. Os alunos questionaram: por que alguns com tanta votação não passaram, não foram eleitos? A questão da legenda. E por fim, como é que nós terminamos esta aulinha de hoje? Deu o sinal, nós, ah sim, a questão da sigla de aluguel. Eu dizia para eles ficarem atentos – seis partidos que permanecem – aí eu citava: PSB, PT, PP, PMDB, PTB e PDT. Aliás, surgiu da fala deles, penso que seja o cúmulo, mas, de repente, eles não iriam se impressionar, que o PDT voltaria a se aliar ao PMDB e PTB (os alunos estavam destacando que o PDT teve como candidato a vice do PT um vereador que esteve seis anos com o PTB, saiu para disputar esta vaga e agora voltaria a fazer parte do governo Jackson e Petry).*

7) Outra pergunta que fiz ao professor Sócrates foi a seguinte: quando é que começa uma aula? Um dia antes? Uma semana antes? Ou quando o professor entra em sala de aula?

*Depende se o tema é novo. Mas nesse caso aqui (eleições) nós já havíamos trabalhado nas aulas anteriores. O que a gente fez foi uma conclusão.*

8) Ao ser perguntado sobre o Currículo, sua importância e se ajuda na elaboração do currículo da escola, quem é que pensa o mesmo, o professor Sócrates respondeu o seguinte: *nós construímos o currículo mediante reuniões de*

*áreas de estudo – um grupo de professores da área de Geografia e História. Este currículo foi construído na escola e em nível municipal também. A princípio, poderíamos dizer, nós temos um currículo único na área, em todas as áreas municipais. Nós temos uma construção municipal e cada escola faz a adaptação de acordo com sua realidade local – vai priorizando este tema ou tantos temas de acordo com a realidade e interesses das comunidades. As grandes linhas foram construídas pelos professores das áreas.*

9) Com relação às inovações tecnológicas (computador, internet, datashow) o professor Sócrates apresentou o seguinte comentário ou resposta: *“brincar um pouco contigo; nós estávamos afoitos com a possibilidade do Beto (deputado federal do PSB) trazer um notebook para cada professor municipal que daí facilitaria e acabaria esta propaganda enganosa de dizer na escola tem laboratório de informática – por que não existe – tem umas cacaieiras lá que funcionam quando tem a professora liberada para este fim; o que acontece na escola quando? ... Todos estamos sujeitos a adoecer e quando adoecemos – mesmo às vezes com antecedência ou depois de um certo tempo previsto, é, demora até chegar um professor substituto, então, geralmente, estes professores específicos da área de informática ainda vão para a sala de aula substituir outros professores; então a tecnologia lá em nossa escola está muito aquém do esperado – volta e meia se brinca de computador.*

10) Professor Sócrates, o senhor tem computador e internet em casa? *Não.*

11) Sente alguma ameaça profissional diante das tecnologias? *Não. Aliás, tenho lido sobre isto também. E, de alguma forma, tenho observado nos raros momentos que vamos ao laboratório de informática que a relação do estudante com a máquina é uma, mas é qualificada com a presença do professor em sala de aula. Penso que máquina alguma substitui a relação sujeito a sujeito. A máquina não consegue produzir relações afetivas e a aprendizagem não acontece sem esta mediação.*

12) Professor, o senhor participa de algum sindicato e por que participa?

*Eu sou membro do SIPROMI e também do PT. Participo, pois esta é uma ferramenta de organização frente às possíveis ou inoportunas, ou oportunas, barbaridades que acontecem contra os servidores públicos; é uma forma possível de melhorar a qualidade de vida, as condições de vida do grupo.*

13) Professor, o senhor percebe ligações, relações entre educação e política?  
Comente:

*Isto existe. Aliás, toda fala é política. Sinto dificuldade, inclusive neste ano eleitoral, sinto dificuldade de que este jovem e adolescente se sinta cativado a participar das questões políticas; desafio-me, cada vez mais, a desmitificar esta idéia, este preconceito que se tem, de que política é coisa de gente adulta, política é coisa suja, é coisa para quem rouba, tudo é a mesma coisa. Então aquela fala enferrujada: não gosto de política, não vamos misturar as coisas. Então trabalho ensino religioso e colocava temas assim – fé é política, religião e política, como é que as coisas se misturam? Colocava personagens bíblicas e suas relações políticas, então enfim, dizia para todos eles: ninguém vive sem política, política é uma questão de sobrevivência, é necessária.*

14) Professor, o senhor pensa que está sendo valorizado como professor neste tempo de atuação no magistério?

*Pois é. É. Aí tem sim e não. Pelo sim. É muito gratificante ver os estudantes na rua saudando o professor. É interessante ver alguns ex-alunos dizendo aos filhos e amigos: este foi meu professor também. Ou outros colegas atuais que já foram meus alunos e hoje são professores. Então, neste sentido, me parece que a valorização vem mais por este lado da gratificação, do reconhecimento. Mas pela sociedade como um todo, por outro lado, situações que a gente passa numa sala de aula e vários pais, vários pais nem tanto, mas alguns pais, a gente fica se perguntando: mas, poxa vida, onde fica, estudamos tanto, nos preparamos tanto e nos gastamos tanto e parece que nada vale a pena – o filho não muda, ou a criatura não muda. Mas de repente passa ano e entra ano e fim de ano – a gente não percebe tanto – mas as pessoas mudam, apesar dos pesares, as pessoas mudam. Ou seja, tenho comigo uma aposta, a chama da esperança (usando as suas*

*palavras<sup>112</sup>)... nunca desistir, continuar apostando por pior que seja ou mais desesperadora que seja a situação, mas ... continuar apostando sem jamais desistir. Eu vejo neste sentido. No lado da questão prefeitura, percebendo, por exemplo, os doze mil do Paulão (jogador de vôlei que fez um contrato anual de doze mil mensais), então aí, a questão salarial me parece que pode melhorar bastante.*

15) Na conclusão da entrevista eu coloquei a palavra à disposição do professor. Neste momento ele comentou o seguinte:

*Eu havia divulgado esta manhã na escola que a tarde eu iria receber a visita do Carlos e os colegas indagaram: mas tu te sujeitas a isto? E eu disse que não tenho nada a temer, para mim é uma honra, como está ... mas o teu nome aparece? Creio que não! E aí se aparece! Mas não vão condenar a sua fala? Se servir para alguma coisa melhor; se não servir para nada também não faz mal. E assim há de ser.*

---

<sup>112</sup> O professor faz referência a uma expressão que usei na campanha de 2008, enquanto candidato a vice-prefeito: irmãos na fé e na esperança. Eu abria os programas de rádio com esta saudação.

**APÊNDICE G** - Entrevista com a Professora Orquídea

1) Professora, qual é a sua instituição de origem? Onde a senhora cursou graduação?

*Cursei na UNISINOS. Sou formada em História – Licenciatura Plena. Estou formada desde o último semestre de 2008.*

2) Professora, o que a senhora cursou no Ensino Médio?

*Cursei Preparação para o Trabalho e depois adaptação para o Magistério.*

3) Em quantas escolas a senhora trabalha? Qual é sua carga horária semanal?

*Trabalho em duas escolas: uma municipal e outra estadual. Trabalho 42 horas por semana. Na escola estadual, trabalho há quatro anos (História); na escola municipal, trabalho há dois anos, mas já trabalho há bem mais tempo no município (13 anos). Trabalho nas escolas e tenho todas as atividades da casa.*

4) Professora, como foi o seu processo de formação? O que você lembra do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e do Superior?

*Minha formação sempre foi em escolas públicas. A vontade de ser professora já existia na época do Ensino Fundamental. Primeiramente sem uma área definida. Quando comecei a trabalhar com quinta a oitava série é que surgiu esta decisão por História. Decidi, pois gosto desta área.*

5) Quando é que aumentou, se intensificou a vontade de ser professora? Tem um momento específico?

*Sempre tive uma facilidade muito grande em apreender e até pela família posso dizer que fui influenciada. Dia após dia é que foram surgindo estas falas de que poderia seguir nesta carreira. Outro motivo é que no local onde residia a alternativa profissional mais viável e próxima era a de ser professora. A opção em nível médio era a de ser professora, pois não havia outra alternativa tão próxima e viável a mim. Ser professora era a alternativa e comecei a atuar na área sem a habilitação para o magistério. Quando cheguei em Igrejinha é que fiz minha*

*adaptação ao magistério no Colégio Santa Teresinha (congregação de Notre Dame), e então segui professora a partir disto.*

6) Professora Orquídea, a senhora consegue descrever um fato interessante que lhe chamou a atenção em seu processo de formação?

*No Ensino Fundamental tinha uma professora que trabalhava a disciplina de História e também Geografia que eu gostava muito, eu me identificava com ela. Primeiramente eu pensava em fazer Geografia, mas depois né, isso já... isso mudou para História que eu me identifiquei mais. Eu acho que por gostar do jeito que a professora trabalhava - me incentivou - me deu uma vontade maior para seguir. Depois eu lembro assim, cursando adaptação ao magistério, um momento difícil, pois, além de estudar, tinha que trabalhar dois turnos e isto era muita coisa. Era uma dificuldade, mas apesar desta, nunca pensei em desistir. A luta sempre me fez seguir.*

7) Professora Orquídea – comente um pouco sobre esta professora que lhe marcou muito. Ela era uma professora jovem? Era a sua metodologia e os seus temas que lhe chamavam a atenção? Ela cativava a turma? O que mais chamou a sua atenção nela e como isto lhe motivou?

*É faz bastante tempo, mas acho que a maneira como ela trabalhava, assim eu gostava bastante. Ela fazia com que a gente pesquisasse, que a gente apresentasse trabalhos e ali surgiu um interesse maior em seguir esta área. Ela tinha espírito de liderança e capacidade de envolver a turma no processo de aprendizagem.*

8) Professora, quanto tempo a senhora ficou estudando no ensino superior? Um ano, dois anos, três anos? Por que tanto tempo para terminar a licenciatura?

*Quando eu me decidi pela área de História e fiz o vestibular (segundo semestre de 1999) não tinha idéia e noção de como era o ensino superior, tinha feito o magistério e cursado os antigos adicionais que formavam para a quinta e sexta séries. Depois de cursar dois semestres, tive que interromper a faculdade por dois semestres para ficar com a minha filha. Tranquei a faculdade e depois retornei fazendo uma cadeira somente, pois não era fácil: trabalhar o dia todo, filha pequena. Isto dificultava a minha saída de casa à noite. Depois disso sempre fazendo duas ou*

*três cadeiras – nunca consegui fazer mais disto – pela dificuldade de trabalho, dificuldade econômica e financeira – apesar de ter um pequeno auxílio, pois a licenciatura tinha um desconto, uma bolsa de 50%, mas mesmo assim, juntando tudo, ficava bastante puxado. Outro obstáculo a superar eram os 60 minutos de transporte até a faculdade. Tinha que andar 60 km. Era uma rotina: saía da escola as 17h15min, pegava os filhos na creche, chegava em casa e tinha que escolher entre comer ou tomar banho para ir para a faculdade. Saía às 6h30min e retornava às 11h30min para casa.*

9) Professora, com tantas atividades, a senhora conseguia fazer os trabalhos e ou estudar durante a graduação?

*... Risos.... Nunca foi assim muito fácil, sempre bastante puxado. Porque além da faculdade tinha os trabalhos da escola para corrigir, aulas para preparar, então sempre foi ... os finais de semana, na maioria das vezes, eram usados para isto. E as noites em que eu estava em casa também, né, tinha muitas vezes que não podendo ficar, não podendo dar muita atenção aos filhos pra poder realizar todos os trabalhos; mas assim, com bastante esforço consegui ... nunca tive nenhuma cadeira para refazer, todas eu consegui passar; vejo que a força de vontade foi importante.*

10) Professora, no processo de formação, a preparação teórica lhe deu bases sólidas para resolver as suas aulas atualmente? Os aspectos teóricos foram suficientes ou deixaram lacunas?

*Eu acho que muito se faz pela experiência, né. Sabe ... assim que a graduação lhe oferece muitas cadeiras que realmente se aproveita bastante, mas nesse curso também aparecem muitas cadeiras que tu achas que não têm muito auxílio para a sua vida prática.*

11) Das cadeiras, disciplinas cursadas, quais você lembra que mais lhe ajudam atualmente em sua prática profissional? Você lembra de algumas?

*Sim, principalmente as cadeiras sobre a História do Brasil, que uma professora que até foi minha orientadora depois no meu trabalho de conclusão. Até hoje ainda eu utilizo textos que ela passou em suas cadeiras. Ela cobrava muito,*

*mas foram as melhores cadeiras que eu tive na faculdade; também marcaram as disciplinas sobre a História da América. Nesta, tive os professores que me ajudaram bastante.*

12) E as disciplinas que tratam especificamente da metodologia e da didática, elas vêm a lembrança hoje ou caem no esquecimento?

*Algumas sim, algumas ajudaram. Mas têm algumas delas que eu não sei nem quem foi o professor. Até esqueci o nome do professor.*

13) Professora, depois que você concluiu o curso, como é que acontece a formação permanente ou continuada? As escolas oferecem cursos, seminários, etc.? O município subsidia estes processos pedagógicos?

*Atualmente nas escolas municipais a gente tem três dias que tu pode usar como formação; esses três dias anuais os alunos são atendidos e tu não precisas recuperar. Além destes três dias a gente pode usar, mas temos que recuperar a aula com os alunos. Também a gente tem um pequeno valor que auxilia no custo de algum curso. Na rede estadual não temos auxílio, mas é possível tirar dias para a formação.*

14) Professora comente um pouco sobre a relação existente entre formação (teoria) e a prática docente cotidiana.

*É possível conciliar teoria e prática. As disciplinas que cursei me auxiliam muito no conhecimento (conteúdo), não a forma como passar isto aos alunos; na faculdade a gente não aprende a didática; a didática eu penso que tenho a minha pela experiência, pelo magistério – vejo que eu sei como trabalhar, e a faculdade, a teoria, a academia me passou. Eu vejo que tenho que adaptar a didática e a metodologia para cada turma, pois estas são diferentes.*

15) Professora, por favor, gostaria que a senhora descrevesse uma aula sua - do início ao final.

*Começo fazendo a chamada – gosto de fazer isto no início, pois procuro ter o meu caderno de chamada em dia então esta é uma coisa que eu procuro fazer sempre no início, quando os alunos estão um pouco agitados, aí depois, acalmando eles, começo a retomar o conteúdo da aula anterior – lembrando o que foi falado, o*

*que foi visto e o assunto a que estamos tratando. Depois disto partimos para a atividade do dia – que consiste em várias maneiras: aulas expositivas, trabalhos que os alunos elaboram de pesquisa, ou entregam a pesquisa ou fazem a apresentação, também sempre procuro fazer a relação do conhecimento da parte da História que estamos aprendendo com a atualidade pra poder inserir o aluno neste meio para que ele também não se sinta tão perdido, pois a História, muitas vezes para o aluno, é uma coisa abstrata – se a gente não faz uma relação ele não vai entender. Faço a relação a partir das notícias da TV com o assunto abordado em aula. Claro que não são todos os que se envolvem, nem todos se interessam pela área de História, às vezes eles acham que não tem nada a ver com eles, mas eu vejo assim que muitos alunos conseguem fazer esta relação e aí eles são participativos e é isto que traz a retribuição que eu sinto – isto, nesta área, é o que eu mais gosto, é este envolvimento dos alunos.*

16) Quando é que tem início uma aula? Um dia antes, uma semana antes? Como é que descreve o processo de preparação das aulas?

*Eu me preparo antes. Claro que pela experiência não preciso fazer muitas – tantas coisas; com o tempo tu vais sabendo como tu vais trabalhar. Mas eu sempre vejo as minhas anotações, observo como vou trabalhar com cada turma.*

17) Professora, como a senhora vê o currículo neste processo? Ele é importante? Quem pensa o mesmo nas escolas municipais e estaduais?

*A gente tem certa liberdade pra construir o currículo na escola estadual. Quando eu cheguei nesta escola já existia um plano de curso e este é que me passaram. No primeiro ano eu não fiz muitas modificações, mas depois fui adaptando conforme a experiência me indicava, conforme eu achava que era necessário. Muitos assuntos eu achava que talvez não fossem tão importantes, ou eram tratados de maneira mais breve, ou substituídos por outros que eram de maior interesse que, segundo minha visão, eram fundamentais para passar os alunos.*

*Na rede municipal é a escola que organiza o currículo, ela tem liberdade para isto. Um tempo atrás houve a tentativa de ter um currículo único, mas, com o passar do tempo, cada escola foi fazendo as suas adaptações. Hoje percebemos que quando recebemos alunos de outras escolas o currículo não fecha, não é exatamente o mesmo.*

18) Professora, como a senhora vê as inovações tecnológicas: computador, datashow, informática, internet, etc...? A senhora usa regularmente? Tem em casa internet?

*Sempre que possível tento usar filmes nas aulas e relacioná-los com os temas estudados. Nem sempre os alunos assistem com naturalidade – às vezes não é fácil. Além de fazer uma boa preparação - relação com os conteúdos estudados; temos que cobrar alguma coisa para que eles consigam ver o filme com atenção. Durante o filme faço pausas para explicar o mesmo e fazer com que os alunos percebam que há relação com os temas da aula. Faço um esforço para que os alunos se encontrem e tenham um interesse maior no filme.*

*A escola estadual até tem os recursos tecnológicos. A internet não está funcionando, pois a dificuldade financeira fez com que a escola cortasse alguns gastos e sobrou para ela. Mas até o final do ano a internet será restabelecida. Acho importante a utilização da internet, pois, muitas vezes, ela é um meio de usarmos as imagens e relacionarmos com o que está no livro didático. Ela é uma ferramenta importante.*

*Não vejo a internet como uma ameaça. Percebo que os alunos têm muito mais acesso do que na época em que estudei. Hoje o acesso às informações é facilitado e isto facilita o contato deles com os temas. O que é negativo é o seguinte: ao cobrarmos um trabalho dos alunos nos surpreendemos com cópias tiradas da internet. O computador não é visto como uma ameaça aos professores da rede pública municipal e estadual.*

19) Professora Orquídea, a senhora acha que está sendo valorizada como profissional da educação? A valorização no sentido mais abrangente possível: pelos agentes públicos, pelo plano de carreira, pelos pais e alunos?

*Eu vejo esta valorização mais pelo lado pessoal, pelo crescimento pessoal. Eu tenho uma facilidade muito grande, um relacionamento muito bom com os alunos, então consigo muitas vezes, além de ser a professora de História, converso sobre outros assuntos ... essa é uma coisa que é valorizada também por eles; muitos pais também sabem reconhecer esse valor do professor como na escola municipal, que trabalho numa turma da quarta série, nesta o reconhecimento é*

*maior. Também vejo e percebo quando os alunos estão gostando da minha aula, quando estão valorizando o que estou fazendo.*

*Quanto à valorização profissional, financeira no caso, acho que pelo trabalho que a gente tem, né, não é o que a gente merecia, tanto na rede municipal, muito menos na rede estadual que o salário é bem reduzido, aviltante. Eu acho que, muitas vezes, que tu trabalhas por que tu gostas mesmo disso. Eu não me vejo assim em outra profissão, acho que eu não saberia fazer outra coisa (risos), mas tem o lado que não é ....*

20) Ser professor é vocação ou profissão?

*Pra mim é vocação, apesar de que tem, a gente percebe que tem muita gente neste meio fazendo uma profissão e aí neste momento a gente vê o não comprometimento de muitos professores. Eu acho que é isto que estraga a classe, pois muitos não se comprometem como deveriam com a educação.*

21) Com relação a sindicato, associação dos professores, você participa? Você tem cargo?

*Sim participo, mas não tenho cargo. Fui convidada a fazer parte do sindicato e aceitei o convite. Sou sócia há vários anos. Acho que é uma maneira de garantirmos os nossos direitos e ter um respaldo maior.*

22) Professora, você percebe relações entre educação e política?

*Acho que tem relação sim. Pausa. Principalmente no âmbito municipal a gente vê assim uma relação muito forte, né, é uma coisa mais próxima de nós; e eu procuro não me envolver abertamente, né, não sou de me manifestar abertamente, mas vejo uma relação muito grande entre educação e política.*

*Com esta pergunta encerramos a entrevista com a professora Orquídea. Durante as perguntas os filhos da professora chegaram em casa e foram jogar, brincar no computador do menino do vizinho.*

## APÊNDICE H - Entrevista com o Professor Éder

A terceira entrevista realizada foi com o professor Éder. Ele respondeu a primeira pergunta da seguinte maneira:

1) Professor onde começou a sua formação?

*Eu estudei na escola D. Pedro I (escola municipal) até a quinta série; depois comecei a estudar no Instituto de Educação Olívia Lahm Hirt onde concluí o Ensino Médio; neste educandário eu cursei o curso Preparação para o Trabalho. A conclusão deste ocorreu em 1992. A licenciatura acabei fazendo na ULBRA – licenciatura em Geografia (fiz parte de um grupo que se formou no Projeto Brasil 500).*

2) Professor Éder, em quantas escolas você trabalha atualmente? Qual é sua carga horária de trabalho por semana?

*Trabalho em duas escolas. Na escola Estadual Berthalina Kirsch trabalho 16 horas semanais e 27 horas na escola municipal Vila Nova. Leciono a disciplina de Geografia. Já trabalhei História em outros anos e em outras escolas. Trabalhei bastante História em outros colégios. Eu ingressei em 1995 na escola estadual e em 2008 fiz concurso e ingressei na escola municipal Vila Nova. Além da aula, não tenho outro emprego formal (risos). Sempre estudei em escolas públicas. Não fiz magistério.*

3) Quando você cursou o Ensino Médio, já pensava em ser professor?

*Sim. Bah! Eu via os meus professores dando aula e pensava: é isto aí que eu vou querer ser. Foi uma inspiração despertada a partir dos exemplos dos professores.*

4) Nesta caminhada, o que mais influenciou a sua decisão de ser professor?

*Olha foi realmente o grupo de professores que eu tive: alguns mais, outros menos. Os professores que eu tive foram os que me deram a vontade de saber as coisas e não guardar só para mim, transmitir para outros ... achava um desperdício assim tu estudar, estudar e não repassar isto aos outros seres humanos. A maneira utilizada pelos professores é que me marcou muito; a parte didática de determinados*

*conteúdos foi determinante. Até os conteúdos que não gostávamos muito eram estimulados pela maneira utilizada pelos professores para lecionarem. A minha área de Geografia – eu tive uma professora durante um período, meio ano somente, esta é que despertou bem em mim as questões de Geografia sobre o mundo, as relações que existem com o dia-a-dia e com o mundão afora por aí; ela me abria os olhos para um monte de coisas. Ela trabalhava principalmente as questões políticas né e as relações políticas e econômicas do dia-a-dia; eu já tinha uma experiência de trabalho quando estudei com ela né e então, e aí foi me abrindo os olhos para estudar e me aprofundar nessas questões. Ela trabalhava, na época, a questão da Guerra Fria – ela explicava por que havia conflitos na América Central, a origem daquilo tudo que eu li e muitas vezes não conseguia a origem das coisas e ela me abria os olhos para isto aí tudo. Aquela era uma realidade para a época; depois a Geografia mudou um pouco, mas não deixa de ser fascinante.*

5) Professor, você tem o desejo de fazer um novo curso superior?

*Olha, no momento eu estou me recuperando do último que fiz na ULBRA (Geografia). Estou me recuperando (risos), me recuperando do cansaço do primeiro, mas pretendo dar continuidade aos estudos assim que tiver oportunidade, pretendo continuar.*

6) Com relação à formação, você tem estado em curso de qualificação, aprimoramento, aperfeiçoamento, você tem buscado acompanhar o que a rede municipal e estadual de ensino possibilitam? Poderia descrever quais?

*Tenho participado de reuniões, de jornadas pedagógicas, destas coisas que são oferecidas sem interferências no horário de trabalho; às vezes não é possível por indisponibilidade de tempo né, mas tenho participado dentro do que é oferecido assim, dentro de nossa carga horária tem algumas coisas neste sentido. A rede municipal faz três dias de estudos (as jornadas pedagógicas no recesso das férias). Ao longo do ano, a rede municipal tem oferecido alguma coisa, mas eu não tenho participado por indisponibilidade de tempo.*

6.1) O município dá algum apoio financeiro para quem participa dos cursos de aprimoramento?

*Tem. Tem uma porcentagem. O município dá uma porcentagem para quem quiser fazer curso de pós – parece que é 50% do valor é pago pela administração municipal num curso de pós ministrado nas escolas municipais.*

7) Professor, as questões teóricas que você teve no Ensino Médio e na Graduação lhe ajudam hoje em sua prática profissional? A parte teórica ilumina a prática, de fato?

*Sim. Ela é muito importante. A parte teórica explica os dias de hoje. O que a gente estudou em História naquele período acaba sendo muito útil para compreendermos o que ocorre hoje – inclusive nas minhas próprias aulas de História e Geografia vejo que têm coisas ligadas aquele período.*

8) Professor, como você trabalha as questões didáticas e metodológicas em suas aulas, pois você não fez magistério? O curso de Geografia deu conta destas questões?

*A parte didática a gente tem desenvolvido ao longo do tempo. Embora eu tenha feito a Licenciatura em Geografia não vejo que o curso tenha me preparado adequadamente. Na universidade, a parte didática e metodológica deixou muito a desejar (risos) em muitas coisas. A parte mais técnica e cadeiras mais específicas do curso eu aprendi bastante, desenvolveu muito, mas esta parte de práticas de aulas, eu acho que a universidade deixou a desejar; é o que eu digo: aprendi 20% lá e 80% na prática e em sala de aula. Meu processo de formação ocorreu no projeto Brasil 500. Neste processo de formação, temos duas colegas, duas gurias que se formaram lá e que trabalham na SME. Todos os colegas têm os diplomas reconhecidos pelo MEC. A prática pedagógica, didática e metodológica é construída no cotidiano. Eu tinha uns colegas no curso que não atuavam em sala (eu já atuava em sala de aula durante o meu curso) e tu vias neles uma dificuldade muito grande, eles saíam assim totalmente inseguros. E eu acho que tem coisas que realmente só a prática mesmo lhe dá no dia-a-dia, aquela cancha que o cara precisa. Os professores acrescentaram muito pouco; faltaram muitas coisas concretas. Eles não foram capazes de dizer em tais situações tu deves usar esta ou aquela metodologia. Era uma coisa que não te trazia muitos subsídios pra aula: fulano fala isto, fulano fala aquilo, mas não se chegava a um consenso. “A maneira que os professores não queriam que os alunos, futuros professores, fossem em sala de aula, os professores*

acabavam sendo pelo que eu percebia”. Os professores (risos) se enrolavam e não colocavam em prática o que diziam que deveria ser.

9) Professor, você poderia descrever uma aula?

*Eu costumo pensar o início da aula principalmente. No início planejo alguma coisa em termo de assunto que vou propor para a turma, uma estratégia de atividades e exercícios, coisas, como é que vou trabalhar com eles isso. Mas eu não costumo planejar o fim da aula porque Geografia é muitas vezes, para tu valorizar a participação da turma, tu deves ouvir o que dizem. Então em uma turma nós vamos por um caminho e na outra podemos ir por outro caminho. Se estou trabalhando com três segundos anos vou lançar o assunto e cada turma, através da participação vai ditar os rumos da aula. É neste sentido que não costumo planejar o fim da aula: deixo as coisas acontecerem de acordo com os interesses de cada uma das turmas. Às vezes tomo uns rumos dentro dos assuntos programados, mas deixo que as coisas rolem dentro do interesse da gurizada. Sempre faço a chamada nas aulas. Faço o fechamento no final de um trimestre; o conteúdo é revisto a partir de um trabalho, de uma prova, de uma atividade cartográfica, dependendo de cada assunto.*

10) Nas aulas, como você trata a questão dos conflitos, da indisciplina?

*É aí tem várias situações, tem os casos que eu resolvo em sala de aula. Eu evito ao máximo me aproveitar de outros setores da escola, sabe, levar para a direção. Geralmente, o diurno a gente tem buscado mais os serviços de orientação, de coordenação e isto tudo. Mas, no noturno, a gente tem tentado resolver em sala de aula, às vezes de uma forma mais enérgica ou com uma conversa mais amigável. Raramente o noturno nos causa problemas.*

11) Professor, com relação ao Currículo, como ele é? Quem é que elabora? Quem determina, quem elabora as grandes linhas curriculares?

*Tivemos um período em que a escola teve uma certa autonomia, sabe ... pra planejar tudo isto. Num determinado governo, do Olívio Dutra, nós tivemos uma certa autonomia para a escola planejar o que seria trabalhado; era a Constituinte Escolar. Cada comunidade, cada bairro poderia criar as suas necessidades e trabalhar em cima daquilo. Foi um período bem rico em termos de idéias, do que*

*deveria ser trabalhado em cada assunto, principalmente, na área de Geografia, né, que era uma área em que ... onde é possível fazer umas pontes muito interessantes entre a comunidade e o mundo. Hoje me parece que isto está meio fora de contexto, na atual situação não tem se falado tanto nisso, não sei se é porque a gente já fez naquela época, deixou pronto os planos, tudo, a questão de conteúdos a serem desenvolvidos e depois a coisa ficou meio que no esquecimento, mas foi um período interessante, de muitas reuniões, muitos quebra-cabeças pra gente que estava acostumado com tudo vindo pronto de cima, tivemos que a gente, nós, criarmos uma nova forma de metodologia de trabalho. No governo do Rigotto e da Yeda eu tenho notado que tem sido deixado isto meio de lado, nos últimos anos não tem se tocado muito nesta questão de autonomia da escola. Acabou com a idéia de se constituir um currículo, de se organizar os conteúdos a partir do envolvimento dos professores e alunos ... não existe mais. As reuniões acabaram e a comunidade não foi mais chamada para participar e decidir. Os conselhos escolares também não foram mais convidados a participar e decidir.*

12) Professor, como é que você vê as inovações tecnológicas: computador, DVD, internet, data show, etc.? Você vê com bons olhos, usa regularmente, tem em casa?

*Eu acho interessantíssimo isso aí, é uma coisa assim que só que a gente está ainda com dificuldade para adaptar isto ao nosso trabalho, sabe, pra tu buscar material e isso tudo, inclusive um laboratório de informática sem a internet, por exemplo, que é o caso que algumas escolas – fica uma coisa muito vazia, né, fica muito ... mas a questão de data show, de essas coisas todas, a gente tem procurado correr atrás. Tenho procurado me adaptar a nova tecnologia, mas confesso que são novidades que muitas vezes tu acaba voltando ao método tradicional e deixando isto de lado. Eu não tenho acesso à internet de casa, uso a partir da escola e de empresas de amigos.*

*Para mim os equipamentos tecnológicos não ameaçam o trabalho dos professores no nível fundamental e médio. Para mim “aula aula” vai ser sempre esta; o professor é insubstituível em sala de aula. Estes recursos serão como instrumentos no processo do ensino-aprendizagem.*

13) Professor, você participa de algum sindicato, de alguma associação? E por que o faz?

*No momento não. Não participo. Já fui do Cpers; mas minha situação de contratado não é bem vista pelo sindicato – então não fazia sentido fazer parte do sindicato assim. Do SIPROMI (Sindicato dos Professores Municipais) também não participo. Vamos ver se eu ficar no município mais tempo – pode ser que eu venha a fazer parte.*

14) Professor existe relação entre educação e política? Como você percebe isto?

*Olha, educação e política tem tudo a ver. Cara o que eu manjo, o que eu sei de política foi, em boa parte, tudo via sala de aula, foi via os professores de sociologia, geografia, história e filosofia, bah estes caras me abriram os olhos para um monte de coisas. Dentro do meu curso, eu tive professores muito bons dentro da minha área da parte sociológica e de Geografia Política; é aí que tu desenvolve, fora da educação é muito difícil tu desenvolver uma consciência política com uma certa clareza das coisas – o cara que forma a sua opinião fora da educação ... ele pode ser perigoso até certo ponto a escolha de um texto, de um livro, de um autor, pois este é um ato político; embora que antes disto tu teve que ter a formação, formar a tua opinião para chegar a determinados autores e aí envolve um monte de questões relacionadas a educação.*

15) Professor, você está sendo valorizado enquanto profissional? Comente um pouco sobre este tema.

*É, tem uns casos assim que às vezes tu te vês meio que desvalorizado. Eu ainda acredito embora muita gente não concorde comigo, que a comunidade ainda valoriza a gente, sabe, a comunidade, os alunos, os pais e, em sua grande maioria, ainda valorizam a gente como pessoa, como pessoa importante na formação dos jovens, no entanto, alguns órgãos que comandam a educação, parecem que, às vezes, deixam um pouquinho de lado (risos) a questão salarial e outras coisas. Eu ainda vejo, apesar de controvérsias nessa área, pois alguns não percebem que a comunidade nos valoriza, mas eu acho que na parte do público alvo – que seriam os alunos em geral – a gente tem um certo prestígio. Agora, quem comanda a educação me parece que ... a partir do salário, que a questão não está sendo*

*valorizada assim como deveria. Não temos um plano de carreira claro e também não recebemos um salário justo.*

16) Professor Éder, agradecemos as informações prestadas e a palavra está à sua disposição.

*Não, eu agradeço ao meu mestre (risos), meu mestre Luis Carlos pela lembrança de vir me entrevistar e a educação é uma coisa que entra no sangue do cara; é uma cachaça (risos) digamos assim, no bom sentido; tu reclamas, tu esperneias, tu... mas no fim tu não consegues viver sem aquele ambiente de sala de aula. Inclusive, me faz muita falta o ambiente universitário, sabe, do contato com professores universitários, com colegas universitários, eu sinto muita falta, é sempre bom levar um papo com quem tá no meio e trocar umas idéias assim.*

## APÊNDICE I - Entrevista com a Professora Yasmim

A quarta entrevista feita foi com a professora Yasmim. Ela nos recebeu na escola, no dia dos professores, em uma manhã chuvosa. Nós conversamos em uma sala anexa à direção escolar e a professora autorizou a gravação da entrevista com naturalidade.

Começamos a entrevista saudando a professora e logo fizemos a primeira pergunta.

1) Professora, você pode descrever a sua formação, começando pelo Ensino Fundamental, Médio e Superior? Estudou em escola pública?

*Eu estudei da primeira a oitava série na escola Olívia, que hoje é o Instituto Olívia, é uma escola pública. O Ensino Médio, na época era o Segundo Grau, eu fiz magistério no Colégio Santa Teresinha, que é uma escola particular em Taquara, RS; aí depois eu (pausa), comecei a fazer, fiz vestibular na FACCAT, mas aí na época tinha só dois cursos: administração e ciências contábeis, aí fiz assim as cadeiras do básico, sete cadeiras e aí fui para a UNISINOS para fazer a licenciatura curta em Estudos Sociais; aí, em 1991, terminei a curta que habilita para História e Geografia e na época para Educação Moral e Cívica e OSPB, né, isso caiu em 93. Aí em 98, eu voltei e fiz na ULBRA, fiz a plena de História e quando eu terminei logo comecei a fazer a pós-graduação também na ULBRA, em História. Minha última formação, curso, foi na ULBRA em 2004.*

2) Professora, quando é que você começou a atuar como professora? Começou na escola municipal ou estadual? Fez concurso na época ou foi contratada? Comente.

*Eu comecei a trabalhar como professora numa escola municipal em 1984, fiz o estágio no primeiro semestre e no segundo semestre fui admitida por carteira assinada. E aí só em 90 foi o primeiro concurso no município de Igrejinha, eu fiz o concurso e depois eu saí logo em julho de 91. Trabalhei seis pra sete anos no município, mas em 85 eu fiz o primeiro concurso do estado, assumi no final de 86, mas, na verdade comecei a trabalhar com alunos em 1987, né, e desde 87 sou professora do estado. Em 1990, eu fiz outro concurso do estado e daí quando eu fui*

*chamada eu assumi as duas nomeações do estado e me demiti do município. Então desde 90 sou professora do estado. Hoje tenho 40 horas no estado (nomeada).*

3) Porque você fez a opção pela rede estadual de ensino e não pela rede municipal?

*Eu achei, na época, que era mais fácil para mim porque trabalhar no município e estado ... e na época eu estudava ... então era complicado ... então eu optei em ficar numa escola só; e até hoje assim eu não pensei mais em mudar, né. Tenho 40 horas semanais em uma escola pública estadual.*

4) Professora, em seu processo de formação, você tem algum fato singular que gostaria de destacar? Algo especial aconteceu no Ensino Fundamental, Médio ou Superior?

*Foi quando eu estudava na escola Olívia, tinha uma professora até, sempre gostei muito de História e Geografia, de leitura e coisa e tal; não sei se foi mas, mas eu sempre digo que foi uma influência esta pessoa né, não que ela desse assim umas aulas maravilhosas e tal, mas assim, hoje em dia eu também às vezes penso, nossa eu também não consigo dar uma aula, a gente planeja, faz as coisas e não sai como a gente quer né, mas eu vejo que ela era esforçada, ela levava a gente a pensar bastante, a refletir, a escrever, não só ver aquelas coisas né, mas pra realidade da gente, ela ... ela sempre procurava trazer coisas diferentes também, assim, fazia a gente fazer muita pesquisa, hoje em dia até isso os alunos nem gostam muito, alguns né, mas assim ela, ela, ela criou isto em mim, ela marcou; na escola fundamental foi ela. Mas depois quando eu me formei professora eu ainda não tinha noção de que eu ia, né, fazer História e Geografia, e aí, na época era complicado assim sair de Igrejinha, então até que eu me organizei pra ir para a UNISINOS foi um pouco mais difícil e na época eu trabalhava só um turno no município, né. Provavelmente foi aquela professora que desabrochou em mim a vontade de ser professora.*

5) Ser professora é uma vocação ou uma profissão?

*Tem que ser as duas coisas; tem que ter muito de vocação, né, não dá só para pensar: vou ser professora porque não tem outra coisa para fazer, né; mas também tem que pensar o lado profissional porque senão ... porque é uma profissão*

*e exige tanto ou quanto ou mais do que outras profissões porque a gente está lidando com pessoas que vão ser o futuro, ou vão não, estão ali, a gente tem que cuidar muito o que a gente faz e também tem toda esta coisa né, mas eu acho assim que tem que ter as duas coisas, agora, se não, se no começo não tiver vocação tu não vai pra esse lado.*

6) Professora, durante o processo de formação, principalmente na graduação e na pós-graduação a questão teórica, a formação teórica foi importante? Em que sentido esta formação teórica está servindo de subsídio para a sua prática no dia a dia?

*Acho que foi muito importante porque tem muitas coisas assim a gente tem que saber hoje né, principalmente na área que eu atuo, claro que todas são importantes, mas se tu não vê assim, muitas vezes os alunos perguntam: porque tem que estudar isso né, porque tem que saber essas coisas, e se não tem uma resposta pra eles, assim, é complicado, pois eles não vão achar graça em estudar determinado assunto, então tu tem que ter sempre uma razão, um motivo pra tu estar ensinando aquilo, tem que ter uma motivação, tu tem que ter uma motivação e tem que fazer eles se sentirem motivados também; e na graduação isso foi importante pra mim porque eu gostava, então eu fui procurar aquilo, mas os alunos muitas vezes eles não tem a obrigação de gostar daquilo, então a gente tem que fazer a aula ser bem legal, bem interessante, claro que nem sempre a gente consegue, mas pra ver que eles estão aprendendo alguma coisa, por que senão ...*

7) Você fez o magistério antes de cursar História e Geografia. Os alunos que não passaram por este processo antes, como se apropriaram das questões didáticas e metodológicas no curso superior e na pós-graduação?

*Tanto na UNISINOS como na ULBRA eu fiz as disciplinas que estudavam as partes didáticas. Na pós-graduação, já é um pouco diferente, pois no nosso caso todos eram professores, a gente já tem um conhecimento destas partes didáticas e metodológicas; a gente não tinha uma disciplina específica para isto, mas elas eram específicas, pois o curso era “novas abordagens no ensino de História” então ele já tinha diferentes maneiras de a gente ver, de trabalhar História, com jornal, com museu, sabe, com arte. Os professores das disciplinas iam mostrando como poderíamos trabalhar com os alunos; nós fizemos várias saídas de campo nesse*

*sentido. Na turma, tinha uma única aluna que não era professora, mas ela acabou desistindo nas primeiras aulas, pois não gostou do jeito de estudar, ela não se adaptou. A primeira cadeira eu gostei, pois os professores conheciam a turma e isto facilitou a continuidade dos trabalhos.*

8) A questão da formação continuada/permanente, novos cursos e seminários, você tem tido a oportunidade de participar de cursos, de seminários jornadas? Como ficou isto depois de concluída a pós-graduação?

*É que assim, no estado, a gente faz isso, porque até todo ano a gente precisa entregar um certificado de algum curso, mas assim, a FACCAT oferece vários seminários de história, no ano passado fiz um Seminário Estadual de Educação, a jornada do município, então sempre tem alguma coisa que vai ao encontro assim das coisas que a gente está trabalhando.*

9) O estado auxilia financeiramente quando faz estes cursos?

*Não. O Seminário Estadual eu ganhei pelo Cpers, mas assim, outros cursos só se é na escola, como a gente teve, claro, a escola que abarcou, mas a jornada do município a gente pagou, achei até uma coisa meio estranha, não é, mesmo os professores... claro que a gente tem as esferas diferentes, mas a gente pagou e os professores do município não, então, é um valor até simbólico, mas assim, dá pra ver que a preocupação do município não é a rede estadual, em várias coisas, não só nisso.*

10) Como é pensado o currículo na escola estadual? Os professores são os gestores do currículo ou o currículo vem pronto? Como é que isto está ocorrendo nos últimos três governos do estado, por exemplo? Vocês percebem que tem uma maior autonomia quando entra um governo? Você poderia comentar um pouquinho a questão do currículo, se ele é importante e como vocês participam, como elaboram?

*Quando o Ensino Médio aqui da escola ... coincidiu com a época do Olívio, então assim, a gente se organizou, fez os planos de estudos e trabalhou para organizar porque foi feito assim por etapas, primeiro ano, segundo ano e depois terceiro pra contemplar, né no Ensino Médio, no caso. E depois a gente fez também os planos de estudos, desde os pequenos, do Ensino de 1ª a 4ª, até o Fundamental*

*até 8ª e também, todo ano assim a gente está revendo estes conteúdos se estão adequados, se tem que mudar alguma coisa; isto é feito anualmente na escola, por área e eu acho que, assim ... não sei, nessa parte não vejo, assim, que mudou muita coisa, mas em outras coisas a gente vê, assim, que na época tinha um pouco mais de abertura, né, mas agora, assim, tem coisas que são muito ... já vem pronto, tipo o calendário escolar, tem coisas que a escola não tem autonomia para resolver e antes, assim, a impressão que eu tenho ou que tinha na época, assim, que a gente tinha mais liberdade, assim, de pelo menos autonomia na escola pra resolver certas coisas. Hoje em dia, assim, fica um pouco complicado, não... é tudo meio, sabe, organizado. Tipo, na época tinha os OPs, os Orçamentos Participativos, a gente levava os alunos, a gente foi na época, assim, com os alunos do noturno e tal, foi bem legal assim. A gente conseguiu várias coisas pra escola também nesse sentido e... mas só que, por exemplo, o fechamento da nossa área coberta até hoje ainda não se concretizou, mas foi uma coisa que na época foi... tava... foi contemplado, né e hoje em dia os recursos que vêm pra escola não são mais tão amplos, são bem mais dirigidos, assim. Claro que tem que ter uma... como é que eu vou dizer... uma...uma prestação de contas disto tudo e com certeza eu não discuto isso, mas assim, essa questão que é, assim ... tudo muito, tem que ser tudo muito dirigido. É assim, tem que ser assim, não pode mudar, não pode sair nem um pouquinho fora, tem que dar explicação pra tudo, tudo, tudo que é feito, né.*

11) E na área, vocês são quantos professores, na área de ciências humanas, História, Geografia, Estudos Sociais?

*Acho que são cinco.*

12) E esses professores têm um tempo remunerado para pensar o currículo, para pensar a organização dos programas, dos planos ou eles têm que vir num turno inverso?

*Não, a gente até tem, assim, algum horário, né que... às vezes não... a gente não consegue todo mundo junto no mesmo horário, a gente tem um horário de planejamento. Tenho oito períodos, no caso, e trabalho trinta e duas horas com aluno.*

13) Professora, hoje falamos muito da questão das inovações tecnológicas. Hoje a gente pensa no computador, internet, datashow, essa gama de recursos tecnológicos. A escola tem estes, você usa sistematicamente?

*Eu uso sim, não todos os recursos, né, e nem todos os... mas, assim, quando dá a gente usa. O laboratório de informática está funcionando.*

14) Estes recursos para o ensino superior eles representam “uma ameaça ao professor”? Hoje temos a educação à distância que gradativamente está diminuindo o número de professores em sala de aula. Esta sensação de que o computador, a internet possa substituir o professor está sendo sentida na escola estadual ou ainda não? Em nível médio e fundamental?

*Às vezes a gente comenta, assim, mas não é uma coisa, assim, ainda tão ... parece que não é tão perto, então a gente ainda não visualiza isso assim com tanto medo ou sei lá como a gente pode dizer a palavra, mas a gente sabe né que hoje em dia o estudo em sala de aula, aquela coisa, é bem mais complicado porque os alunos têm muito mais outras coisas pra... os alunos têm acesso a muito... e nessas coisas assim de informática, muitas vezes eles têm muito mais facilidade que a gente, né.*

15) Você tem computador e internet em casa?

*Sim, tenho.*

16) E como é o uso da internet nesta área das ciências humanas, sociais, história e geografia? Você prepara uma aula para a turma e vão ao laboratório? Eles se envolvem ou não se envolvem? É difícil ou é fácil nesta área?

*Depende, assim, como a gente se organiza. Algumas turmas dá certo, algumas não dá tão certo, né. Esses dias a gente ainda estava na sala procurando material, né. Veio um material, assim, que tá... e até eu estava conversando com a professora de Português e Literatura, tem coisas, assim, que são legais de mostrar para os alunos, mas assim... hã ... às vezes a gente não tem, por exemplo, para trabalhar lá naquela sala, a gente precisava de um monitor, porque tem... não está tudo em rede, então tem que cuidar, essas coisas têm que... é complicado nessa coisa que a gente teria que se organizar. A gente faz, mas daí a gente tem que*

*gravar mais em Cds, pra eles ter mais acesso, eles tem que... eles podem ler em vários, tipo em duplas, né. Então é mais... só que não tem como colocar em rede pra todos, né.*

17) E o data show, você usa regularmente? Fez algum curso para usar a questão técnica do data show?

*Isso a gente foi no...no... durante a pós a gente fez, assim, tinha uma cadeira que a gente usou bastante, a gente teve que fazer um trabalho todo para apresentar em data show, então a gente teve que organizar em power point aquelas coisas, tudo.*

18) Você sente-se valorizada como professora e pode analisar dentro da dimensão pública como o estado gestor e também na comunidade escolar, pais, alunos, próprios colegas? Nós temos a sensação de que estamos sendo valorizados hoje? Comente um pouco sobre isso.

*É complicado, assim, hoje, assim, até porque hoje é o dia do professor, né, então assim, às vezes a gente pensa “nossa, eles não dão valor nenhum para o que a gente faz, o que gente comenta ou fala em sala”. Daí hoje de manhã até, eu ganhei um monte, assim, de bilhetinhos, cartinhas e tal e daí eu fiquei pensando porque é tudo aluno de Ensino Médio que eu trabalho de manhã e às vezes a gente não pensa que... daí eles dizem “Ah, ainda bem que tu não desistiu de mim” tinha um que escreveu isso, então eu fico pensando “puxa, pelo menos ele tem às vezes...” porque às vezes eu digo pra eles nossa... ah! Professora, mas não precisa, né, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo. Não, tem que. Ontem ele disse assim não sei o que de chata e eu disse assim, eu sou chata, eu sou persistente, eu não desisto, né e daí hoje então eles vieram com a escrita deles lá. Daí eu achei, assim... até eu fiquei pensando nisso porque às vezes a gente pensa, assim, que tudo o que a gente faz em sala de aula não motiva o suficiente, que não é bom. Esses dias eu estava comentando com a Vanise que o noturno é muito difícil de trabalhar também e este ano está sendo um ano pesado, não sei por que, todo mundo assim, está se queixando muito, né. Então, mas assim, porque a gente acha que às vezes não é valorizado, o salário não é..., a parte educacional, assim, muitas*

*vezes falta essa estrutura que a gente tem que... pra gente fazer uma aula diferente pra gente motivar, a gente tem ir atrás, porque às vezes não... as coisas não vêm prontas, a gente tem que correr atrás e às vezes a gente não tem, assim, apoio, né e às vezes o aluno também não tem muito interesse. Então tudo, às vezes, é difícil, se tu já paras no primeiro obstáculo daí é complicado, daí é... e se a gente vai analisar, a nível de governo sempre foi difícil. Sempre dizem é importante o professor e tal, mas assim na hora mesmo do vamos ver, né, é complicado. Então eu não sei... eu acho assim que tanto faz se é governo estadual, federal ou municipal, sempre tem aquela coisa.*

19) Professora, quando surgem alguns conflitos, as relações de poder, que a gente fala a disciplina, como é que você procura contornar, tenta resolver dentro da sala de aula ou pede auxílio à estrutura da escola, com psicólogos, psicopedagogos, direção? Como é que você tenta contornar estas situações de conflito em sala de aula, que hoje nós não podemos negar que existem?

*Existe muito, né. Eu tento muitas vezes na sala de aula conversar com eles, porque eu trabalho muito com adolescente, Ensino Médio. Hoje de manhã ainda, uns estavam lá falando e daí umas meninas disseram “ah, professora, não adianta porque os guris estão naquela fase, não sei o que” não sei como elas falaram, um termo assim de que eles ainda são meio “criança” e elas já são mais... já querem ser mais adultas, daí eu disse não tem coisas que a gente não pode fazer e tem que saber que (risos, chavearam nós aqui dentro), que a gente sabe que, às vezes a gente contata a direção né e tal, mas é mais no setor da orientação educacional por que às vezes eu peço ajuda, pois às vezes eu não sei lidar com algumas coisas e eu peço socorro a elas. Mas, na medida do possível, eu tento resolver em sala de aula, conversando, vendo, às vezes a gente vê que é uma coisa deles, às vezes é uma brincadeira que eles fazem que, que depois eles ... vê, eles estão naquela idade, a brincadeira é aquela coisa.*

20) Professora, entre o grupo de professores dá para sentir o cansaço, o desânimo, aquilo que é conhecido como Burnout? Hoje nós estamos em outubro, este clima já está presente e perceptível entre os colegas?

*Já comentei que este ano a gente está achando muito pesado, em função de não termos tido muito feriado, quase não tivemos férias em julho, aquela coisa toda,*

*mas não sei, às vezes também esta questão, assim, de que poucas vezes é falado, assim, a questão de valorização, de ter um espaço maior pra gente conversar, mesmo na escola, assim, ao menos só pra conversar, pra ver os problemas de turma, a gente faz, assim, o conselho de classe durante a hora do recreio, um outro a gente se encontra e conversa né, às vezes no grupo de História, no grupo de matemática, então a gente faz aquela troca.*

21) Professora Yasmim, alguns professores, alguns colegas seus já abandonaram a função, a profissão de professores? Isso foi motivado pela desvalorização, pelo cansaço, pelo clima em sala de aula?

*Eu sei que alguns colegas já saíram; alguns foram procurar outra escola, outros foram estudar e fazer uma viagem, pois tenho alguns colegas que são de língua estrangeira, então foram fazer uma viagem pra estudo, né, então estão fora do país; mas não foram pra procurar uma outra área de atuação, continuam sendo professores, estão estudando, estão fazendo cursos.*

22) Professora, você participa de algum sindicato e porque o faz isto?

*Participo sistematicamente do Cpers. Acho importante porque temos que nos unir como grupo, por que senão... senão nós não garantimos o plano de carreira, não garantimos valorização salarial. Com toda esta mobilização já sofremos muito, agora, podemos imaginar sem ela.*

23) Professora, você pensa que há relação entre educação e política? Comente um pouco sobre este tema.

*Pois é, acho que tem a ver, pois tudo o que a gente estuda em História, desde o início, assim, tudo tem a ver com a política, com as relações de poder da sociedade e como ela foi organizada; temos que ver como uns dominaram os outros, as guerras, tudo tem a ver. Hoje em dia, quando a gente fala com os alunos, quando comenta estas coisas, a gente está falando em política implicitamente, não estamos falando da política atual; este ano foi um ano de política, política local e foi comentado mais que os outros anos, porque normalmente ... as coisas locais e tais. A gente pensa e eles comentam, “ah professora as coisas não mudam né”, e aí, embora pode ir o governo que for, nesse sentido eles falam a questão partidária, as siglas, que não vai mudar, mas isso não é questão de mudar, tem que mudar o*

*pensamento das pessoas porque, por isso a gente tem que ver a evolução do ser humano dentro da sociedade, esta questão sempre houve, dominados e dominadores, só que esta questão não precisa continuar assim, não precisa ser tão ... sempre esta imposição, esta coisa de cima, autoritária, tem que ter um diálogo, tem que ter, tem que ver os dois lados, toda história tem dois lados, não tem só um, saber os dois lados e saber ter bom senso de tentar as coisas serem melhores pra cada lado, melhores pra melhorar na medida em que for possível pra aqueles que têm menos condições. Acho que isso a política tem que se preocupar em fazer. Em todas as demandas, assim, não só na parte educacional, então acho que isso é importante. Os alunos, às vezes, já tem a noção que por trás de um texto mais crítico já tem uma intenção, uma justificativa para que o professor tenha trazido o mesmo à sala de aula, pra gente procurar saber alguma coisa de ... que às vezes, assim, hoje mesmo eu estava olhando um filme em que mostrava a luta entre a nobreza e o povo, o filme era “A conquista do Paraíso”, sobre a descoberta da América, é que o cara não era da nobreza e ele estava lutando contra isso. Durante os filmes, a partir de uma contextualização, os alunos começam a perceber a relação entre os conteúdos e as cenas passadas nos diferentes filmes. Algumas vezes temos que interromper o filme para contextualizar determinadas cenas com a vida.*

Na conclusão, nas considerações finais, a professora colocou que gostaria muito de continuar estudando, continuar buscando informações e gerando conhecimento.

*É o único tempo que a gente estava na faculdade, na universidade, que eu sinto, assim, que agora me faz falta. Me parece que não é, mas é. Mesmo tendo um monte de coisas para fazer, trabalhos, monografia, tem que estudar, mas é isso que leva a gente ir atrás das coisas e também a parte do conhecimento que nunca é o suficiente. Às vezes eu penso que agora que eu estou parada, que eu não estou estudando, estou mais acomodada no meu trabalho do que quando eu era estudante, parecia que eu tinha mais pique, não sei se tu entendes.*

## APÊNDICE J - Entrevista com o Professor Marx

Estamos iniciando mais uma entrevista semi-estruturada. Esta aconteceu na casa do professor Marx. Enquanto conversávamos aproveitamos o tempo para tomar um chimarrão.

1) Professor Marx, você poderia descrever o seu processo de formação?

*Eu fiz o curso de Ciências Sociais na UNISINOS. Conclui o curso em 2002.*

2) O Ensino Fundamental e o Médio você cursou em escola pública ou particular?

*Foi em escola pública estadual. Estudei na escola Olívia Lahm Hirt. Fiquei estudando 8 anos no Ensino Fundamental e três anos no Ensino Médio.*

3) Em quantas escolas você trabalha atualmente? Qual é sua jornada de trabalho?

*Trabalho só no Olívia. Tenho uma carga horária de 40 horas semanais. Leciono História e Sociologia. Sou contratado há 10 anos. Eu fiz o concurso há três anos e ainda não fui chamado para regularizar a minha situação. Além do Olívia, tenho trabalhado 2 anos na escola 12 de Maio, em Três Coroas e 4 anos na escola do Bairro Promorar. Nestas escolas, trabalhei as disciplinas de História, Geografia e Sociologia.*

4) Professor, você poderia descrever o seu processo de formação, principalmente, a formação do ensino superior?

*Eu fiz o primeiro ano de magistério e depois passei para o PPT (curso de preparação pra o trabalho).*

5) Comente um pouco sobre o Curso de Ciências Sociais da UNISINOS.

*Foi um curso que demorei sete anos para concluir. Comecei o curso em 1996. Durante o curso eu trabalhava e isto gerava uma série de dificuldades, pois eu tinha que ir até São Leopoldo para estudar, isso significa uma hora de viagem e o retorno para casa ocorria em torno das 23h30 min.*

6) Como foi que surgiu a vontade de ser professor? Alguém despertou isto em ti? Como foi?

*Eu tive dois professores que influenciaram a minha decisão: o professor Benício e o professor Sérgio, ambos de História e Filosofia. Eu sempre tive uma preocupação com a questão social e tudo mais, com eles eu consegui dar um rumo melhor para isto, para aquilo que eu pensava e aí...*

6.1) O que os professores fizeram que marcou, que contribuiu para fazer com que você seguisse a carreira de professor?

*O diálogo assim, um diálogo mais direto sobre a realidade, sobre a vida, sobre a questão do capitalismo, uma porção de coisas. Isso fez pensar em tentar transformar esta realidade e eu vi que como professor era um meio mais ... muito bom de se fazer isto.*

7) Em seu processo de formação, você teve algum fato marcante, singular; algo que você consiga destacar?

*Teve sim. Foi a minha participação no Grêmio Estudantil. Participei vários anos, comecei no segundo ano do Ensino Médio até a conclusão da faculdade.*

8) Professor, as aulas teóricas foram boas? Elas subsidiam a sua ação nos dias atuais? Comente um pouco sobre este ponto.

*Bom, eu uso a teoria mais para o meu entendimento das coisas. Com os alunos eu tento deixar a teoria para alguns pontos mais críticos; eu trabalho com eles a questão mais prática da educação; agora mesmo eu levei pra eles o assunto da crise econômica; então eu sempre pego uma coisa da realidade assim que eles estão mesmo discutindo; eu levo pra eles e a gente faz um debate e a gente esclarece as dúvidas que eles têm; é a atividade de pegar a realidade e dissecá-la.*

9) As questões didáticas, metodológicas e pedagógicas foram bem trabalhadas, segundo a sua opinião? Comente.

*Eu diria que por alguns professores sim. Os professores mais ligados às áreas de Ciências Humanas, a Sociologia, a História, estes tinham uma visão de educação mais dialética mesmo e os professores mais ligados à área de Pedagogia tinham uma visão mais mecânica da coisa, eles tentavam já sempre com aquela visão do*

*compartimento, das idades, do desenvolvimento, eu acho que aquilo, aquilo acaba meio que engessando o processo da educação. Eu acho que nesse lado a Pedagogia, no meu curso, é meio fraca, assim. As cadeiras de Pedagogia que a gente teve foram meio que fracas em relação às outras. Eu tinha professores de Sociologia que dominavam bem mais as teorias pedagógicas que os próprios pedagogos. Os pedagogos simplesmente faziam o que condenavam; eles falavam da educação bancária, mas a aula deles era um depósito todo dia né.*

9.1) Em sua prática cotidiana, você procura encontrar meios para romper com a educação bancária? Você procura encontrar meios para envolver a gurizada?

*Sim. A gente, eu estou sempre inventando umas coisas malucas, pois sei que é isto que envolve eles e é isto que eles gostam. Não adiante a gente querer encher eles de teoria e teoria e eles não vêem isto na prática ... não saber como se relaciona de verdade.*

10) Professor, depois que você concluiu o Ensino Superior em 2002, como ficou a questão da formação continuada, permanente? Você tem participado de cursos, seminários, debates?

*O Estado não dá muita ajuda; eu até tentei pós-graduação na FACCAT, tentei na UNISINOS e não deu por causa dos valores; na UFRGS eu estou tentando entrar, mas é difícil. Fazer novos cursos é muito difícil.*

11) Você teve a possibilidade de fazer alguns cursos no Olívia?

*Sim; embora que estes sejam cursos de um dia, de uma manhã, no máximo. São mais palestras. Falta conteúdo e aprofundamento.*

12) Qual é a relação que existe entre a formação e a prática dos professores?

*É muito difícil pôr em prática o que aprendemos na faculdade; podemos começar com as coisas que vêm de cima, da CRE; mesmo nós querendo fazer coisas diferentes, às vezes somos desencorajados, pois não há aprovação de muitos projetos nossos. Alguns professores querem fazer coisas diferentes, mas não conseguem, pois algumas orientações gerais que vêm do governo do estado nos complicam muito a vida. Queremos fazer coisas diferentes, mas temos que fazer projetos e estes não são aprovados por eles. É a CRE que não aprova.*

13) Professor, poderia descrever uma aula sua, do início ao fim, como é que você faz, prepara?

*A minha aula básica: faço a chamada, aí eu coloco tópicos no quadro e aí eu vou explicando aqueles tópicos, vou interrogando. Depois que passa essa parte da explanação eu coloco perguntas sobre este tema e faço a turma trabalhar as mesmas em grupos; o que faltou nas partes que eu expliquei eles buscarão em livros (em História tem livros, em Sociologia não tem). A História também não muda – eu dou aula há 10 anos e sempre digo as mesmas coisas, mas em Sociologia não, pega um aspecto da realidade e aquilo no outro ano já mudou completamente e tal. É neste sentido que não adianta ter um livro, porque vai ter só a teoria aí, uma coisa que serve só pra ti entender no geral, mas para os alunos fica meio complicado. Os alunos têm que ficar atentos e depois apresentarem respostas. A conclusão é feita no final da aula.*

14) Como é que você vê o currículo neste processo? Você ajuda a construir o mesmo? Ou tem outras pessoas que pensam o currículo?

*O currículo, digamos assim, é uma burocracia porque se tu tens, por exemplo, na aula de História ... os conteúdos de História são sempre os mesmos; eu vou falar de Revolução Francesa, daí vou explicar tudo aquilo, mas aquilo, qual é a ligação de tudo aquilo com a realidade, é isso que o currículo não enxerga, então eu tento fazer esta ligação porque isto não tem nos currículos, né, e eu tento às vezes, geralmente colocar o assunto que eu vou estudar próximo da data, por exemplo, a Revolução Francesa eu tento colocar sempre próximo do dia 14 de julho; a Revolução Farroupilha eu tento colocar ela perto do dia 20 de setembro, porque aí surge na mídia muita coisa que dá pra aproveitar, então eu tento fazer esta relação e é neste ponto que o currículo às vezes pode atrapalhar, se tu tiver que seguir aquela linha, aí fica meio complicado.*

*Na área de Estudos Sociais somos nós que organizamos o currículo.*

15) No governo do Olívio Dutra o RS viveu a experiência da participação. Nos outros governos, Rigotto e Yeda, esta experiência voltou a ser retomada ou não?

*Não, isto foi totalmente esquecido; não teve mais nenhum tipo de diálogo do governo, Secretaria da Educação e professores; agora é uma via de mão única, a ordem vem e é isso. As grandes decisões curriculares vêm de cima, da SEC.*

16) Professor, como você e seus colegas estão vendo as inovações tecnológicas: computadores, internet, *datashow*, DVD, vídeo, etc.? Você usa regularmente? Tem acesso à internet em casa?

*Eu até desenvolvi um blog, onde coloco textos charges, várias coisas para os alunos consultar, e aí fica assim uma coisa extra-classe, e se eles quiserem ir atrás de mais informações eles vão ter né, então, eu procuro, eu estou usando estes recursos agora; uso bastante filmes quando tem uma ligação, principalmente com História e ... com relação aos filmes: primeiro explico o conteúdo; depois assistimos o filme e, por fim, a gente faz um debate em sala de aula sobre o que foi visto. A gente também faz trabalho sobre o tema. Estes são recursos que representam um salto adiante na educação.*

17) Você participa de um sindicato? Comente.

*Eu não sou sindicalizado ainda; eu sempre tento, mas ainda não fiz minha filiação. Participo das atividades do Cpers; este ano eu fiz campanha para uma chapa no processo eleitoral: fiquei mais ativo do que os outros anos. O Cpers não vê com bons olhos a situação dos contratados; o Centro luta para que todos sejam concursados e nomeados.*

18) Educação e política: qual é a relação que existe, professor? Comente:

*Claro. Primeiro que a educação é um órgão muito importante da superestrutura do Estado, ela tem uma função: manter a ordem, fazer a sociedade seguir naquele ritmo. E aí é claro, existem professores que entram com outra visão, para tentar quebrar essa forma capitalista de sociedade a visão elitista, egoísta do mundo, uma visão individualista, então... mas no geral a educação ainda cumpre este papel. Então a questão política ainda é, sempre será muito forte dentro da educação; não existe a posição "em cima do muro na educação", tu jogas o jogo, né, ou tu jogas contra; a neutralidade na educação é impossível; se tu te diz neutro é porque tu tens uma posição, só tu estás tentando disfarçar esta posição.*

19) Você está sendo valorizado como professor, educador? Comente:

*Não. Eu vejo que a categoria dos professores está sofrendo uma verdadeira campanha de desmotivação dos professores, de desvalorização da classe, de tentativa mesmo de desmonte da educação, e isto geralmente cai em cima do professor como um ator social e tudo leva à desmotivação dos professores; tudo isto faz com que muitos desistam da profissão e vão procurar outras coisas; muitos professores bons sabem que podem fazer muitas outras coisas e aí eles vão em busca de uma melhor remuneração, de uma melhor ... de mais estímulos para a profissão. Em 10 anos de profissão, eu já vi vários desistirem da profissão; dos melhores professores que eu já trabalhei, a maioria deles acabou saindo; eles foram trabalhar em bancos, trabalhar por conta, abrir o próprio negócio, vão, porque, como professor não é valorizado. Os professores não têm um plano de carreira e têm uma péssima remuneração.*

20) Você sente a valorização da comunidade escolar: os pais e os alunos valorizam o trabalho do professor?

*A comunidade, ela tem um respeito pelo professor; mas a questão da valorização mesmo, aí é mais complicada, depende muito da situação que vai se relacionar com a comunidade. Em Igrejinha, nesta época de Oktober, tu tens que fazer uma ginástica mental muito grande para envolver os alunos na aula, pois só querem falar de festa.*

Nas considerações finais o professor Marx disse que isto é o básico que ele pensa sobre educação, formação e prática profissional. Agradei a sua entrevista e combinei, a exemplo dos outros, um período para assistir a sua aula.

## APÊNDICE L - Entrevista com a Professora Ágata

1) Professora, em quantas escolas trabalha atualmente? Qual é a carga horária?

*Trabalho em duas escolas e numa faculdade. Nas escolas tenho 42 aulas; na faculdade 12 aulas por semana. Uma das escolas é da rede municipal e outra da rede estadual de ensino.*

2) Há quanto tempo atua como professora?

*Já trabalho com alunos há 20 anos.*

3) Professora gostaria que comentasse um pouco o processo de formação que você teve.

*Em 1987, eu terminei o magistério, portanto, formação para atuar da pré até a quarta série, numa escola pública estadual no interior do estado do Rio Grande do Sul. Em 1991, eu comecei a faculdade de História. Então eu precisei de um tempo para juntar dinheiro (pausa) e para decidir o que eu queria também. Então comecei a faculdade na UNIJUI, em 1991, e a formatura foi em 1996. Enquanto eu fazia faculdade atuava como professora em diferentes municípios (primário e fundamental). No primário, eu atuei com turmas da primeira a quinta série ao mesmo tempo e na mesma sala, em escolas do interior, onde eu era a diretora, a professora, a merendeira ... eu era tudo ao mesmo tempo. Eu fiz isto em duas escolas do interior de Erechim durante o meu estágio probatório. Aí trabalhei com alfabetização de adultos, o EJA, e também com crianças abandonadas no Patronato – tudo isto fiz em Erechim. Aí atuando com estas crianças abandonadas é que surgiu a idéia e que acabei consolidando a mesma no trabalho de conclusão do curso de História. O tema “Enquanto o Estado não faz a sua parte uma instituição religiosa (o Patronato) fez a sua parte”; este era o Patronato Agrícola Profissional São José, é uma instituição religiosa que assume estas crianças desassistidas e procura profissionalizar as mesmas. Este trabalho eu fiz em 1993-94 - período em que trabalhei nesta instituição... mas o trabalho é uma análise do surgimento destas crianças, com a questão da Revolução Industrial, aí no Brasil as primeiras casas ... e depois eu fiz esta contextualização Rio Grande do Sul também e aí chegando em Erechim.*

### 3.1 Professora, e hoje?

*Depois, em 1996 eu terminei e aí já estava aqui em Igrejinha. Continuei o pós na Unisinos, História Social das Cidades, que foram dois anos, 97 e 98, uma especialização. O mestrado eu comecei em 2001 e terminei em 2003. Aspectos sobre a construção, sobre as relações de gênero entre as populações indígenas, a partir do olhar dos jesuítas e governadores que atuaram com este grupos no século XVIII na região do Chaco.*

3.2 Hoje, professora, em Ensino Fundamental e Médio, quantas horas de aula semanais você tem em sala de aula?

*Quarenta e duas, trinta e seis em sala de aula e quatro para preparar.*

3.3 Trabalha muito e prepara estas aulas quando e como?

*À tarde, que não estou em sala de aula e domingos e feriados.*

3.4 Além de ter o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, você é professora universitária. Quantas horas você tem na Universidade?

*Hoje, doze horas.*

3.5 Em sua história do ensino Fundamental, Médio ou Superior percebeu que houve um momento em que despertou a vontade de ser professora? Houve um fato mais marcante ou foi uma convivência na comunidade?

*Até foi um questionamento do meu pai, das seis filhas eu também quis ser professora e ele questionou. “Já têm três formadas neste caminho, você também? Por que não faz outro? Contabilidade, em Planalto”. Não, mas a minha brincadeira desde criança era ser professora e aí por ter uma certa independência, enquanto professora você tem teu próprio salário e não fica presa só em um lugar. Você pode trocar de lugar sendo professora e eu troquei muito. Já perdi as contas de quantas escolas eu já trabalhei. Então, um dos motivos é uma certa liberdade. Entrei em crise enquanto professora no ano de 2000. Daí eu tentei outros concursos, como o da Caixa, por exemplo. Ali eu não sabia se queria continuar sendo professora ou não. Mas aí logo retornei, em 2001 eu já estava fazendo os meus votos perpétuos de professora, quando eu fui fazer o Mestrado em História.*

3.6 Teve algum professor que lhe marcou nesta história de Ensino Médio, Ensino Superior, com características singulares do ser professor?

*Eu não tenho nenhum assim, olha esse é... mas um pouquinho de vários, por exemplo, o Belatto, na Unijuí, este trabalho ligando a questão política com a questão sala de aula. Questão política eu quero dizer assim o trabalho com os sem-terra, trabalho com movimentos de contestação, este lado então chama a atenção. Outros trabalhos, cada um ... não me ocorre, mas cada um, um pouquinho. Assisto uma professora ali contando uma experiência sobre história oral também me apaixona, um professor falando da questão patrimonial, também o quanto isto é importante. Então não tenho nenhum... olha este é o 100% legal, não, é um pouquinho.*

4. No processo em que estamos inseridos, como você vê o currículo, qual é o conceito que você tem de currículo e como ocorre a construção do mesmo, tanto na escola municipal como na estadual?

*A questão do conteúdo e do tempo para trabalhar este conteúdo; a organização: como aplicar este conteúdo. Bom, tem muitos problemas. Nas escolas municipais é uma briga desde o início do ano, pois têm algumas turmas que têm muito conteúdo de História, tem outras que têm muito pouco, então há um desequilíbrio aí, um vai jogando para o outro, eu propus uma mudança no início do ano e a gente foi fazendo reuniões ao longo do ano e não aconteceu nada; eu tentei mudar por conta e aí veio a “repressão” né; então terminou o ano assim. Agora apresentando o conteúdo aí pra recuperação eu já falei que para a sexta série é muito conteúdo, são muitos séculos para a sexta série, mas não vi ninguém preocupado com isto; um vai jogando para o outro e isto tem que começar lá na primeira série que eu não posso mudar a partir da quinta; então sempre joga a culpa pro outro e não se responsabiliza em assumir a mudança. Eu vejo neste sentido.*

*A questão do noturno pelo fato de ser uma escola estadual existe uma maior liberdade, porém é muito difícil tu aplicar e desenvolver aquele conteúdo pensado, planejado, que faz parte ali do PPP da escola, porque são cinco períodos e cada período é uma turma; então até você entrar, até acomodar toda a turma e começar uma discussão não dá pra terminar, mal apenas se começa. Então como é que você vai desenvolver em sua aula aqueles três momentos: de despertar, de trabalhar, aprofundar e concluir? É uma frustração porque você nunca consegue,*

*você começa numa aula, continua na outra pra depois tentar concluir; eu acredito que desta forma a aprendizagem não ocorre como ela deveria acontecer.*

*Depois da Constituinte Escolar não aconteceram mais momentos capazes de unir toda a comunidade escolar. Outro problema que enfrento é o seguinte: por trabalhar em três instituições e não ter dedicação exclusiva em nenhuma – “essas reuniões” geralmente acontecem nos sábados de manhã; sábado passado tinha uma, eu tenho outra instituição e não consegui acompanhar; se a reunião for à noite ou à tarde eu posso freqüentar, mas como os nossos colegas fazem votação e todo mundo decide pelo sábado de manhã eu sempre acabo perdendo e eu não participo deste processo. Quando os boletins são entregues à tardinha eu vou – agora quando for sábado de manhã eu nunca participo em função do meu trabalho.*

*Este ano eu percebi “pelas conversas dos colegas professores” – já que eu não estava presente - que teve um sentar e um pensar sobre – pra tentar unificar o dia com a noite porque estava muito diferente o conteúdo da manhã com o conteúdo da noite, então o objetivo aí era unificar, mas eu não participei deste processo. Eu sei que eu tenho lá o meu conteúdo. E ainda pelo fato, outra briga foi que nós temos, no Olívia, História só no primeiro ano e no terceiro ano, não tem no segundo ano do Ensino Médio. Então foi com muita insistência, porque eu sou voto único, eu sou sozinha em História, então foi com muita insistência que eu consegui colocar História no terceiro ano. Antes eu trabalhava História do Brasil somente no primeiro ano pra dar conta. E aí agora foi para o terceiro ano e assim eu consigo dividir: metade no primeiro ano e metade no terceiro ano; mas mesmo assim ainda não consigo passar todo o conteúdo, pois, enquanto o Berthalina e a CNEC têm História nos três anos do Ensino Médio, aqui no Olívia somente lecionamos em dois: primeiro e terceiro ano. Isto ocorre porque acredito que para a escola o Português e a Matemática são mais importantes para a instituição.*

5) Qual a relação existente entre a teoria que você teve no magistério, na graduação e no curso de pós com a prática diária em sala de aula? Comente:

*A teoria com a prática nunca está pronta. Agora eu estou vivendo uma realidade bastante diferente, no caso assim, eu estou cobrando das minhas alunas estagiárias uma prática ligada com a questão teórica; então isto é uma construção. Agora nós estamos, eu estou, pelo fato de estar atuando no ensino médio e fundamental, eu mesmo tento estar orientando professores pra tal; estar corrigindo*

*trabalho, estar cobrando esta ligação entre teoria e prática isto pra mim está sendo bastante interessante; eu estou assistindo aulas das minhas alunas e ao mesmo tempo eu também pratico nessas mesmas séries estes mesmos conteúdos, então há uma troca, há um crescimento de ambos os lados uma vez que eles usando da teoria, eu sempre estimulo, eu uso muito o texto da Fonseca, onde ali tem como aplicar, como provocar, como proporcionar digamos assim a aprendizagem; uma coisa que eu insisto sempre e muito é o seguinte: não devemos ficar no estilo de sempre, na mesma forma – variar bastante a metodologia e se preocupar, em primeiro lugar, é um dever que você tem de dominar o conteúdo, mas agora como você vai passar este seu conhecimento para os alunos depende; o que eu fiz no ano passado e deu certo isto eu posso continuar usando, mas o que não deu certo eu não faço mais. E as minhas aulas nunca são iguais de um ano pro outro, algumas coisas se aproveita, mas outras coisas não; então é neste sentido também que eu cobro dos alunos, pois você precisa estar motivado, se você vai fazer a mesma coisa e não tem entusiasmo, mas se você cria um mecanismo diferente você se empolga junto, se apaixona e aí o trabalho flui melhor. E privilegiar as várias metodologias visto que nós temos várias, diferentes realidades e cada aluno consegue aprender de uma forma diferente, então privilegiar vários mecanismos e não só um.*

*Na graduação e no pós percebi uma dificuldade entre os professores que lecionavam as disciplinas didáticas e metodológicas, pois os mesmos não tinham coerência: diziam e orientavam a turma para que quando professores em sala de aula fizessem tais coisas, mas enquanto mestres não colocavam em prática o que estavam dizendo. Não é interessante você estar só teorizando; você precisa estar em sala de aula e tentar pôr em prática as coisas. O lado bom é você tentar pôr em prática; o lado ruim é que você é uma pessoa só (não é duas) - e tem muitas horas; talvez se você conseguisse diminuir pela metade, tanto no Estado quanto no município, ia ser, com certeza, melhor; teríamos um resultado melhor.*

6) Comente sobre a formação permanente/continuada. Cursos, seminários, fóruns de debate, especialização e outros.

*O município ele tem algo de bom, pois destina três dias por ano pra fazer um curso fora; mais a jornada pedagógica que são dois dias é aquela que faz no meio do ano, em julho. Como o município destina para você fazer usar dois dias e mais o*

seu dia de hora atividade na escola dá três; então eu sempre aproveito para participar; aí ajuda, por exemplo, a inscrição da ANPHUL que foi em São Leopoldo no ano passado – encontro dos historiadores a nível nacional. Neste encontro eu ganhei trinta reais para cobrir os custos de inscrição que era de setenta e cinco reais; não ganhei ajuda para a alimentação, transporte e estadia. Tem uma pequena porcentagem que o município destina para pagar a inscrição e mais uma possibilidade de não te dar falta e sim você conseguir usar estes dois dias. Em 2007 eu fiz o encontro nacional de historiadores e este ano eu fiz este encontro de História Oral promovido também pela ANPHUL. Então todos os anos eu me preocupo em fazer, em sair de Igrejinha, a gente, eu assim percebo que estou solitária nesta empreitada, eu vou de carro sozinha e volto e ninguém, nenhum professor do município vai comigo, se dispõe; então pra mim era bom dividir, mas não tem interesse. A impressão é que meus colegas ficam contentes com a Jornada Pedagógica do município – tudo tem que vir, tem que vir até eles e aí eu percebo que não têm este desejo de sair daqui, de ir em busca de algo diferente.

A Jornada é importante, esta já é uma conquista dos professores. Tem anos que é mais democrática, tem uma participação maior; abre-se o leque para os professores participarem, inclusive já participei umas duas ou três vezes, falando de minhas experiências, pesquisas e trabalhos, este é um espaço pra você passar a experiência aos colegas, também tem importantes palestrantes convidados, que vêm de fora; a Elvira, a última que veio aí falando do quanto é importante de você trabalhar, conservar a escrita, pois uma das grandes funções da escola é conservar a escrita. E também ela discorreu sobre a forma de como você vai cobrar aquilo que ensina, o registro dos alunos. Enfim, comprei dois ou três livros dela aí e passei para os meus alunos da faculdade para que comecem a ver como vamos pôr isto em prática. Ela foi ótima, ela é antropóloga. Já aquele outro, o português, ninguém entendeu nada, não valeu de nada, então alguém que vem lá de outro país, vem aqui usando uma linguagem péssima, o sotaque que deveria fluir não fluiu, então se aproveitou muito pouco. Então têm alguns que acerta-se sim, que são ótimos, mas outros nem tanto.

Eu nunca participei da escolha do tema da Jornada, mas existe, assim, uma frase e a partir desta frase a SME procura trazer palestrantes que contemplam esta temática. Teve uma que contemplava a questão do corpo aí eu entrei com uma

*pesquisa minha que eu fiz em uma disciplina na UFRGS sobre a questão cultural do corpo.*

7) Comente um pouco sobre a questão da tecnologia e da educação. Como você sente e como interage com estes recursos em sala de aula?

*A escola municipal tem o laboratório de informática, os computadores são muito lentos e o trabalho desenvolvido é precário. Apesar de ter uma sala, de ter um profissional, ter agendamento, todas as disciplinas são contempladas, mas a agilidade ali, daqui a pouco tranca tudo e o teu trabalho pára no meio e aí você só pode voltar depois de dois meses com a tua disciplina, quer dizer, então o teu conteúdo morreu ali. Pra fazer trabalho os alunos digitando ali têm que pagar – não dá. O que a gente costuma fazer é o seguinte: o aluno pesquisa e copia no caderno. Por exemplo, este ano eu cobreí deles: aparecem imagens de castigos contra os escravos naquele período. Então os alunos selecionam cinco imagens e descrevem no caderno as mesmas. Agora, pesquisar diversos sites para ver determinados temas é difícil, pois têm alguns que abrem outros não – aí a dificuldade, pois os alunos colocam “professora, qual pedacinho tem que copiar”; a linguagem é diferente e não está de acordo com as crianças, com a turma. A gente tentou planejar uma aula diferente, mas não deu certo, pois o aluno teria que ter bons programas para dar conta do que foi combinado – um dia os computadores não funcionaram e a aula foi abortada. A aula foi planejada, só que não adiantou de nada. Outra eu fiz em casa o power point sobre todo o processo de escravidão no Brasil, desde a saída da África e tudo o que foi feito aqui até a Abolição, não abriu, porque o meu é Vista e o da escola não sei que programa é, só sei que não abriu.*

*Por outro lado a escola em arte se faz um trabalho com máquina fotográfica e funciona, o xerox funciona, enfim outras maquinetas, retro, mapas, etc ... legal.*

*No Olívia, escola do Estado, não tem nada, tem o giz e a voz do professor e deu. Aí você quer o retro, não encontra a chave. A Biblioteca fechada. Não tem data show. Em síntese: não tem nada. Nem tem canetão para fazer cartazes. É muito difícil no Estado, piorou muito de dois anos para cá, há um grande desinteresse por parte dos alunos do primeiro ano, não tem ninguém, além de nós professores, pra fazer este trabalho de motivação, não tem um acompanhamento, começa uma turma com 45 alunos e termina o ano com 15 e talvez 10 alunos sejam aprovados; eu estou no Olívia desde 2003 e vejo que esta realidade está piorando cada vez mais.*

*Nos três primeiros anos, eu fiquei muito indignada com o que acontecia, tentei, questionei e tal, mas agora eu já perdi a vontade e nestes últimos dois anos ficou pior ainda, perdi totalmente a vontade de modificar, enfim, laboratório de informática tinha e não tem mais, ainda funciona o vídeo em alguns dias. Os recursos são precários.*

8) Qual é a relação que existe entre educação e política? Comente um pouco a partir de sua área de atuação em História.

*Isto é a minha herança de Unijuí tanto é que pra decidir o curso de História eu me envolvi na questão política partidária do tipo militante da Pastoral da Juventude, então isto que deu – onde você poderia através de políticas públicas modificar o espaço onde você atua, exigir políticas públicas e o saber o quanto você é importante neste processo; então sempre tem alguém, todo o processo de eleição eu sempre procuro levar todos os candidatos pra ao menos apresentar o seu plano de governo, em todas as aulas qualquer manchete que sai sobre a Yeda (governadora do RS) eu levo, pra mostrar pra eles que estas são questões políticas; a Yeda aumentou o seu salário mais de 100%, ganhou mais de um bilhão de dólares do empréstimo internacional e onde está esta grana? Este dinheiro está sendo aplicado em quê? Onde? Então, assim, eu sempre coloco para os alunos a importância de cada plano político, isto é o resultado de um plano político. Ele vai ser diferente? Como?*

*A gente fez manifestações, a gente foi na Câmara de Vereadores, a gente gritou pela rua, mudou? Nada! E aí pra perceber que isto é o projeto, é um plano político que está sendo colocado em ação e que depois não adianta você sapatear porque não vai mudar ou vai ter uma força muito pequena.*

*E nos livros didáticos, nos jornais, cabe muito a formação do professor, ele será o responsável pelas relações que devem ser feitas; eu trabalhei muito a questão das constituições republicanas; nestas, eu destaquei, por exemplo, o espaço e os direitos que as mulheres têm em cada constituição. Depois de conquistado o direito do voto o que mais as mulheres fizeram? Será que as mulheres estão sendo livres para tal? Quais os meios de comunicação que tentam direcionar o teu olhar para aprovação ou não aprovação de tal projeto? Então eu sempre faço e acho que a História é privilegiada neste sentido, pois você pode estabelecer estas relações e fugir do mero conteúdo do livro texto. Você pode*

*estabelecer relações com a questão da terra, por exemplo, com a questão de casas populares, com as prioridades de cada um. Analisar não só as questões políticas e econômicas dos governos, mas também onde estava o povo dentro disso.*

9) Como está o clima entre os professores? Estão cansados? Animados?

*Estou ouvindo os depoimentos das alunas orientandas, eu escuto cada uma delas e isto me dá uma tristeza muito profunda; se a escola que eu trabalho está difícil, têm escolas piores; então esta realidade de cansaço, desse desânimo, ela não está só aqui no Olívia, mas isso é um fenômeno. Nós assistimos ao filme “Pro dia nascer feliz” e a gente percebeu que esta realidade não é só do RS, é uma questão de país. Existe sim um desânimo muito grande quando você percebe que esta política atual se preocupa pra que a escola funcione só com professores e alunos, pois os setores não são importantes, eles estão sendo todos desarticulados, pois estão concedendo assim aquela educação mínima ou quase nem isso; pra escola funcionar tem que ter tudo, uma estrutura, um conjunto de relações onde um setor vai motivando o outro e com objetivos claros, pois você precisa, tenta atingir os teus objetivos, levando em consideração todos os setores, entendendo esta demanda e isto não está acontecendo. Existe, sim, um grande desânimo.*

*As relações com os alunos dependem muito de turma a turma, de escola pra escola. Depende muito então da turma e da estrutura. Depende da direção. A escola municipal tem problemas, tem muitos alunos e poucos espaços: falta sala, falta espaço para a biblioteca. Quando nós nos manifestamos e decidimos fazer um motim, a sala dos professores foi transformada em biblioteca. Então o nosso espaço de professores foi reduzido, só conseguimos andar uma atrás da outra porque é pequena a sala que restou, pra ter espaço pra biblioteca, pra ter mais uma turma, pra, sim, a gente conseguir trabalhar. Isto tudo foi percebido depois de um trimestre de trabalho; aí o sofrimento foi reduzido pela metade, pois a quinta série continua fervendo e não tem onde colocar a quinta. Na escola iriam construir mais um pedaço e isto não ocorreu, não foi. E a discussão continua e ninguém faz nada e aí agora na última reunião eu provoqueei: nós professores vamos continuar lá no ano seguinte desta forma ou podemos fazer alguma coisa? Se todos nós nos unirmos, alguma coisa vai ter que acontecer; então foi enviada uma carta à Secretaria da Educação para que eles repensem o ano seguinte – alunos pela metade ou façam mais um prédio ou coloquem um vagão ou sei lá o que é que vão fazer. Mas a questão é a*

*seguinte: em cada ano temos situações diferentes – o ruim é que a tendência é para piorar sempre. No colégio estadual, por exemplo, no ano passado nós tínhamos alguns setores funcionando e este ano não tem, não tem. Essa realidade, na observação dos meus alunos e das minhas próprias, percebemos que as relações de poder se estabelecem de forma diferente.*

10) O professor sente-se valorizado atualmente? Comente esta situação:

*Não! Nós continuamos escravos lá dos gregos, romanos, professor era um escravo; mas o escriba egípcio ainda era bastante valorizado – ele fazia parte de um (pausa); mas porque ele era valorizado? Porque ele estava escrevendo, contemplando apenas a cúpula do poder, né. E nós fizemos todo um trabalho de base – então é proposital este tratamento, pra que a gente, se quiser ter uma casa, por exemplo, tu tens que trabalhar estas horas todas pra conseguir ter um mínimo de conforto, e pra você ter o mínimo de conforto você não está fazendo o teu trabalho de e com qualidade. Isso vai atingir uma massa toda que quanto menos sabe melhor para se manter as estruturas que aí estão. O reconhecimento por parte do Estado não existe; os pais somente percebem e reconhecem a importância da escola na ocasião em que o município tem um feriado e os pais têm que trabalhar, neste dia surge a gritaria – com quem deixaremos os nossos filhos? É neste dia que os pais reconhecem a importância da escola, alguns. Outros, quando não têm onde deixar a criança daí eles dizem: ah, que bom que tem a escola! Minha criança, meu filho ficará lá – que bom que hoje tem aula porque hoje ela não vai me infernizar. Alguns são assim; outros não! Eles acompanham, eles perguntam, eles vêm até a escola, eles marcam horário contigo para saber como está o filho(a). Eles vêm pegar o boletim do filho, mas isto não é a maioria, talvez menos de 50% tenha esta preocupação; poucos querem participar do Conselho Escolar, do CPM; alguns pais ajudam ali na Oktoberfest (pais voluntários que vendem produtos para a escola durante a festa). Alguns pais vêm para a escola para querer saber, para querer ajudar. Os pais se envolveram para melhorar as condições físicas da escola e escreveram uma carta aos vereadores. Tem uma série de variáveis que pode ajudar ou atrapalhar a escola, depende da família, pois é ela que dá a direção na hora de participar das atividades da escola.*

11) Professora, você participa dos sindicatos: municipal e estadual – SIPROMI e Cpers?

*Além destes também participo do SINPRO – sindicato particular dos professores. Tenho verbinha pra todos eles. Estou indignada, principalmente com o sindicato estadual. Onde eles estão? Qual é o poder que se tem? Só recolher os R\$ 11,00 por mês de cada professor? O que eles estão fazendo? Teve uma eleição há pouco tempo e daí? Então a gente sabe que há o direito de greve, mas poder nenhum. Só pra colocar a comunidade contra. Então o que fazer? Cria-se outros mecanismos; por que não usa os meios de comunicação? Porque que não? Por quê? Estou indignada. (Pausa) (a professora, de fato, está indignada e exteriorizou isto com evidência).*

*Do município, pelo fato de ser mais próximo, a gente tem conseguido algumas vitórias. O que nos preocupa é que agora não tem nenhum representante na Câmara de Vereadores, então nós perdemos muito com isso; nós não fomos capazes de eleger nenhum representante dos professores, não sei se é porque tinha muitos candidatos ou se é por falta de organização da nossa parte, mas a gente não levou a sério, não se organizou e aí está a conseqüência; mas, assim, na questão de paralisação até o sindicato do município ele está atuante.*

*O SINPRO eu percebo que tem esta preocupação com os materiais elaborados para a formação dos professores, tem sempre o Jornal Extra Classe, tem a propaganda de livros, o preço e um resumo do livro; têm pesquisadores e educadores que dão entrevista, o último foi esta da universidade de Genebra, então quer dizer, existe esta preocupação por parte do Sindicato dos Particulares, mas aí é uma outra instância pra gente comentar, que nós também somos explorados pelas instituições particulares.*

12) Professora, como fica hoje a educação diante destes organismos internacionais: o FMI, o Banco Mundial, etc...? Você tem mais condições de perceber a influência destes na sala de aula, mas os colegas também percebem isto?

*Não! Tem colega que não lê nem panfleto (risos). É... Então... Qual é o tempo que a gente tem pra assistir os meios de comunicação? Pra começar, a gente não consegue assinar uma TV a Cabo ou coisa parecida, não tem condições, então só fica na Globo. Tem gente que só assiste a Globo! E daí, qual é a formação que vai*

*ter? Não lê nada! Assiste só a Globo; qual é a percepção que vai ter disto tudo? Em tudo tem a ideologia norte americana – esta é afirmada e reafirmada nos constantes modismos no Brasil muito comentados e debatidos por historiadores, a falta de seqüência, de uma política séria. Estas relações se dão em questões de governantes e governados, mas também se dá em mecanismos internacionais que são apoiados por uma elite nacional e que a coisa é feita exatamente assim ou pior.*

Nas considerações finais a professora Ágata afirmou que quer ler o trabalho que estamos elaborando.

**APÊNDICE M - Entrevista com a Professora Cristiane**

1) Professora em qual escola você trabalha atualmente?

*Na escola Promorar – bairro Promorar. É uma escola pública estadual que atende até a oitava série. É uma escola que tem em torno de 400 alunos.*

2) Há quanto tempo trabalha nesta escola?

*Trabalho lá há dois anos. Mas já trabalhei na escola Olívia Lahm Hirt, em Igrejinha e também na escola 25 de Julho, em Novo Hamburgo.*

*Eu já estou no magistério há 14 anos.*

3) Professora, você poderia comentar um pouco sobre o seu processo de formação. Onde começou? Que curso fez?

*Meu Primeiro e Segundo Grau foi em Alecrim, lá na região noroeste do RS; cursei estes em escola pública e na época ainda existia no curso a questão de Estudos Sociais, então eu fiz Estudos Sociais, em Santa Rosa, na Fundação D. Bosco, agora é UNIJUI. Formei-me lá e fui morar em Porto Alegre onde eu fiz a Licenciatura Plena em História na FAPA. Eu concluí este curso em 1992.*

4) Quantas horas de aula você tem com os alunos? E quantas horas lhe restam pra preparar estas aulas – horas no contrato e que estejam livres para atividades?

*Eu tenho 32 horas aulas com alunos e oito períodos para preparar as atividades para estes alunos.*

5) Quais as disciplinas que você trabalha na escola Promorar?

*Trabalho História, Geografia e Ensino Religioso.*

6) Professora, comente um pouco sobre a formação teórica que você teve e o que ocorre hoje em sua prática cotidiana?

*Bom, a relação entre a teoria e a prática é bastante diferente, porque a prática tu vai ali, elabora um trabalho, tu apresenta e eu não fiz o Ensino Normal, então eu ... fiz então ... desenvolvi a teoria e fui direto para a prática e é bem diferente. (pausa) Como é que eu te diria assim ó: a gente aplica a teoria, tentar aplicar toda*

*aquela teoria e é difícil, porque se apresentam diversas situações no dia-a-dia e aí tu vais ver que aquilo que aprendeste lá – a teoria fica um pouco aquém do que a gente precisa no cotidiano.*

7) Você não fez o magistério ou curso Normal. Como foi se apropriar das orientações teóricas no curso superior, principalmente as relacionadas com os aspectos didáticos e metodológicos de uma aula?

*Consegui me apropriar a partir das dicas dadas pelo orientadores nas disciplinas práticas de ensino, mas isto não é tudo.*

8) Como você concilia a tecnologia em suas aulas? Como concilia o uso do computador, da internet, do data show, etc. em suas aulas?

*Eu tenho uma preocupação sim, pois na verdade nós não somos da era digital, sempre comento que os alunos são deste período, mas nós não. Desde os brinquedos eletrônicos que as crianças usam até as coisas mais desenvolvidas tecnologicamente, tudo isto explicita a tecnologia e isto se relaciona mais com eles. Neste contexto, nós temos que estudar e é isto que me gera uma grande preocupação, porque eu me considero quase que uma analfabeta digital, porque eu tenho dificuldades e os alunos fazem muitos cursos e tal e dão um show na gente. Eu sei o básico do computador, mas eu tenho esta dificuldade.*

*Na escola o laboratório de informática não funciona e isso é uma dificuldade que temos, pois poderíamos até aliar o que temos com o que os alunos fazem. Nos casos de alunos que fazem cursos de informática teríamos condições de fazê-los monitores de estudos, etc. Estes alunos iriam nos orientar e nos ajudar, mas assim o laboratório está lá, está desativado e desocupado.*

*A escola estadual Promorar usa em parceria com as outras escolas estaduais o data show. Os professores usam pouco estes recursos. Veja: um data show para 4 escolas estaduais. Este equipamento foi doado pela AMIFEST (Associação dos Amigos da Oktoberfest). O problema é que o data show sempre deve ser emprestado, e aí tem que reservar, tem que ir buscar em outras escolas; na maioria das vezes o equipamento é usado para eventos mesmo.*

*Dentro deste cenário de inexistência de condições de uso é claro que a questão dos recursos tecnológicos nos causam bastante preocupação e inquietação.*

9) Como você e a sua escola trabalham a situação de conflito com os alunos, com aqueles alunos que aprontam nas salas de aula?

*É bem difícil. É que na verdade o bairro é periférico à cidade e os pais não participam e a gente sabe que a família é fundamental, então nós temos uma grande dificuldade assim: o aluno vai para a escola, são poucos aqueles que têm aquele objetivo, aquela garra, o problema é que eu vejo que nesta região da cidade eles não estão preocupados em estudar, ir bem na escola; eu sinto que aquela comunidade de lá e isto ocorre com quase todos, eles se preocupam muito em ter e não em ser. Eu vejo eles muito bem vestidos, com tênis que a gente sabe que custa caro, então eles dão prioridade assim ó, eles vão para a escola, pra estar constando a presença deles, mas o objetivo mesmo deles é trabalhar, pois têm muitos alunos meus de sétima e oitava séries que desistiram de estudar pra trabalhar, então a gente vê muito assim, que a preocupação deles é trabalhar em atelier ou em fábricas para ter e não visando o ser, o estudo.*

10) E este cenário descrito acima, causa um certo desânimo aos professores? Os professores estão cansados?

*Bastante. A gente vê assim ... a gente tem um objetivo e sabe que eles (referindo-se aos alunos) ali adiante vão precisar do estudo, nós temos consciência disso porque já passamos por isso e sabemos o quanto o estudo é importante. Hoje o trabalho está difícil para quem tem o Ensino Médio imagine sem ele, sem o estudo. A gente sabe que estes alunos que desistem terão que retornar aos estudos com 20 ou 25 anos, já pais de família, terão que retornar a estudar; este é um conflito muito grande, assim, que nos deixa bastante preocupados. Tem muito esta sensação de impotência, que a gente não consegue resolver os conflitos porque lá naquela comunidade, que agora eu estou vendo assim, (pausa) eles quebram vidros, quebram portas, descaso com o público; mas eu estou trabalhando assim: digo que aquilo é patrimônio público, digo que aquilo é nosso, que eles não pagam mensalidade, mas tem um custo, que eles não pagam mensalidade mas tem um custo semelhante ao que é tido na educação particular.*

*A relação entre os professores é boa, dentro do possível, pois vejo que entre nossa categoria existe muita rivalidade.*

11) Professora, você sente-se valorizada como profissional da educação?

*Não. Não sinto. A comunidade não passa isso pra gente, porque a sensação é que os pais jogam os filhos lá pra dentro; por exemplo: sábado nós tivemos apresentação na escola. Cada professor organizou o trabalho; de 400 alunos tivemos somente uns 10 pais para prestigiarem o que a gente fez. É bem difícil. Os alunos disseram: tinha pouca gente! Mas perguntamos: quem é que tinha que vir prestigiar? Os pais de vocês, vocês é que tinham que trazer os pais. Muitas desculpas os alunos deram para justificar a ausência dos pais: o pai teve que sair, a mãe tinha não sei o que, o pai nem me deixou vir, sabe... A questão salarial é uma coisa que deixa a gente pra baixo.*

12) Professora, já que estamos falando em aula, como é que você descreve o currículo, como o concebe? Ele é importante? Como vocês pensam o currículo na escola Promorar?

*Nós tentamos este ano refazer o currículo. Quando eu cheguei na escola eu olhei o currículo e readaptei. Tipo assim, eu olhei o currículo da quinta série e readaptei, todas as séries. Este ano a gente sentou de novo, conforme os parâmetros nacionais, a gente readaptou de novo. Mas eu não sou conteudista, eu trabalho, assim, conforme o ritmo dos alunos, porque eu penso que não adianta tu correr pra alcançar um conteúdo se o aluno não vai ter aprendizagem.*

*Como eu sou a única professora da área de Estudos Sociais, então eu decido quase que sozinha os conteúdos, etc. Não tenho com quem... pois sou só eu. Mas eu gosto de trabalhar em equipe, em parceria. Sábado, por exemplo, eu trabalhei um conteúdo com a professora de português. Eu trabalhei, assim, músicas, tanto é que eu participei do projeto Ler é Saber da FACCAT, do Grupo Editorial Sinos, e aí foi muito bom, porque eu pude trabalhar a parte histórica das músicas e a partir disto eles realizaram paródias, foi assim... o resultado foi muito bom. Então eu gosto muito de trabalhar com outros professores, em parceria, na medida do possível. É a questão da interdisciplinaridade: trabalhei também com a professora de matemática a questão das eleições. Eu trabalhei as questões históricas e a professora de matemática trabalhou os gráficos, a questão estatística dos votos dos candidatos a vereador, a prefeito, etc...*

13) Com relação a outros espaços de inserção dos professores. Você participa do Cpers regularmente?

*Não participo. E a escola tem um representante, mas também poucos participam. Não participo, pois vejo pouco retorno e têm professores que são contra esta participação, são radicalmente contra o sindicato e aí fica uma coisa... e eles são pouco atuantes aqui no núcleo de Taquara.*

14) Que relação existe em educação e política? Como você consegue fazer esta relação? Comente um pouco.

*Eu consigo relacionar, sempre estou relacionando. Sempre procuro relacionar e isto é muito bom. Claro que de uma turma de 30 alunos nem todos irão despertar, mas esta relação política eu sempre procuro fazer com eles. Eu não sei se eu respondi o que tu perguntaste?*

*Eu trago os fatos e relaciono com o que ocorre. Este ano eu pude estabelecer relações com o pleito nacional e agora estou fazendo pontes com a relação que ocorreu nos Estados Unidos da América. Eu tenho uma sétima e uma oitava séries, tenho alunos atuantes e críticos, que eles participavam bastante, inclusive agora vou fazer uma feira de países, agora que eu trabalhei o continente americano e agora a gente vai realizar uma feira de países. Aí eles estão bastante empolgados, pois esta é uma novidade lá; já no ano passado eu fiz e este ano farei de novo. Os alunos têm que falar sobre a realidade de cada país. Os alunos devem ficar ao par da realidade de cada país.*

15) Professora, você tem 32 aulas por semana. Como você descreve uma aula sua? Como começa e como conclui as aulas? Comente.

*História. Eu começo com a chamada. A gente chega, cumprimenta a turma e faz a chamada, porque eu vejo, assim, que o fazer a chamada valoriza o aluno, tu chamas o aluno pelo nome e isto já é trazer eles pro compromisso, pela assiduidade deles. E aí surgem assuntos. Eles trazem. Ah, tu assistiu ontem na TV? Eu dou espaço pra eles trazerem os temas. A partir dos temas é que nós trabalhamos e refletimos. Sempre faço o relacionamento disto com a aula.*

*Eu trabalho o conteúdo. Depois da curiosidade é que nós partimos para a aula. O que eu costumo fazer muito é o seminário, é a discussão dos temas.*

*O fechamento do conteúdo depende muito do desenvolvimento das aulas. Por exemplo, agora estou estudando o Brasil Colônia e dentro disto a Consciência Negra. Este processo vai acabar com uma hora cívica onde a gente vai falar disto e*

*eu na hora cívica, no microfone, eu peço para que eles me ajudem, é uma integração, uma interação permanente.*

Na conclusão a professora agradeceu por poder colaborar no processo de formação, com a tese. E afirmou: *o que eu sinto é a falta de integração entre os doutorandos e os professores da rede pública estadual e municipal. “Toda esta teoria, toda esta bagagem que vocês têm, vocês poderiam passar para nós”. Para nós é difícil ter a formação continuada. Eu, por exemplo, passei por dificuldades de dinheiro, financeira, e não tinha como pagar; eu preciso, eu sinto muita necessidade de estudar, mas no momento eu não consigo. Eu não acredito nos cursos à distância. O governo está abrindo muito estes cursos à distância, mas não sei se estão tendo a qualidade que deveriam ter. A gente vê faculdade de História, de Geografia, de Português à distância. E pergunto: que profissionais estão sendo formados? Já participei das Jornadas do município, mas este ano não.*

**APÊNDICE N - Entrevista com a Professora Olga**

1) Professora Olga, comente um pouco sobre a sua formação: onde você estudou o Ensino Fundamental, o Médio e o Superior? Estudou em escola pública ou privada?

*Meu Ensino Fundamental eu fiz na escola pública; o Ensino Médio eu fiz na escola Santa Teresinha, noturno, escola particular. E a minha formação não foi no magistério, eu fiz licenciatura em Ciências Sociais na UNISINOS. E depois eu fiz um Pós em História Social das Cidades também na UNISINOS. E por fim em 2005 eu fiz mestrado em Sociologia, na UFRGS.*

2) Professora há quanto tempo você atua no magistério?

*Vai completar 20 anos em 2009 e antes sempre trabalhei na iniciativa privada, mas não em escola. Antes, eu trabalhei em empresas calçadistas, tanto na parte de Recursos Humanos, mas também trabalhei dentro da indústria calçadista como funcionária, operária. Em torno de 4 anos fiquei na parte de operária, chão de fábrica; e mais 10 anos no setor de Recursos Humanos.*

3) Agora você é professora. Comente um pouco sobre a sua jornada de trabalho. Quantos períodos você leciona ou está com os alunos? Quanto tempo você tem para preparar as aulas, as horas atividades?

*Atualmente eu trabalho 22 horas. Sou vereadora, então não consegui conciliar as duas coisas. Dentro das 22 horas nós temos 4 horas, na verdade cinco horas agora consideradas hora atividade, que foi toda uma luta da nossa classe para atingir este direito de ter estas horas atividades. Mas qualquer profissional de nossa área sabe que só estas não são suficientes, tanto de leitura, de qualificação, como pras tarefas burocráticas, correções, necessárias nesta área.*

4) Em seu processo de formação, como está ocorrendo a formação continuada? Como ocorre isto na rede municipal?

*O município tem, há vários anos, um processo de formação permanente, anualmente, dentro das políticas pedagógicas, que ele acha adequado. Mas eu acredito que a gente teve um pequeno retrocesso com relação a isto porque anos atrás a gente podia fazer a escolha do curso que mais lhe interessava e tu recebias*

*um auxílio remunerado pra poder viabilizar o transporte ou o pagamento do curso; agora, isto se restringe mais à política municipal que em determinado momento do ano faz a formação dentro daquilo que ela acha mais conveniente. Então eu acho que neste sentido houve perdas. Mas ainda que existe esta qualificação que é importante, sem dúvida, né. Esta qualificação permanente é necessária. Tem aquela formação que tu fazes né, de forma individual, que é a leitura, enfim, artigos ...*

*A Jornada do município: eu tenho uma crítica, pois elas vão sempre no modismo – todo ano tem uma nova linha, alguém que se destaca enquanto palestrante, alguém que tem um tema novo, um livro novo lançado – muitas vezes se vai atrás destas empolgações e não se leva em conta as reais necessidades do processo pedagógico do município, trabalhar mais em cima das deficiências, às vezes acaba se perdendo isto e fica não centrado no foco, né, e às vezes vai esse modismo, isso é uma crítica que eu faço às Jornadas Pedagógicas que duram três dias e contemplam os professores municipais e os interessados da rede estadual de ensino.*

5) Professora vamos falar um pouco da teoria. A teoria que você teve, principalmente no curso superior, ela consegue ser posta em prática? Como é que nós podemos trabalhar hoje, em Geografia, a conciliação entre teoria e prática? O fundamento teórico consegue ser implementado? Comente:

*Eu penso que a questão que eu tive na área de Sociologia tanto na UNISINOS, quanto depois no mestrado da UFRGS, eles são importantes para a fundamentação teórica na ação, na formação de uma consciência crítica para poder desenvolver o trabalho, mas a carência que eu vejo nos cursos foi principalmente na Licenciatura, a gente sai extremamente frágil na questão metodológica, a qualificação pra desempenhar a função de quem vai para a licenciatura ela é muito deficiente. Há uma construção constante, pois lidar com o ser humano em qualquer área, mas especificamente na educação, é sempre ... sempre tem que estar interagindo com as mudanças que estão acontecendo na sociedade, então a educação também é vulnerável às mudanças que acontecem na sociedade e na dinâmica do mundo, aquilo reflete automaticamente na vida, no cotidiano, nas relações em sala de aula. Então, em muitas ocasiões é muita, vamos dizer assim, a teoria não é suficiente pra dar conta disto, mas a tua prática deve estar aberta pra compreender aquele indivíduo e as relações que estão acontecendo na sociedade*

*pra lidar com as situações cotidianas e nem sempre a teoria dá conta de tudo, mas ela é extremamente importante pra te dar um norte. Mas, objetivamente, a minha formação na área da licenciatura foi deficiente.*

6) Professora como você descreveria uma aula sua? Pode comentar um pouco?

*Eu tenho como prática aproximar muito o conteúdo, aquilo que eu estou desenvolvendo, da vida do aluno e a Geografia pra mim é um campo bem fértil para fazer isso. Trabalho dentro da linha metodológica da Geografia crítica, né, e da Geografia mais com o foco social e econômico, né; claro que faço relações com a Geografia física, pois sei que tem que ter esta complementação, sem dúvida né, mas é bem possível fazer esta condução da teoria no sentido de trazer o aluno e fazer com que reflita sobre a realidade que ele está vivendo; fazer relações e construir relações entre os poderes, por exemplo, e o cotidiano dele. Eu faço chamada. A introdução de um tema, tu tens algumas temáticas que tu selecionas, que tu julgas que são importantes para o aluno, por quê? Bom, que tem uma lógica aquilo ali, mas tem ocasiões que tu vais para uma temática que tu nem te deu conta ou que tu nem tava querendo; o trabalho vai nesta direção em função das hipóteses que os alunos levantam, então tu acabas fazendo um planejamento diferenciado por conta daquilo que aconteceu em sala de aula, hipóteses que foram levantadas, tanto que eu trabalho em duas escolas e nestas, com as mesmas séries, o desenvolvimento das aulas e dos conteúdos se dá de forma diferente. A forma de trabalhar é diferente, pois cada turma é única. Eu considero aquilo que os alunos trazem, mas eu também proponho, pois senão eu não vou sair do senso comum e vou ficar navegando só a partir daquilo que o aluno me traz; eu também proponho.*

7) Neste processo interessante que envolve o aluno, a escola e os professores, como você pensa o currículo? Qual o significado dele para a professora Olga? O que ele contempla? Por favor, comente:

*Bom, o currículo... No município a gente tem uma discussão dentro de nosso campo, dentro de nossa área que é História e Geografia, daquele currículo que é considerado mínimo dentro da rede, mas a gente discutiu a questão de flexibilidade deste currículo também, temos os Parâmetros Nacionais, né, eu acho eles muito bons, mas são poucos os professores que tem noções deles, e se a gente seguisse*

*eles eu acho que eles estão bem fundamentados, seria bastante produtivo né, mas nem sempre acontece; e eu sou muito aberta com relação a essa questão do currículo, eu acho que tem que ter este currículo mínimo né, mas ali tu tem que estar colocando ele tanto dentro da realidade da tua escola, como também dentro da realidade social daquele aluno, né, porque eu trabalho dentro de duas realidades bastante diferentes e é por isso que penso que não é interessante um currículo fechado. Dentro da rede houve uma participação da comunidade escolar para decidir as grande linhas curriculares; ocorreu um compartilhamento de discussão sobre o que seria importante, então professores da área de Ciências Humanas: História e Geografia, então nós nos reunimos três vezes por ano e a gente debate, a gente faz as discussões; temos percebido que precisa ter mudanças né, porque aquilo que achas e julgas conveniente, né, à medida que avança o processo no dia a dia, tu vais ter que fazer mudança e a gente tem neste sentido um bom avanço.*

8) Como é que a professora Olga vê as inovações tecnológicas? Elas são um desafio ou uma ameaça? Com consegue interagir com estes recursos? Comente:

*A gente tem procurado trazer estes recursos para a sala de aula, nem todos a gente tem acesso na nossa estrutura; em nosso município, neste ano por exemplo, não consegui usar em nenhuma escola a internet. E como eu frisei antes: eu trabalho em uma escola de periferia onde os alunos não têm acesso a internet e posso exigir pouco para que eles possam por si só fazer pesquisa para enriquecer ou complementar os estudos; na outra escola, eu já tenho mais estas ferramentas e lá os alunos podem usar. Não vejo que sejam uma ameaça se o professor souber também trabalhar e interagir com eles, quando faz pesquisa, por exemplo, não aceita que seja mera colagem do computador, tem que ter esta atenção, mas são recursos que tu podes usar, mas eu sempre penso que com equilíbrio, não centrando exclusivamente nisto, pois o nosso aluno precisa saber escrever e para isto ele precisa exercitar, pois isto é leitura mas também é escrita, é fundamental isto, e nem sempre um computador, né, ou o acesso a internet garante isto.*

*Nas duas escolas nas quais trabalho a internet se faz ausente; os alunos não têm como pesquisar na internet na escola. O Executivo Municipal não instalou a internet nas escolas ainda. O que ocorre é o seguinte: os alunos usam a internet fora da escola. A internet não está sendo usada nestas escolas que trabalho. O que posso usar destes recursos tecnológicos é o data show.*

9) Como estão os professores da rede municipal? Estão animados? Estão cansados?

*É bem comum isto no meu cotidiano; tenho colegas afastadas das atividades escolares, pois não suportam mais uma sala de aula, estão adoecidas, resultado de todo um processo deste mundo pós-moderno, assim dito, de fragmentação, de tempo, parece que cada vez as pessoas tem menos tempo, né, mesmo tendo, por exemplo, a conquista da hora atividade que nós não tínhamos antes, é meio contraditório, mas as coisas no seu conjunto parecem ser mais complexas, o ser humano parece ser mais complexo, o próprio comportamento dos alunos é uma situação diferente de períodos anteriores. Hoje tu tens um aluno onde os pais transferem muito mais responsabilidades para a própria escola, né, dessa questão da responsabilidade; enfim, tem uma série de questões que fazem com que pareça que aumentou muito o compromisso do professor, então surgem muitas queixas na sala dos professores; também muitas pessoas não estão comprometidas mais, né, parece que fazem de sua profissão apenas um ritual cumprindo; outras, tu vês que existe comprometimento, que existe busca, que existe aperfeiçoamento. Nunca presenciei um momento como este no qual tantos professores estão estudando. Tempos atrás, eram raros os professores que cursavam uma pós-graduação, hoje tenho vários colegas fazendo pós mesmo que seja à distância, enfim estão fazendo e só isso, por isso só é uma agenda cheia profissionalmente falando, mais família, então todo este quadro faz com que eu conviva com pessoas em muitos momentos adoecidas.*

10) Este quadro descrito nos remete à questão falada dos limites. Como a professora Olga trabalha com esta relação com os alunos e como a escola dá suporte a esta luta?

*Nas duas escolas em que eu trabalho a gente tem o trabalho de orientação, né. É a questão formal. A outra questão é o cotidiano, né. Então eu penso que é necessário ao profissional-professor ter muita paciência, jogo de cintura, né, é (pausa), saber contornar a situação – como eu trabalho com adolescentes, né, tu tens que ter muito jogo de cintura, ouvir, ter paciência, porque se tu entrar em confronto com o adolescente tu não vai ter uma produção, tu não vai ter um rendimento, é um desgaste muito grande, então, enfim, achar alternativas dentro da*

*sala de aula para contornar essa situação, mas nem sempre, em alguns momentos isto não é possível e é aí que tu procura suporte da escola, né, e às vezes, né, não tem-se aquele resultado; porque ... o que acaba acontecendo nas escolas? Se parte para ações, não de longo prazo, são de curto prazo: chama o pai, dá uma medida punitiva naquele momento, né, e as escolas não tem um programa de continuidade, de resgate, porque, geralmente aquele aluno que te causa problema é um aluno de freqüência, de repetência, né; então é uma questão mais complexa, né, e que às vezes acaba a gente atendendo só naquele momento imediato e não tem uma continuidade, tem-se para aqueles alunos considerados ACI, né, que daí estes são tratados pelo município, pela estrutura, por um psicólogo, enfim; mas nem todos têm vaga para ter este acompanhamento, mas é isto, tu tens que dar conta muitas vezes, tu mesmo, pois afinal de contas ele é teu aluno e é tua a responsabilidade e tu tens que te virar.*

11) Com relação à valorização dos professores. A professora Olga sente-se valorizada pela comunidade e pelos gestores públicos? Comente um pouco isto.

*Eu penso que esta profissão é ... não tem a valorização que merecia ter. Mas porque isto? Porque eu acho que o professor tem um papel primordial, né, muitos discursos dizem isto ao longo da história, né, mas ele trabalha com um ser humano num processo de formação e esta formação não é apenas de conteúdo, mas é também uma formação cidadã. Então, se tu tens um profissional equilibrado e bem qualificado, reconhecido também pela questão política salarial, e aí eu acho que se transcende a questão municipal; um política salarial compatível, né, tu vai ter elementos importantes que possam dar este retorno mais esperado do processo ensino aprendizagem; sei que isto não é suficiente, mas se isto acontecesse já seria um grande passo.*

*O reconhecimento, por exemplo, por parte da administração: eu faço parte do sindicato do professores e a gente tem uma luta constante por leis que garantam alguns direitos a mais do que se tem, vejo com preocupação esta preocupação sobre o adoecimento, penso que é absolutamente necessário que o poder público, né, comece a pensar nisso, a tratar melhor, a cuidar melhor desses profissionais, cuidar em todos os sentidos, né, tem que se cuidar porque trabalham com este elemento humano, não trabalha com uma pedra, não é produção de latas de sardinha, é produção de seres humanos; se tu tens um ser humano mais bem*

*atendido, acredito que tu tenhas resultados, né, mais favoráveis. Em relação aos pais, por exemplo, tem pais que têm no professor um reconhecimento, mas vejo, assim, nos últimos anos um descrédito também, né, em relação aos pais, pois não são mais aqueles colaboradores da escola, jogam muitas responsabilidades para a escola, a responsabilidade que é deles ... acabam ..... e muitas questões do comportamento mesmo né, nem estão tão preocupados mesmo com a questão do ensino-aprendizagem, mas sim com a questão do comportamento, né; acabam, muitas das nossas, por exemplo, das nossas próprias aulas que tu gostarias que fossem assim centradas na questão da aprendizagem acabam se perdendo na questão do comportamento, né.*

12) Você participa do sindicato dos professores? Comente os motivos.

*Sim. Participo do sindicato. Vejo que ele não tem aquela participação que tu gostarias que tivesse, né. Se tu olhares, no geral, os movimentos sociais, eles são muito pontuados, né. Eu participo do SIPROMI (Sindicato dos Professores Municipais de Igrejinha) . Com ele tivemos, ao longo de nossa história, momentos, assim, ousados para confrontar o poder local, pois os professores do município ... eles têm que lidar diretamente com as autoridades locais; se tu pegares os professores estaduais, aquele poder está mais distanciado, e aqui, mas apesar disso aqui nós tivemos momentos significativos, pela reforma administrativa que foi um processo que a gente viveu; pela implantação do nosso plano de carreira, né, então a gente conseguiu a adesão da classe. Mas o que tu vês, no geral, as entidades, as instituições, têm um descrédito hoje em dia; a política no nosso país está em descrédito, né, e isto se transfere a todo tipo de organização; então eu gostaria que nossa entidade tivesse um grau de politização, de consciência de classe bem mais amplo do que se tem; infelizmente, as questões acabam centradas nas questões e aspectos da luta econômica, né, e não se caminha para uma politização mais ampliada, né, como papel de interagir em outros aspectos da sociedade; então ele é muito centrado nas questões econômicas.*

13) Professora Olga, poderia fazer um rápido comentário sobre as relações existentes entre educação e política? Com você articula isto em suas aulas?

*É. A política e a educação não têm como separar. Qualquer área de tua vida tem decisões políticas. A tua forma, a tua atitude, a tua postura e a seleção dos*

*conteúdos são posturas políticas; as tuas idéias e as formas como tu expressas as mesmas, né; como... aquilo que tu pensas ... que aluno tu estás ajudando a qualificar, formar ali, pra que sociedade. Então não existe neutralidade, a educação é política, ela toma posição mesmo o professor tendo ou não consciência disso, né, e pode achar que não, mas na tua prática a educação é uma ação política.*

*Os professores, poucos deles, podem ver estas relações entre educação e política. Nas ciências humanas, isto é mais forte e mais claro, né, no geral, né, mas, às vezes as pessoas infelizmente não conseguem fazer esta relação, parece que lêem um texto e não conseguem assimilar que aquelas atitudes, as tomadas de posição, seleção de um mero conteúdo tem a ver com uma ação política, né, às vezes eles não conseguem fazer esta relação. Eles acabam ficando ainda muito no senso comum ainda ... falta teoria, aprofundamento, discussão teórica da prática pedagógica, falta.*

14) A partir destas colocações, segundo suas colocações, os professores das Ciências Humanas conseguem perceber, por exemplo, a influência do FMI, do Banco Mundial, das determinações da UNESCO, nestes textos: na reforma da LDB, por exemplo?

*Eu acho que no geral os professores das Ciências Humanas, aí eu falo a partir da idéia dos que fizeram o Ensino Superior, vejo que eles conseguem perceber isto com mais facilidade, pode às vezes não ser da forma mais nítida possível, mais clara, mais profunda como se gostaria, mas no geral eu acredito que sim.*

*Eu espero que tenha colaborado com o seu trabalho e que estes resultados possam ser usados com os professores de Igreja para que os mesmos consigam refletir a sua prática.*

**APÊNDICE O** - Entrevista com o Professor Lenon

1) Descrição da formação no Ensino Fundamental, Médio e Superior:

*Ensino fundamental até a sétima série na escola pública, na 8ª série escola particular com bolsa de estudos. Ensino Médio Magistério, com alguns percalços e problemas particulares e em escola particular. Ensino superior Unisinos - curso de Letras.*

2) Como está a situação do seu Ensino Superior?

*Estou concluindo no ano que vem (2009).*

3) Quanto tempo você está cursando o ensino superior?

*Cerca de oito ou nove anos.*

4) Quais suas maiores agruras, maiores agonias?

*É a questão de pagar, ah... mas isso aí faz parte.*

5) Mas tem o problema da locomoção, o problema da jornada de trabalho...

*Tenho que tentar conciliar a jornada de trabalho, que tenho 40 horas semanais e a locomoção até São Leopoldo que é de uma hora e meia, por causa do transporte e ainda tem essas frescuras todas.*

6) Em quantas escolas você trabalha atualmente?

*Uma.*

7) Qual sua carga horária?

*São 38 horas semanais.*

8) E de quantas horas é o teu contrato?

*O contrato é de 20 horas.*

9) Quantas horas semanais você tem para planejar as aulas e também quantas horas você recebe para preparar as aulas?

*Nenhuma. Tenho 38 períodos semanais e nenhum período para planejar. Eu trabalho atualmente no Instituto Estadual de Educação Olívia Lahm Hirt, cerca de oito ou nove anos.*

10) Você concluiu o magistério e logo entrou aqui? Quais as turmas e disciplinas que você trabalha?

*Literatura e Língua Portuguesa, todo Ensino Médio.*

11) Gostaria que você comentasse qual foi o fato marcante em sua jornada, em seu processo de formação que talvez tenha contribuído para tornar você professor. O que é que foi o estímulo determinante para fazer com que o Professor Lenon se tornasse professor?

*O que foi determinante para eu ser professor foi, na verdade, mais uma questão político-ideológica do que uma questão mesmo de influência de um professor. Na verdade, eu acho que o mundo como está, não é um mundo justo e eu quero um mundo justo e uma das formas de lutar por esse mundo mais justo é através da educação e então por isso que eu me tornei professor, para tentar contribuir para transformar a sociedade em algo melhor.*

12) Teve algum professor, teve alguma metodologia utilizada por algum professor que despertou, que contribuiu para desabrochar essa vontade em ti?

*Ah...acho sobretudo que teve influência dos professores de História.*

13) Eu gostaria que você tecesse alguns comentários sobre a importância da referência teórica no seu dia-a-dia. Como você poderia explicar a importância da teoria para estabelecer a relação com a prática?

*A teoria e a prática, às vezes, elas estão muito distantes, eu acho que muitas vezes as teorias pedagógicas acabam sendo, muitas delas ... e elas parecem ser progressistas. Mas na verdade elas não são progressistas, acabam mantendo as coisas como estão porque aparentemente elas têm algo novo para apresentar, mas esse algo novo acaba mantendo a sociedade e a estrutura da forma que está. E a questão mais teórica assim que eu vejo é mais ligado a minha disciplina, que eu leciono, literatura. Que é a questão que há uma revisão toda sendo feita pela universidade, de um certo abandono da história da literatura, e a minha referência*

*teórica é que a história da literatura deve ser eliminada, porque talvez o Ensino Médio seja onde o aluno tem esse último contato com todo esse patrimônio cultural que ele não teria acesso se não cursasse o Ensino Médio.*

14) Você cursou o magistério, você está agora cursando o ensino superior. Gostaria que você comentasse um pouquinho, mas principalmente sobre os aspectos didáticos e metodológicos, você afirma que existem contradições entre aquilo que os professores falam e aquilo que os professores fazem em sala de aula? Comente.

*Acho que sim, muitas vezes se prega uma prática que se diz construtivista, e na verdade a abordagem é tradicional. Tem professor que acha que só fazer trabalho em grupo é bom, sócio-interacionismo e construtivismo ou algum ..."ismo" em educação. Mas na verdade o trabalho dele é tradicional.*

15) A contribuição hoje da academia para o seu fazer cotidiano no Instituto Olívia é uma contribuição significativa ou você tem que construir a sua prática gradativamente?

*Eu tenho que construir. A academia prepara a gente em termos de conhecimentos, mas não em termos, pelo menos no meu ver, não tem termos de prática pedagógica. Ela lhe oferece conhecimento-conteúdo.*

16) Nós estamos passando por um processo de inclusão nas escolas dessas inovações tecnológicas. Hoje nós temos a internet, temos os laboratórios, temos TV, temos datashow, temos PowerPoint e toda essa gama de recursos tecnológicos. Esses recursos ameaçam o professor Lenon? Esses recursos são uma alternativa de aprimorar o processo pedagógico? Como é que você vê isso?

*Eu vejo que têm muitos professores que têm medo. Medo do computador porque muitas vezes o aluno sabe muito mais que o professor do computador. Hã... pra mim, eu não vejo isso como um problema, eu vejo isso como uma contribuição. E esses meios tecnológicos contribuem para... podem contribuir para a aula de qualquer professor, inclusive a minha e a questão do aluno saber mais do que o professor muitas vezes, o professor pode se aproveitar, talvez não seria essa a*

*palavra, mas utilizar esse aluno como um monitor... um monitor em sala de aula, aproveitar esse aluno pra facilitar, um facilitador para aqueles que não têm conhecimento desses..., um conhecimento tão complexo quanto ele dos meios eletrônicos, os outros alunos. Então, o professor possa associar esses alunos que sabem mais, né. E muitas vezes a questão de usar audiovisuais é um grande problema. É que muitas vezes os professores não sabem o que fazer com os audiovisuais. Assim, passa um filme que tem a ver com o conteúdo, mas o que fazer depois muitas vezes é o grande dilema para o professor. Ah, geralmente é uma redação e isso não utiliza todos os recursos do audiovisual que ele poderia usar, imagem e som, e acaba sendo só o conteúdo mesmo do audiovisual e não todos os recursos... há ... digamos técnicos, formais do audiovisual.*

17) O professor Lenon tem em sua casa acesso a internet, tem computador, tem notebook e como é que usa esses recursos em suas aulas?

*Ah, eu tenho usado muito pouco ... nas minhas aulas. Agora, eu tenho utilizado alguns recursos tecnológicos. Eles estão compondo, os 3º anos estão compondo um trabalho que é todo, todo o conteúdo do ensino médio transposto em PowerPoint e tem ... eu estou tentando construir rádio-novelas com os alunos através ... utilizando celular, que é um objeto que eles têm já, celular, MP3, objetos que eles têm, que são meios tecnológicos que facilitam. E depois tentando utilizar o computador para mixar isso.*

18) Nós sabemos que no Instituto tem laboratório de informática que não funciona, não tem acesso à internet, então aqui no Instituto Olívia o que há à disposição dos professores é esporadicamente a possibilidade de utilizar PowerPoint, com um datashow. Usa em casa a internet?

*Uso, uso a internet. Muitas vezes para colher textos, né. Textos clássicos de ... quando eu vou trabalhar algum autor em literatura, eu, ao invés de pegar o livro e digitar todo o texto, eu vou em algum site confiável e retiro o texto para ... evitar esse trabalho todo de digitação que é uma maneira de poupar tempo e dedicar mais tempo para... para ler o texto e pensar o que fazer com o texto.*

19) Nesse processo de interação, como é que o professor Lenon vê o currículo? O que é o currículo para o professor Lenon e como é que o professor esteve envolvido, se esteve na construção do currículo na sua área?

*Ah, o plano, eu penso que o plano de estudo, de língua portuguesa e literatura do Instituto Olívia está muito bem desenvolvido porque ele, principalmente, em língua portuguesa, porque ele abandona muita coisa que... abandona algumas coisas ultrapassadas que algumas outras escolas continuam como aquele ensino rígido da gramática normativa e ele tem uma abordagem mais lingüística, mais ... na verdade, para o aluno utilizar a língua, saber utilizar a língua, saber utilizar variedades diferentes da língua ou se ele se tornar um poliglota na sua própria língua. E eu participei da construção desses planos de estudo e eles já foram revistos várias vezes. Acrescentamos temas, como um tema muito importante que é para o 3º ano a questão do preconceito lingüístico, trabalhar isso, demonstrar isso e muitas vezes os alunos se surpreendem porque eles acham, achavam aquilo normal quando não é isso e acabam vendo que tudo aquilo que supostamente é chamado de erro em fala tem uma explicação lingüística e que eles fazem a mesma coisa só que acham engraçado no outro. Então acaba criando uma outra visão social, uma visão de não-exclusão daquela pessoa que fala diferente. Não fala, não é que fale errado, fala só diferente. E ele cria a visão também de que ... que ele ... há lugares em que ele pode usar determinada linguagem e outros lugares, eles não podem. Então essa questão de adequação da linguagem ao meio, né. Que ele pode falar em casa, há..., de um jeito, mas se ele for numa Câmara de Vereadores, por exemplo, para fazer... participar da tribuna pública ele tem que usar uma linguagem diferente.*

20) Então nós temos a idéia, temos a noção nítida e clara que dentro da área de português vocês cumpriram o currículo. O que você poderia dizer a partir disso, qual é a sua concepção de currículo, o que é currículo? O que ele engloba e o que ele envolve?

*O currículo ... ele não, eu acho que ele não engloba somente os conteúdos, mas também as habilidades, as competências, que queremos despertar nos alunos. E envolve também ... uma carga bibliográfica, né. Porque o currículo, para ele ser formado, o professor tem que ter uma carga bibliográfica boa, uma carga*

*bibliográfica atualizada, né. Que nem sempre o professor pode ter por causa das condições de salário, das condições de trabalho, trabalhando 40, às vezes têm professores que trabalham 60 horas, a atualização fica complicada porque muitos professores têm que trabalhar 60 horas para conseguir sobreviver, sustentar família e tudo. Então essa, currículo não envolve só os conteúdos, envolve também as habilidades e competências que queremos formar nos nossos alunos.*

21) Professor, dentro desse cenário que você acaba de colocar que alguns professores trabalham até 60 horas, será que os colegas professores do Instituto e de outras escolas conseguem perceber as influências dos organismos internacionais na determinação do currículo, por exemplo, o Banco Mundial, o FMI e a UNESCO? Os professores percebem isso? O professor Lenon consegue perceber isso?

*Acho que muito poucos, muito poucos, eu consigo perceber isso. Aqui nós ainda não fomos atingidos por isso, mas consigo perceber muito bem na universidade que estudo. Nós ainda estamos no currículo velho, mas o currículo novo ele mostra bem uma visão bem influenciada pela visão neoliberal, porque ele extingue totalmente a história da literatura e ele passa a trabalhar uma visão dissociada da literatura, o que acaba sendo o fim da história, que aquele pensador ... Francis Fukuyama fala, então é uma visão bem do neoliberalismo, baseada a partir de teorias que surgiram nos anos 50 já na literatura ... que são teorias que aos poucos vão fazendo com que a história da literatura seja abandonada e que inclusive no curso de Letras ela passa a ser desistorizada, ou seja, perde todo seu contexto e perde toda essa questão ideológica que influencia os textos trabalhados. E então, nessa nova visão, se um professor quiser trabalhar só um autor ele trabalha, ele não trabalha aquela visão progressiva de literatura que dá aquela visão também da sociedade como um todo, todo processo cultural. Porque eu considero a literatura uma disciplina, por si só, uma disciplina transdisciplinar, porque ela envolve outras disciplinas ao mesmo tempo, então, então essa visão transdisciplinar ela também tem que ser dissociada tem que estar dentro desse perfil de história.*

22) Em suas colocações, estou percebendo que o professor Lenon está usando muitas vezes a palavra competência. O que entende por isso?

*Hã ... competência. Competência é aquilo que o aluno ou a pessoa consegue fazer, é a partir daquilo que ele consegue fazer para construir novos fazeres, outras possibilidades de eles fazerem. Entendo como competência aquilo que ele consegue fazer, não só em termos práticos e materiais, mas em termos também mentais.*

23) Professor, nesse processo, hoje, nós estamos conversando, debatendo muito sobre a formação continuada. O que você tem conseguido fazer além da sua graduação nesse sentido, nessa formação continuada, na rede pública, por exemplo, você é contratado, não nomeado. Como é o processo aqui na rede pública?

*Isso é bastante complicado, na rede estadual acho que eles restringem a palestras esporádicas, muito esporádicas que vêm pra escola, né, que a escola traz, mas isso é bem raro. Formação continuada, na verdade, o professor tem que buscar por conta própria, por recursos próprios porque o estado não subsidia isso e, além disso, o estado dá somente dois dias por ano de folga, que pode ter folga pra fazer algum curso. Então não há uma formação continuada, se houvesse subsídios do estado haveria condições de ter uma formação continuada melhor. Eu consegui fazer isso, graças a eu estar participando de pesquisas, a ser monitor na universidade e também por conta própria de participar de vários eventos, não só na Unisinos, mas em outras universidades.*

24) Professor, você sente-se valorizado como profissional de educação?  
Comente:

*Pelo poder público não, nem um pouco valorizado. Quem valoriza muitas vezes são os alunos, mas nem todos, muitas vezes ex-alunos. Às vezes, é muito gratificante, quando, por exemplo, uma aluna me encontrou na frente da escola e disse que estava fazendo uma disciplina de português básico na Feevale e disse que tinha tudo o que eu havia ensinado no terceiro ano. Gratifica também, alunos que estão me seguindo fazendo letras, muitos alunos reconhecem que o teu trabalho está influenciando de alguma maneira na vida deles.*

25) Professor, nesse processo de inserção na sociedade, como você está se relacionando com o sindicato de sua categoria, você participa, não participa? Motivos?

*Participo, mas de certa forma estou excluído do sindicato. Sofri pressão da escola, só que como eu concorri em uma chapa de oposição, a atual gestão, eles têm me excluído, não tenho tido acesso. O sindicato não tem me procurado como me procurava, não tem mandado matéria pra mim. Ele sempre chega na escola por outras mãos, mãos de alguém ligado ao grupo político que está na situação, o que eu acho uma grande estreiteza de pensamento que não é porque eu concorri por uma chapa oposta, que eu deixei de fazer parte da categoria e deixei de lutar pela categoria.*

26) Como você descreve a relação existente entre Educação e Política?

*A educação e a política são duas coisas que estão relacionadas, são intrincadas/imbricadas porque a educação é uma forma de política, como a educação pode formar um pensamento crítico, ela pode criar essa competência no aluno de ter o pensamento crítico, ela acaba sendo política porque o pensamento crítico leva a uma atitude política.*

27) Professor, como você trabalha a relação dos conflitos presentes nas escolas e dentro das salas de aula? Como você consegue contemporizar isso?

*Eu tento conciliar com a conversa, acho que o modo mais tranqüilo e mais fácil de lidar com isso é a conversa mesmo, têm outros expedientes que é a ocorrência, a suspensão, a transferência, mas no caso, conflito com aluno é conversar com ele e conversar com ele individual. Não expor o aluno na frente dos outros. Os conflitos, não sei se é por causa da idade minha em termos de educador, que comigo os conflitos têm diminuído ... acho que é mais pela maturidade que eu fui adquirindo. Eu acho que os conflitos diminuíram, ao menos em meu tempo havia muitas brigas e isso eu vejo que tem diminuído, diminuído bastante.*

28) Na relação que você está tendo com seus colegas transparece que há um desânimo da categoria? Como é que você descreve isso, a idéia de Burnout, por exemplo, a sensação de abandonados, desesperança reina entre seus colegas? Consegue perceber isso?

*Eu consigo perceber isso. A grande maioria dos colegas está desanimada, apesar da maioria fazer da melhor forma possível seu papel, mas há um desânimo que muitas vezes dá pra perceber isso, na começo da aula, na volta do recreio, os recreios às vezes se prolongam mais uns cinco minutos porque isso já é um sintoma de que há um desânimo, porque na verdade se não fosse esse ... desânimo que vem de vários fatores, pela desvalorização do estado, pela valorização que o estado não dá aos professores, pela desvalorização que a sociedade dá ao professor, então esses recreios são os sintomas desse desânimo, desses recreios prolongados, que se prolongam não por um motivo especial, mas porque o professor adia sua volta para a sala de aula.*

29) Como você descreve uma aula sua?

*Eu entro, faço a chamada, geralmente né. Até porque é uma forma de acalmar a turma, porque a chamada ... ela funciona como um sinal de que começa a aula e a caba o tempo livre. E geralmente minhas aulas são expositivas, expositivas, mas sempre tentando questionar os alunos acerca do assunto, do que ele leu. Muitas vezes dá um desânimo na gente porque eles não lembram, a gente pergunta alguma coisa de história, não lembram, mas aí tu vais fazendo perguntas até algum e outro se ligar. Em literatura, eu geralmente levo os textos preparados, pois dificilmente dá para dar exercício porque são dois períodos semanais. E em Língua Portuguesa que é o tempo que vai dar, que o aluno trabalha mais, que há mais tempo para o exercício, que a linguagem tem que ser praticada tem que ter esse trabalho da linguagem tem que ser mais prática. E como as minhas aulas de literatura são de história da literatura, elas são mais expositivas. E de português são mais práticas, são atividades que os alunos fazem em sala aula com minha supervisão.*

30) Considerações finais.

*Eu acho que a educação é um meio de transformação social, mas para ser um meio de transformação social ela não pode ter modismos, tivemos muitos modismos por aí e tivemos... e surge uma nova teoria pedagógica e todo mundo acha que aquilo é o máximo e abraça. Eu acho que a educação tem que ser ainda um pouco tradicional, porque não ser totalmente tradicional, mas ser um pouco tradicional, essa visão que Dermeval Saviani defende, pra, e tem que ter cuidado com essas coqueluches que surgem que às vezes são idéias que parecem ser progressistas, mas são mais reacionárias do que o próprio ensino tradicional.*

**APÊNDICE P – Entrevista com a Professora Fernanda**

1) Estamos falando com a professora Fernanda. Gostaria que a senhora comentasse sobre sua formação: Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior, se as escolas e a universidade eram públicas ou não?

*O Ensino Fundamental e o Ensino Médio foram em escola pública e eu fiz primeiro Contabilidade no Ensino Médio. Me formei em Contabilidade e parei um tempo. Depois, quando eu retomei, fiz o magistério ou curso normal agora, né, e aí do curso normal eu fui pra faculdade. A faculdade era particular.*

2) Qual o curso que a senhora fez na faculdade?

*Eu fiz Licenciatura em Geografia.*

3) Há quanto tempo a senhora é professora? Quantas horas-aula tem atualmente? Quais são as disciplinas e em que turmas?

*Eu sou professora desde 1998 e hoje trabalho com todas as turmas, de quinta, Ensino Médio e curso normal e eu tenho quarenta horas por semana, no estado.*

4) A senhora tem quarenta horas em sala de aula ou destas, algumas são horas-atividade remuneradas para preparar as aulas?

*Não, eu tenho as quarenta horas na sala de aula. Não tenho hora-atividade para preparar aula. Todas as minhas preparações de aula são fora do meu horário, são em casa.*

5) Professora, quando surgiu a vontade de ser professora? O que influenciou, o que despertou esta vontade?

*Eu acho que desde que eu era criança eu queria ser professora. Eu me espelhava muito na minha primeira professora e eu queria muito ... e quando eu fui tirar o Ensino Médio, que eu não consegui tirar o magistério ... eu trabalhava durante o dia, né, vim de uma família muito numerosa, então a gente tinha que trabalhar muito e eu trabalhava e não pude tirar o curso magistério porque o curso normal lá era ... na minha cidade era particular. Então eu trabalhava durante o dia e tirei o*

*curso de Contabilidade, que também era particular, mas era à noite, aí eu pude fazer ... na época o que eu pude fazer era Contabilidade, mas aquele sonho de ser professora nunca passou. Aí quando ... aí eu casei, tive meus filhos e quando os filhos estavam maiorezinhos eu disse “agora é a hora de eu ir”. E eu fui tirar o curso normal.*

6) A senhora lembra o que esta professora tinha de especial que despertou esse desejo, esta vontade de ser professora?

*Eu lembro muito bem dela. Ela era uma pessoa muito calma, equilibrada, assim, ela cativava os alunos, né, e eu era uma menina de interior, assim, muito reprimida e ela me colocava tão à vontade no meio das outras crianças que eu me sentia muito bem. E eu queria ser aquela pessoa, me espelhava naquela pessoa ... me lembro até o nome da professora.*

7) Depois de concluirmos uma licenciatura, temos a experiência da formação continuada, da formação permanente. Como é que a senhora está conseguindo, hoje em dia, fazer esta formação continuada? Consegue fazer ou esta carga horária inviabiliza?

*Esta carga horária, por enquanto ... não tenho condições de fazer. Já pensei várias vezes, já estive me informando, já fui à busca, mas eu parei barrada nisso aí. Eu não vou ter o tempo de preparar trabalhos de faculdade ou coisas assim ... porque hoje, as quarenta horas que eu trabalho, me absorvem todo meu tempo, então não tenho ... por enquanto não tenho condições.*

8) Se a senhora tivesse condições, voltaria a estudar?

*Olha ... eu pretendo largar algumas horas pra poder fazer alguma graduação ou me aperfeiçoar um pouco mais.*

9) Professora, em nosso processo de formação nós temos a teoria e a prática. Eu gostaria que a senhora comentasse um pouco sobre a questão teórica e a questão prática. Nós hoje conseguimos colocar em prática aquilo que a faculdade nos possibilitou? É possível colocar toda aquela referência teórica em prática no Instituto Olívia?

*Não, não ... É praticamente impossível, né, algumas coisas a gente ainda consegue ... com muito esforço a gente ainda consegue, mas é difícil porque tu ... eu, nas quarenta horas dentro da sala de aula ... eu preparo dia-a-dia, não tem, assim, como tu preparar uma coisa, né, uma saída ... até a gente faz algumas saídas, mas é difícil de colocar toda aquela teoria que tu aprendeste em sala de aula, também por falta de recursos.*

10) Durante o curso superior, a licenciatura, os professores de didática e metodologia colocavam em prática aquilo que eles diziam que deveria ser feito depois, enquanto professores, ou eles diziam uma coisa e faziam outra?

*Isso foi uma das frustrações do meu curso. Muitas coisas que eu pretendia, que eu almejava ... eu não consegui isso dentro da faculdade. Muitas das coisas que eles diziam pra gente fazer, também eles não faziam. Nos cobravam que aquilo é muito bonito e a gente até em fase de estágio ... até procura fazer aquilo ali, porque eles estão te cobrando, né, mas eles mesmos não fazem.*

11) Outra questão importante que temos hoje é este cenário de termos muitos recursos tecnológicos fora da escola. Esta situação hoje em que temos computador, internet, datashow... isso lhe preocupa enquanto professora?

*Preocupa bastante e é uma questão, assim, que o professor hoje em dia ... ele tem que estar se atualizando porque os alunos vão muito mais atualizados pra sala de aula que a gente. Eu tenho alunos de quinta série, que eles trazem pra sala de aula aquilo que tu ainda não conseguiste fazer. Eles manuseiam muito bem o computador, muito bem o telefone celular de última geração, né, e às vezes a professora não tem acesso àquilo que os alunos têm.*

12) O que a escola tem desta tecnologia toda? Tem sala de informática, datashow, ou a escola estadual está meio sucateada?

*Está sucateada. Nós temos um laboratório de informática na escola, mas os computadores estão todos estragados e não temos uma pessoa para manusear. Não tem como levar os alunos pro laboratório de informática porque tu não consegues ah... usar o laboratório sozinha com eles e nós não temos pessoal. Então faltam duas coisa, né, ... tem o laboratório pra dizer que tem, mas não podemos usar.*

13) Como a professora Fernanda trabalha os conflitos que existem em sala de aula? Como é que a senhora busca a solução? Comente um pouco sobre este assunto.

*O serviço de orientação na escola nós tempos só no turno da tarde, então o turno da manhã ... fica mais difícil da gente trabalhar porque é Ensino Médio. Mas eu me relaciono muito bem com alunos maiores, vamos dizer assim. Eu tenho mais dificuldade de relacionamento ... Não digo dificuldade. Eu gosto mais de trabalhar com os maiores ... também não tenho problema com o Ensino Fundamental, mas então, assim, eu tento levar o quanto dá. A gente tenta resolver os problemas dentro da sala de aula mesmo e aí, se não tem como, se tu vêes que um aluno está precisando de uma ajuda, de repente de um acompanhamento fora, aí sim eu levo pra direção, mas direção. Nós não temos uma outra pessoa que nos ajude.*

14) Professora Fernanda, como está o clima entre os professores? A senhora percebe algum sinal da síndrome do abandono, burnout ou desmotivação entre os professores? Ou estão todos motivados?

*Não, não. Isso que nós temos uma escola de curso normal ali, que forma professores, mas a motivação mesmo de professores é muito pouca, a não ser os professores do curso normal que se esforçam ao máximo para não passar isso pros alunos. Os outros professores a gente sente ... estão muito desmotivados, não têm assim aquela ... nenhuma expectativa de futuro.*

15) A senhora sente-se valorizada enquanto profissional pelo governo ou pelas famílias? A senhora sente-se valorizada hoje?

*Não. Nem por um nem por outro. Tu consegues ver o descaso do governo que está aí, que deixa a gente bem angustiada com esta situação e também pela parte dos pais, assim, não tem presença dos pais na escola. Se tu não chamas, se o filho não está com problema, que tu não chamas, não tem um pai do teu lado.*

16) A senhora participa do Cpers? Como a senhora vê o Cpers hoje?

*O Cpers é uma coisa que eu não posso falar muito, assim, porque eu não tenho conhecimento. Não participo e não tenho maiores condições de te dizer porque eu não conheço o serviço do Cpers.*

17) Existe relação entre a educação e a política? Poderia comentar sobre isso?

*A política partidária?*

- Não, a política como um todo.

*Eu acho que sim. Eu acho que a política na educação... se não existisse isso nós não teríamos como trabalhar. É uma parceria, assim, tu consegues levar ... motivar o professor, a direção e até alguma parte do estado com ... tentando mobilizar e tentando fazer algum ... eu acho que existe.*

18) A senhora consegue perceber as influências do Banco Mundial, do FMI, da Unesco sobre as determinações curriculares?

*Eu acho que é bem sutil.*

19) O que é o currículo? Ele é importante? O que compõem o currículo?

*Eu vejo muita dificuldade no currículo ... que nós estamos falando currículo conteúdo, né? O currículo, a parte de trabalhar com a criança, eu acho que nós deveríamos ser mais exigentes pra que eles trabalhassem mais, porque eles levam muito na esportiva, na brincadeira e não fazem ... eu nem vou dizer os alunos. Eu acho que os professores não estão fazendo aquilo que deveriam fazer. Se a gente fosse preparar uma prova como tem várias provas, estado e nação, na escola, eu acho que poucos alunos conseguiriam acompanhar aquele conteúdo que está destinado para aquela série.*

20) As determinações curriculares, os conteúdos e a metodologia, são pensados pelos professores ou estes conteúdos vêm da CRE?

*A escola é que pensa e nós estamos refazendo estes conteúdos este ano para tentar fazer com que os alunos procurem mais, se interessem mais, porque o eu vejo é que é muito vago e isto não leva ao interesse deles. Teria que ter uma coisa que eles se interessassem, procurasse motivar eles mais nesse sentido, né. E eu acho que este ano pode ser que a gente consiga fazer ... pelo menos chegar um pouquinho mais perto do que eles se interessam.*

21) Como está a interdisciplinaridade? Tem um diálogo interdisciplinar na escola?

*A gente sabe que isso é necessário, é interessante, mas como a gente não tem um tempo para parar, conversar professor-professor, é difícil de tu interdisciplinizar. O que a gente consegue fazer, o que a gente tem feito ali ... Eu estou com um projeto sobre meio ambiente, então tu consegues fazer com que o outro professor ceda um pouquinho, te deixe um pouquinho pra entrar na matéria dele, exige um pouquinho sobre o meio ambiente na sua matéria. Então só, porque não tem esse tempo pra conversar com o outro professor, pra planejar isso e não planejando, não sai, né.*

Agradeço a sua participação e a sua colaboração em meu trabalho acadêmico.

## APÊNDICE Q - Observações das Aulas

Como nossa pesquisa está ancorada na formação e na prática dos professores da rede pública municipal e estadual da cidade de Igrejinha, passamos agora a um rápido relato do que vimos a partir das observações das aulas. Cada professor teve um período de sua aula observado.

A **primeira professora** de que observamos a aula foi a **Orquídea**. Ela começou a aula com a chamada. Logo pediu que seus alunos copiassem um texto sobre como eram as cidades durante a Revolução Industrial e, em seguida, leu o texto com os alunos e destacou alguns pontos importantes do mesmo. A partir disso, pediu que os alunos, individualmente, escrevessem um texto comparando as cidades do tempo da Revolução Industrial com as cidades de hoje. O texto elaborado foi entregue e a professora o recolheu ao final da aula porque os alunos sabiam que o mesmo seria avaliado.

Pelo que pudemos ver, a professora tem um excelente nível de relacionamento com a turma. Durante a aula, ela circula com naturalidade pela sala e ajuda os alunos sem nenhuma distinção (todos os alunos são bem tratados e ela é muito atenta ao que faz). Uma grande virtude que pudemos perceber na professora Orquídea é a seguinte: ela faz com que os seus alunos participem das aulas; eles podem expor as suas idéias a partir dos estímulos lançados pela professora (são muitas idéias que surgem e fluem durante as conversações em sala de aula). É visível o esforço e a preocupação que a professora tem em fazer com que os seus alunos tenham uma consciência crítica sobre os assuntos tratados e sobre a própria realidade.

Por fim, convém destacar que a percepção significativa que tivemos a partir da entrevista e da aula observada é a seguinte: apesar das dificuldades existentes, sejam elas materiais, financeiras ou de quaisquer espécies, percebemos que a professora Orquídea gosta do que faz e da disciplina que leciona e é uma professora que honra a profissão que escolheu desde a sua adolescência.

Esta é uma professora que procura interagir com os recursos tecnológicos colocados ao alcance dos alunos, da sociedade e das instituições de ensino. A utilização correta destes equipamentos é assumida por ela como um grande desafio. A vocação (como ela respondeu na entrevista) de ser professora é encarada desta forma, mas assumida profissionalmente: em tudo o que a professora faz temos

presente a questão do processo e a questão dos resultados ou, dito de outra maneira, a professora implicitamente valoriza a eficiência e a eficácia do seu fazer cotidiano. Esta é uma professora que demonstra bastante coerência em seu fazer pedagógico.

**O segundo professor** cuja aula observamos trabalhou com o terceiro ano do Ensino Médio em uma escola estadual. O professor começou a aula com a chamada. Depois desta, introduziu o tema acerca das eleições nos Estados Unidos da América. Depois, fez a leitura do discurso feito por Obama, presidente eleito nos Estados Unidos, no dia posterior à sua eleição.

Depois de ter lido o texto, convidou os alunos para que fizessem comentários críticos sobre as eleições e também incluíssem expressões do discurso do presidente Obama nestes textos. O professor destacou que os alunos deveriam expor os seus pontos de vista. Como conclusão do processo, alguns alunos foram convidados a ler o seu texto para que a turma conseguisse acompanhar o que foi feito por cada colega.

As considerações acerca desta aula são as seguintes: o professor tem um ótimo relacionamento com a turma e a partir deste consegue organizar a classe para que participe das discussões a partir do envolvimento dos alunos. Dentro desta perspectiva, os alunos sentem-se motivados a participar das aulas e das discussões dos temas. Um aspecto interessante observado: os temas debatidos pelo professor com a turma são fenômenos, fatos e assuntos que estão na “ordem do dia”, temas atuais: aqui estávamos acompanhando as eleições nos EUA. Este mesmo professor havia dito para nós na entrevista que fazia o estudo dos fatos históricos sempre na proximidade da celebração das datas; agora na observação constatamos isto.

Como é a participação dos alunos? Eles são desafiados, positivamente, a participar das aulas: cada um deve escrever, compartilhar com a turma o que escreveu e, acima de tudo, ficar atento ao que o professor está fazendo.

Este professor demonstra em sala de aula o seguinte: gosta de sua profissão e está envolvido profundamente com as questões pedagógicas. Fica contente quando os alunos se envolvem nas reflexões e aprimoram os textos. Neste cenário, os alunos o respeitam e escutam atentamente os seus comentários.

**O terceiro professor** cuja aula observamos foi o Sócrates. A turma na qual ele lecionou foi a sexta série de uma escola municipal.

O professor Sócrates chega na sala de aula, abre a porta e chama os seus alunos para que entrem logo para que a aula tenha início. Logo em seguida, a porta é fechada e fica assim durante toda a aula. O professor faz a chamada e começa a aula revisando a matéria lecionada na aula anterior.

Depois da revisão, o professor começa um novo tema ou assunto.

Durante a aula, pudemos perceber que o professor tem um bom relacionamento com a turma. Sua aula é expositiva e com um texto de apoio ele vai passando o conteúdo e explicando o sentido do mesmo. O tema escolhido é sobre a República brasileira: o professor contextualiza os alunos a partir das datas e descreve todos os períodos da República brasileira. Durante a aula, o professor faz algumas perguntas e poucos alunos respondem as mesmas.

Na conclusão do período, o professor pede que os alunos leiam em casa o conteúdo que tiveram em aula, esta leitura seria uma forma de revisão e de estudo.

Durante a aula, os alunos permaneceram sentados em fila e individualmente.

A aula observada foi numa terça-feira à noite, noite quente, e o professor parecia estar cansado e parte dos alunos desmotivados (alunos trabalhadores). O professor fez um grande esforço para tentar agradar aos seus alunos, mas eles parecem estar distantes do tema tratado, parecem estar despreocupados com o conteúdo que está sendo tratado em aula. Em toda a aula transparece a idéia de que há um bom relacionamento entre o professor e os alunos da turma: é uma convivência fraterna entre as duas partes.

Esta foi uma aula de História em que o professor foi importante para o processo do ensino; os alunos pouco participaram do processo.

**A quarta professora** que observamos as aulas lecionava Geografia. Na entrevista aparece como Olga. O procedimento da professora Olga é o seguinte: convida os alunos para que entrem na sala de aula (alunos de oitava série, escola municipal). Depois de organizar os alunos em fileira e em duplas, ela começa relembrando o conteúdo da aula passada e faz com que os alunos participem da aula através de perguntas que lança à turma, as perguntas são relacionadas com o assunto, conteúdo. Em seguida, pede aos alunos para que abram o livro e começa uma nova matéria: realidade social e econômica do Brasil. A professora faz a leitura dos textos do livro sobre o conteúdo e concomitantemente vai explicando o conteúdo e falando sobre os fatos da atualidade que se relacionam com aquilo que está nos textos e tenta trazer esta realidade ao mundo dos alunos. Neste sentido, introduz a

categoria de salário, a categoria de saúde, educação, a questão do INSS e, como mensagem e intencionalidade, destaca a questão da esperança de vida. Após a explicação, como conclusão da tarefa com os alunos, pede que façam em duplas: encontrar uma notícia e também uma imagem de jornal que retrate a realidade social e econômica do Brasil e, em seguida, justificar os motivos de sua escolha através de um texto escrito (este texto deveria ser entregue como avaliação).

Durante a aula, pudemos perceber que existe um bom relacionamento entre os alunos e entre estes e a professora (apesar de esta ser uma turma bastante agitada). Outra idéia clara que tiramos da observação está relacionada com a visão crítica da realidade social e econômica do país: esta visão está presente nas idéias da professora e nas participações dos alunos.

A professora Olga, segundo interpretação subjetiva nossa, tem e terá um grande desafio pela frente com esta turma, pois a mesma é bastante agitada. Pelo que pudemos perceber a partir da observação da aula, as “chamadas de atenção” que a professora Olga está tendo que fazer estão se repetindo nas diferentes aulas suas. Esta energia da turma se manifesta nas participações que os alunos têm durante a aula.

Por fim, cabe destacar que a professora não faz chamada e que tem uma relação qualificada com a turma.

**A quinta professora** que observamos a aula foi a professora denominada Cristiane. Ela trabalhou história com uma turma de oitava série. A aula ocorreu em uma escola estadual e foi no período da manhã.

A professora Cristiane coloca os alunos em fila, abre a porta da sala e convida os mesmos para entrarem. Aguarda um momento até que os mesmos se acalmem. Deixa a porta da sala aberta e, logo em seguida, coloca o mapa-múndi pendurado na parede. Este mapa servirá de guia para a atividade que vem logo em seguida. A tarefa é encaminhada com clareza: cada aluno teve a semana para ver um objeto fabricado em um dos países do mundo que constam no mapa. Este objeto foi trazido para a aula e os alunos devem localizar em que continente fica o país de origem do objeto. Logo em seguida, eles devem pintar o país de origem de uma cor e o continente de outra cor. A outra etapa da atividade consiste no seguinte: os alunos devem escrever um texto enumerando as características deste continente – características sociais, econômicas, religiosas, educacionais, etc.

Depois que a tarefa está encaminhada e compreendida pela turma, a professora faz a chamada; no final do período, os alunos entregam os trabalhos para que a professora faça a devida avaliação.

A partir da observação desta aula é interessante destacar os seguintes aspectos: a professora tenta ter um bom relacionamento com a turma. Os alunos, durante esta aula, sentam individualmente e em fila. A maioria dos alunos da turma traz de casa o que a professora havia solicitado na aula anterior. Um ponto que nos chamou a atenção foi o seguinte: a professora sai da sala de aula sem avisar aos alunos, mas estes continuam a realizar as tarefas. O período acaba e a conclusão da atividade, provavelmente, será feita na próxima semana.

**A sexta aula observada** foi de Geografia. O professor Éder trabalhou com uma turma de primeiro ano do Ensino Médio em uma escola estadual. Nesta aula, o professor organiza o seu tempo da seguinte maneira: convida os alunos para que entrem na sala de aula. Logo em seguida faz a chamada dos alunos. As atividades começam da seguinte forma: o professor faz ou desenha no quadro o Climograma do tempo em Porto Alegre, Palermo (Itália) e o da Índia. Gradativamente começa a explicação das implicações do clima e o relaciona com a questão da pluviosidade das diferentes regiões. Estabelece algumas comparações e discorre sobre o clima no Brasil, nas diferentes regiões. Durante esta exposição, os alunos permanecem sentados em fileiras e em dupla (uma classe ao lado da outra). Com a sala de aula aberta, o professor “gasta” um tempo considerável desenhando no quadro os climogramas. Durante o desenvolvimento da aula, surgem várias intervenções acerca dos tremores de terra que ocorreram na cidade de Caxias do Sul, RS, nos últimos dias e também sobre a pressão atmosférica. Estes temas empolgam o professor que imediatamente começa a falar sobre isso e, concomitantemente, os alunos gostam do clima criado com as primeiras intervenções e começam a participar da aula e fazer perguntas e tecem comentários significativos sobre estes fenômenos.

Durante a aula pudemos perceber que o professor tem um bom relacionamento com os alunos e isto contribui para dinamizar a aula e torná-la menos cansativa (fato importante, pois estes alunos trabalham durante o dia nas empresas calçadistas). A aula acaba e o professor não consegue fazer uma conclusão; este tema, provavelmente, será retomado na próxima aula com esta turma de alunos.

**Na sétima aula** nós observamos a professora Ágata que esteve lecionando História para uma turma de sexta série em uma escola municipal de um bairro bastante pobre da cidade de Igrejinha, RS. A professora colocou os alunos em sala de aula e, logo em seguida, fez a chamada. Antes de começar o desenvolvimento do conteúdo ela fez a distribuição dos livros didáticos e de pesquisa para cada grupo. Estes livros são ‘doados’ para as escolas pelo PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) e os alunos devem zelá-los para que as próximas turmas consigam usá-los.

O trabalho foi organizado em grupos (seqüência das aulas anteriores); os alunos estavam organizando e confeccionando um livro (individual) sobre o Brasil Colônia. O trabalho desperta curiosidade entre os alunos e estes se concentram e fazem o que a professora pediu. Além do material disponibilizado pela professora alguns alunos trazem outros materiais para pesquisar de suas próprias casas.

A professora tem clareza e cobra uma atividade que exige estilo e originalidade dos próprios alunos. O livro que estão produzindo deve ter ilustrações, deve ser escrito com as ‘próprias palavras’ e os textos não devem ser plagiados, copiados. A aula não pôde ser concluída porque o livro ainda não foi terminado; a professora lembra que a atividade continuará no próximo período. No final da aula os livros são recolhidos e neste processo os alunos auxiliam a professora.

Durante todo o período, a professora esteve atenta às atividades dos alunos e ‘com um olhar singular’ coordenava as atividades dos alunos em grupos. Ficou claro que ela tem um bom relacionamento com a turma e que os alunos a respeitam muito. As situações especiais ocorridas durante o período (alunos que não se envolveram nas atividades) foram temporizadas com diplomacia. A partir da observação da aula, podemos dizer que a professora, além dos trabalhos em grupos e das participações dos alunos, tem a preocupação de fugir do senso comum.

**A oitava aula** observada ocorreu em uma escola estadual de Ensino Fundamental e Médio. A professora Yasmim trabalhou História com uma turma de segundo ano do Ensino Médio. A primeira ação da professora foi convidar os alunos para que entrassem na sala de aula. Logo em seguida, a professora fez a chamada da turma toda e começou a aula distribuindo os livros didáticos para a turma. Este livro foi utilizado para os alunos responderem perguntas que foram recolhidas como trabalho de avaliação.

A professora faz um grande esforço para pedir silêncio à turma para que todos possam fazer a sua avaliação. Os alunos sentam e individualmente fazem a tarefa solicitada. Durante este período, a porta permanece sempre fechada. A professora, apesar de nervosa com a nossa presença, caminha pela sala e atende todos os alunos durante a aula: tira as dúvidas sobre o trabalho de avaliação e, dentro do possível, orienta os alunos sobre os conteúdos e em que unidade do livro eles se encontram. O conteúdo que os alunos estão trabalhando é a história dos portugueses e as suas grandes navegações.

Os alunos que terminam a avaliação entregam-na à professora e voltam para os seus lugares e nestes locais eles conversam e alguns alunos aproveitam para colar durante a prova. Com o toque do sinal, todos devem entregar a prova, mas como alguns não haviam terminado, eles entregam assim mesmo: respostas incompletas. A professora combinou que o restante seria resolvido na próxima semana.

O que pudemos observar é que a professora Yasmim tem um bom relacionamento com os alunos da turma, apesar desta ser uma turma onde os alunos são muito agitados. As situações mais delicadas ela 'tira de letra', pois é uma professora que sabe usar a diplomacia. O que notamos é que a professora está bastante segura do conteúdo que está trabalhando.

**A nona aula** observada foi numa escola estadual de Ensino Médio. Nela acompanhamos uma aula de Geografia. A professora entrou na sala, fez a chamada, apresentou o material para a turma e organizou-os em grupos. Os alunos responderam as questões solicitadas pela professora e logo em seguida entregaram-nas como trabalho de avaliação. Durante a aula, a professora rodava pelos grupos acompanhando os casos particulares com dúvidas e, ao final do período, despediu-se da turma com naturalidade sem marcar atividades para as próximas aulas. O que deu para perceber é que a professora tem um ótimo relacionamento com a turma e que os alunos a respeitam bastante.

**A décima aula observada** foi em uma escola estadual de Ensino Fundamental e Médio. A aula que observamos era de literatura. O professor Lenon pediu que os alunos do segundo ano elaborassem uma 'Rádio-novela'. Foi um período no qual os alunos estavam criando histórias e gravando as vozes das personagens. Para isto estão usando os aparelhos celulares e os aparelhos de MP3 ou MP4. O professor permaneceu com os alunos somente no momento da

chamada; logo em seguida os alunos começaram a peripatear pelo pátio do Instituto de Educação. Os alunos ficaram bastante à vontade e o período acabou sem um fechamento coletivo da aula organizada pelo professor. O professor falou que a atividade teria continuidade nas próximas aulas.

Com esta atividade, estamos concluindo as entrevistas e as observações das aulas dos professores da rede pública de ensino da cidade de Igrejinha, RS.